

Prece de Amor

Heaven and Earth

Kathleen Eagle



Disponibilização: Marisa Helena

Digitalização: Marina

Revisão: Déborah





Idealismo ou Fanatismo?
A paixão iria ajudá-la a encontrar a resposta.

Katherine falava com reverência. Suas palavras, sempre solenes, defendiam a missão que Deus lhe confiara. Até ser abandonada, mal passando de uma pálida sombra humana, para ela significava um sinal... do Senhor.

Jed a observava: uma figura delicada que encanta a cabana, como uma flor a espalhar seu perfume. Katherine, essa doce e meiga mulher que fugia de seus olhares e via pecado em seu desejo. Tanto tempo ficara sozinho, ansiando pelo corpo macio de uma mulher. E quando o destino trazia uma jovem a seu refúgio na montanha, tinha de ser missionária? Uma enviada da Igreja que tratava a ele e a seu povo como "selvagens" pagãos?



Copyright © 1990 by Kathleen Eagle

Publicado originalmente em 1990 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.

Título original: Heaven and Earth

Tradução: Vera M. D. A. Renoldi

Copyright para a língua portuguesa: 1991

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento no Círculo do Livro S.A.

CAPÍTULO I

Território do Oregon (atualmente, sul de Idaho)

Setembro, 1846

O dia clareou, lindíssimo. As seis mulas de Katherine, ao sacudir das rédeas, puxavam lentamente o carroção através da pradaria. A cobertura do veículo resguardava a moça do sol. Onde estava seu chapéu? Não poderia, absolutamente, deixar de encontrá-lo. Com os cotovelos fincados nas coxas, Katherine curvou-se sobre o ventre dolorido. Os olhos, semicerrados, por causa da intensa claridade, apesar de ainda cedo. Por força do hábito, incitou os animais. Seis ancas pardas ao longo dos tirantes, orelhas que se agitavam por causa das moscas. Conduzindo os mais teimosos animais que Deus pôs no mundo, Katherine tinha precária noção de seu próprio destino. Rangiam as rodas e o madeirame da carroça, enquanto as mulas, seguindo a trilha já sulcada, marchavam pesadamente, não em direção ao fim do mundo, como parecia à condutora do veículo, mas, no máximo, ao fim daquele dia.

Os solavancos da carroça pioravam as câibras tão incômodas que Katherine sentia na barriga. Disenteria. Nessa viagem, ela já passara por muitas agonias, sofrera o bastante para saber que isso era assim mesmo. Não havia por que entrar em pânico. Admitia que o sofrimento era apenas o meio de que o Senhor se servia para mantê-la alerta. O sacolejar da carroça ia deixando para trás os malditos pedregulhos no caminho. Cada milha vencida significaria obstáculos que ela não teria de enfrentar novamente. O Senhor estava a seu lado, lhe dava ânimo. E sua missão? Ficava a oeste, em algum lugar abaixo daquele sol ofuscante.

Outro solavanco da carroça, mais uma dolorida contração do intestino. O chamado para o serviço religioso lhe dava o privilégio de fazer sacrifícios, e ela tentava desesperadamente crer que essa era a verdade. Tinha de receber o fardo com alegria, exatamente como Thomas muitas vezes advertira. Lembrava-se da transparente sinceridade na voz de seu jovem marido, da santa cintilação nos olhos dele, e ela suportava as câibras, graças a estas recordações, que, certamente, eram dadas por Deus em seu benefício.

— Este é o melhor sinal do chamado de Deus que qualquer homem pode esperar receber, Katherine.

O brilho nos olhos de Thomas era místico, mas suas palavras não eram as que

ela esperava ouvir. Na sala de visitas da casa da mãe dela, Thomas lhe falava, sentado no banco de encosto alto e duro reservado ao diácono.

— O Conselho Missionário decidiu não considerar que eu sou ainda moço e sem maior experiência, e aprovou meu pedido. Isto não significa vangloria de minha parte. Estou certo de que Deus me quer no Oregon. — Pegou-lhe a mão. — Ele *nos* quer — emendou.

— Mas é tão longe! — Katherine protestou. Estava convencida de que o Conselho Missionário, justamente pelas razões não consideradas, deveria recusar o pedido e a dedicação que ele demonstrava. Os sonhos dela de morar num presbitério típico da Nova Inglaterra, aninhado entre altos carvalhos, com a igreja branca ao lado, estavam tristemente se desvanecendo. Ela não podia imaginar o que iria substituir esse acalentado projeto. — A viagem será longa e perigosa, e, quando chegarmos lá, quem sabe o quê...

— Deus sabe, Katherine. Ele nos escolheu. Você não percebe? Por sermos jovens, talvez seja esta a verdadeira razão. — Para convencê-la, apertou-lhe suavemente a mão, num gesto coadjuvado pelo fulgor dos olhos. — Eu li as cartas de Marcus Whitman ao Conselho, e lhe digo, Katherine, há uma tarefa lá, para nós, à espera de nosso coração e de nossas mãos. O casal Whitman já abriu o caminho.

— Mas eles não vão viajar conosco. Marcus Whitman é médico e já fez essa viagem mais de uma vez. Ele conhece a rota mais segura. Eu me sentiria melhor se...

— Confie em Deus, meu amor. Houve, também, uma primeira vez para o Dr. Whitman e para a esposa. Narcissa viu que a viagem é possível para mulheres. Você é decidida, Katherine, tem força de vontade. Quando outras moças ficavam simplesmente costurando, você fazia longas caminhadas pelas colinas; tomava os remos quando íamos pescar, e eram pescarias necessárias, não uma distração, e colocava suas próprias iscas no anzol. — Ele riu e, como se fosse dizer um segredo, baixou a voz: — Não venceremos sozinhos, você sabe. Nunca estamos sós.

— Sei, Thomas. Tenho lido e ouvido e tenho feito minhas preces, não estamos sós. — Ficou olhando para as próprias mãos cruzadas. Ela sabia que era fraca. No íntimo, acreditava em Thomas. — Eu desejo que minha fé seja tão forte quanto a sua — concluiu, calmamente.

— Quanto ao nosso noivado, você não mudou seu propósito, mudou?

Ela respondeu que não com a cabeça, e pôs a palma da mão na palma dele. Ficara adulta com a certeza de que casar com Thomas era seu destino. Amava-o desde quando tinham oito anos e Thomas lhe pôs na mão um punhado de

esplêndidas flores azuis e rapidamente foi embora, desaparecendo na esquina do prédio da escola. E, na adolescência, já imaginavam que Thomas viria a ser pastor e ela a esposa do pastor. Os sonhos dele eram os mesmos dela, ou quase.

— Eis aí, portanto, nossa perspectiva: seguir para o Território do Oregon...

— Isso é um tanto assustador para uma mulher frágil que vai tornar-se sua.

Os olhos azuis de Thomas reluziam suavemente de amor por ela. Lembravam-lhe aquele primeiro presente de um punhado de flores.

— Tomarei todo o cuidado com você. Nossa missão começará no dia de nosso casamento.

Katherine sorriu.

— E quanto antes melhor, Thomas.

O dia chegou. Ela recordava vividamente. Um sol morno no dia da cerimônia, no último novembro. Havia um brilho na neve estendida na campina e no gramado diante da igreja e brilhavam também as águas do rio Snake. O rio serpenteante a levaria para onde teria de ir, ou queria ir, a um desconhecido lugar adiante do posto de Fort Boise, no rumo da Missão Whitman.

Um fino e débil gemido reavivou o sentimento de culpa de Katherine. Ela olhou para trás, para a cesta dentro da carroça; a criança estava ali com ela, embora em más condições. Se Katherine tivesse voltado para Fort Hall, depois de ter sido abandonada pela pequena caravana de capotas brancas, não seria obrigada agora a fazer esta viagem tão longa por sua conta e risco. Mas Nancy estava fraquinha, macilenta, com febre e, talvez não distante da morte antes de alcançarem um lugar acolhedor. Dirigindo-se para oeste, Katherine não iria retroceder, depois de feito ter um percurso tão difícil. A carroça, com dois enfermos, talvez estivesse fora do rumo de ambos os postos avançados. Então, ela continuaria a caminho, disse a si mesma. Era uma rigorosa linha de conduta, de acordo com a visão de Thomas, se ele estivesse ali.

Sentiu dores agudas no âmago do ventre. Senhor, nunca antes passara por semelhante sofrimento. Isso seria, de algum modo, a vontade divina? Mas precisava de Thomas. Ele afirmaria que era assim mesmo a dura experiência. Ele enxergava em tudo a mão de Deus. Thomas tinha sido o intercessor dela, seu intérprete, seu guia, e continuaria a sê-lo. Não o perderia. Recordá-lo era a única luz em tão árdua jornada, que ela não poderia imaginar meses atrás...

— Ânimo, Sra. Fairfield. Com a falta de água, você está livre da cansativa tarefa de lavar nossas roupas. — Por baixo da aba larga do chapéu preto, o sorriso dele era

contagiante.

— Mas Thomas, estou tão suja — ela reduziu o tom de voz —, até nas calças de baixo. Lavar nossas roupas nesta manhã seria uma bênção do céu.

O carroção rodava, e o chassi sem molas tornava muito incômodos os assentos de madeira, enquanto eles observavam o derradeiro animal de uma manada de bisões atravessando o riacho mais além. Em formação de dois ou três, os peludos bois selvagens passavam para a margem oposta. Anteciparam-se ao grupo de carroças, que teve de esperar sua vez, recebendo a poeira da manada e vendo que a água do riacho não poderia ser usada. Impossível roupas lavadas neste dia.

— Katherine, acho que à noite vamos jantar carne de bisão. — Ele afagou-lhe, brincando, o queixo caído, tentando reanimá-la. — Quantos favores divinos você pode esperar em um só dia? Não está chovendo, pois não?

— Não, finalmente parou a chuva — ela admitiu.

— As rodas não ficaram presas na lama. E olhe para nós. — O largo gesto de Thomas era adequado ao púlpito. — Louvado seja, nossas roupas estão secas.

— Mas eu me sinto suja, Thomas. Já faz semanas, e, o que é pior, estou com mau cheiro.

— Você? — Cheirou o ombro dela e Katherine deu uma risadinha nervosa, afastando-se, constrangida. — Não sinto nada — ele disse.

— Seu olfato não está bom, evidentemente. — Katherine bateu a mão no joelho do marido. — Isto agita o odor de seu corpo, que só é um pouco menos ruim que o mau cheiro das mulas.

— E tal coisa quem diz é a esposa do pastor. — Mas estava bem-humorado, esboçou um sorriso, e Katherine franziu o canto da boca, arrependida do que dissera. Ele deu uma risada. — Pense nisto, Sra. Fairfield. Podemos pescar um daqueles peregrinos no rio, quando encontrarmos um rio de água limpa.

Katherine conformava-se com o sofrimento ao recordar a morte de Thomas. Era como se o trouxesse para junto dela ao pensar nos seus últimos momentos de vida. Ah, se o tempo pudesse voltar atrás, para que pudesse dizer as coisas que gostaria de ter dito. Talvez, se ela houvesse feito alguma pequena coisa de algum outro modo, ele vivesse por mais tempo. Sabia ser isso um pensamento blasfemo, conjurar a morte, mas, de qualquer maneira, era o que pensava. Ele morrera por um ideal; porém, queria que ele estivesse vivo, para que vivesse com ela. Sobreveio outro espasmo intestinal, e ela ficou ofegante, recordando...

Os olhos de Thomas tinham adquirido um estranho brilho, e Katherine disse a

si mesma que era por causa da febre. Havia nele um esforço para manter visível o rosto dela, estava tentando, e ela queria acreditar que o esforço era um sinal de renovado vigor. Mas, subitamente, escutou, angustiada, o murmúrio:

— Katherine... Estou próximo da morte.

Ela balançou a cabeça e falou um áspero "não". Thomas repetiu:

— Estou... sim, estou... muito perto da morte. — As sobrancelhas rebeldes contraíram-se, enquanto ele falava devagar, pausadamente: — Estou me... finando agora, e com tão pouca... realização.

— Não é verdade, Thomas.

Katherine umedeceu-lhe suavemente os lábios secos com um pano macio. O que não era verdade? Que ele estava à morte, ou que ele havia realizado pouco? Quem era ela para contradizê-lo, se ela já não podia alimentar nem uma idéia absurda nem a outra enquanto ele sofria sabendo que não mais havia uma possibilidade? Possibilidades existiam para os vivos.

— Não compreendo... por quê... — ele balbuciou. Os olhos embaciados procuravam enxergar o rosto dela. — Será que Ele me acha indigno, Katherine? — Tomou um débil fôlego. — Falta-me alguma coisa que minha... minha resolução não pôde compensar?

— Compreenda, Thomas, apenas... você está doente. Não tem nada a ver com...

— Mas eu já estava tão perto — ele suspirou. — Todo esse tempo... me preparando. Estava tão certo... de minha...

— Não fique pensando assim — Katherine suplicou. — Você não deve me deixar sozinha aqui, Thomas. Nós estamos indo para o Território do Oregon, você e eu. Você disse que seria...

— Sim, Katherine, faça isso por mim. Por favor.

Cega pelas lágrimas, Katherine sentiu piedoso e leve aperto na mão; ao mesmo tempo, um aperto muito maior no coração.

— Prometa-me que você construirá nossa igreja.

— Oh, Thomas, você não...

Ele a interrompeu:

— Reze comigo — e fechou os olhos, preparando-se. — Quero ouvir um murmúrio doce e suave... — e calou-se.

Katherine prometera, no íntimo de seu sentimento, mas não havia, absolutamente, concordado em que ele a deixasse. Havia rezado, assim como

rezava agora por Nancy. Que ela viva, Senhor. Que sobreviva a isto. Mas Katherine mantinha apenas uma pequena esperança para a menina, e com essa percepção entrou no círculo vicioso de reprovar a si mesma a falta de fé; mentalmente buscava um amparo, renovando sua obrigação para com a criança, em favor de quem preferiu ficar separada do resto da caravana.

Ouvindo o galope de animais, Katherine endireitou as costas, tratando de reprimir a dor lá no fundo da barriga. Ela avistou na planície cinco garranos, cavalos pequenos e fortes, galopando lado a lado, rompendo o capim alto. Instantes depois, cinco cavaleiros de pele bronzeada aproximaram-se, devagar, da carroça. Os longos cabelos pretos brilhavam à luz do sol.

Katherine observou-os, de relance, enquanto as mulas continuavam na lenta andadura. Segurando as rédeas firmemente, ela advertiu a si mesma que se mantivesse calma. Ao longo da viagem já encontrara outros índios. Selvagens, diziam certas pessoas. Estivesse Thomas ali ao lado dela, consideraria o encontro uma bênção do céu. Em poucos momentos estariam fumando o cachimbo deles e logo depois lhes falaria a respeito da Bíblia.

Katherine esforçou-se para conter a iminência de um vômito. O mal-estar era quase insuportável. Se ela fosse capaz de pensar de outro modo e soltasse um gemido, como queria fazer, poderia pedir ajuda a esses homens. Estavam armados com arcos e flechas na aljava cheia, mas as faces não estavam pintadas como as dos Sioux, vistos nas margens do rio Platte. Ela puxou as rédeas para que as mulas parassem e encarou os homens, cujas montarias estavam a poucos metros. Seria um erro mostrar qualquer sinal de fraqueza, ela pensou, enquanto dois dos cavaleiros aproximaram-se lentamente da traseira da carroça. Nesse momento, Nancy deu um comovente gemido. Lançando um olhar altivo aos três homens que estavam quietamente ao lado das mulas, Katherine prendeu as rédeas no cabo do breque e passou para trás, por cima do banco. Dardejou um olhar para os dois que espreitavam atrás, pela abertura da lona.

— Mamãe... — a vizinha de Nancy parecia um leve raspar de folhas secas. Era um prenuncio da morte. — Água...

Os dois homens falaram entre si. Katherine procurou uma colher e o cantil. Percebeu que os dois, afastando-se falaram com os outros e todos foram embora, enquanto ela punha água entre os lábios ressequidos da criança.

— Aqui, menininha — ela sussurrava —, beba...

Os cinco garranos trotavam para longe. Claramente, os homens

compreenderam que a mulher não queria dar-lhes maior atenção.

Desta vez, tinha de ser diferente, Katherine pensou. Ali estava um pequeno ser, tão inocente, que podia escapar ao aviso da morte.

Mexeram-se levemente as pálpebras finas e pálidas.

— Katherine? — A menininha tentava engolir a água, e Katherine, vendo a dificuldade, quis ardentemente fazer algo para ajudá-la. Mas, o que fazer? — Você pode me deixar junto de meu pai? — A menina conseguiu completar.

— Oh, Nancy, seu pai...

— Ficou num buraco fundo — Nancy disse. — E mamãe não.

— Não se inquiete, menininha. Eu não vou... deixar... — Outra promessa. Por que deviam os agonizantes exigir promessas? Katherine teve um arrepio, lembrando-se do primeiro mártir da viagem. Um relâmpago, um trovão, um raio súbito, e o pai de Nancy foi deixado em repouso no solo de Nebraska, com adequada sepultura, conveniente ofício religioso e o pesar sincero de todos.

Isso se modificou quando, uma após a outra, as pessoas começaram a ficar doentes. Thomas foi o primeiro. Depois, o Sr. Masters. Em seguida, Tommy Nigel. E Trudy Masters, a Sra. Corkindale e a mãe de Nancy, Lydia Baskin. A terrível epidemia transformou um amigável grupo de viajantes em aterrorizados indivíduos, cada qual voltado para a própria salvação e para a dos parentes próximos a qualquer custo.

E o custo foi muito alto. Evitava-se ficar perto do agonizante; o morto era apressadamente enterrado em cova rasa. Por fim, eles preferiram à vida eterna mais uns dias terrenos. Katherine ficou convicta: aqueles que a abandonaram com a criança no deserto carregariam o peso na consciência pelo resto da vida e, além disso, só Deus sabia das conseqüências para eles.

Mas Katherine dissera-lhes que compreendia a pressa que manifestavam de ir embora. Já se perdera muito tempo. Tinham de cruzar as montanhas antes do inverno. Katherine era certamente uma santa, disseram, sepultando o marido com tanta fortaleza de ânimo e depois acolhendo aquela criança em sua carroça. Infelizmente, ela ficara para trás, forçada a parar muitas vezes para cuidar da criança e de si própria. Poderia encontrar ajuda em Fort Boise, eles tinham dito. Desejou-lhes boa sorte e eles, também. Viu lágrimas na Sra. Mueller, e Jane Simms ficou embaraçada, hesitante, mas o marido evitou a aproximação. Katherine compreendeu. Tinham de manter distância, preservar-se do contágio.

— Katherine... — Katherine acarinhou o rosto quente da criança. — ... você também está doente?

— Não, querida, não estou. — A gentileza da inverdade. E admirou-se da preocupação de Nancy. — Estou cuidando de você e você vai ficar boa.

Seria pecado mentir a uma criança agonizante?

— Não deixe que aqueles... lobos façam comigo como eles fizeram...

— Não deixarei...

Outra promessa. Senhor Deus, como poderia sustentar todas elas?

À tarde, voltou o sofrimento, voltaram as dores a Katherine. Como que se dilaceravam suas entranhas e, perturbada, delirando, tudo em volta lhe parecia torto, desconjuntado. Estava com a febre também, imaginou. As orelhas pontudas e pardas balançavam para cima e para baixo à frente dela. O rio ondulava, desfocando-se de sua visão, como se fosse uma serpente, que aliás lhe dava o nome próprio: Snake. O calor lhe pressionava a cabeça, vinha da terra, e a cercava por todos os lados. Os arreios dos animais rangiam, as rodas chiavam, os cascos batiam no chão, tudo ecoava como uma bugiganga quebrada dentro de sua cabeça. Sentiu-se presa de estranha náusea, como se estivesse dentro de uma máquina a vapor malcheirosa e enfumaçada.

Confusa, não sabia quando tinha parado a carroça e descido do banco, mas distinguia o veículo ali perto. Às tontas, iria à beira do rio e jogaria água fresca no rosto e no corpo. Mas ela estava no alto, distante da água, que tremeluzia à luz do sol, provocadora, fora de seu alcance; ficava perto por um instante e longe logo depois. O estômago, enojado; a mente, vazia; a visão, enevoada.

Ela se vergou para a frente, desajeitadamente, com a impressão de que precisava vomitar, esforçando-se para isso, e reprovando a si mesma por esse esforço; deveria erguer a cabeça, adotar um modo de conduta num caminho reto e estreito, conforme os ensinamentos. Mas o caminho à frente era tortuoso. Veio uma convulsão e ela arremessou o tronco e a cabeça para diante, sujando-se na terra e no próprio vômito. Horrível abandono, sem socorro.

Jed West tinha visto carroças indo para o sul, beirando a garganta que contém o rio Snake, mas a única que os caçadores Shoshone lhe descreveram estava lá, solitária, parada. O índio amigo, caminhador valente, disse-lhe, com os dedos: uma mulher e uma criança. Nenhum homem.

West dirigiu-se para lá, aproximando-se da carroça com sua habitual cautela, sem a pretensão de imaginar que sua presença teria boa acolhida. Sabia, por experiência própria, que ninguém se isola dos outros sem que haja uma razão.

Sim, não havia homem e deduziu que aquela criança morrera recentemente.

Mesmo porque as mulas não tinham começado a andar à toa, o que fariam se ficassem estacionadas ao sol por algum tempo. Um desfalecido gemido despertou a atenção de West para a ribanceira próxima. As orelhas de seu cavalo empinaram-se e ele encaminhou-se para a macega de onde viera o lamento.

Como uma Fênix erguendo-se de uma poça de lama, a mulher impeliu para cima os ombros e a cabeça. Os longos braços tremiam. Ânias de vômito e um esforço convulsivo fizeram-na pender a cabeça para a frente. Ao que parecia, nada havia no estômago para rejeitar. Lastimável situação — foi o pensamento de West. Com três passadas largas alcançou a mulher. Facilmente a ergueu, tomando-a nos braços, achando que ela não pesava mais que um magro feixe de feno. Que miserável estado de desidratação! West deduziu que, delirando, ela procurava chegar ao rio, embora as águas corressem bem abaixo de seu alcance.

Carregando-a, ele foi recostá-la à sombra, junto à carroça, e lhe ofereceu água de seu cantil. Ela sorveu com dificuldade, aos goles, gemendo; os olhos reviraram e fecharam-se. West não pôde ver-lhes a cor. Embebeu em água um lenço limpo e tirou-lhe o grosso da sujeira do rosto e do pescoço. O mau cheiro da doença recendia, mas era menos ruim que o cheiro da morte que logo começaria a pairar no carroção. Ela gemeu novamente quando ele lhe desabotoou a blusa para ver se havia erupções na pele. West torceu um canto da boca, achando graça, porque a mão dela passou de leve, num automatismo instintivo, na pequena parte desabotoada. Esse recato não seria de todo inconsciente, ele admitiu. Nos recessos da mente, teria ela suposto que um homem queria abrir a blusa de uma mulher inerte e casta? Ele puxou-lhe as mangas para cima, certificando-se de que os braços também não apresentavam erupções. Era um bom sinal. Ela tomara muito sol e estava fraquíssima, com disenteria — ele concluiu com acerto —, mas não tinha o tipo de febre que vitimara a criança. Ele pôs mais água no lenço e limpou o longo e fino pescoço.

— Tho... mas? — ela balbuciou.

— Não... Meu nome é West.

As pálpebras tênues tremeram um pouco e os olhos abriram-se. West gostaria de saber o que ela pensaria estar vendo com aqueles olhos quase vítreos, de um azul intenso e vivo.

— Jed West — ele falou.

— Sim... — Outro gemido. Ela moveu a cabeça para o lado. — Indo para... oeste.

— Não sozinha. Não creio. — West derramou um pouco de água nos dedos e bateu-lhe de leve na fronte. — Onde está o resto de sua caravana?

— Nancy...

— Há uma menina na carroça. Ela...

— Nancy — veio a réplica aparentemente lúcida.

— A criança está morta — West disse delicadamente.

— Morta? — A palavra saiu fraca, do fundo da garganta.

— Sinto muito. Por que você não ficou com as outras pessoas? — Não teve resposta. Apoiando-lhe a cabeça nos ombros, deu-lhe mais água com o cantil. Pelo menos um pouquinho ela engoliu.

— Seguiram à frente — murmurou, estendendo a mão num gesto que tocou no blusão dele, de musselina. Ergueu a vista, surpreendida. Os olhos encovados, comoventes, causaram dó a West, que perguntou:

— Há quanto tempo você está assim doente?

— Não faz... muito. — Fechou os olhos. — Devo enterrar Nancy — murmurou. — Em cova adequada.

— Tomo isso a meu cuidado — ele disse.

A mão frágil ainda estava na camisa, imóvel, como se fosse um passarinho preso numa armadilha; com uma respiração mais funda, o peito dele distendeu-se de encontro à suave pressão e o braço dela pendeu.

— Vou ajudá-la, levá-la comigo. Vai ficar livre deste sol — ele decidiu.

— Devo ir para... o Oregon.

— Aqui é o Oregon.

— A Vila do Rye Grass — ela falou. — Queira Deus.

— Não hoje. Isso não. Não é provável que... — ele cortou a previsão que poderia ser de mau agouro para ela. Limpa, ela seria possivelmente uma lindeza. Mas estava fraquíssima. Essa mulher não podia agora preocupar-se com nada. Ele tentou encontrar palavras de conforto. — Fique tranqüila... — começou a dizer, mas percebeu que não o ouvia. Estaria pensando em Rye Grass? Ou Wailaptu, na língua dos índios Cayuse. Ficava nas barrancas do rio Walla Walla. Existia ali um enclave missionário, mas West tinha dúvidas de algum deus haver determinado isso.

Deixando a mulher recostada à sombra, West envolveu o pequeno cadáver em um acolchoado que encontrou na carroça; encontrou também uma pá; escavou uma sepultura rasa um pouco mais adiante e depositou o corpo apressadamente.

— Não!

West virou-se rápido, surpreendido pelo protesto. A mulher repetiu o "não", encaminhando-se para ele cambaleante, tropeçando, acenando a mão ossuda como um fantasma desvairado, clamando em favor da companheira morta. Os cabelos, desgrenhados; a blusa, semi-aberta, parecia uma escura e suja mortalha. Caiu de joelhos ao lado da pequena cova e as mãos agarraram o tecido que envolvia a menina.

West abaixou-se e segurou firme os ombros da mulher. Esperava que não se voltasse contra ele como uma louca. Pretendia tratar da doença dela, mas não sabia de nenhum remédio de ervas para demência.

— Não se inquiete — ele disse. — Eu cuidarei disto, e depois a levarei para...

— Mais fundo... — ela gemeu, abatida. — Precisa ser mais fundo.

— Mas você não consegue cavar — falou baixo, tentando tirá-la dali. — Vamos, você está esgotando a pouca força que lhe resta.

Entretanto, ela firmou-se na terra, escavando o pó, desatinada. As mãos pareciam garras.

— Os lobos — falou, ofegante. — Eles rasgam, arrancam...

Ainda segurando-a, West teve um pensamento, que repeliu: "Esta pobre mulher também não está longe da morte".

De súbito, com um inacreditável arranco, ela deu um puxão violento, livrando-se dele, virando-se com as mãos e os joelhos, como se fosse um dos animais que ela tanto temia. Com absurdo lampejo no olhar, equilibrou-se para defender sua responsabilidade. Falou arquejante, ameaçadora:

— Será enterrada decentemente.

West ficou olhando-a, admirado da transformação, e ela pegou a pá com as mãos trêmulas e começou a cavar ao lado da cova. Ainda conseguiu dizer:

— Farei este trabalho como deve ser feito.

Mas West quis tomar a pá e por um momento houve um confronto da obstinação contra a força física. A mulher, apesar de extenuada, não queria render-se.

— Deixe-me fazer isto — West disse, e ela o olhou seriamente, para ter certeza da sinceridade, e só então lhe entregou a pá. West amparou-a, ficando de lado, e com um braço sustentou-lhe o corpo, levando-a de volta para a sombra da carroça.

Ele retirou o pequeno cadáver e começou a cavar, cada vez mais, aprofundando a cova. Tirou a camisa e imprecou contra o sol. E também se aborreceu por causa do olhar da "bruxa" que, em lastimável estado, não deixava de

o observar. Poeira e suor no peito e nas costas, nenhuma brisa para aliviar a tarefa. Por fim, depositou o corpo na sepultura e jogou muita terra. Depois da última pá na tumba que ele formou com pedregulhos, ouviu a mulher arquejar e voltou-se. Ela estava tentando subir para a carroça, colocando os pés nos raios da roda. West jogou a pá no chão e aproximou-se.

— Que diabo você quer fazer agora? — As mãos dele serviram de suporte e equilíbrio, e ela pôde falar:

— Agora nós devemos fazer uma prece pela menina.

— Se você vai continuar com isso, cavo outro buraco, justamente para mim, e não vou precisar de prece. — Deslizou-a nos braços, retirando-a dali.

Ela apoiou o rosto no ombro sujo de pó.

— Por favor. "O Senhor... é o meu pastor..." Você deve conhecer a prece. — Tinha a voz e a respiração muito fracas.

Algo despontou dentro dele. Resolveu colaborar. Sacudiu a memória e recitou boa parte das palavras ou simplesmente repetiu as dela. O salmo lhe ocorria mais fácil em francês, mas a acompanhou em inglês. No momento em que falou da morada na casa do Senhor, Katherine calou-se, cansada. Desfaleceu. Ele a carregou para dentro da carroça, dirigindo-a para o sul, para a montanha.

West não sabia como chamá-la. Desde que a estendera na cama dele, a mulherzinha permaneceu num sono prolongado. Assim, ele empregou o nome que lhe ocorreu de uma certa lembrança: ela seria *Le petit oiseau*. O pequenino pássaro, como a graciosa andorinha de capelo azulado, de cuja asa ferida ele cuidara meses atrás. Em sono profundo, ela não pôde ouvir o pedido de desculpas quando lhe foram retiradas as roupas imundas. Desnecessárias as desculpas, a não ser que ela visse as camadas de roupa caírem: eram mais do que ele imaginava. A pele, quente e muito fina, parecia quebradiça, como a casca das cebolas brancas estendidas ao sol, lá fora. Enquanto lhe passava panos úmidos para lavá-la, disse, e esperava que não pudesse ouvi-lo, não saber fazer melhor, embora quisesse. Prostrada como estava, talvez ela sonhasse: estaria sendo cuidada pela própria mãe. Só que, absolutamente, ele não pretendia esse papel, e sim o de companheiro.

Contemplando-a, descobriu em si mesmo o desejo de que ela vivesse. Houve uma leve agitação do corpo frágil, talvez um protesto?, e ele alisou-lhe a cabeça, acalmando-a. Em voz baixa entoou uma cantiga, em francês, que significava:

— Diga-me, pequenina, o que a inquieta. — Quando ele era menino, a mãe cantava isso.

No decorrer da noite, ele se manteve em vigília. Pela garganta da paciente fez escorrer chá de ervas e água com sal. Mas ela permanecia alheada. West estava muito interessado em saber-lhe o nome. Para que ela voltasse à consciência, ficaria ao lado da cama, para dar-lhe o chá revigorante e cantarolar sua melodia, a fim de tranquilizá-la. Observando-a, procurou imaginar qual seria o seu nome. Possivelmente bíblico, como Rute ou Ester, ele admitiu. Talvez tivesse sido pupila de alguém muito rígido, como as intransigentes irmãs da congregação, que o trataram duramente em St. Louis. As exigências desta mulher, seu temperamento, sua fidelidade às orações, faziam-no recordar os dias infelizes do tempo de escola. Naquela época, o nome dele era outro.

Os finos e longos dedos desta mulher lembravam-lhe uma viagem que fizera pelo Mississipi até Nova Orleans e as duas semanas de convivência com uma mulher disponível, de olhos grandes e negros, que tocava piano. Curioso, não gravou o nome dela, mas aquelas mãos macias e brancas eram tão inesquecíveis como o foram aquelas alegres duas semanas. Ele tocou nos próprios lábios, contendo-se: esta ali deitada não poderia saber disso, e recordou o altivo queixo daquela outra mulher quando ela lhe disse que, se não tinha mais dinheiro, ele teria de ir dormir em algum outro lugar. E assim terminou outra fase de sua experiência de vida.

Ele se pôs a refletir. A mulher ali deitada também era teimosa, mas não uma prostituta. Mesmo em seu delírio e inconsciência esboçou um protesto, a princípio, quando ele teve de desnudá-la. Depois — o que teria acontecido nas profundezas de sua mente? —, tranquilizou-se. Ele admitiu, modesto, que tinha sido hábil e jeitoso. Banhara todo o corpo da enferma. Para ela, foi um grande alívio. Houve aquiescência e confiança instintivas, pois em nenhum momento ela demonstrou estar plenamente consciente.

— Seja teimosa — falou baixinho. — Seja tão decidida em seu próprio benefício como você foi com aquela criança. Viva, *ma petite fleur*. Viva para me dizer seu nome.

Katherine acordou suavemente, mas com um raciocínio lento, imerso em densa bruma. Primeiro, sentiu o moderado calor do fogo, não muito distante, e ouviu os estalos da lenha. A face de um homem surgiu através da névoa — olhos também escuros, a barba por fazer. Aquele olhar deu-lhe ânimo, como se centelhas fossem atiradas sobre ela.

Notando que ela estava cônica da presença dele, West sorriu, e suas feições positivamente resplandeceram.

— Finalmente, você resolveu despertar. — Sentou-se ao lado dela e delicadamente sustentou-lhe a cabeça no colo, como a uma criança.

— Onde estou? Quem é você?

— Tenho esperado tanto para fazer esta importante pergunta e agora você é quem faz. — Sorridente, como se ela tivesse realizado maravilhosa proeza, ele mudou um pouco de posição, no tronco de árvore cortado que lhe servia de cadeira, e falou:

— Jed West. Encontrei-a caída perto do rio, faz dois dias.

— Me encontrou?

— Você estava bastante doente e cheguei a pensar no pior. — Com um gesto apontou a tigela de sopa rala, que deixara ao lado. — Você até pegou na tigela, o que foi um bom sinal.

— Um sinal? — Thomas sempre se referia a sinais e ela só os entendia de acordo com a fé de Thomas. Ela mesma não os percebia à primeira vista. Admirava-se da confiança dele nos estranhos sinais.

— Você está ficando melhor. Quando a encontrei, ao sol, à beira de uma insolação, sem chapéu, parecia querer pôr as entranhas para fora, e com uma grave disenteria. Há quanto tempo estava assim?

— Não estou certa. — À menção de disenteria, Katherine sentiu o mesmo embaraço e constrangimento que tivera muito tempo antes. Esse homem a apoiava no colo e aludia a sintomas que uma senhora guardaria para si ou morreria. — Faz uma semana — confessou.

— Uma semana é muito. Quando seu grupo a deixou para trás?

Ela pensou na pergunta e, na verdade, perdera a trilha do tempo. Não estava certa do que havia sido real e do que sonhara. Estranhou estar apoiada nos braços de um homem que nunca tinha visto, mas não encontrou forças para mover-se dali. Dentro de sua mente giravam faces desconhecidas, cenas sem sentido, fragmentos de uma canção. Quando eles a deixaram? Onde a tinham deixado?

West retomou o assunto:

— Você estava bem doente quando a encontrei, mas felizmente não com a febre, igual à da criança. Me parece que foi tifo.

— Nancy... — Katherine recordou a voz fraquinha, a patética súplica pela mãe morta. — Nós a perdemos também, não pudemos...

— Não podia fazer mais do que fez. — A fisionomia dele expressou compaixão. — Você não quis deixá-la até que eu cavasse fundo a sepultura. Não sei como ainda

teve forças para se empenhar tanto no que você queria.

— Ela me pediu — respondeu. — Tinha pavor dos lobos. Quando a mãe dela morreu — Katherine falava aos poucos —, foi feita uma cova rasa para a pobre mulher, e então... — fechou os olhos, não queria recordar tudo. — Os lobos nos seguiam.

— Pensei que a criança fosse sua.

— Não. A mãe ficou doente, o pai já havia morrido.

West notou que ela estava muito fraca. Mas queria saber só mais uma coisa.

— Me diga seu nome, *ma petite*.

— Katherine. — A voz saiu débil.

— Katherine. — Ele sorriu, observando a expressão calma, impassível. Ela adormecera. — Nesse nome eu não pensei.

Quando Katherine despertou outra vez, pôde sentir o frescor da manhã. O cheiro das árvores próximas recendia. Moveu a cabeça e percebeu a maciez do travesseiro. A porta da cabana estava aberta, já não havia escuridão nos cantos do quarto. Um pombo triste arrulhava lá fora. Viu frestas nas paredes de madeira. O aroma da infusão de ervas tornava a cabana acolhedora. Katherine tentou erguer os ombros, mas não conseguiu. Como se adivinhasse essa frustração, o homem que a trouxera para esse lugar surgiu na porta aberta. Permaneceu parado ali por um momento, a mão para cima, apoiada no batente, formando uma mancha alta na primeira claridade da manhã. West ficou satisfeito por vê-la desperta. Ela lembrou-se da barba. Tinha sido raspada. Tornou a fixá-lo, à procura da bondade que percebera em seu olhar. Quando percebeu? Um dia antes? Ele abaixou-se um pouco para entrar, com passadas leves, sem ruído. Katherine observou-o verter numa caneca um pouco de chá da panela fumegante, suspensa sobre os carvões acesos da lareira. E levou-lhe a caneca.

— Vejo que está melhor, Katherine. Katherine de quê? — Sentou-se ao seu lado, na cama. Ergueu-lhe um pouco a cabeça, chegando-lhe a caneca para um gole.

— Fairfield — ela disse, antes de tocar os lábios no chá. E perguntou, de súbito: — As mulas?

— Estão desatreladas. Dei água e comida. Milho.

Ela baixou o peito, acalmando-se. Sorveu pequenos goles. Quando ele afastou a caneca, acrescentou:

— Sra. Thomas Fairfield.

West ficou olhando-a. E pareceu a Katherine que o nome dela mudara o modo

com que ele a olhava.

— Onde está o Sr. Thomas Fairfield? — Frisou o *Sr.*

— Faleceu.

Se ela dissesse que o marido tinha ido com o resto da caravana, daria no mesmo, era como se estivesse morto. Enquanto dispensara assistência a essa mulher, praguejara contra aqueles que a abandonaram e imaginou que o marido poderia estar entre eles. Era inconcebível? Mais de uma vez a aliança de ouro deslizou do dedo emaciado, e ele achou difícil recolocá-la, simplesmente por que não queria vê-la com o anel. Imaginou que o homem, fosse quem fosse, abandonara essa mulher e o anel não mais poderia ficar naquele dedo. Bem. Admitiu que se enganara.

Enfiando o braço por baixo dos ombros dela, trouxe a cabeça para seu peito.

— Morreu de tifo?

— Sim, e também outros morreram. — Tentou ajeitar-se, afastando-se, mas ele segurou-a. Ela disse: — Eu acho que deve segurar a caneca, se quer me ajudar...

— Estou ajudando-a, procurando fazer que se recupere com estas ervas. — Levou-lhe a caneca aos lábios. Mas ela hesitou, olhando-o de um modo que denotava posição incômoda. West esperou. Finalmente a caneca foi aceita, e ele prosseguiu: — Nem sempre foi fácil. No princípio, tive de inventar a melhor maneira de você engolir o chá.

Ela se mexeu, dando mostras de desconforto. Estava vestida com uma camisola de flanela que se apertara em seu tronco. Confusa, não sabia se queria pensar nas muitas liberdades que ele obviamente havia tomado.

— O que o senhor inventou?

— Eu puxava a pele de sua garganta e apertava seu nariz, conservando-o fechado. Você não tinha outro jeito senão engolir. — Os olhos dela arregalaram-se e ele riu.

— Oh, meu Deus, que coisa! — Enrubesceu, demonstrando involuntariamente que já estava melhor.

— Isso a conservou viva, não foi?

— Sim, e não posso ser ingrata. É que eu... isto é... Eu achava que estava cuidando de mim mesma, mas reconheço perfeitamente que tenho estado dependente do senhor.

— Não vamos ficar com muitas cerimônias. Quando você socorre alguém que está com problemas, ou faz isso espontaneamente ou porque pode chegar sua vez

de precisar de ajuda. — Ajeitou-lhe a cabeça no travesseiro. — Eu fiz o que era preciso fazer e você está se recuperando.

Katherine ficou quieta por um momento. Sem olhar para ele, reconheceu:

— Ainda não posso me levantar.

— Diga o que você precisa. É só me dizer.

Ela não disse nada. Agora que estava consciente, havia algumas coisas a fazer por si mesma. Procurando superar a fraqueza, escorreram-lhe lágrimas de frustração.

— Eu tenho de me levantar — falou, angustiada. — Imagino que de algum modo recebi seu socorro em minhas... minhas necessidades.

Compreendendo, West levantou-se e deslizou o vaso de quarto pelo assoalho, colocando-o ao alcance dela, junto à cama. Katherine, de olhos fechados, quis continuar explicando:

— Mas agora é diferente, porque não estou mais... — apertou os lábios — ... porque eu estou consciente.

— Você faria o mesmo por mim. Já fez por outros.

— Por favor, não olhe — ela murmurou.

— Sim, perfeitamente. Ajudei você todo esse tempo e juro que não vi nada. — Afastou-se, deu as costas.

À tarde, ele se ofereceu para lavar-lhe os cabelos. Katherine, debilitada, teve de aceitar. Não houve um diálogo, mas uma palavra ou outra, enquanto ele lhe sustentava a cabeça sobre uma bacia, esfregando a espuma nos cabelos. Por fim, quando ela se virou, pareceu-lhe que West evitou o olhar, como se esperasse alguma reprovação. Sentando-se na cama, pôde observá-lo melhor. Rosto bem simpático; testa alta, nariz reto, lábios cheios. Espessos cabelos negros desciam aos ombros.

Ele foi jogar fora a água da bacia. Bem talhada estrutura corporal. Quanto à voz, já notara: tinha um quê de melodioso e o modo de falar era mais refinado que o dos habitantes do Oeste que encontrara; tinha um sotaque, como dizer?, cantante, muito agradável. Ela gostaria de saber acerca dos pais dele e dos ascendentes, mas nada perguntou.

— Venha respirar lá fora — West disse, e carregou-a para a pequena varanda.

Era como se ela se tivesse tornado uma extensão dele. Katherine tentou afastar o sentimento de segurança que lhe vinha quando estava nos braços dele. Isso se desenvolvera inconscientemente, ela refletiu, e agora devia acabar com essa

dependência. Encolheu-se e tapou a vista à claridade do sol.

— Fique com os olhos fechados. O sol vai secar seu cabelo rapidamente. Aqui.

— Colocou-lhe na mão o pente que encontrara numa caixa dela de toalete. — Eu trouxe algumas coisas da carroça quando desatrelei os animais.

— Obrigada. — Sabia que ele queria dizer coisas pessoais, como a camisola e o urinol. Reconhecia que esse homem lhe fizera verdadeiramente muitos favores, com superior espontaneidade. Mas agora haveria de fazer tudo por si mesma, superados o estado de alheamento e a debilidade orgânica, graças a ele. Animou-se e disse:

— O sol hoje está morno, bom. — Abriu os olhos. — Na estrada era muito forte.

Sentados juntos em uma manta, West cobriu-lhe os ombros com um xale. Para experimentar, ela quis aprumar-se, mas precisou do apoio dele; depois de uma tentativa para pentear o cabelo, acabou deixando, com um suspiro de desânimo, que ele tomasse também esse trabalho.

— Muito breve você fará isso, claro — disse West, passando o pente e erguendo os longos cabelos à luz do sol. — Você ganhará forças tão logo seu estômago possa tolerar uma boa carne assada.

Mas essa sugestão não agradou.

— Prefiro o seu chá, Sr. West. É um tônico excelente. Quando for preciso, eu o darei a quem estiver doente.

— Você teve muita sorte em não pegar a tal febre. — Olhava os fios de cabelo deslizando nos dentes do pente. A cor de mel brilhava à claridade do sol. — Por que eles se afastaram de sua carroça? Abandonando-a, seus amigos a deixaram entregue a uma morte bem próxima.

— Estavam protegendo suas famílias — Katherine alegou depois de breve silêncio. — Ficaram muito deprimidos. Eram boas pessoas, eu penso, mas estavam com medo. Eu poderia alcançar Fort Boise.

— Você, sozinha, nunca seria capaz de vadear o rio. Eles deviam saber disso. Seus amigos covardes foram cruzar as montanhas. Encontrarão uma nevada. — Sorriu. — Como eu lhe disse, você teve sorte.

— Não foi sorte, Sr. West. A vontade de Deus fez que o senhor me encontrasse.

— Ah... — Sorriu discretamente, meio sem graça. — Foram os índios Shoshone que a encontraram e viram a necessidade de me falar de você. Vieram avisar-me, realmente. Disseram que ficaram distantes da mulher branca na carroça da morte.

— Por que o senhor foi lá?

Ele levantou os ombros.

— Fazia bastante tempo que eu não via uma mulher de nenhuma espécie.

Embaraçada, Katherine desviou o olhar para o campo à frente.

— Bem... — West continuou, respirando fundo — fiquei bastante decepcionado com o que encontrei, mas como tinha me desviado de meu caminho para vê-la...

Nesse instante ela não conteve uma expressão de vaidade ferida, tipicamente feminina. Ele riu, lembrando-se que também tivera uma vivacidade de espírito quando o obrigou a enterrar a criança.

— Deus o desviou de seu caminho, Sr. West. E o fato de os selvagens virem avisá-lo de meu estado... — suspirou — só pode ter sido um sinal.

Ele abaixou o pente, perdendo seu senso de humor.

— Que selvagens?

— Os índios, lógico. É da vontade de Deus que eu leve adiante o trabalho de meu marido entre eles.

— Ele era professor?

— Era um pastor, ministro do Senhor — esclareceu ela solenemente. — Viemos de Hartford, Connecticut. Íamos para a Missão Whitman. Prometi a Thomas que eu prosseguiria, e penso ser evidente o desígnio de Deus de o trabalho de Thomas passar a ser meu. — Esboçou um leve sorriso. — Se não, por que eu fui poupada em tão extraordinárias circunstâncias?

— Boa pergunta — West manifestou-se com quase um resmungo, e pôs a mão no queixo, pensativo, com uma outra questão: se o destino trouxe uma mulher à sua montanha, por que cargas d'água tinha ela de ser uma missionária?

CAPÍTULO II

O trabalho começara bem cedo, talvez ao clarear do dia e os ruídos inconfundíveis se repetiam há horas, sempre no mesmo ritmo. O machado sibilando no ar, a madeira estalando ao rachar-se, achas caindo sobre outras achas. Katherine calculou que a pilha de lenha já fosse suficiente para manter a cabana aquecida pelo menos por um mês. Será que aquele homem pretendia completar seu suprimento para todo o inverno em apenas um dia?

Katherine não continha a impaciência, certa de que logo a porta se abriria e ele viria buscá-la. Não saía da cabana há dois dias e estava ansiosa por sentir

novamente o calor do sol em sua pele, por respirar o ar puro da manhã. Depois de breves períodos de silêncio, o trabalho se reiniciava. Cansada da espera, decidiu testar suas forças. Tinha de reagir contra a fraqueza e cuidar de si mesma sem ajuda de ninguém!

Ao erguer a cabeça, Katherine percebeu que só chegaria até a porta se não tivesse pressa. Completamente tonta, permaneceu sentada na cama, esperando que o mundo parasse de girar à sua volta. Aos poucos, pontos luminosos que embaralhavam sua visão começaram a desaparecer e enxergou o xale branco em um banco ao lado da mesa.

Cambaleante, deu os quatro passos que a separavam de seu objetivo. Agarrada à mesa, ficou imóvel mais uma vez, esperando a tontura passar. Depois de colocar o xale sobre os ombros, avançou até a porta, convencida de que o ar puro lhe devolveria as forças. Então, quem sabe, o misterioso homem que salvara sua vida se dignasse a conversar com ela após dois dias de mutismo absoluto!

Jed ouviu o barulho da porta sendo aberta e interrompeu o trabalho. Katherine estava apoiada no batente, pálida e nitidamente à beira de um desmaio. Largando o machado, apressou-se em socorrê-la, mas ela recusou-se a ser carregada como sempre.

— Eu preferia que me ajudasse a caminhar, Sr. West — pediu ela, ofegante e esgotada pelo esforço. — Só preciso sentar-me um pouco para recuperar as forças e, enquanto isso... será uma distração bem-vinda ver o senhor...

— Quer se... distrair? Vendo o quê, posso saber?

— Ora! Vendo-o preparar as achas para a lareira. Não é isso que está fazendo, Sr. West?

— Só gente fina "prepara achas", madame. Eu estou rachando lenha e você devia estar na cama.

Katherine não entendia por que seu restabelecimento irritava-o em vez de alegrá-lo. Desde que começara a recuperar as forças, ele assumira uma postura fria e distante, ignorando suas tímidas tentativas de estabelecer um diálogo cordial. Sua doença tinha sido um transtorno na vida de Jed e por isso queria mostrar-lhe que estava melhor e logo poderia partir, livrando-o de uma penosa carga.

— Achei que seria benéfico sair um pouco da cama, Sr. West. A cada dia sinto-me um pouco mais forte e sei que o ar puro é um excelente tônico. Não agüentava mais ficar deitada sem...

Sem ouvir uma voz humana, em especial a voz dele, melodiosa e aveludada? A

expressão dura de Jed impediu Katherine de confessar o quanto sentira falta das palavras reconfortantes que ele murmurava até dois dias atrás.

— ... sem sentir o calor do sol, Sr. West.

A expressão de Jed suavizou-se ao perceber o tom de súplica na voz de Katherine. O sol também se encantara com aquela criaturinha etérea e acariciava seus cabelos revoltos. Involuntariamente, recordou-se da suavidade das mechas douradas que deslizavam entre seus dedos como fios de seda, a luta contra o desejo de não ceder às sensações perturbadoras despertadas pelo corpo esguio apoiado em seu peito nu provocou uma reação excessivamente ríspida.

— Sente-se! — resmungou ele, acomodando-a em um tronco cortado. — Avise-me quando ficar cansada que eu a levarei de volta para a cama.

Jed recolocou o xale sobre os ombros de Katherine com a delicadeza de quem cuida de uma criança frágil. Apesar da proximidade, evitou encontrar os olhos meigos que o fitavam com uma dependência inquietante. Não podia esquecer-se que salvara uma missionária, obstinada em cumprir a missão divina e não uma mulher com sentimentos e desejos humanos.

Lamentando sua falta de sorte, Jed recomeçou a trabalhar com mais vigor. Então ouviu um som inesperado. Ela estava rindo? Inexplicavelmente, sentiu raiva de Katherine ao vê-la sorrir pela primeira vez.

— Por que será que os homens sempre cortam lenha quando não querem conversar? Lembro-me que Thomas costumava...

— Você disse que seu homem morreu. Deixe-o descansar em paz.

O machado rompia a madeira com redobrada violência.

— Não foi isso... — ela hesitou, criando coragem para enfrentá-lo. — Não o entendo, Sr. West. Salvou-me a vida, assumindo sem repugnância as tarefas mais... desagradáveis e tratou-me com bondade e gentileza quando eu não podia cuidar de mim mesma. Agora recusa-se a falar comigo. Por quê?

— Não lhe recusei nada. Só acho que precisa de repouso e eu *preciso* terminar o meu trabalho.

Katherine gostaria de aliviar a tensão com um comentário brejeiro, dizendo-lhe que seria impossível transformar toda a floresta em lenha para a lareira. Sua intuição porém lhe avisava que Jed receberia mal uma brincadeira e ela pretendia forçá-lo a dialogar.

— É um caçador de peles, Sr. West?

— Às vezes.

Um golpe certo rompeu a tora ao meio.

— E onde mora?

— Aqui mesmo.

Mais um golpe e quatro aças se juntaram à pilha que crescia a olhos vistos.

— Eu quis dizer... seu lugar de origem.

Jed ergueu a cabeça, disposto a ensinar àquela mulher curiosa como era perigoso intrometer-se na intimidade de um homem que a vida transformara num solitário. Ao encontrar os olhos azuis, límpidos como o céu nas manhãs de primavera, perdeu a vontade de chocá-la com uma resposta agressiva.

— Vim do Canadá.

— Do Canadá? Que maravilha! E como chegou...

— Minhas viagens me trouxeram até aqui.

Um homem de ombros largos e pele dourada pelo sol. Cabelos negros e longos presos por uma tira de couro e calças de camurça moldando os quadris estreitos e as coxas musculosas. Ao vê-lo segurar o machado como uma arma letal, Katherine lembrou-se que aquelas mesmas mãos a haviam tratado com ternura e carinho. Sem dúvida, era a impossibilidade de conseguir roupas adequadas que lhe dava essa aparência selvagem.

— Desculpe a minha curiosidade, Sr. West. É que sei tão pouco a seu respeito...

— Eu não lhe causei mal algum — ele a interrompeu bruscamente. — O que mais precisa saber?

— Talvez... ter certeza de que continuará agindo assim.

— Então fique tranqüila. Sua virtude não corre perigo.

— Não pensei nesse aspecto... não teria motivos...

Os dois se entreolharam, guardando para si suas verdadeiras emoções. Jed percebeu que deixara transparecer seu desejo e precisaria controlar-se mais. Angustiado, Katherine admitiu que pensava naquele homem como um perigo para sua virtude e sentiu medo de sua fraqueza diante da tentação.

— Não tem mesmo motivos para temer por sua virtude, Sra. Fairfield. Eu simplesmente trouxe para casa uma pilha de ossos em vez de deixá-la na beira do rio à espera da morte.

— Não é verdade, Sr. West. Deu-me muito mais do que abrigo sob o seu teto.

— Fiz apenas o necessário para salvar-lhe a vida. O que isso tem a ver com quem sou ou de onde venho?

— Nada... realmente não é importante.

— Também não costumo forçar mulheres doentes a se submeterem aos meus desejos.

— Por favor, Sr. West! É claro que não... eu...

Sem tomar conhecimento da perturbação de Katherine, Jed desapareceu entre as árvores, na direção do riacho que corria atrás da cabana. Quando voltou, sua expressão estava menos tensa.

— Decidi tomar um banho e começar a fazer nosso almoço. Você deve estar com fome.

— Impossível! — Katherine sorriu, aliviada com a atitude dele, mais amigável e comunicativa. — Ninguém se esforçou tanto para manter-me bem alimentada em toda a minha vida.

— Talvez porque não se importem em conviver com um esqueleto. Eu tenho horror, por isso decidi enchê-la de comida. Agora que está melhor, já pode digerir alimentos mais fortes... talvez cauda de castor e tripas de veado. Precisa de gordura para cobrir seus ossos ou morrerá de frio no inverno. Boa gordura animal, como diriam os *selvagens*.

O modo agressivo com que ele pronunciara a palavra selvagem intrigou Katherine mas, naquele momento, estava mais preocupada em descobrir um meio de recusar aquelas sugestões repugnantes.

— Talvez eu possa fazer pão. É saudável e...

— E exige bastante força para preparar a massa. — Ele a fitou maliciosamente. — Por enquanto, está sujeita às minhas limitações culinárias que se resumem a pratos... bastante primitivos. Aproveite para descansar enquanto eu trabalho, Sra. Fairfield. Aqui nas montanhas, o inverno acaba com a prosa até de gente dura e forte, quanto mais de... esqueletos frágeis!

— Enfrentei outras situações igualmente difíceis e sobrevivi, Sr. West.

— Porque teve muita sorte.

— Já me disse isso antes, Sr. West. A sua noção de sorte é o que considero uma manifestação da graça divina. O Senhor continuará me ajudando a superar as privações, e eu as enfrentarei sem medo.

Katherine conseguiu demonstrar uma confiança que não sentia. Iniciara aquela trágica viagem totalmente despreparada para os desastres sucessivos que nem ela nem seus companheiros haviam previsto. Talvez já tivesse superado a pior fase, mas como saber se ainda não passaria por outras desventuras?

— Estou preparada, Sr. West.

A gargalhada sarcástica de Jed provocou-lhe um inexplicável mal-estar.

— Preparada? Quarenta quilos de ossos frágeis preparados para enfrentar nevascas? Que presunção!

— Julgo que a presunção é sua, Sr. West. Não pode saber o meu peso, que certamente é mais do...

— Nem um grama a mais! — Surpreendendo-a com um gesto rápido, Jed a tomou nos braços. — Exatamente quarenta quilos de ossos... *missionários*, é claro! Passei anos preparando fardos de peles para vender e nunca me enganei ao calcular o peso... ou perderia o meu dinheiro.

Enquanto a carregava para a cabana, Jed tocou a pele macia na parte posterior dos joelhos de Katherine. Se algumas mulheres sentiam prazer nesse contato, aquela missionária não seria uma delas. Sem dúvida passara a maior parte de sua juventude ajoelhada sobre grãos de milho para se penitenciar de pecados imaginários!

— Eu não ofereceria mais do que dez peles de castor por você, "missionária".

— Sr. West! — exclamou ela indignada e tentando manter a dignidade ao ser carregada como uma criança ou um dos fardos de pele a que Jed se referia. — Porque...

— E as peles de castor não alcançam mais os bons preços de antigamente. Estão muito desvalorizadas.

Jed ouviu-a suspirar quando a colocou na cama. Ótimo! Uma missionária exausta que provavelmente logo adormeceria e dormindo não poderia intrometer-se em sua vida nem perturbá-lo com perguntas irritantes. Antes disso, porém, pretendia obrigá-la a comer. Ela queria pão? Pois iria comer até não agüentar mais!

Ainda menino, aprendera com a mãe a fazer um pão rápido, *pain vite*, que era servido com frutas em conserva. Prepararia logo duas receitas e a alimentaria de hora em hora. Aquele pingo de gente comia menos do que um passarinho e se não a forcesse, jamais recuperaria as forças antes do inverno chegar. Como uma mulher tão miúda e frágil podia ser tão complicada?

— Posso saber qual o motivo da raiva que sente pelos missionários, Sr. West?

Então ela ainda estava acordada? E, a julgar pelo seu tom de voz indignado, também resistira à exaustão. Colocando o fermento na massa, Jed continuou de costas para a cama, abismado com a resistência dela. Ou seria apenas teimosia?

— Por que supõe que eu tenha algum motivo?

— É bastante óbvio, Sr. West. Seu modo de me tratar mudou completamente

quando lhe disse que pretendia levar adiante a missão idealizada por meu marido.

— Talvez eu simplesmente não goste de ver uma mulher assumir um papel reservado a homens.

— Realmente? Então devia opor-se também à situação inversa. — Katherine sentou-se na cama para observá-lo preparando a massa do pão. — O seu desembaraço na cozinha, que é um "papel reservado" às mulheres, concorda?

— São habilidades necessárias para sobreviver. Estou sozinho há muito tempo e tive de aprender ou morreria de fome. — Jed finalmente virou-se para ela e fez uma careta de zombaria. — De repente, aparece uma mulher. Semimorta mas em condições de se recuperar. Eu não podia prever que, para o meu azar, seria uma missionária!

— Amanhã... — ela fechou os olhos, pedindo a Deus que a ajudasse a realizar suas intenções. — Amanhã, poderei encarregar-me da cozinha e livrá-lo desse encargo. Não estou mais semimorta, graças ao Senhor.

— Talvez devesse agradecer também à mulher que me ensinou a fazer o chá ao qual deve sua vida. — Jogando a massa na forma, Jed lembrou-se que Lua-da-Planície adorava aquele pão. — Se ela estivesse viva...

— Era... sua esposa, Sr. West?

— Exatamente.

— Sinto-me grata e, se ela não tivesse morrido, eu...

— Você lhe diria para não utilizar mais nenhum dos remédios que aprendeu com seus antepassados. Iria também insistir que abandonasse suas crenças e seguisse os ensinamentos da Bíblia. Minha esposa era uma "selvagem", Sra. Fairfield.

— S-selvagem?

— Estou usando as *suas* palavras para se referir aos índios, madame. Ela pertencia à tribo dos Santee Sioux.

Ignorando o tom agressivo de Jed, Katherine sentiu que a perda do companheiro amado criava um elo entre eles.

— Há quanto tempo... a perdeu, Sr. West?

— Três anos — respondeu ele secamente.

Jed surpreendeu-se com a atitude de Katherine. Seria possível que aquela mulher, branca e uma missionária determinada a catequizar os "selvagens", se importasse com a morte de uma índia? Ele não queria partilhar sua dor, mas sentiu-se sem forças para resistir aos olhos azuis que o fitavam, refletindo o sofrimento

diante de uma perda irreparável.

— Eu fiquei sozinha há três meses — murmurou Katherine, com lágrimas nos olhos. — Foram os meses mais tristes de minha vida... intermináveis...

Mais uma vez Jed percebeu que um impulso irracional sobrepujava seu bom senso e aproximou-se de Katherine.

— Éramos recém-casados mas nos conhecíamos desde crianças. Sempre soube que algum dia... — Ela ergueu a cabeça e tentou lutar contra as lágrimas, mudando de assunto. — Como morreu sua esposa?

— Ela... estava grávida de nosso primeiro filho. Sempre disse que sua maior alegria seria me dar um filho homem. Era muito jovem, frágil demais e não sobreviveu ao parto.

— E o bebê?

— Também morreu.

— Ainda sente muita falta dela? — Envergonhada com sua insensibilidade, Katherine fechou os olhos. — Desculpe-me, fiz-lhe uma pergunta insolente. É evidente que nunca a esquecerá, mas... ainda sofre muito quando relembra os momentos felizes? Eu continuarei sempre inconformada.

Jed finalmente cedeu ao olhar suplicante de Katherine, que lhe pedia para ajudá-la a compreender a trágica experiência vivida pelos dois. Sentou-se na cama e, pela primeira vez, revelou os sentimentos que até então se recusara a partilhar.

— O sofrimento foi maior enquanto eu me recusei a aceitar que nunca mais a teria de volta. Fui tão tolo. Achei que tomando a dor como minha única companheira, estava mantendo minha esposa viva e ao meu lado. Agarrei-me a uma lembrança, não chorei, não me lamentei, mas também não dei paz a sua alma.

— Eu chorei e me lamentei até sentir que já não tinha mais forças nem para sofrer. Então rezei, pedindo a Deus que me concedesse a mesma fé de meu marido, a capacidade de superar as tragédias e continuar dedicando-me à sua missão. Infelizmente... não sou uma mulher forte e não conseguirei prosseguir sozinha...

— Foi uma mulher esquelética e semimorta que teve forças para exigir um túmulo decente para atender o último pedido de uma criança.

— O senhor encarregou-se do trabalho pesado, Sr. West.

— Porque percebi que você não desistiria... nunca!

Katherine mantinha os olhos fixos nas mãos, imóveis sobre o cobertor. Contudo, o que seu olhar escondia, a voz revelava e o desespero deu lugar a uma amargura intensa.

— Ele me abandonou! Largou-me sozinha no meio do deserto! Eu o acompanhei, dependia dele e então... ficou doente, transmitiu sua doença aos outros e deixou-me rodeada por pessoas agonizantes! Convinceu-me a fazer essa viagem pavorosa e depois fugiu. Fiquei entre estranhos que só pensavam em salvar a própria pele e...

O pranto não pôde mais ser contido. As lágrimas corriam pelo rosto de Katherine, que também não controlava o ressentimento.

— Oh, Deus! Eu não sou forte. Thomas *tem* de ir comigo ou não realizarei sua missão. Nós planejamos tudo juntos, não posso prosseguir sem ele, sozinha e desamparada...

Quando Katherine, por fim, ergueu a cabeça, Jed viu o olhar de uma criança perdida e desorientada. Impulsivamente, abriu-lhe os braços e ela encostou-se em seu peito, procurando apoio e segurança.

— E agora? O que devo fazer? Não sei como podem esperar que eu prossiga, que leve adiante...

— O que esperam que você faça?

— Eu deveria ter fé suficiente para seguir os passos de meu marido e completar sua missão... fazer o que ele...

— Você só *tem* que viver a sua própria vida, Katherine. Mais nada.

Ela não o ouvia, entregue ao desespero. Soluçando, repetia que odiava Thomas por tê-la abandonado. Jed sabia que aquelas palavras retratavam um estado de espírito passageiro. A mulher em seus braços não era uma viúva frágil e desolada que procurava consolo. Logo a missionária determinada a espalhar a palavra divina entre os pagãos viria novamente à tona e Katherine não precisaria de ninguém ao seu lado.

No entanto, ele se permitiu um momento de fraqueza e deixou que o coração guiasse seus atos. Acariciou os cabelos dourados, partilhando a dor de Katherine, um sofrimento que conhecia bem. Jamais se esqueceria da época em que também se sentira desesperado e incapaz de resignar-se.

Jed recusara-se a ferir as pernas e cortar os cabelos como haviam feito os irmãos de Lua-da-Planície. Não rejeitara o costume dos índios porque os missionários condenassem essa tradição, que consideravam pagã e bárbara. Ele não quisera livrar-se da culpa, sentira uma necessidade doentia de acusar-se, de assumir a responsabilidade pela morte da esposa. Alimentava e mantinha vivo o remorso através do uísque falsificado que bebia até perder a consciência.

O sono provocado pelo álcool nunca durava muito. Jed acordava no meio da noite, banhado em suor frio, e saía de sua tenda chamando por Lua-da-Planície. Andando sem rumo, implorava-lhe que voltasse, amaldiçoava-a por tê-lo abandonado e implorava o perdão. Considerado louco pelo povo de sua esposa, foi forçado a retirar-se da aldeia porque não se adaptara aos costumes dos Santee Sioux.

Também não encontrou paz com o povo de seu pai, onde aprendera a ler, escrever e a falar o idioma paterno. Ignorando sua dor, os brancos insistiram que cortasse os cabelos, se vestisse como eles e se transformasse em um homem civilizado. Então ninguém acreditaria que Jed tivesse sangue índio em suas veias e seria aceito pela sociedade.

Como podiam ser tão cegos? Seus olhos sempre refletiriam o conflito de sua mente porque retratavam a alma de seus ancestrais indígenas e brancos. A raça de seu pai, a de sua mãe e a de sua esposa. Três mundos aos quais ele não se adaptava, sentia-se rejeitado e por isso afastara-se de todos. Jed West não tinha raízes, vínculos ou laços sentimentais, não pertencia a nenhum povo.

Os Santee Sioux haviam visto em suas atitudes um sinal de loucura. Jed porém recordava as constantes ameaças repetidas durante seus anos na escola sobre o castigo que recairia sobre sua cabeça. Recebia a punição de um homem que desejava a paz sem ter sequer o direito de sonhar com ela porque seu próprio sangue simbolizava a guerra dos brancos contra os peles-vermelhas.

Triste herança, trágico conflito em que o primitivo e o racional lutavam pela supremacia. Até agora, com uma mulher que chorava em seus braços a morte do marido, Jed sentia o desejo dominá-lo apesar da mente alertá-lo sobre o perigo de não controlar emoções proibidas. Salvara-lhe a vida, portanto ela lhe pertencia? Esse raciocínio, aceito sem hesitação pelo povo de sua mãe, seria considerado um crime pelo povo de seu pai.

Apesar de reconhecer sua insensatez, continuava acariciando os cabelos dourados. Sua frágil flor de estufa estava se fortalecendo, ia sobreviver. Jed repetia a si mesmo que ela era uma missionária, uma pregadora intrometida cuja teimosia em propagar sua doutrina destruiria o povo de sua mãe. Ainda assim, a prendia nos braços, tocando com reverência as mechas sedosas que cintilavam como fios de ouro em seus dedos.

— Sinto muito por essa lamentável falta de controle. — Ela afastou-se, tentando enxugar o rosto molhado. — Desde que fiquei doente eu não tinha

conseguido desabafar. Senti muita raiva, fui egoísta e... meus olhos se mantiveram secos.

— Todos estavam doentes ao seu redor. Não havia tempo para chorar, Katherine.

— A doença não pode me justificar, senti ódio e não tinha esse direito.

— E por que não? Você foi abandonada... duas vezes.

— Mas Thomas não teve culpa!

— O que importa é o resultado. Você ficou sozinha sem a proteção de um homem.

O cheiro de pão se espalhando pela cabana e o evidente esforço de Katherine para recuperar a calma trouxeram Jed de volta à realidade. Levantando-se abruptamente da cama, ele voltou para o lado do fogão.

— Já estamos em setembro — comentou ele enquanto cortava o pão em fatias finas. — A sua caravana atrasou-se para iniciar a viagem?

— Fizemos todos os planos e preparativos para partir com a primeira caravana, mas surgiu um imprevisto. Thomas decidiu permanecer em Saint Joseph para cuidar de um barqueiro que foi abandonado por todos porque estava doente. Realmente, o pobre homem morreu dois dias depois e nós tivemos de ficar esperando por um outro grupo. Esqueci-me do nome do homem que comandava as carroças, mas não simpatizei com ele desde o primeiro dia. Nós o vimos pela última vez em South Pass.

— Esse homem abandonou a caravana?

— E levou o cavalo de Thomas, além de todo o dinheiro da Sra. Mueller.

— Ele vai mudar de nome e repetir esse golpe sujo com uma outra caravana no próximo verão... — Jed colocou um prato de madeira nas mãos de Katherine. — Conheci muitos homens desse tipo e também sei como os pioneiros ficam desesperados quando não encontram alguém que os guie através das montanhas. Vocês deviam ter permanecido em Saint Joseph, esperando o fim do inverno.

— Impossível! Precisávamos seguir os planos que recebíamos, com instruções bastante claras da organização missionária. O nosso exemplo era muito importante. Se superássemos os obstáculos, muitos outros nos seguiriam.

— Pois não superaram! — Ele serviu-se de pão, cobrindo a fatia com as frutas em calda. — Esse fracasso significa que não virão novos grupos de missionários?

— Se eu não completar a viagem, talvez...

— Eu tenho certeza de que continuarão vindo sem se preocupar se Katherine Fairfield conseguiu chegar ou não ao seu destino.

— E eu pretendo chegar, Sr. West!

— Não pode atravessar as "Cascades" antes do inverno. — Sentando-se à mesa, Jed a encarou friamente. — É um labirinto.

— Nem mesmo se eu tiver um bom guia?

— Mas não tem! Nem bom nem mau, certo?

Diante da agressividade dele, Katherine desistiu de pedir-lhe que a conduzisse.

— Talvez eu consiga alguém em Fort Boise. Quando passamos por Fort Hall, havia...

— *Vai* encontrar alguém. Alguém que lhe prometerá uma travessia segura através de montanhas traiçoeiras durante qualquer época do ano. Ainda mais tratando-se de uma mulher jovem e bonita. De quantas maneiras quer ser abandonada, Sra. Fairfield? E quantas vezes?

Jed permaneceu encarando-a até perceber que ela entendera o significado verdadeiro de suas palavras, e só então voltou a comer. Após um longo silêncio, ouviu a voz, ainda frágil e perigosamente meiga.

— Faria alguma diferença se eu explicasse que fui enviada por minha igreja e meu trabalho na terra é servir a Deus?

— Não tenho idéia. Acho que depende do homem.

— E eu não tenho outra escolha a não ser confiar em alguém, Sr. West. — Lembrando-se o quanto ele se afetara ao saber que salvara uma missionária, tentou reforçar a importância desse fato. — Fui encontrada por um estranho a quem devo a vida, porém não o conheço e estou sozinha na casa desse homem. O *Senhor* o escolheu para me auxiliar. *Ele* confia em sua bondade, por isso... devo confiar também.

— Pois eu acho que não deve! — exclamou Jed, levantando-se abruptamente. — Trate de procurar um modo de se defender, madame. Até agora estava doente e não me servia para nada, mas já começou a recuperar as forças, portanto, é melhor ficar de sobreaviso. "Ajuda-te que Deus te ajudará." Não é isso que diz a sua religião? É um bom conselho para uma mulher que não sabe quem é o homem que a salvou.

— *Sei* que posso ficar tranqüila. O senhor me afirmou que eu estaria em segurança.

— E se eu for um mentiroso? — Com uma expressão ameaçadora Jed aproximou-se da cama. — Talvez a tenha enganado.

— Eu não acredito. — Agarrando o prato para disfarçar o tremor das mãos,

Katherine manteve uma aparência de calma. — Até um cego veria que o senhor é um bom cristão, Sr. West. Tratou-me com carinho, cuidou de mim com...

— Com o chá da minha esposa, o pão de minha mãe e poções medicinais da minha avó. — Ele fez uma pausa, para dar maior impacto à revelação que, sem dúvida, a chocaria. — A medicina tradicional dos Cree é muito respeitada, Sra. Fairfield. As outras tribos de "selvagens" pagam caro por remédios preparados pelas mulheres Cree, que preferem a morte a revelar o segredo de suas receitas. Mas um neto querido consegue convencer sua velha avó a ensiná-lo... uma velha "selvagem" e um neto *métis*.

— *Métis!*

— É o mesmo que mestiço, Sra. Fairfield. Meu avô também era um *métis*, filho de um francês e de uma "selvagem" da tribo Ojibway, um caçador de peles na região do Red River.

— E seu pai?

— Ah! O pai perfeito... pelos seus padrões, madame. Aposto que gostaria dele, alvo, de cabelos loiros, olhos azuis e linhagem pura, um funcionário de alto nível na *Hudson's Bay Company*. Talvez possa confiar no meu lado paterno, inglês e honrado, Sra. Fairfield. — O sorriso de Jed era um ricto amargo. — Como também tenho sangue francês, tenho mais sangue branco do que índio, portanto sou mais civilizado do que "selvagem".

Aproximando-se mais, Jed fez uma careta feroz.

— Entretanto, sempre existirá o meu lado primitivo, o sangue "selvagem"! Muitos missionários lutaram para livrar-me dessa "maldição" e fracassaram. Todos eles!

— Mas sua aparência é...

Katherine calou-se, reconhecendo sua total incapacidade para avaliar características raciais. Ficara encantada com a beleza marcante de Jed West, mas conhecera poucos homens em sua vida e nunca vira nenhum francês nem índios das tribos que ele mencionara. Como saber a origem daqueles traços fascinantes?

— A minha aparência é a de um *métis*, Sra. Fairfield. Tenho sangue Cree e Ojibway misturado ao sangue francês e inglês. A quantidade não importa porque basta uma gota para transformar-me num selvagem.

Jed permanecia diante dela, como se quisesse forçá-la a admitir que estava diante de um homem perigoso por ter sangue indígena correndo em suas veias. Katherine não desviou o olhar, mas via apenas o carinhoso estranho que salvara sua

vida e passara dias alimentando-a com paciência e dedicação.

— Se queria me assustar contando-me que é descendente de índios, perdeu seu tempo, Sr. West. Não me causa medo e me sinto em segurança a seu lado. — Com um sorriso tímido, ela ergueu o prato. — E adoro o pão de sua mãe.

— Então coma até a última migalha. Pretendo ficar sentado na sua frente para ter certeza que vai limpar o prato, madame.

CAPÍTULO III

Jed começara sua vida de caçador de peles muito cedo, seguindo os passos do avô. Sentia-se tão à vontade dormindo no chão, sobre a terra que guardava o calor do sol, como em sua cama de colchão de palha sobre um estrado de cordas trançadas. O seu sono, muito leve, também era uma consequência das incontáveis noites passadas nas florestas. A capacidade de acordar com um simples mover de folhas secas significava a diferença entre a vida e a morte.

Agora estava em sua cabana e não havia perigo de animais ferozes que ameaçassem sua segurança, mas a respiração suave de Katherine o impedia de dormir. Completamente acordado, tentava não pensar na mulher que dormia em sua cama, sem sucesso.

Há quanto tempo não comia uma refeição preparada pelas mãos habilidosas de uma mulher? Jed saía da cabana para refazer o estoque de ervas e raízes medicinais e, ao voltar, Katherine esperava com o jantar pronto. Ele ia censurá-la por ter usado todas as passas que costumava consumir só no inverno, mas os olhos azuis, muito brilhantes, pediam sua aprovação.

Aquela mulher frágil e despreparada para enfrentar a vida dura do oeste não pertencia ao ambiente primitivo que era o seu mundo e devia ser tratada como uma inimiga. Por que não conseguia controlar seu desejo de agradá-la, nem o impulso de falar sem pensar no que dizia?

Incompreensivelmente, afirmou que sopa de ervilhas sempre fora seu prato favorito, que todos os mantimentos da despensa estavam à disposição dela. Como se não bastasse, prometeu-lhe que iria caçar perdizes a fim de ensiná-la a preparar um bom assado no fogão à lenha.

E as malditas perdizes escondiam-se na relva alta das pradarias. Teria de caminhar algumas horas, esperar outras tantas na tocaia e depois voltar à cabana. Jed não perdera a habilidade de caçar com arco e flechas, o método que

considerava mais eficiente e mais rápido. Entretanto, ainda que saísse ao raiar do sol, só retornaria no final da tarde e Katherine, frágil e convalescente, ficaria sozinha o dia inteiro. E, mesmo se já tivesse recuperado as forças, continuaria sendo uma mulher indefesa, como todas as outras, que precisava de sua proteção.

Não! Katherine Fairfield era uma *missionária* e não uma mulher como as outras! Ele precisava esforçar-se para não esquecer esse detalhe que sua mente, obstinadamente, tentava ignorar.

Disposto a não pensar mais nela, Jed virou-se de costas para a cama, mas Katherine não era apenas um corpo que despertava seu desejo. A doçura de uma presença feminina suavizara a rusticidade de sua cabana primitiva. Ela enfeitara sua vida com o colorido das flores silvestres que colocara sobre a mesa e com a alegria constante de seu sorriso.

— Usei as garrafas vazias de uísque como vasos — dissera ela, satisfeita com sua criação. — É melhor vê-las cheias de flores do que de bebida.

Jed não fez nenhum comentário. Após a morte de Lua-da-Planície, ele bebera para afogar o desespero e por vezes até ficara inconsciente, fugindo de uma realidade angustiante. Depois que se conformou com a morte da esposa, passou a guardar a garrafa no alto do armário, de onde só a tirava quando a solidão se tornava intolerável. Naquela noite, porém, sentiu um impulso incontrolável de tomar um gole de uísque. Perdendo a lucidez, esqueceria também o que deveria sempre lembrar: Katherine Fairfield era uma missionária.

Se ao menos ela percebesse que a máscara da austera puritana apenas acentuava o encanto cativante da mulher! O sorriso espontâneo e irresistível contrastava com sua voz de pregadora. A Sra. Thomas Fairfield citava a Bíblia mas a Katherine se esmerava ao arrumar a mesa para impressioná-lo demonstrando uma feminilidade à flor da pele.

O conflito entre a mulher e a missionária aumentava a dificuldade de Jed para resolver seu próprio dilema. Se fosse um homem sensato, a levaria imediatamente até um dos postos da *Hudson's Bay Company*, onde ela passaria o inverno com outros pioneiros. Então, um gesto inconscientemente sedutor despertava-lhe o desejo e sentia a tentação de revelar a Katherine a força da sensualidade.

Um anseio que jamais se realizaria. Jed sempre se recusara a usar uma mulher para satisfazer seus desejos. Depois da morte da esposa, seu coração se fechara para o amor, mas não perdera o instinto protetor. Katherine confiava nele e a defenderia até de si mesmo.

Jed estava determinado a não demonstrar a intensidade de seu desejo. Durante o dia, conseguia manter-se distante, ignorar a sedução dos gestos delicados e os sorrisos doces. À noite, porém, os vagos anseios se transformavam em uma realidade concreta. Na cabana silenciosa, ele a ouvia mexer-se na cama e lutava para não ceder à tentação... próxima demais!

Realmente, aquela situação era insustentável! Por que esse sofrimento se nenhum dos dois tinha motivos para se abster do prazer que poderiam usufruir? Katherine perdera o marido, precisava de um homem que a protegesse e satisfizesse seus desejos. Ele estava há muito tempo sem esposa, queria uma mulher em sua cama!

Mas Katherine confiava nele.

Aqueles olhos azuis, tão fascinantes, pertenciam a uma missionária, uma criatura dedicada à tarefa de transformar os homens. Jed West conhecia bem demais a obstinação do pregadores e sua vida fora praticamente destruída por eles.

Descobrira, a duras penas, que os missionários tentavam mudar a realidade sem ter as armas necessárias para transformar nem a si mesmos. Perguntas sem resposta, caminhos sem saída e depois da passagem deles, nada voltava a ser como antes. Afirmavam que era preciso esquecer a herança indígena, mas negavam-lhe o direito de pertencer ao mundo dos brancos.

Onde seria o lugar de um homem em cujas veias corria sangue de branco e de índio? Jed cansara de fazer essa pergunta aos missionários que, sempre orgulhosos de sua sabedoria, divagavam sobre o assunto para disfarçar a incapacidade de dar-lhe uma resposta satisfatória ou apontar-lhe o caminho a ser seguido.

Sem dúvida, nenhum deles lhe dissera que possuir uma mulher branca seria a solução ideal para o problema de Jed West!

A luz cinzenta da madrugada, revelando os contornos do corpo de Katherine, aumentou a perturbação de Jed. Se era a hora mais difícil para ficar bem próximo da mulher desejada e que jamais se teria, era a ideal para caçar. Sentando-se na cama, ele Tateou à sua volta, procurando os mocassins.

— O que houve?

A voz de Katherine, sonolenta e lânguida, aumentou seu desejo de juntar-se a ela.

— Nada — resmungou Jed, lutando contra seus impulsos. — Prometi que iria caçar perdizes, lembra-se?

— Tão cedo assim?

— Terei que caminhar alguns quilômetros para chegar às pradarias onde elas se escondem. Perderei algum tempo escolhendo os lugares onde colocarei as armadilhas para o inverno, por isso vou demorar. Não se afaste da cabana, enquanto eu estiver ausente. Nem para colher flores, entendeu?

— Eu não fui muito longe ontem. Só até o riacho.

— É exatamente onde as cascavéis ficam escondidas nessa época do ano. Aproveite para descansar e tome o chá de cidreira que preparei ontem à noite. É ótimo para... problemas femininos.

— Eu não tenho nenhum problema, exceto...

— Se está fisicamente bem, não precisa mais dizer nada. Não me interesse por seus dilemas de missionária, Sra. Fairfield. Os "selvagens" não aprendem a fazer chás e poções para aliviar conflitos espirituais como os seus!

Irritado, Jed apanhou o arco e a aljava de flechas e saiu da cabana, batendo a porta.

Katherine ainda ficou alguns minutos na cama, mas não conseguiu dormir novamente. A claridade da aurora se infiltrava pelas frestas da janela. Ao abri-la, o rangido da madeira soou junto com o trinado melodioso de algum pássaro da montanha que cantava, despedindo-se do outono. Logo viriam as nevascas do inverno, acompanhadas pelo silêncio da ausência dos pequenos animais, que fugiriam antes do frio chegar... como ela também deveria partir. A beleza dourada da manhã, anunciando as alegrias de um novo dia, não provocou a costumeira sensação de euforia. Cada novo amanhecer significava a aproximação do momento em que retornaria ao mundo... sem a proteção de Jed!

Inquieta com a perturbação inesperada que esse pensamento provocou nela, Katherine decidiu ocupar-se. O trabalho era o melhor remédio e detestava a ociosidade. Embora Jed a considerasse frágil demais e despreparada para a vida rústica das montanhas, já recuperara as forças. Estava cansada dos longos repousos obrigatórios e, agora que ficara sozinha, pretendia lavar suas roupas.

Transbordante de energia, Katherine foi buscar água no riacho e lavou suas roupas, as de Jed e retirou os tapetes de pele da cabana. O sol estava forte e em poucas horas todas as peças estariam secas. Ela nem se lembrou de almoçar e só parou de trabalhar quando retirou do varal o corpete de algodão e as calças de babados, já completamente enxutos.

Feliz por estar vestindo roupas de baixo limpas e cheirosas, Katherine esquentou o chá e sentou-se na cama. Sé então percebeu o cansaço, a dor nos pés

e, encostando a cabeça na parede de tábuas, adormeceu.

Jed voltou no fim da tarde. Os últimos raios de sol entravam pela janela aberta, banhando o corpo de Katherine com sua luz dourada. Ele parou, fascinado com a visão da mulher sensual que surgia quando o sono a libertava das atitudes puritanas. O rosto, ligeiramente rosado, era delicado como o de uma boneca de porcelana, mas os lábios, entreabertos e provocantes, pediam beijos apaixonados.

Apesar do medo de fazer algum ruído e despertá-la, Jed deu um passo em direção à cama. Só então viu que ela dormira antes de vestir-se. O corpete de algodão singelo, embora fosse recatado, não cobria os ombros graciosos nem os braços roliços e acentuava a curva voluptuosa dos seios redondos. E a calça de babados, tão pudica, deixava à mostra os tornozelos esguios e os pés nus.

Precisava acordá-la ou não resistiria à tentação. O desejo que o atormentara por toda a noite retornava com uma dolorosa intensidade e, se a tocasse, não teria forças para se conter. Enfurecido com as regras do respeito que ele mesmo se impusera, Jed jogou as perdizes sobre a mesa.

O barulho despertou Katherine. Depois de procurar, em vão, por algo que cobrisse sua seminudez, enfrentou o olhar dele com dignidade.

— Não pensei... não o esperava tão cedo.

— Demorei menos do que estava previsto. Custei a encontrar perdizes, mas trouxe quatro.

— Eu ajudarei a limpá-las assim que recolher a roupa do varal.

— Não. Você já se cansou demais. Não lhe disse para descansar?

— Estou cansada de ser tratada como uma inválida.

— Por isso esgotou-se! Sente-se melhor?

— Sinto-me apenas humilhada. — Ela cruzou os braços diante do peito. — Não previ sua chegada e estou...

— Está o quê? — Ele serviu-se de chá e virou-se para fitá-la com um olhar insolente. — Esqueceu-se que já vi seu corpo sem essas roupas ridículas?

Jed mentia. Salvara uma criatura à beira da morte, magra e inerte. A mulher que via agora era sensual, com curvas suaves e gestos inconscientemente provocantes.

— Eu... eu acho que meus vestidos não secaram. Lavei primeiro as suas roupas e...

— Por que estavam mais sujas? — zombou ele.

— Por que eram menos trabalhosas.

Deixando a xícara sobre a mesa, Jed saiu da cabana e voltou, minutos depois, com os braços cheios de roupas secas. Separou uma de suas camisas e entregou-a a Katherine.

— Nenhum vestido está seco.

— Talvez antes do anoitecer... — murmurou ela, levantando-se da cama para vestir-se.

Sem consciência do perigo, Jed aproximou-se para ajudá-la e Katherine não recuou. Seus olhares se encontraram e ela leu nos olhos negros a emoção que prenunciava o beijo. Entretanto abriu os lábios, levada pelo inexplicável impulso de oferecer sua boca para saciar a ânsia daquele homem que a fitava com um desejo intenso.

Jed esperava um beijo tímido, não a hesitante inexperiência de uma jovem que desconhecia a arte das carícias mais inocentes. Não pensou nos motivos dessa ingenuidade, ávido e excitado por ser o primeiro a despertar-lhe a paixão. A boca trêmula finalmente cedeu a seu toque insistente e os lábios se abriram, revelando o desejo crescente. Ele puxou-a para mais perto e sua mão procurou o seio rijo coberto pelo algodão muito fino do corpete.

Katherine estremeceu, sentindo-se sem forças para controlar a emoção que crescia em seu íntimo. Em ondas sucessivas e sempre mais intensas, as sensações apoderavam-se de seu corpo que cedia despudoradamente às carícias de Jed. Descobria agora a violência do desejo, exigindo que ela libertasse uma paixão e uma volúpia até então adormecidas. Não podia entregar-se sem amor, não podia degradar-se permitindo que seus impulsos físicos derrotassem sua moral.

— Não... — murmurou ela quando Jed interrompeu o contato de seus lábios para beijar-lhe o colo. — Pare, por favor.

— Você também me deseja. Nega com palavras, mas seu corpo não mente, quer o prazer...

— Mas *eu* não quero! — Ela tentou afastá-lo, lutando contra seu próprio desejo.

— Não é verdade. Você está vibrando de paixão.

— Eu irei para o inferno se me entregar à luxúria. Oh, meu Deus! Ajudai-me a ter forças...

Atônito, Jed afastou-se, e vendo a palidez excessiva de Katherine, tentou acalmá-la.

— Não existe inferno, Katherine. Nós dois somos livres, um homem e uma

mulher adultos que precisam consumir um desejo intenso.

— Então você também irá para o inferno comigo. Estamos cometendo um pecado, cedendo aos apetites carnis sem pensar na alma e...

— A sua aparência é a de uma mulher e eu quis partilhar o prazer da paixão. Esqueci-me que, no fundo, você sempre será uma missionária mais preocupada com sua ... *alma!*

— Tem razão, Sr. West. — Ela finalmente conseguiu soltar-se dos braços que a prendiam. — Aprendi a entender e desculpar as fraquezas humanas. Não o culpo. Chegou em casa e viu-me semidespida. Evidentemente, concluiu que...

— *Eu concluí!* E você? Por acaso reagiu contra a minha ousadia pecaminosa?

— Ora, Sr. West! Tinha que controlar os *seus* impulsos...

— Eu a beijei e você correspondeu. — A expressão de culpa no rosto dela perturbou Jed, que prosseguiu num tom menos agressivo. — Não fuja da verdade, Katherine. Nós dois desejávamos aquele beijo.

— Então é uma fraqueza que ambos precisaremos controlar, Sr. West.

— Talvez você esteja certa sobre nossa fraqueza, mas não cometemos nenhum pecado. Sem dúvida foi um erro, apenas loucura momentânea que não nos levará para o inferno, Sra. *missionária!*

Katherine ficou aliviada quando viu Jed sair da cabana, mais uma vez batendo a porta. Precisava de solidão para reencontrar a paz, destruída pela mulher sem pudor que existia dentro de si. Descobrira a existência dessa criatura imoral logo no início da viagem. Thomas tinha decidido não consumir o casamento antes de chegarem à missão no Oeste, para não engravidá-la. Aceitara a decisão do marido e reconhecera sua prudência diante da gravidez penosa de Jane Simms, que acabou perdendo o bebê, e da morte de Lina Franklin durante o parto em pleno descampado.

Os beijos do marido tinham sido sempre castos, diferentes da carícia ardente de Jed, mas, apesar do respeito demonstrado por Thomas, ela sentira um desejo pecaminoso. Não se reconhecia na mulher primitiva e sensual que insistia na satisfação de sua volúpia e aprendera a rezar para vencer a luxúria.

Agora repetia as orações que Thomas lhe ensinara, enquanto preparava a massa de pão. *Ela* era a culpada, não Jed. *Ela* admirara o torso nu do homem que rachava lenha sem camisa. *Ela* sentira prazer em ser tocada pelo homem que a tratava com a ternura de quem cuida de uma criança doente.

— Nós somos humanos — dissera Thomas. — Temos as mesmas fraquezas que as outras pessoas, mas nossa obrigação é lutar contra elas e dominá-las.

Aprendemos a reconhecer nossos erros e a encontrar um modo de superá-los. Deus nos indicou o caminho e não podemos nos desviar da rota divina. A nossa missão é espalhar a Palavra do Senhor e nada nos deterá.

A morte detivera Thomas e cabia a ela prosseguir, levando para os confins do Oeste o consolo da religião. No entanto, falharia se não controlasse seus impulsos ou ao menos se arrependesse dos erros cometidos. Assumiria a culpa daquele incidente perturbador demonstrando a Jed que uma missionária tinha a coragem e a humildade de admitir as próprias falhas.

Jed só voltou à cabana ao anoitecer. Fora nadar nas águas geladas do lago para acalmar o desejo e a raiva. Agora sentia-se calmo e em condições de preparar o jantar. Enquanto colocava as perdizes nos espetos, olhou disfarçadamente ao redor. Katherine recolocara os lençóis limpos na cama, os tapetes de pele no chão, dobrara as roupas dele e permanecia de braços cruzados, usando seu vestido mais austero, marrom e abotoado até o pescoço.

— Eu fiz uma broa de milho e chá. — Ela se aproximou, hesitante. — As perdizes que preparou já estão com um cheirinho apetitoso.

Embora não estivesse mais enfurecido, Jed ignorou o elogio de Katherine, uma tentativa canhestra de desculpar-se.

— Sr. West?

— Jed — resmungou ele, virando as perdizes nos espetos sobre o fogão à lenha. — Detesto que me chamem de senhor.

— Está bem... Jed. — Ela respirou fundo para criar coragem. — Eu preciso desculpar-me por ter lhe dado motivos... quero dizer... por ter provocado... causando uma impressão errada sobre meu caráter, sobre meus princípios morais. Fui irresponsável, agi com uma leviandade indesculpável, pois não devia ficar semidespida na sua frente. Minha única justificativa é que... durante uma viagem longa e desconfortável, o decoro acaba se tornando um luxo inacessível. A necessidade de ser prática e objetiva vem em primeiro lugar...

Jed se considerava culpado por ter perdido a cabeça e tentado conquistar justamente uma missionária indecisa. Katherine não sabia o que queria e ele não tinha tempo nem paciência para ajudá-la a solucionar seus conflitos espirituais. No entanto, nenhum homem resistiria a uma casa limpa e arrumada, roupas lavadas e bem dobradas, e o cheiro apetitoso de um bom jantar. Não pretendia estragar esses prazeres domésticos com discussões sem finalidade.

— Tem toda razão, Katherine. — Jed decidiu encarar a situação com humor. —

Um homem não deve ficar excitado quando encontra uma mulher em roupas íntimas na sua cama. É evidente que ela está apenas sendo prática e objetiva, certo?

— Eu queria limpar tudo! — A voz dela, trêmula a angustiada, demonstrava que não compreendera a ironia de Jed. — Estava usando as mesmas roupas há semanas, desde que adoeci e...

— Mas o beijo... — Sem tirar os olhos dos espetos no fogão, ele a interrompeu, falando com a descontração de quem trata de um assunto banal. — O *seu* beijo não foi o de uma mulher *prática* nem *objetiva*. Já fui beijado desse modo muitas vezes e sempre por prostitutas, portanto tenho experiência para fazer comparações a esse respeito.

— Prostitutas?

Satisfeito com o efeito de seu comentário deliberadamente chocante, Jed sorriu para Katherine, que enrubescera e não disfarçava o embaraço.

— É, prostitutas. Conheci muitas quando era jovem e percorria o rio Mississipi de norte a sul. Você não *tem prática* suficiente para dar beijos *objetivos* que exigem pagamento. Beijou-me porque queria, Katherine.

— Foi *você* quem me beijou.

— Sem dúvida.

— Então eu não tenho nada a ver...

— Ora, ora! Que garota tola! Onde já se viu uma pessoa beijar sozinha? Nós dois participamos do beijo, Sra. missionária. Ou melhor, estávamos nos divertindo juntos, até você começar seu sermão sobre o pecado que nos jogaria no fogo do inferno. — Retirando os espetos do fogão, ele deu o assunto por encerrado. — Que tal jantarmos? A broa de milho...

— Está aqui! — Aflita, Katherine colocou a fôrma sobre a mesa. — Eu decidi pedir-lhe desculpas por não me encontrar adequadamente vestida quando você chegou, apesar de acreditar que um cavalheiro jamais se aproveita de...

— Agora você descobriu onde errou, Katherine. Eu nunca fui um cavalheiro. — Sem esperá-la, Jed acomodou-se à mesa, colocando uma perdiz em seu prato. — Sou um "selvagem".

— Um *métis* — corrigiu ela, sentando-se à mesa rústica como se estivesse em uma sala formal e bem decorada do leste. — É diferente.

— Não muito. A minha avó é uma "selvagem".

— Segundo me disse, ela pertencia à tribo Cree e casou-se com um francês. Certamente recebeu ensinamentos sobre a fé cristã por causa do marido, não?

— Recebeu sim. — Ele ergueu a cabeça. — Você não vai comer? Ou acha perdizes... "selvagens" demais?

— É claro que não. — Apressadamente, Katherine cortou um pedaço do assado. — Então sua avó foi convertida pelos missionários!

— Ela gostou das histórias que lhe contaram, mas os padres não gostaram dos remédios dela. — Jed não escondia seu sarcasmo. — Fizeram de tudo para proibi-la de usar as tradicionais poções de sua tribo, que minha avó sabia serem mais adequadas a seu povo. Para os Cree, o poder de curar é um dom divino e quem o recebe não tem o direito de abandoná-lo. Não impediu que meu avô trouxesse Cristo para sua tenda indígena mas, quando ele adoecia, tratava-o com as velhas receitas passadas em segredo de geração a geração.

— Sua mãe também seguiu essa tradição?

— Não, ela não herdou o dom.

— Por que era mestiça e não tinha o sangue puro?

— Porque não herdou o poder de curar — repetiu ele, impaciente com a dificuldade de Katherine em compreender um fato tão simples. — Uns recebem o dom, outros não.

— Seu avô deve ter insistido que a batizassem.

— Eu também fui batizado, não se preocupe. — Jed sorriu, lembrando o passado. — Meu avô era um homem de mente aberta, e em sua vida havia lugar para todo tipo de experiências. Ensinou-me a rezar e também a caçar com arco e flecha, a remar e a cantar as canções de caçadores. Eu o seguia dia e noite.

— Você cantou para mim quando eu estava doente. Achei que era francês... mas só ouvia o tom reconfortante de sua voz, mas...

Desviando o olhar, Katherine enrubesceu. Quase cometera a indignidade de comparar a voz grave e melodiosa de Jed com a de Thomas, alta, fina e que só sabia cantar hinos de igreja.

— Não é um francês puro segundo me afirmaram.

— E quem disse isso? — perguntou ela, aliviada por ter se calado em tempo.

— Os professores missionários. Eles queriam que eu falasse inglês, o idioma de meu pai.

— Então você fala duas línguas?

— Três, se você contar o dialeto Cree. Mas agora jante ou a comida ficará gelada.

— Três! — murmurou Katherine, maravilhada. — O inglês é mais útil, sem

dúvida. O francês, porém, soa como uma música...

— Só descobri que meu francês era impuro e se misturava ao dialeto Cree quando fui levado para a escola.

— Quem o levou?

— Meu pai, o inglês.

— Ele pretendia oferecer-lhe os benefícios de uma boa escola, queria o melhor para você.

— Como *você* pode ter certeza? E como *ele* podia saber o que era melhor para mim? Levou-me para St. Louis quando completei dez anos e entregou-me aos missionários, dizendo-lhes que eliminassem qualquer vestígio de "selvageria" de meu caráter. Nunca mais o vi.

— Não voltou para visitá-lo?

— Soube que se "correspondia" com os padres. Pensei que fosse para ter notícias minhas, mas não era bem isso. Ele apenas enviava cheques para que me mantivessem na escola.

— E sua mãe não protestou?

— Ela não tinha direito de opinar. Meu pai ia para nossa aldeia às margens do Winnipeg, o nome que os Cree dão ao Red River, e ficava enquanto seu trabalho exigia que permanecesse na região. Depois sumia por meses, um ano ou até dois, e foi em uma dessas visitas sem compromisso que resolveu ter filhos. Eu nasci antes dele partir, deixando minha mãe novamente grávida. Mais tarde, decidiu que o primogênito deveria receber uma educação de homem branco. Passei oito anos sendo forçado a falar um inglês impecável, a ler os livros certos e ser um bom cristão. Na verdade, foram só seis, porque nos dois primeiros dediquei-me apenas a elaborar planos de fuga.

— Você fugiu da escola?

Katherine imaginou Jed ainda menino, assustado mas corajoso o bastante para desafiar a disciplina rígida de um colégio interno. Sentiu pena da criança abandonada em um mundo hostil.

— Muitas vezes. E *eles* sempre conseguiam me encontrar e me levar de volta. A "correspondência" com meu pai recomeçava e, sem dúvida, recebiam um polpudo cheque para não me expulsar da escola.

— Você era muito jovem. Deve ter se sentido tão...

Subitamente, Katherine percebeu que estava cedendo à um instinto maternal insensato. Não podia duvidar que os padres, dedicados à missão de orientar os

jovens, tivessem negligenciado as necessidades espirituais de Jed.

— Mas foi bem tratado, não?

— Eu me lembro do primeiro mapa que vi — continuou Jed, como se não tivesse ouvido a pergunta de Katherine. — Quando compreendi o que representava, pedi ao professor para me mostrar onde minha mãe vivia. Ele disse que lugares primitivos não aparecem nos mapas porque só são conhecidos por caçadores de peles e... "selvagens".

— Eles cuidaram bem de você na missão? — insistiu ela. — Foram bondosos, não?

Jed hesitou para responder. Era evidente que Katherine queria acreditar na bondade dos missionários, e ele não pretendia mentir.

— Bem... francamente não sei. Cheguei a um mundo estranho, diferente do meu, e não entendia seu modo de agir nem o que queriam de mim. Eles batiam em crianças com varas de marmelo e negavam-lhes comida até que "aprendessem a lição". — Jed sorriu com amargura. — Eu nunca tinha sido tratado assim e não me conformava em aprender assim até as lições mais banais. Mas eles continuavam a insistir, tentando me ensinar.

Percebendo que Jed ainda via aquele período de sua vida com olhos de uma criança magoada e perplexa, Katherine tentou explicar-lhe a obrigação dos adultos em educar os jovens.

— Não posso lhe falar sobre a minha própria experiência, porque as meninas são menos disciplinadas por castigos corporais do que os meninos. Sei porém que até Thomas foi punido algumas vezes por seus professores.

Jed não reprimiu uma exclamação de raiva ao ouvir o tom reverente com que Katherine falara sobre o marido. "Até Thomas"... Por acaso aquele homem era um santo?

Irritado, evitou discutir o comportamento angelical do Sr. Fairfield.

— Nenhum "selvagem" cometeria a perversidade de bater em uma criança.

— Então as crianças selvagens nunca se comportam mal?

Quando Katherine deixaria de usar aquela palavra ofensiva para se referir aos índios? Enchendo-se de paciência, tentou explicar-lhe um modo de vida que, antecipadamente, previa ser além da compreensão dela.

— Comportam-se como crianças. A infância é um período de alegria e liberdade, por isso os "selvagens" lhes permitem que a usufruam até o dia de assumirem suas responsabilidades de adultos.

— Mas nunca fazem nada errado? — insistiu ela. — Nada que mereça punição?

— As crianças não têm maldade. Se cometem algum ato reprovável, é por curiosidade ou pela falta da responsabilidade que só chega com a idade madura. Enquanto vivi na aldeia, bastava um pedido de minha mãe para que eu não repetisse o erro. Então meus tios e meu avô conversavam comigo sobre o que fora feito e explicavam-me o que se esperava de mim. Não era preciso mais nada, porque eu queria ser como eles.

Jed encarou Katherine, mas os olhos dela não revelaram se entendera ou não o respeito dos índios pela inocência da infância. Suspirando, tentou ser mais claro, comparando essa atitude benevolente com a falta de comunicação e a intransigência dos brancos.

— Quando meu pai levou-me para St. Louis, não trocou uma só palavra comigo durante toda a viagem. Eu não sabia o que ele esperava de mim. Também nunca tinha estado em uma cidade grande e logo depois de chegarmos, quase fui atropelado por uma carruagem. Apanhei, ouvi uma reprimenda áspera e nenhuma explicação.

— Mas é evidente que compreende o motivo dessa atitude! Ele assustou-se porque você poderia ter morrido e quis evitar um novo acidente.

— Eu compreendi só duas coisas, Katherine. As cidades eram lugares extremamente ameaçadores, e meu pai sentiu raiva de mim, não do inimigo perigoso que quase havia me matado. Essa cólera irracional me assustou e quis abandoná-lo naquele momento e fugir de volta para a aldeia.

Jed levantou-se, fitando as brasas do fogo com um olhar distante, recordando uma época que só lhe causara sofrimento.

— E na escola, encontrei mais cólera, mais raiva e também descobri a existência do pecado e da culpa. Francamente, eu não podia imaginar uma punição pior do que usar sapatos apertados, colarinhos sufocantes e o medo constante de cometer algum erro e ser castigado com a terrível vara de marmelo.

A expressão compadecida de Katherine convenceu-o de que conseguira transmitir-lhe a incoerência da educação dos brancos.

— Também acho cruel afastar uma criança do carinho materno e abandoná-la entre estranhos, mas é preciso educá-la. Sem dúvida...

— Sem dúvida alguma, Katherine! — zombou Jed. — Meu pai não era "selvagem" e, como você, sabe o que é preciso! Ele nasceu na Inglaterra, o que transforma sua crueldade em um ato civilizado. Sem dúvida alguma!

— Os pais sempre querem o melhor para os filhos — murmurou Katherine, ignorando o sarcasmo amargo de Jed. — Acho que ele desejava dar-lhe...

— Quando fiquei adulto, fui procurá-lo. Havia terminado de percorrer o caminho que ele traçara para mim e queria mostrar-lhe o resultado da minha boa vontade e da disciplina da escola. Afinal, tinham me transformado em um homem igual a ele. Sabia ler, escrever e falar com perfeição o seu idioma, podia ser contratado pela *Hudson's Bay Company* e poderíamos trabalhar juntos. Cheguei um pouco tarde demais.

Jed calou-se, lembrando o quanto sofrera com a última e mais dolorosa ofensa.

— Ele se esforçara ao máximo e a companhia reconheceu seus méritos. Foi recompensado com um cargo em Londres, onde, segundo informações que recebi de seus companheiros, a mulher e os filhos o esperavam ansiosamente.

— Seu pai tinha... *duas* esposas?

— Pelo menos! Só que minha mãe não mereceu a devida consideração, reservada apenas às mulheres civilizadas. Viveu com ele sem papéis assinados em cartório, não teve sequer uma aliança barata. Deu-lhe dois filhos e nunca recebeu nada, nem amor.

Katherine não imaginara que fosse ficar com tanta raiva daquele inglês cujo comportamento tinha tentado defender. Sentia-se tão traída quanto Jed e não conteve sua indignação.

— Ele devia... ele tinha que ser punido! Merecia levar uma boa surra!

A risada de Jed diante daquela sugestão absurda transformou-se em uma sonora gargalhada ao notar o brilho de fúria nos olhos sempre meigos de Katherine.

— Não acredito! Além de missionária, você é um anjo vingador? Eu gostaria de vê-la com uma vara de marmelo na mão, dando uma boa surra em meu pai! Que idéia fantástica!

— Vara de marmelo? — Ela começou a rir, contagiada pelas gargalhadas de Jed. — Acho melhor um bom chicote!

— E você só pararia quando ele se ajoelhasse prometendo cumprir a penitência por seu pecado.

— E como se penitenciaria?

— Contando para sua arrogante e feia esposa inglesa que tinha uma esposa mestiça, de pele dourada e olhos negros e dois filhos lindos.

— Seria uma punição justa.

— Se existisse justiça no mundo, é claro — murmurou Jed, repentinamente sério.

Ele perdera a vontade de rir diante da beleza de Katherine, que a alegria acentuara e logo não veria mais. Ela notou a expressão pesarosa de Jed e deduziu que se relacionava à traição paterna.

— Acho que sua situação ficou ainda mais conflitante, Katherine. Agora vê um "bastardo" onde antes só via um "selvagem". Ou será que para você o significado é o mesmo?

— Eu vejo um homem bom, seja ele cristão ou não. As outras palavras... — Ela fez um gesto vago, como se afastasse insetos importunos — ... não passam de conceitos sem importância ou significado... São definições abstratas e não alteram suas qualidades nem diminuem seu valor.

— Você é uma mulher surpreendente, Katherine. Não sabe rir como uma verdadeira missionária... — ele a fitou maliciosamente — ... nem beijar com a "prática" e a "objetividade" de uma prostituta.

A primeira reação de Katherine foi de choque. Seus olhos faiscaram e ela entreabriu os lábios para protestar, mas a gargalhada contagiante de Jed a impedia de concentrar-se ou de manter a seriedade necessária para censurá-lo. Esquecendo-se de manter sua austera postura de missionária, ela entregou-se ao prazer de rir como uma criança alegre, livre de preocupações.

CAPÍTULO IV

A magia criada por uma presença feminina transformara o mundo de Jed. Três anos de solidão haviam aguçado sua sensibilidade e ele se maravilhava com detalhes que não se lembrava de ter notado antes. A delicadeza dos gestos, a graça dos movimentos e o riso cristalino e puro de Katherine. Aquele som encantador tinha o poder de evocar o brilho dourado do sol, a doçura da brisa primaveril e o frescor dos campos de sua infância feliz.

Jed sentia um desejo irracional de ouvir aquela risada melodiosa, de liberar a alegria que ela fora ensinada a conter. Adorava provocá-la até notar que os olhos azuis brilhavam e os lábios delicados se curvavam, cedendo à tentação de rir à toa. Se os missionários consideravam essa descontração uma atitude leviana, era o único pecado que os dois estavam cometendo. Katherine recusava-se a descobrir o prazer e a paixão, mas a puritana Sra. Fairfield aprenderia a divertir-se sem complexos de

culpa!

Embora procurasse impressioná-lo com sua atitude austera, a única adequada a uma missionária, Katherine não conseguia disfarçar o entusiasmo com que esperava e participava das brincadeiras de Jed. Como ele, entregava-se à alegria para não pensar na atração que crescia assustadoramente, ameaçando sua paz de espírito.

E a convalescença de Katherine servia de pretexto para que ambos evitassem conversar seriamente sobre o futuro. Ela ainda não recuperara as forças, não suportaria uma viagem, nem mesmo curta. Jed a tratava como se ainda estivesse doente, a fim de ganhar mais alguns dias de ilusão e sonho. Quem sabe a convenceria a não partir?

Todas as manhãs, ele a ajudava a acomodar-se em uma cadeira diante da cabana para tomar sol. Enquanto cuidava de seus afazeres, voltava continuamente o olhar para a mulher de cabelos dourados que lia a Bíblia ou bordava, sempre com o lindo rosto sereno. Quanto não suportava mais vê-la apenas a distância, encontrava um pretexto qualquer para aproximar-se. Às vezes eram framboesas silvestres que despertariam seu apetite ou flores silvestres que ela adorava colocar nos vasos.

O presente mais apreciado foi uma cuia de madeira cheia de favos de mel. Quando Katherine viu o que ele lhe trouxera, não resistiu ao impulso infantil de enfiar os dedos na calda doce e lambê-los, saboreando aquela raridade.

— Que maravilha! Onde você conseguiu encontrar mel? As abelhas abandonaram a colméia?

Jed demorou a responder, fascinado com o gesto de inconsciente sensualidade de Katherine.

— Eu descobri agora que seus cabelos não são realmente dourados, Katherine. Têm a cor do mel e revelam o tesouro que você guarda em seu íntimo. O homem a quem você entregar toda a sua doçura será feliz para sempre.

As palavras perturbadoras de Jed e seu olhar que refletia um desejo incontido descontrolavam Katherine. Já não estava mais doente, sendo tratada com dedicação por um bom samaritano. Voltara à vida através dos cuidados de um homem másculo que, para seu desespero, era atraente demais. E o pânico aumentava ao perceber que a mulher ardente contida em seu íntimo e incapaz de controlar a volúpia, não podia mais ser dominada por sua força de vontade.

Jed também lutava contra a atração que o destino colocara em seu caminho e só lhe causaria sofrimento. Como sempre, recorreu ao humor para romper o

encantamento que os envolvia quando não conseguiam disfarçar o desejo mútuo.

— Existem muitos métodos para roubar o mel das abelhas, mas nem sempre funcionam. Falei-lhes sobre as crianças que me esperavam na cabana e na esposa doente precisando de algo doce para restaurar suas energias, e mesmo assim as egoístas se recusaram a partilhar comigo o seu tesouro.

— Crianças? — Katherine começou a rir, esquecendo-se da tensão de momentos atrás. — Que crianças, Jed?

— Eu disse que tinha seis e todas estavam chorando porque queriam mel. O velho "Coiole" provocaria lágrimas nas abelhas se contasse essa história. Infelizmente, não fui tão convincente. Olhe!

Estendendo o braço, Jed mostrou as picadas das abelhas, que começavam a inchar.

— Que horror! — exclamou Katherine, levantando-se da cadeira e segurando o braço dele. — Você levou muitas picadas, é preciso passar sal para neutralizar o veneno...

Embora já tivesse usado o método indígena, esfregando folhas de sálvia para diminuir a dor e o inchaço, Jed deixou-se conduzir até a cabana. Não iria perder a oportunidade de ser tratado por Katherine e sentir o toque delicado das mãos dela em seu braço.

— Que remédio é esse?

— Minha mãe costumava usá-lo quando eu era menina e algum inseto me mordida. E quem é esse tal de "Coiole?"

— Um velho malandro e cheio de lábia. Minha avó nos contava suas aventuras, dizendo que não devíamos nos esquecer dos métodos usados por ele, pois algum dia nos seriam úteis.

— Pelo número de picadas em seu braço, acho que *você* não conseguiu convencer as abelhas com a *sua* lábia.

— Mas consegui um pouco de mel... — Ele olhou maliciosamente para as mãos de Katherine espalhando sal em seu braço. — E alguns benefícios inesperados...

Jed arrependeu-se imediatamente de seu comentário. Perdendo a espontaneidade, Katherine afastou-se dele e fitou-o com uma expressão de censura.

— Temos que evitar essas... familiaridades, Jed. Começam inocentemente, mas logo...

— Logo o quê? Estamos apenas rindo. Por acaso é pecado?

— Não seria se o seu riso fosse menos... íntimo. Você ri como se estivesse... me

beijando.

— Pois deveria ver o *seu* sorriso, Katherine. Se pensa que ri como uma comedida missionária, está muito enganada.

— Então estou mesmo cometendo algum engano grave. Minha intenção é transmitir calor humano e... caridade cristã.

— Caridade? — Ele fez uma careta de zombaria. — Conheci dezenas de missionários dos quais recebi amostras bem diferentes de "caridade cristã". Francamente, prefiro o seu "calor humano", Katherine.

Perturbada, ela afastou os cabelos do rosto, suspirando. Talvez, se tivesse um vestido mais austero, se fizesse um coque mais simples... não atrairia as atenções de Jed nem sentiria esse descontrole diante dos olhares dele.

Como se tivesse lido os pensamentos de Katherine, Jed deu uma gargalhada zombeteira.

— Não se preocupe com a sua aparência, Sra. missionária. A virtude que tanto preza estará a salvo enquanto defendê-la com a fúria das abelhas guardando seu precioso mel.

— Ótimo! — disse Katherine, sem sorrir.

— Eu pretendia convidá-la para cavalgar esta tarde, se tiver coragem de sair de sua colméia, é claro!

— Gostaria muito de *sair da cabana* — replicou Katherine, tentando manter uma postura digna. — Aceito seu convite.

— Então vou demonstrar minha "caridade cristã" e a levarei para conhecer os arredores.

Katherine só percebeu que iria enfrentar nova situação embaraçosa quando viu Jed selar o cavalo. As mulas tinham sido levadas para um pasto distante e não havia outra montaria nem uma sela feminina. Nunca cavalgara junto com Thomas, nem quando os dois eram crianças, e agora seria obrigada a suportar a indignidade de sentar-se na garupa e agarrar-se à cintura de um homem!

Ela estava prestes a desistir do passeio, mas o sorriso desafiante de Jed despertou sua rebeldia. Erguendo o queixo, aproximou-se do cavalo e suspirou aliviada quando braços fortes a colocaram sobre a sela.

A sensação de alívio durou muito pouco. Não teria que apoiar-se nas costas de Jed nem segurar-se na cintura dele, mas não previra os outros embaraços. Sentia a respiração quente em seus cabelos, a mão que tocava seu ombro ou seu braço para chamar-lhe a atenção e apontar algum animal entre as árvores. A boca muito

próxima de seu rosto murmurava o nome dos pássaros e das flores, aumentando sua perturbação.

A sugestão de pararem junto ao lago foi aceita com entusiasmo e alívio por Katherine. Precisava recuperar-se do descontrole causado pela proximidade de Jed e o lugar era lindo. Apesar de pouco à vontade, encantara-se com a beleza daquela região. Agora, sentada sobre a relva macia, apreciava o esplendor da natureza primitiva, e inevitavelmente comparou-a ao homem a seu lado. Ele retratava a sobriedade altiva das montanhas, o vigor das florestas e o fascínio perigoso das águas profundas e rodeadas por penhascos brancos.

— Conte-me mais sobre as suas viagens — sugeriu ela, quebrando o silêncio. — Viveu entre os Cree e os Sioux, freqüentou uma escola em St. Louis, e depois?

— Passei algum tempo em Nova Orleans. Foi nessa cidade que o menino transformou-se em um homem. Juntei-me a um grupo de caçadores de peles, e com eles percorri as florestas, usufruindo a liberdade de não ter compromissos com ninguém a não ser comigo mesmo. Então, voltei para o vale do Red River.

— Foi viver novamente com sua família?

— Só por um breve período. Meu avô tinha morrido, meu irmão era homem feito e minha mãe... tinha envelhecido demais. Eu me despedi de uma jovem forte e bonita quanto fui levado para a escola e, ao voltar, encontrei uma mulher esgotada pelo sofrimento e pelo trabalho. Decidi ficar para ajudá-la e só por isso me submeteria a trabalhar para a companhia.

— *A Hudson's Bay!*

— Sim. Eu não queria ter nenhum contato com o mundo de meu pai, mas, para permanecer entre os *métis*, só me restava essa opção. Meu povo vive sob o domínio da companhia.

— Mas seu pai não era um caçador. Ele cuidava da parte administrativa, não?

— Ele nasceu na Inglaterra — a voz de Jed demonstrava seu desprezo. — Os ingleses não se misturavam com os *métis*.

— Então por que essa relutância em caçar para eles?

— Eu odiava aqueles malditos ingleses! Estava acostumado a escolher onde queria caçar e a vender minhas peles a quem me pagasse o melhor preço. Os *métis* não têm essa liberdade, são obrigados a negociar apenas com a companhia, que os explora.

— Foi por isso que não ficou lá?

— Tive de partir porque briguei com Thomas Simpson, um inglês com amigos

influentes. Ele detestava os *métis* e já fizera muitos inimigos mas, como era ambicioso e queria alcançar postos mais altos, acabou sendo obrigado a negociar com meu povo. Nós costumávamos servir de intermediários entre a companhia e outras tribos mais hostis. O acidente aconteceu quando fomos ao território dos Sioux e meu irmão, Jean-Paul, nos acompanhou. Houve uma discussão...

Jed levantou-se, torturado pelas imagens do passado. Ainda se lembrava nitidamente do olhar de Jean-Paul quanto Simpson ofendera, pela última vez, os ancestrais e as tradições dos *métis*.

— A discussão degenerou-se e... Simpson morreu.

— Foi você quem o matou?

— Foi sua própria arrogância que o matou.

Encarando Katherine, Jed esperou pelas perguntas que seriam inevitáveis. Para sua surpresa, ela aceitou a explicação vaga, sem demonstrar dúvidas.

— Depois desse problema, eu não podia voltar à minha aldeia. Fiquei entre os Sioux.

— Onde encontrou sua esposa.

— E casei-me com uma mulher maravilhosa.

Ao olhar para o lago límpido, Jed sorriu para o espírito de Lua-da-Planície. Ela entregara seu amor a um homem consumido pelo ódio e, como a água cristalina vinda das montanhas, purificou-o e devolveu-lhe a serenidade. Mas as lembranças pertenciam a um passado já distante, a vida continuava. E os olhos de Katherine eram azuis como o céu que se refletia na superfície das águas.

— Talvez seja nossa última oportunidade para tomar um banho, Katherine. Não teremos mais muitos dias quentes como hoje e a água do lago ainda não está gelada demais.

— Um banho? E no lago? Mas... teremos que tirar...

— Tirar as roupas, é claro! Deixe de lado essa modéstia ridícula, Katherine. Não será a primeira vez que eu a verei nua, certo?

— Pode ser, mas não pretendo dar-lhe a oportunidade de ver-me novamente. Agora estou consciente e...

— Faça como quiser. Eu nunca perco a "oportunidade" de tomar um banho. — Com um gesto rápido, ele tirou a camisa. — É o meu sangue Cree. Francamente, não sei como vocês, os brancos, suportam passar a vida lavando-se com a água de uma bacia!

A gargalhada de Jed ecoou entre os penhascos que rodeavam o lago, enquanto

ele retirava as calças de couro e entrava na água com a reduzida tanga usada pelos índios. Katherine desviou o olhar, mas os sons vindos do lago despertaram sua curiosidade e, em seguida, sua inveja.

Jed divertia-se com o banho, completamente à vontade nas águas profundas e sem preocupar-se com sua nudez. Katherine aprendera a não expor seu corpo e, no entanto, não conseguia desviar os olhos do homem de pele dourada que mergulhava e reaparecia como um deus pagão surgindo no lago muito azul.

— Por favor, Katherine... poderia pegar o sabão na mochila presa à minha sela?

Pisando duro, ela subiu a encosta até onde Jed prendera o cavalo. Como se já não bastasse a vontade de tirar aquele vestido quente e refrescar-se, ainda teria de lutar contra a tentação de usar um sabão e lavar-se adequadamente!

— Quando eu terminar meu banho, sairei do lago e juro que ficarei de costas — disse ele ao receber o sabão das mãos de Katherine. — Então você pode lavar-se à vontade. Que tal a minha sugestão?

— Arriscada demais.

— Acha que iria espiá-la às escondidas?

— Não. Acho que eu morreria afogada. — Embaraçada, ela desviou o olhar. — Não sei nadar.

— Não sabe... é impossível! — Jed aproximou-se da margem. — Tire logo esse vestido e entre na água, Katherine. Conserve apenas as roupas de baixo e eu a ensinarei a boiar.

— Mas ficarão ensopadas!

— E secarão em poucos minutos. — Jed estendeu-lhe a mão. — Venha, Katherine. Esta região é cheia de rios perigosos e, se não souber nadar, uma travessia pode ser fatal.

Katherine teria recuado ao sentir a água gelada se no segundo passo já não estivesse completamente molhada. Tremendo de frio e com medo de afundar, ela parou ao lado de uma rocha para lavar-se com o sabão que Jed lhe entregava.

— Vou colocar os braços nas suas costas — disse Jed, quando ela terminou de banhar-se. — Você flutuará e só a soltarei quando estiver sentindo-se segura na água.

— Não... acho que não tenho coragem.

Embora apavorada, Katherine soltou o corpo. Afinal, ela gostava de água, passara a infância pescando nos rios cristalinos do Leste e só lhe faltava aprender a nadar. Quem sabe Jed conseguiria ensiná-la?

— Você tem de confiar em mim, Katherine.

— Está bem, vou tentar.

Quem já não confiava em si mesmo era Jed. O algodão molhado colara-se ao corpo de Katherine, moldando seus seios redondos, e bastaria abaixar a cabeça para beijá-los. Quando a jovem sem formas, magra e frágil, se transformara em uma mulher de curvas perfeitas? Controlando o desejo, ele começou a falar, com uma voz quase sussurrante.

— No início dos tempos, o espírito das águas vivia apenas nos rios e nos lagos. Então, foi criada a terra e essa divindade também se espalhou pelos campos e montanhas, surgindo nas pequenas nascentes. Confie nela...

A voz primitiva como a água e a lenda de sua divindade, continuou soando nos ouvidos de Katherine, mesmo depois que os braços já não mais a sustentavam. Era a mesma voz que a trouxera de volta à vida, cantando em francês e transmitindo-lhe energia e confiança.

— *Voilà!* Você flutua, leve como uma pluma, *ma petite*. A água a sustenta.

A exclamação entusiástica de Jed rompeu a magia e Katherine, sentindo-se afundar, agarrou-se nele.

— Durou muito pouco, mas eu consegui! Com sua ajuda, é claro, mas... consegui! E agora? Qual será o próximo passo?

— Sair da água antes que você congele. Seus lábios estão azuis de frio.

— Não! Eu não sinto frio. Quero...

— Mas logo sentirá. Não adianta apressar a natureza, Katherine. Vamos aos poucos e, no próximo verão, você estará nadando como um peixe.

— No próximo verão?

Subitamente, Katherine voltou à realidade e, soltando-se dos braços de Jed, recuou em direção à margem. Perdera completamente o juízo! As roupas de baixo, molhadas e transparentes, não escondiam sua nudez e mesmo assim estava abraçada a um homem também despido!

— Eu... não estarei mais aqui no próximo verão — murmurou ela, com sua voz de missionária. — Pretendo chegar bem antes disso a Rye Grass.

— Talvez encontre quem a ensine... nesse lugar.

— Não terei tempo para perder com futilidades. — Katherine saiu do lago, sem olhar para Jed. — Há muito trabalho a ser feito junto aos... aos índios.

— E todos eles sabem nadar. — A patética tentativa de Katherine para recuperar a dignidade enterneceu Jed. — Os Cayuse e os Yakima adoram a água e

suas mulheres...

— Não pretendo adaptar-me aos costumes deles. Minha missão é justamente...

— Obrigá-los a aceitar os seus, certo? — Ainda controlando a raiva, Jed entregou o vestido a Katherine, que tremia convulsivamente. — Mesmo assim, terá que pescar...

— Serei uma pescadora de homens. Quero trazê-los para o seio da igreja e dar-lhes o conforto...

— Agora o conforto é vestir roupas secas. Não perca tempo fazendo sermões, Katherine. Vá vestir-se depressa!

Jed a esperou desaparecer entre os arbustos e, tirando a tanga molhada, vestiu as calças. Se Katherine o visse nu, esconderia o rosto, rubra de vergonha. Todas as vezes que ela agia como uma mulher, sentia vergonha e se refugiava sob sua máscara de missionária puritana. Esse comportamento, que se repetia constantemente, o enfurecia.

Quando Katherine voltou, Jed já controlara a raiva e, recostado em uma rocha, aquecia-se ao sol, comendo algo que retirava de uma bolsa de couro.

— Venha esquentar-se, Katherine. — Ele estendeu a mão para ajudá-la a subir. — O exercício a deixou com fome?

— Muita! O que você está comendo?

— Chama-se *pemmican* e é feito de carne seca moída, nozes e passas. Não há nada melhor para afastar o frio.

— Deve ser mesmo — murmurou Katherine, esforçando-se para não demonstrar que o gosto era horrível.

— É uma comida de inverno que os caçadores nunca esquecem de levar em suas mochilas. Os brancos não precisariam cozinhar o couro de seus cavalos para não morrer de fome se comprassem o *pemmican* nos fortes por onde passavam indo para o Oeste.

Katherine fez uma careta de incredulidade. Ninguém poderia comer couro, mesmo cozido!

— As pessoas que a abandonaram não poderão fugir dos rigores do inverno. Logo acaba a farinha, a gordura e, como não se encontra caça com facilidade, qualquer coisa serve. — Jed fitou-a zombeteiramente. — Mas vocês, os sábios brancos, não têm nada a aprender com os "selvagens", é claro!

— Eu nunca disse que sabia tudo. — Ela desviou o olhar embaraçada. — Certamente receberei lições...

— *Mon Dieu!* Está admitindo que os "selvagens" podem lhe ensinar algo?

— Sobre a vida nesta região — continuou Katherine, ignorando a interrupção sarcástica. — Mas essas divindades pagãs sobre as quais falou são...

— O espírito das águas?

— Você é cristão — insistiu ela. — Sofreu e lutou para ver a luz e não deve perder as crenças que adquiriu e retornar às trevas.

— Sou um *métis*, Katherine. Nem inglês, nem francês, e nem Cree. Meu sangue é uma mistura de tantas raças que não pertence a nenhuma. Sou obrigado a conviver com todas as minhas partes ou não serei ninguém; portanto, não espere que eu escolha. Já tentei e me arrependi.

— Mas você não pode ser cristão e, ao mesmo tempo, pagão.

— E por que não?

— Ora... não é certo. Só existe um caminho.

— Prefiro continuar errado e ser um homem completo que conhece muitos caminhos.

Erguendo o rosto para receber o calor do sol, Katherine pensou na dificuldade que sentia para entender aquela personalidade complexa. Thomas era tão diferente! Quando as incoerências de Jed a deixavam perplexa, esforçava-se para lembrar a reconfortante simplicidade do marido.

Thomas viera ao mundo para cumprir uma missão sagrada e todos os seus pensamentos se voltavam para esse objetivo. Ele era um homem único, puro de corpo e alma, sem maldade ou malícia. Se ao menos tivesse o dom do marido para encontrar as palavras corretas e convencer Jed! Por mais que Katherine tentasse, não lhe ocorria nenhum argumento convincente.

— O seu nome é Jedediah, como o do profeta?

— Meu nome é Jed.

— Sem dúvida recebeu um outro nome ao ser batizado. — Ela percebeu o tom defensivo de Jed e teve certeza que não estava no caminho errado. — Seu irmão chama-se Jean-Paul e imaginei que seu avô tenha escolhido esse nome, portanto você...

— Foi mesmo meu avô quem decidiu, mas eu sou Jed West. Nada além de Jed West.

— Como seu pai o chamava?

— "Garoto" ou "menino". — Ele a encarou desafiante. — O que há de errado com *Jed*?

— Nada. Só fiquei curiosa para saber mais.

— Sou o que você vê, Katherine.

E ela via apenas Jed. Naquele momento, o mundo de Katherine se resumia àquele nome, àquele homem e àqueles olhos negros que a fitavam com paixão. Desaparecera o passado, a lembrança de uma outra vida e em sua mente só existia um pensamento: ia ser beijada. Nada era mais importante do que sentir os lábios possessivos se apoderarem dos seus.

Jed tomou-a nos braços, sentindo-a se entregar sem resistência ao contato íntimo de suas bocas que se buscavam, impelidas pela paixão. Uma estranha ternura se mesclava ao desejo ardente e ele tentou transmitir-lhe através dos lábios a doçura da invasão de seus corpos que se uniriam. Com carícias lentas, foi despertando-a para o prazer que antecipava a volúpia da posse.

Katherine sentiu-se novamente flutuando nas águas, consciente apenas do calor que a envolvia e das sensações inebriantes. A mão de Jed deslizava sobre sua pele tocando os seios rijos, as coxas macias, descobrindo curvas e planos, numa viagem de prazer e delírio. Arqueando o corpo vibrante de paixão, murmurou o nome dele.

— Espere, *ma petite*. Quero amá-la sobre a relva macia, não aqui...

Vindas de muito longe, as palavras atingiram a consciência de Katherine, que retornou à realidade. "Espere, não aqui"... uma onda de vergonha envolveu-a e Katherine não teve coragem de abrir os olhos e encarar Jed.

— Pare, por favor. Sou fraca e não consigo lutar contra essa sensação terrível. É ainda mais forte do que com Thomas e...

— Sensação terrível — interrompeu ele, chocado.

— A sensação que você desperta em mim quando...

— Quando eu a toco?

— E quando me beija. Às vezes... até um simples olhar.

— Não há nada de errado com essa sensação, Katherine. É o desejo, natural em todos os seres humanos.

— Talvez seja natural para os homens. — Envergonhada, ela escondeu o rosto no peito de Jed. — Uma mulher jamais deve permitir que essa sensação a domine. É errado, eu sei.

— As mulheres também sentem desejo. — Jed acariciou-a com a ternura com que a acalmara durante a doença. — Você já foi casada e sabe que...

— Thomas preocupava-se muito com a minha segurança e não queria que eu

ficasse grávida. A viagem ficaria ainda mais difícil, por isso...

— Ele nunca... — Atônito, Jed sentiu a cabeça de Katherine mover-se de encontro ao seu peito, respondendo negativamente. — Nem uma única vez?

— Thomas era um homem perfeito, quase um santo.

— Tinha de ser mesmo! — exclamou Jed, abismado.

— Mas ele me amava! Sei que me amava!

Katherine preferia morrer a confessar que era ela quem beijava o marido e, dominada por um desejo pecaminoso, insistia em consumarem o casamento.

— Seu marido estava certo. Quando um homem não controla sua paixão, pode matar seu amor.

— Oh, Jed. — Esquecendo-se da vergonha, Katherine levantou a cabeça, pronta para consolá-lo. — Você não matou sua esposa. Deu-lhe a felicidade de gerar um filho e não podia saber...

— Tentei ajudá-la e falhei. O bebê não nascia... talvez se eu fosse "quase um santo", ela estivesse viva agora.

— Todas as mulheres sabem que uma nuvem sombria paira sobre a felicidade de ter um filho. Minha mãe morreu dando a luz ao meu irmão.

Os dois continuavam abraçados, agora unidos pela dor. A paixão porém não tardaria a voltar, e embora Katherine desejasse confortá-lo e ser confortada por ele, forçou-se a encarar a realidade.

— Não devo passar o inverno ao seu lado, Jed. É melhor, para nós dois, que eu parta logo.

— Mas não posso levá-la à missão dos Whitman antes da primavera.

— Eu sei, mas pode levar-me a Fort Hall.

— Por quê? — A voz de Jed ficou mais ríspida e fria. — Nunca a forçaria a nada. Não confia em mim?

— Não confio em mim mesma. Se eu ficar, nós dois sabemos o que irá acontecer.

— Então talvez seja esse o nosso destino.

Katherine fechou os olhos, lutando contra a tentação de se deixar convencer por Jed.

— Tenho que completar a missão de Thomas. Não posso pertencer a outro homem, sou uma missionária.

— Eu não posso ficar em Fort Hall para protegê-la. Quem a defenderá?

— Já estive lá e sei que terei a companhia de uma outra mulher.

— E de muitos homens também! — Jed se enfureceu diante da obstinada ingenuidade de Katherine. — Estaria a salvo comigo ou, pelo menos, não correria tantos perigos. Você não conhece esta região primitiva.

Em pânico, Katherine sentiu que perdia a força de vontade, esquecendo-se da importância de sua missão. Se ficasse mais tempo ao lado de Jed, cederia ao desejo e jamais terminaria o trabalho iniciado por Thomas.

— Eu sei que não estou preparada para os rigores da vida no Oeste, Jed. Mesmo assim, insisto que não poderei passar o inverno a seu lado porque seria ainda mais perigoso para mim. Por favor, leve-me até Fort Hall e eu lhe pagarei o que pedir.

Jed ficou tenso ao ouvir aquela proposta ofensiva. Erguendo-se, puxou Katherine e, em pé diante dela, fitou-a com ódio.

— Eu disse que não iria a Fort Hall e não pretendo repetir novamente. Tomo minhas próprias decisões, portanto, está encerrado. Vista-se depressa. Tenho muito trabalho à minha espera.

CAPÍTULO V

Desde os primeiros dias de outubro, a relva amanhecia coberta de gelo e o sol só esquentava no meio do dia. No início da tarde, começavam a soprar os ventos gelados, já prenunciando um inverno rigoroso.

O final do outono representava um período de intensa atividade na vida de Jed. Era a época ideal para caçar e ele partia em busca da carne que salgaria para sustentá-lo durante o inverno e das peles que venderia ou trocaria por outras mercadorias. Sempre acompanhado por seu sócio índio, que Katherine nunca conseguira ver, negociava com os donos dos armazéns da região, evitando aproximar-se dos postos de troca de Fort Hall e Fort Boise, pertencentes à *Hudson's Bay Company*.

Katherine descobrira logo que um método infalível para pôr fim a uma conversa agradável era mencionar esses dois fortes. E, se porventura Jed suspeitasse que ela abordara o assunto com a intenção de pedir-lhe para partir antes do início do inverno, emudecia ou, mais freqüentemente, saía da cabana, batendo a porta.

Outras vezes porém, Jed saía, deixando-a sozinha sem nenhum motivo aparente. Ao virar-se sem avisar, Katherine o via fitando-a com um olhar

enigmático. Então, sem falar ou dar-lhe qualquer explicação, ele desaparecia por longas horas.

Infelizmente, Katherine não podia contar-lhe que também lutava contra seus próprios impulsos. Sentia-se infeliz, sempre à beira das lágrimas, e quando encontrava os olhos negros onde se lia um desejo intenso, queria confessar-lhe suas dúvidas e seus anseios. Sabia porém que seria melhor para ambos se a verdade não fosse revelada.

O desejo crescia a cada dia que passava e a cabana, pequena demais, forçava-os a uma intimidade perturbadora. Katherine reconhecia que estava se prendendo demais àquele homem, mas continuava adiando uma atitude definitiva. Só quando Jed mencionou que iria soltar as mulas durante o inverno, ela foi obrigada a encarar sua própria fraqueza e entrou em pânico. E se os animais se afastassem demais e não pudessem ser encontrados na primavera? E se os índios os roubassem? Como continuaria sua viagem?

Transtornada, Katherine ouvia a voz da mulher sensual, que lutava para suplantar a missionária dedicada, dizer-lhe para deixar os animais partirem. Então lembrava-se que a carroça e as mulas simbolizavam seu compromisso com Thomas, o único elo ligado à missão idealizada pelo marido, um sonho que precisava manter vivo!

Depois de passar horas torturando-se à procura de uma solução, Katherine saiu da cabana no final da tarde, decidida a tomar uma atitude. Sabia que logo o gelo cobriria o capim e as mulas não teriam como se alimentar. Mas, se conservasse apenas uma...

Sua escolha recaiu em Jackie e, resolvida a escondê-la de Jed, começou a puxá-la pelo cabresto. A mula porém estava firmemente plantada sobre a corda e não se movia.

— Vamos, Jackie. Dê só um passinho para a frente e eu soltarei a corda. Mexa-se, por favor!

Evidentemente aquele animal merecia sua fama de teimoso! Indiferente à polidez do pedido, a mula pisou com o casco pesado sobre o pé de sua dona, que gritou de dor. O ruído assustou Jackie, provocando a previsível e instintiva reação do quadrúpede: um coice violento que jogou Katherine bem no meio do rio.

A primeira reação de Katherine, ao mergulhar na água gelada, foi de choque e depois de ódio daquele animal obstinado. Então, quanto tentou levantar-se, percebeu que não se tratava apenas de um contratempo banal. Suas roupas

encharcadas pesavam demais e a correnteza, muito forte, também a impedia de ficar em pé e caminhar até a margem do rio. Em poucos segundos, foi arrastada para longe e seus gritos abafados pelo ruído das águas.

Ela estava prestes a se entregar ao pânico e abandonar a luta, quando seu corpo bateu de encontro a uma rocha. Recuperando o instinto de sobrevivência, agarrou-se à pedra coberta de limo, por sorte grande o suficiente para servir-lhe de apoio. Forçando-se a raciocinar, constatou que seus pés tocavam o leito do rio e, pelos seus cálculos, a margem estava a menos de cinco metros. Poderia alcançá-la, se as condições fossem normais, sem a violenta correnteza das águas turbulentas.

Ela não teve forças para dar nem o primeiro passo e por pouco não conseguia agarrar-se novamente à rocha. Trêmula de frio, percebeu que perdera a sensibilidade nos dedos e nos pés. Tentando manter a calma, concluiu que precisava tirar as roupas para diminuir o peso a carregar. Mas, como? E a coragem para largar a pedra?

Pois teria de dominar o medo! Não pretendia desistir da luta e ficar naquela rocha até morrer de frio. Rezando, esforçou-se para encontrar um ponto de equilíbrio no leito pedregoso do rio para firmar-se e então soltar uma das mãos.

Na luz cambiante do final da tarde, poucas pessoas veriam algo sobre a rocha no meio do rio. Um caçador talvez pensasse que se tratava de um urso pardo pescando seu jantar. Mas Jed West reconheceu a distância o casaco de Katherine, e antes mesmo de saltar do cavalo, tentou acalmá-la.

— Agarre-se bem, Katherine. Chegarei até você em menos de um minuto. Não fique com medo.

Jed foi tirando as roupas enquanto corria para o rio. As ceroulas de lã ficaram jogadas na margem e mergulhou completamente nu nas águas geladas. Em pânico, Katherine atirou-se em seu braços antes que ele estivesse perto o bastante para segurá-la. Conseguiu agarrá-la e retornar até a rocha para recuperar o fôlego. Depois de afundarem duas vezes, mudou de tática e, colocando-a sobre seu ombro, cruzou a correnteza.

Quando chegaram à margem do rio, os dois tremiam convulsivamente. Tossindo e engasgando-se com a água que engolira, Katherine largou-se no chão sem forças para dar mais um passo.

— Ajude-me, Katherine. — Jed tentava abrir os botões do casaco dela. — Precisa livrar-se dessas roupas... vão congelar e não conseguirá mais tirá-las.

Ela perdera a noção da realidade e sentia-se envolvida por uma sonolência que

a impedia de raciocinar ou mover-se. Custou a identificar o som estranho que ecoava no silêncio da floresta: eram os seus dentes e os de Jed batendo de frio!

— Onde... estão suas roupas?

— Secas. — Apesar de não controlar os tremores de frio, ele conseguira arrancar o casaco e o vestido de Katherine. — Tente tirar sozinha o resto das roupas. Depressa! Precisamos de fogo.

Ao levantar-se para procurar madeira, Jed assustou-se com a aparência de Katherine. Lívida e com os lábios azulados, ela não resistiria ao frio por muito mais tempo. O sol já desaparecera e soprava um vento gelado.

Jed nunca fora tão rápido em toda a sua vida. Enquanto apanhava alguns gravetos, reuniu suas roupas e pegou os fósforos na mochila presa à sela. Ao voltar para o lado de Katherine, que não conseguira abrir os botões do corpete, despiu-a e depois vestiu calças de couro. Envolveu-a em suas ceroulas de lã e então pôs-se a acender o fogo.

— Perdeu o juízo, Katherine? Como foi parar no meio do rio? Podia ter morrido afogada ou de frio!

Os dentes dela continuavam batendo tanto que não conseguiu emitir um som.

— Droga! Responda a minha pergunta! Que diabo estava fazendo?

— S-Separando... u-uma das... mulas.

— Eu disse que cuidaria delas! E isso não explica como foi parar no rio!

— A... mula pisou... no meu pé. O coice...

— É inacreditável! — Ele a olhou com uma expressão de desprezo. — Você consegue ser mais idiota que essas malditas mulas... e mais teimosa também!

Puxando-a para mais perto do fogo, Jed entregou-lhe sua camisa.

— Esfregue as pernas e os pés para reativar a circulação. Vamos! Não fique parada.

— E você? Seus lábios estão azuis.

— Se nós ficarmos doentes por causa dessas malditas mulas, juro que arranco o couro delas para fazer sola de sapato! Centenas de solas!

— Mas... Jed... não posso perdê-las. Preciso delas para... ir...

— Não fale mais desses animais na minha frente! Ninguém vai a lugar algum, agora! Quando você ficar menos... *azul*, voltaremos para a cabana.

Katherine não saberia dizer como chegou à cabana. Abalada pelo acidente, sentiu-se vivendo um pesadelo e quando recuperou a lucidez, estava sentada diante do fogão a lenha, vestindo sua camisola de flanela com Jed a seu lado.

— Como...

— Dê-me o pé machucado. — Bem perto dela, Jed também continuava tremendo de frio. — Vai doer, mas é preciso massageá-lo.

Realmente, a dor foi intensa, mas as lágrimas de Katherine não eram provocadas pelos ferimentos. Jed estava furioso e com toda a razão. Só causara problemas e ele precisara cortar o cobertor para enfaixar seu pé.

— Achei que você não soltaria as mulas se eu me mostrasse capaz de cuidar de uma delas.

— Esses animais comem muito e precisam procurar pastos mais distantes para sobreviver. Na primavera, eu as traria de volta.

— Mas eu pensei...

Katherine não teve coragem de continuar. Como confessar-lhe que finalmente decidira partir? Todas as vezes que ele despertava os seus desejos, lutava contra a atração proibida pensando em algo nobre. A missão de Thomas se transformou em um símbolo de sua pureza que devia ser preservada e só conseguiria se prosseguisse a viagem.

— Sei que está com raiva de mim — disse ela, preocupada com a expressão calma de Jed. — Agi como uma criança irresponsável, fui tola demais e merecia ser punida!

— Um homem só deve punir sua mulher quanto ela é infiel ou foge do trabalho.

— Eu não sou sua mulher!

— E muito menos uma criança, embora tente me convencer que não saiu da infância. Por que não aceita que é uma mulher, Katherine?

Os dois se fitaram em silêncio. Katherine não podia responder e Jed não queria uma resposta. Mesmo sem ouvi-los, já sabia que os motivos dela não o agradariam!

— Nada disso importa. Como eu poderia pensar em puni-la? Basta tê-la a meu lado, sã e salva.

— Graças a você — murmurou ela, comovida com a inesperada ternura de Jed. — Se não me visse no rio...

— Talvez deva agradecer ao seu Deus, que me conduziu ao lugar certo.

— Oh, Jed! Então acredita que Ele nos conduz?

— Lógico que sim! — Sorrindo, Jed afastou uma mecha dourada que caíra sobre a testa de Katherine. — Como não acreditar? Afinal, é a segunda vez.

— Agora me entende, Jed? — exclamou ela, interrompendo-o. — Foi um sinal

de que eu devo prosseguir e levar adiante a missão de Thomas.

— Tenho uma outra visão de seu "sinal". Voltaremos a falar sobre isso outro dia, porque você continua tremendo de frio e precisa de calor.

Jed não tinha pressa. O tempo a convenceria a aceitar uma nova realidade e ele aproveitaria o inverno para ensiná-la a descobrir o amor.

— Talvez eu esteja tremendo de medo, mas... um chá quente ajudaria a me aquecer ou a me acalmar.

— Ótima idéia! — Ele foi até o fogão e voltou minutos depois com duas canecas de chá e um prato com broas de milho. — É um excelente remédio, mas um pouco forte demais, por isso beba devagar e coma bastante.

— O que é? — Katherine empurrou a caneca, assustada. — Por acaso colocou... "a bebida do demônio"?

— Só um pouco de uísque e não há nenhum "demônio" no Oeste.

— Ah! Não posso tomar. O álcool é um veneno.

— Também pode ser considerado um remédio, Katherine. Você precisa aquecer-se e o uísque é muito usado para afastar o frio. — Com o olhar distante, ele prosseguiu: — Também o usam para agradar os "selvagens" e depois comprar todas as suas peles por uma ninharia.

— Embebedam os índios para enganá-los?

— É um costume bastante generalizado nesta região. As negociações começam com uma rodada de bebida, uísque ou rum, e depois discutem-se os preços. De todos os males trazidos pelo homem branco, o álcool foi o mais destrutivo.

— Eu sei! — Katherine disse com um sorriso estranho. — Mas está me ajudando... sinto o sangue correr em minhas veias quente como fogo! É mesmo reconfortante!

— Então trate de comer. Se continuar bebendo com o estômago vazio, logo estará vendo miragens.

— Por que está assim, com tanto frio? — Ela tomava um gole atrás do outro, deliciada. — Afinal, os Cree banham-se nos rios até ficarem cobertos de gelo. Oh! Quero dizer, até quando os *rios* estão cobertos de gelo, não os *Cree*. — Sem controlar o riso, ela continuou: — Detestaria ver você coberto de gelo, Jed!

— Será mesmo? Se eu congelasse, sua virtude estaria à salvo de minhas atenções... importunas e perigosas.

— Sinto-me perfeitamente segura a seu lado.

— A julgar pelo que aconteceu hoje, quem não está seguro sou eu! Você

consegue criar situações complicadas demais para o meu gosto, Katherine.

— Sei que só lhe causei problemas e sinto-me tão culpada por perturbar a vida de outras pessoas. Minha madrastra sempre disse que eu seria uma carga pesada para qualquer homem. Infelizmente, acho que ela estava certa!

O sorriso de Katherine deu lugar a uma expressão desconsolada. Percebendo que o chá provocava-lhe uma agradável ousadia, esvaziou a caneca com um gole a fim de criar coragem de prosseguir.

— Era para ela que eu representava uma carga insuportável, sabe? Meu pai, um comerciante muito rico e muito ocupado, precisava de uma esposa. Não podia continuar sozinho depois que minha mãe morreu e Abigail... precisava de um marido. Uma combinação perfeita. Só não *precisava* dos filhos de outra mulher, um fato que não se cansava de repetir.

— Os "selvagens" consideram as crianças um presente dos deuses. Pena que os civilizados se julguem sábios demais para aprender conosco.

— Nunca ouvi uma palavra de aprovação por parte de Abigail. Criticava meu modo de vestir, de pentear os cabelos, ridicularizava minha aparência, insignificante demais para atrair qualquer homem... a não ser um pregador, é claro! Também não gostava de Thomas e, como previa uma vida de penúria para nós, insistia em nos avisar que não voltássemos pedindo a ajuda de meu pai quando estivéssemos prestes a morrer de fome.

— E seu pai aprovava sua viagem para o Oeste?

— Ele aprovou meu casamento e também disse que, se fosse jovem, gostaria de se aventurar como nós.

— Sem dúvida queria livrar-se dessa esposa insuportável!

— Oh, não! Abigail é uma mulher linda e meu pai a trata como uma princesa. Ele realmente considera o Oeste a terra das grandes oportunidades, um lugar onde jovens corajosos podem acumular grandes fortunas. Afirmou que a contínua chegada de pioneiros americanos no Oregon transformaria esta região em um território dos Estados Unidos. Os ingleses só ficariam com os postos de troca de mercadorias e...

— E com os grupos de *métis* que a *Hudson's Bay Company* prendeu em sua rede. — Jed ergueu a cabeça, sorrindo com amargura. — Seu pai tem razão, Katherine. A companhia controla rigidamente a caça em sua área, mas incita qualquer aventureiro a devastar a região ao longo do rio Snake com o intuito de afastar os comerciantes e os caçadores americanos. Não perceberam que os

pioneiros representam o maior perigo à sua dominação. A ocupação conjunta do Oregon, pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, sempre foi uma medida que só funcionava bem nos papéis e está prestes a terminar.

— E que lado você apóia?

— Apoio Jed West, mais ninguém.

— Não é isso! — insistiu ela. — Que país você defende?

— Que país? — Ele a fitou, desanimado. Katherine não teria condições de entender a sua situação. — Não sou cidadão de país algum, pertenço à tribo dos *métis*, um povo cujas raízes se prendem às margens do Red River.

Katherine jamais saberia o que significava pertencer a uma tribo unida por tradições, costumes e laços de sangue. Desde menino, revoltara-se ao ser separado de seu povo e passou anos sonhando com o dia em que se reuniria a eles, mas só descobriu a intensidade de seu sofrimento ao retornar à aldeia. Como as tribos das pradarias, os *métis* seguiam as manadas de búfalos durante o verão e Jed lembrava-se nitidamente da excitação provocada pelas grandes caçadas, do cheiro de carne assada em enormes espetos sobre brasas e a alegria das celebrações antes de retornarem ao vale do Red River para passar o inverno.

— Algum dia, eu voltarei — murmurou ele, com uma expressão solene. — É meu lugar, nunca me adaptarei a outro tipo de vida. Pertenço aos *métis*.

A angústia na voz de Jed era tão intensa que Katherine sentiu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Por que não voltou, Jed? É por causa do homem que foi baleado?

— Esqueça-se desse assunto, Katherine. É um ato que pertence ao passado e, se for possível, deve ser esquecido para sempre.

— Se for possível? Por acaso o acusaram de tê-lo assassinado, Jed? Não posso acreditar. Você não tem a maldade necessária para tirar a vida de ninguém. — Ela aproximou-se mais. — Ou... foi seu irmão quem o matou?

— Simpson era... — Jed fez uma careta de ódio. — Era o que era, mais nada. Chega de falar sobre esse assunto, Katherine. Aliás, gostaria que você esquecesse tudo e apagasse esse fato de sua mente.

— Por que confiou tanto em mim?

— Francamente, não sei.

Jed queria contar-lhe toda a verdade, revelar a Katherine que não matara Simpson. Ela acreditara em suas palavras, mas sentia uma inexplicável necessidade de reafirmar sua inocência. Entretanto, que valor poderia ter o juramento de um

fugitivo da Lei, um mestiço sem raízes?

— Como está o fogo? — perguntou ele, levantando-se abruptamente. — Falo das chamas interiores que a aqueceram. Precisa de mais uma dose?

— Ah! É uma delícia mas... não sei se devo. Acho que estou ficando tonta. Sinto o rosto quente...

— Então coma mais um pouco.

Sorrindo sem motivo, Katherine olhou para o fogo e viu as miragens que Jed mencionara. Entre as chamas, avistara um homem de beleza excepcional, pele dourada e corpo atlético, vindo em sua direção... completamente nu. Em vez de envergonhar-se, como sempre, quis partilhar com ele a euforia que sentia por ter sido salva.

— Você foi um verdadeiro herói, hoje, Jed.

— Um herói "selvagem"?

— Oh, não! Um galante cavalheiro medieval, enfrentando um dragão feroz... um herói civilizado!

— Acho que o banho frio afetou sua mente. Não vi nenhum dragão me impedindo de chegar até você e, que eu saiba, cavalheiros medievais ou heróis civilizados nunca ficam nus quando vão salvar suas donzelas.

O brilho no olhar de Katherine e seu riso solto encantavam e, ao mesmo tempo, perturbavam Jed. Dera-lhe uísque demais e, se lhe oferecesse mais uma xícara daquele chá, estaria agindo como os brancos que desprezava, servindo primeiro a bebida e depois abusando de criaturas privadas de raciocínio.

— Você sempre se comporta com a polidez de um perfeito cavalheiro, sempre!

— O brilho nos olhos de Katherine aumentava e seu sorriso ficava mais insinuante.

— É um homem civilizado Jed West. Esse fato não depende de estar vestido ou completamente nu. Também não importa se usa os cabelos longos, adora o espírito das águas... de qualquer forma, será um herói!

— Sua avaliação de meu caráter é muito elogiosa.

— E a repetirei a quem quiser me ouvir. Se for preciso, eu testemunharei a seu favor, aqui na terra ou nos portões do céu. Direi em alto e bom som que Jed West é um homem civilizado e capaz de atos heróicos!

— Agradeço suas palavras, mas...

— Eu poderia ser mais convincente se soubesse o seu verdadeiro nome — continuou ela, sem perceber a interrupção. — Acho Jed muito bonito, mas tenho certeza que você está me escondendo a verdade. Deve ser francês e, como não

conheço esse idioma, não consigo imaginar qual seja. Adoro sua maneira de falar, lenta e...

— E enrolando as palavras como você está fazendo agora?

— Não, não, sua voz é fascinante. — Katherine sorria, com uma expressão sonhadora em seu rosto corado. — Como um rio caudaloso, correndo entre penhascos altivos, refletindo a força da natureza...

— O guardião dos portões do céu ficará impressionado com sua veia poética, Katherine.

— Foi um dos sons mais suaves e reconfortantes que já ouvi. Lembro-me de sua voz trazendo-me de volta à vida.

— E lembra-se do que eu dizia?

— Não, mas era pouco importante que eu entendesse. Bastava ouvir a voz e sabia que não estava sozinha.

Já passara o tempo em que a voz de Jed significava apenas proximidade e segurança. Agora Katherine sentia o calor do corpo másculo junto ao seu, via o brilho ardente dos olhos negros e guardava nos lábios o sabor dos beijos apaixonados.

— Eu sei o que lhe disse. Pedia que vivesse para me dizer seu nome.

— E eu disse... é Katherine.

— Katherine... de cabelos cor de mel e muito, muito doce. Seus lábios estão pedindo para serem beijados, doçura.

— Eu sei. É uma sensação estranha, sentir que estão vivos e esperando os seus.

Jed tocou, com a ponta dos dedos, a pele macia do rosto de Katherine. Hesitante, traçou o contorno da boca delicada, ansioso por atender o pedido que se refletia nos olhos azuis, muito brilhantes. Ela queria um beijo, apenas uma carícia que celebrasse a vida após ter entrevisto a morte. Sua voz a reconfortava, seus lábios a encorajariam. E o seu prazer seria senti-la vibrar por mais breve que fosse o contato.

Katherine fechou os olhos, certa que os lábios possessivos de Jed reclamariam os seus. Mas ele não tinha pressa e beijava-lhe o rosto, adiando o momento de liberar seu ardor em um beijo apaixonado.

— Sua pele é tão sedosa, quente.

— É o seu calor que me aquece.

Então, as palavras já não tinham mais sentido e seus gestos, numa lentidão harmoniosa, buscavam o encontro de seus corpos, vibrantes de desejo.

Katherine descobrira o prazer de abandonar sua boca à outra boca e entregou-se às sensações excitantes, perdendo a consciência do mundo ao seu redor. Percebeu vagamente que Jed a sentara no colo dele e, com mãos trêmulas, abria os botões de sua recatada camisola. Sentiu os mamilos se endurecerem e, entreabrindo os olhos, viu-o admirar seus seios com um olhar de encantamento.

Os dedos de Jed brincavam amorosamente com os seios rijos, traçando círculos em torno dos mamilos. Envolvida por um desejo incontrolável, Katherine ouviu seu gemido de prazer ecoar no silêncio da cabana, um som desconhecido para ela.

Encorajado pelo abandono com que Katherine se entregava às carícias, Jed deitou-a sobre o tapete de pele. Sonhara com o momento em que beijaria os seios perfeitos, entrevistados sob o algodão transparente do corpete. Ela não protestou quando seus lábios envolveram o mamilo ereto, sugando-o com avidez. Agora reconhecia sua voz embriagada pelo desejo enquanto arqueava o corpo, oferecendo-se à paixão.

Então Jed tirou-lhe a camisola e, imóvel, admirou a perfeição do corpo esguio, de pele alva e acetinada. Beijou-lhe o ventre e as coxas nuas até sentir que Katherine se movia em busca do contato de suas mãos.

— O seu corpo está me convidando a possuí-lo, Katherine.

— E você me transformará em uma mulher?

— Eu não conseguiria resistir, amor. Prometo que serei delicado e, depois da primeira vez, sentirá o mesmo prazer. Temos toda a noite e muitas outras, não há pressa.

— Sim... depressa, Jed. Antes que... quero ser sua antes...

As palavras de Katherine, um acariciante murmúrio, soaram como um apelo desesperado aos ouvidos de Jed. Antes de quê? Do efeito do uísque se desfazer? Ou de alguém surgir entre as nuvens para espreitar a paixão de um homem e uma mulher, vivos e dominados pelo desejo?

— Não espere mais, por favor...

— Olhe para mim, querida.

Os olhos de Katherine permaneciam fechados e, no rosto pálido, os lábios tremiam. A bebida teria provocado uma reação física desastrosa? Ou ela implorava que a libertasse do fantasma de um homem morto? Perturbado, Jed afastou as mechas douradas que haviam se colado à testa molhada de suor.

— Não sou seu marido, Katherine.

— Claro que não. — Enfim, ela abriu os olhos e sorriu. — Acha que não sei

quem você é, Jed?

— Não quero que se entregue a mim pensando em outro homem, imaginando estar em outros braços.

— Não existe ninguém, nunca existiu. Por favor, Jed.

Na manhã seguinte, Katherine negaria suas palavras. Diria que Thomas vivia em seu coração, insistiria na tarefa de levar adiante a missão do marido. E então Jed passaria a noite ouvindo as confissões de arrependimento de uma mulher que desejava dedicar sua vida a catequizar os "selvagens".

Não, ele não a queria assim. Desejava-a muito, mas sem a falsa coragem provocada pelo álcool, consciente de suas ações, em condições de assumir a responsabilidade de viver como uma verdadeira mulher, a sua mulher. Ouvira o suspiro de prazer quando a tocava, e se na manhã seguinte Katherine continuasse ávida por suas carícias, demonstraria a força de sua paixão.

No entanto, despertara-lhe os desejos, revelara prazeres que ela jamais imaginara e seria uma humilhação desnecessária provocar-lhe a paixão e não satisfazê-la. Deslizando os dedos pelo corpo vibrando de volúpia, conduziu Katherine ao êxtase. Manteve-a presa em seus braços, até senti-la relaxar e adormecer serenamente.

Jed continuou acordado por muitas horas, tentando compreender seu estranho comportamento. Por respeito a Katherine, quisera agir com moderação e ignorara seus próprios impulsos. Tomara uísque sem embriagar-se e recusara-se a possuir uma mulher que se oferecera a ele sem inibições. Se tivesse cedido aos desejos de seu corpo, agora também estaria dormindo, saciado e sereno. De quem herdara essa incômoda necessidade de obedecer a uma consciência rígida?

Afinal a missionária era Katherine, a pregadora que conduzia sua vida seguindo padrões austeros. E ele? Não merecia uma recompensa por tê-la salvado duas vezes? Não tinha direito de esperar uma retribuição? Olhando para a mulher ainda aninhada em seus braços, sentiu que só ela poderia libertá-lo de uma prisão sem grades. Afinal a missão da Sra. Fairfield consistia na redenção de almas que haviam se perdido nas trevas.

"Salve-me, Katherine. Livre-me da angustiante solidão, do exílio e da amargura. Seja mulher, a minha mulher, porque saberei amá-la e dar-lhe o afeto e o carinho que seu coração precisa para ser feliz. Você nasceu para a paixão, para ter um marido e criar filhos, não para transformar-se em uma criatura sem calor humano, dedicada apenas a mudar o destino de pessoas que vivem em paz com suas crenças.

Mude só o meu destino e me ofereça a dádiva de uma nova vida."

A luminosidade da manhã, infiltrando-se pelas frestas das tábuas, despertou Katherine. Surpresa, percebeu que estava na cama, embora sua última lembrança antes de adormecer fosse do tapete de peles diante do fogo e da maciez do ombro de Jed, onde apoiara a cabeça. Sentando-se com dificuldade, olhou ao seu redor. Ele já saíra da cabana.

Agora entendia porque chamavam o álcool de "bebida do demônio". Sentia-se nauseada, com a cabeça latejando de dor e, contrariando os comentários que ouvira, não se esquecera de nenhum detalhe da noite anterior. Não tinha desculpas, agira como uma libertina e merecia uma punição mais severa do que um enjôo de estômago, dores de cabeça e a mais humilhante recordação de toda a sua vida.

Uma verdadeira filha de Eva, lasciva e entregue à luxúria, se oferecera a um homem, ávida por satisfazer seus próprios apetites carnavais. Jed insistira em lembrá-la que não era Thomas, que ela não estava se entregando ao marido. E de que haviam adiantado os avisos? Pecadora e sem remorsos, não o ouvira e continuara provocando-o com sua devassidão.

Não lhe restava mais nada, dignidade, honra ou moral, apenas uma degradante sensação de culpa. Numa tentativa inútil de penitenciar-se, não adoçou o café, limpou toda a cabana sem descansar e começou a preparar o almoço. Sua angústia atingiu o ponto máximo quando uma lufada de vento espalhou a farinha com que cobria a massa do pão. A porta fora aberta, Jed retornara. Agora teria que enfrentá-lo.

Em silêncio, os dois se fitaram, e o olhar que trocaram refletia os sentimentos de um homem e uma mulher unidos pela intimidade da paixão.

Ele voltara para casa. Ela o esperava com a comida quente. A mulher sentia-se feliz e em segurança, porque o companheiro a amava. O homem pensara na companheira durante as longas horas de ausência.

Incapaz de demonstrar com toda a honestidade as suas emoções mais profundas, Katherine não suportou aquela confissão muda e foi a primeira a desviar os olhos.

— Levei as mulas rio acima, com um guizo atado no pescoço de Jackie. As outras sempre a seguem e as encontrarei facilmente.

Depois de pendurar o casaco ao lado da porta, Jed sentou-se na cama para trocar os mocassins molhados. Tinha imaginado que Katherine ao menos o cumprimentaria, mas fora recebido em silêncio. Até quando ela continuaria calada?

— Está gelado lá fora. — Ansioso, Jed rompeu o silêncio tenso. — Logo as nevascas chegarão.

— Fiz chá... se quiser...

— Lógico que quero, e com mel.

Sentando-se à mesa, Katherine precisou esforçar-se para erguer a cabeça e encarar Jed.

— Você deve ter se levantado antes do amanhecer.

— Saí durante a noite porque não conseguia dormir. Então decidi cuidar daquelas mulas teimosas que só causaram problemas.

— Mas não precisava ser justamente à noite...

— Aconteceu alguma coisa enquanto estive fora?

— Não, é claro que não.

Ao adoçar o chá, Jed comparou o mel dourado e fluido com os cabelos de Katherine, espalhados sobre o tapete de pele. Enchendo-se de coragem, decidiu abordar o assunto que provocava o constrangimento dos dois.

— Eu a coloquei na cama, mas você dormia profundamente e não acordou.

— Eu estava embriagada. Vergonhosamente bêbada!

— Você não bebeu demais. Foi o efeito do choque e do cansaço. Precisava descansar.

Jed encarou Katherine, que manteve os olhos fixos no prato. Ele se esqueceu de comer, beber e até de respirar esperando ouvir a voz melodiosa revelando-lhe o que significara aquela noite de paixão.

— Podia ter se resfriado — disse ela, finalmente. — Sair de casa no frio da noite depois... daquela provação.

— Provação? — Jed estava perplexo.

— Notei que seu cabelo estava coberto de gelo quando chegamos à cabana.

— Porque ficou molhado e...

— E você me deu seu chapéu. Na verdade, deu-me tudo... sem pensar em si mesmo.

Katherine não tinha coragem de abordar claramente o assunto e Jed preferiu poupá-la de uma situação humilhante, esperando que ela se explicasse.

— Você precisava do que eu tinha para lhe dar. Não podia deixá-la... sem ajuda.

— Não, acho que não podia... infelizmente.

O final da refeição decorreu no mais absoluto silêncio. Katherine evitou Jed, ocupando-se em tirar a mesa e lavar a louça. Quando já não havia mais nada a ser

feito, aproximou-se do fogo, de costas para ele. Então, sentiu a mão tocando seu ombro e diante do prazer despertado por um gesto tão banal, sentiu que ia desmaiar de vergonha. Nenhum sentimento porém era mais forte do que o desejo e sua fraqueza a atormentava.

— Quer terminar o que começou na noite passada, Jed? — perguntou ela, rispidamente. — Tem o direito de...

— Não lhe pedi nada, Katherine.

— E pensa que eu não sei? Fui a culpada de tudo!

— Eu fiz aquele chá e coloquei o uísque.

— Não adianta culpar a bebida porque seria fugir da verdade. Cedi à devassidão e libertinagem que se esconde em meu íntimo. Fui lasciva e dissoluta, provoquei-o contra a sua vontade e por isso... você teve de enfrentar o frio da noite enquanto eu dormia. Mergulhei no sono da embriaguez, entorpecida demais para avaliar a extensão da desonra...

— Está dizendo que eu a desonrei, Katherine?

— Não! Assumo a minha culpa. Aviltei a memória de meu marido agindo como uma mulher sem moral.

— Esqueceu-se que eu também já fui casado?

A surpresa de Katherine demonstrou que ela nunca pensara nesse fato.

— Mas o meu caso é diferente, não? Ela era uma "selvagem".

— Que absurdo! É igual ao meu, só que você perdeu a esposa há três anos e Thomas... se o tivesse conhecido, entenderia melhor a situação, Jed. Ele era bom demais para mim, perfeito demais para este mundo.

— A minha esposa pertencia a *este mundo* e também era muito boa. Fomos felizes juntos, mas a sua presença na minha cama não tem nada a ver com ela.

— Lógico que tem! Nós não podíamos...

Perdendo o controle, Jed agarrou-a pelos ombros para forçá-la a virar-se de frente.

— Olhe para mim, Katherine. Está se torturando tanto porque não sou branco? É esse o motivo de sua vergonha?

— Tente me compreender, Jed! — pediu Katherine, desesperada. — Estou me torturando porque agora sei quem realmente sou. Sofro porque não deveria ser assim, tinha que zelar pela virtude...

— Uma missionária de alma e mente puras, coração e corpo sem pecado, certo?

— A organização central dos missionários me aceitou para acompanhar meu marido e dividir com ele a tarefa de espalhar a palavra divina. Não posso substituí-lo porque Thomas era um ministro da Igreja, mas devo cumprir a minha parte. E esses impulsos que surgiram entre nós, o descontrole...

— Que impulsos? — Ele cansou-se de esperar que Katherine fosse mais clara.
— Explique-se melhor.

— Quando aconteciam... Thomas rezava para que Deus nos ajudasse a controlá-los...

— Não quero ouvir mais nada sobre o *santo* Thomas!

— Ou então ele ia rachar lenha. — Katherine começou a rir histericamente. — Ou cuidar das mulas! Thomas não queria... lutava contra o impulso...

— Pois eu queria e muito, Katherine. Eu desejei você e continuo desejando. — Ele voltou a segurá-la pelos ombros. — As mulas já foram cuidadas e há lenha cortada para durar por todo o inverno. Agora o efeito do uísque deixou de existir e, se me pedir o que pediu ontem, se admitir a atração entre nós...

Apesar de distorcido pelas lágrimas que toldavam a visão de Katherine, o rosto de Jed não perdia a beleza. Seus lábios estavam tão próximos, sentiria tanto prazer em ser beijada...

— Não. Cometi um pecado e não o repetirei. É errado!

— Eles envenenaram sua mente, Katherine. — Descontrolado pelo ódio, Jed soltou-a. — Esses malditos missionários querem modificar o mundo, acabar com pecados imaginários. Censuram seu modo de vestir, de comer, de pensar... querem destruir o orgulho inocente de crianças que se sentem felizes por terem os olhos iguais aos da mãe... mesmo se for uma "selvagem".

Katherine lutou contra o desejo de tocá-lo, para amenizar a mágoa da criança que ainda vivia no homem maduro. Gostaria de poder dizer-lhe que amava o som de sua voz grave, o tom azulado de seus cabelos negros tocados pelos raios de sol, o brilho de seus olhos, brejeiros quando sorria. Ela se calou, guardou os segredos de seu coração porque, se os revelasse, não resistiria aos braços fortes que a chamavam e se perderia para sempre, consumida pela paixão.

— Ontem nós começamos a trilhar um caminho mágico, Katherine. Venha comigo, seja minha mulher...

— Não posso. Meu marido morreu há três meses, ainda tenho que manter o luto por ele. Não seria certo...

Ela virou o rosto rapidamente para esconder as lágrimas. Cansado de ouvir as

palavras de Katherine, repetidas sem ênfase mas com obstinação, Jed desistiu de convencê-la.

— Não seria certo...

Katherine continuou falando mesmo depois de ouvir a porta fechar-se sem ruído às suas costas.

CAPÍTULO VI

Katherine passou o dia todo procurando soluções e descartando-as, até finalmente desistir de elaborar um plano perfeito. Só lhe restava seguir sua intuição. Além da impossibilidade de encontrar as palavras certas, já não suportava mais a situação tensa que perdurava desde o início da manhã. Precisava romper o silêncio, comunicando a Jed que tomara uma decisão e estremecia ao pensar nas conseqüências de sua atitude. Antes mesmo de falar, sentia-se agoniada, prevendo que os dois sofreriam a angústia da solidão. Entretanto, não podia continuar adiando o inevitável e, fechando a Bíblia na qual tentara em vão achar uma resposta, não se conteve mais.

— Decidi partir para Fort Hall amanhã cedo.

Ocupado em trançar tiras de couro para fazer uma rede de pesca, Jed ergueu a cabeça e encarou-a, com um sorriso sarcástico.

— Pretende roubar o meu cavalo?

— Não. Eu pretendia pedir-lhe para me ajudar a reunir as mulas. Irei na carroça.

— E por que escolheu Fort Hall?

— É mais perto do que Fort Boise.

A pergunta de Jed não significava qualquer preferência a respeito da escolha de Katherine. Para ele, os dois fortes representavam o reduto do inimigo, um território proibido e sob o domínio da *Hudson's Bay Company*.

— Bem, levará seis dias para chegar lá, se tiver muita sorte. — Ele recomeçara a trançar a rede. — E muitos mais depois da primeira nevasca que, pelos meus cálculos, deve cair antes do final da semana.

— Eu... — Katherine respirou fundo, criando coragem para expor seu plano. — Eu tenho algumas economias. Posso pagá-lo para conduzir a carroça e...

— Já lhe disse uma vez que meus serviços não estão à venda. Acho que também mencionei o quanto me irrita repetir minhas próprias palavras.

Katherine levantou-se, desistindo de encontrar algum argumento que o convencesse. Não pretendia voltar atrás, portanto, precisaria forçá-lo a aceitar sua decisão.

— Então irei sozinha. Não posso passar o inverno todo aqui.

— Mas não se incomoda de ficar em Fort Hall. Que falta de bom senso.

— O homem que toma conta do armazém é casado. Não serei a única mulher no forte.

— Os Sioux chamam de "parasitas" as pessoas que se refugiam nos fortes durante o inverno. Eu também evito ao máximo esse contato desagradável.

— Não estou lhe pedindo que fique lá, Jed. Só gostaria que me acompanhasse. Na primavera...

— Você tem medo de arruinar a sua reputação antes da primavera chegar. — Ele deu uma risada amarga. — Convenceu-se que a perderá se permanecer a meu lado.

— A verdade é diferente do que você imagina, Jed. — Aproximando-se dele, Katherine abriu os braços, num gesto que tentava demonstrar sua sinceridade. — Quanto mais tempo eu ficar com você, mais difícil será a separação.

— Ora! Por que acredita nessa possibilidade sem sentido?

Quando se fitaram, todas as respostas se refletiam em seus olhares. Entretanto, era preciso transformar os sentimentos em palavras ou nenhum dos dois aceitaria a realidade.

— Você foi muito carinhoso comigo, Jed.

— Verdade? Essa urgência em partir, em passar o inverno com qualquer pessoa a não ser comigo, prova justamente o contrário. Devo ter sido um carrasco!

— Sinto-me completamente segura a seu lado, Jed. Sabe disso, sabe que confio em você muito mais...

Embaraçada, Katherine calou-se. Confiava nele muito mais do que em si própria. E quem mais existia ainda em sua vida? Jed West representava seu único apoio, o porto seguro, o refúgio e a promessa da felicidade impossível. A verdade não podia ser dita e ela não se rebaixaria, inventando uma mentira que não o convenceria.

Ajoelhando-se diante de Jed, ela o encarou, tentando transmitir pelo olhar o que simples palavras não conseguiriam exprimir.

— Comecei a envolver-me, a sentir... emoções intensas demais, sentimentos que uma mulher não deve dedicar a um homem se não for livre para casar-se com

ele. E eu não sou, Jed.

— É... já percebi que não será nunca. Vive com um pé na terra, o outro no céu e não consegue enfrentar a realidade. — Ele a examinou com um olhar desprovido de qualquer emoção, como se estivesse avaliando uma mercadoria. — Mas, apesar das suas incapacidades, você continuará sendo uma mulher sozinha, sem marido, uma raridade nesta região, onde o comum é a situação inversa. Se não quer um homem, acho melhor aprender a usar uma arma para se defender antes de ir para Fort Hall.

— Nunca teria coragem de dar um tiro, Jed.

— Perdi meu tempo salvando-a e cuidando de sua saúde. — Suspirando, ele desistiu de trabalhar. — Devia ter percebido que você foi feita para atrair lobos ferozes e acabará sendo devorada por eles.

Jed colocou mais lenha na fogueira para afastar os predadores noturnos que rondavam as carroças, atraídos pelas mulas. Aquela noite não precisaria do calor do fogo porque pretendia dormir ao lado de Katherine. A temperatura vinha caindo dia a dia e logo chegaria a primeira nevasca. O luar, prateando a pradaria, aumentava a sensação de frio e transformava os uivos dos coiotes em um lamento ainda mais angustiante.

Seria a última noite com Katherine e, embora ela não tivesse nada a lhe oferecer exceto o calor do seu corpo, dormiria melhor do que no chão gelado. Durante a viagem, percebera suas tentativas de evitar qualquer contato, mantendo-se afastada no banco da carroça e servindo-lhe o jantar sem permitir que suas mãos se tocassem.

Que farsa ridícula e sem sentido! Ele pretendia exigir um pagamento pelo tempo perdido naquela viagem que fora forçado a fazer. Queria apenas passar a noite ao lado dela, aquecendo-se mutuamente. Quanto o sol se pusesse no final de mais um dia e eles estivessem separados pelas intermináveis pradarias, teriam uma recordação que talvez afastasse os pesadelos provocados pela solidão.

Ouvindo os passos dela às suas costas, Jed ficou tenso, à espera de mais uma troca de palavras vazias e deliberadamente ríspidas. Era capaz de retribuir a frieza indiferente de Katherine quando não podiam evitar uma conversa formal. Aliás, os dois se igualavam em teimosia e persistência, mantendo um ambiente tenso e hostil. Esta noite, porém, iria forçá-la a descobrir a diferença entre um homem vivo e um fantasma! Depois disso, a deixaria entregue à própria sorte. Seria um prazer livrar-se daquela carga, uma satisfação sem limites!

— Chegaremos ao forte amanhã cedo, não é?

Katherine o avistara ao lado da fogueira e não queria perder a última oportunidade de sentir-se protegida pelo carinho de Jed. Apesar de bem agasalhada, continuava tremendo e sabia que não era de frio.

— Sim — ele respondeu secamente, forçando-se a ignorar o tom ansioso na voz de Katherine.

— Talvez você vá a Fort Hall na primavera para vender suas peles e então...

— Quer que eu lhe faça uma visita?

— Eu ficaria muito contente em vê-lo.

— Agora pode me ver. — Erguendo-se, ele a fitou com um olhar duro. — Por acaso ficou mais contente?

— Muito mais. De repente, as horas começaram a passar com tanta rapidez. Como eu gostaria que o tempo parasse!

— Por quê?

— Estou com medo, Jed.

— Ora, o seu Deus a defenderá de tudo. Se *Ele* quer tanto que você se intrometa na vida das outras pessoas em *Seu* nome, não se esquecerá de protegê-la.

— A fé de Thomas sempre foi muito mais forte do que a minha. Repito a mim mesma que estou nas mãos do Senhor e mesmo assim sinto medo. A tragédia que me roubou o marido ainda continua muito vivida, é recente demais e não consigo esquecê-la.

— Bem, eu não posso fazer nada. — Jed chutou as brasas, provocando uma chuva de faíscas luminosas. — Você retirou de minhas mãos a responsabilidade de protegê-la. A partir de amanhã, não tenho mais que me preocupar com sua segurança.

— Mas continuará sendo meu amigo, não é? — Percebendo o desespero em sua voz, Katherine forçou-se a não demonstrar seu estado de espírito. — Se pudéssemos esquecer as barreiras que erguemos entre nós, pelo menos por esta noite, e conversar como antes...

— Está brincando com fogo, Katherine. Não preciso nem quero uma amiga. As únicas vezes que procurei uma mulher, não estava pensando em *amizade*. Ela satisfez meus desejos físicos e eu paguei o preço combinado. — Vendo-a afastar-se, Jed puxou-a sem delicadeza pelo braço. — Vamos! Estabeleça o *seu* preço. Eu pagarei, não importa qual seja!

— Por favor, Jed. Você sabe que eu não sou...

— Sei mesmo! Você não quis nenhum envolvimento e respeitei o seu desejo.

Não a forcei a nada, Katherine. Tem alguma queixa a esse respeito?

— Não, eu reconheço que me tratou com toda a consideração.

— Só que *você* não sabe o que quer. — Sem pensar, Jed apertou mais o braço dela, dominando com esforço a vontade de sacudi-la como uma criança teimosa. — E quando descobrir, será tarde demais.

— Ainda não entendeu que os meus desejos não têm importância, Jed? Existe apenas um objetivo. Tenho de terminar esta viagem, cumprir uma missão. — Ela o encarava num pedido mudo de perdão. — Nunca iniciou um caminho e sentiu que precisava percorrê-lo até o fim, mesmo se lhe custasse a vida?

— Já percorri muitos caminhos e perdi a conta das ocasiões em que me desviei da rota inicial. Às vezes, é no desvio que se descobre a verdadeira direção a ser seguida.

— A única direção que devo seguir é para o Oeste, Jed. Deus me indicou o caminho e não posso me furtar a cumprir a vontade Dele.

— A vontade é de Deus ou do seu falecido marido, o santo Thomas?

— Dos dois. — Ela ergueu o queixo, desafiante. — Serei o instrumento através do qual a missão de Thomas se realizará. Acredito realmente que essa é a única verdade, a *minha* verdade e a de Deus!

Enfurecido, Jed empurrou-a e Katherine precisou agarrar-se ao braço dele para não cair.

— Está vendo isto? — Ele pegou um machado e com gestos bruscos movimentou-o bem perto do rosto de Katherine. — *Isto* é um instrumento. Não tem vontade própria e eu o uso para cumprir a *minha* vontade. Você não pode ser um objeto inanimado, manipulado por mãos alheias. Aprendi a conhecer uma mulher corajosa, capaz de impor sua opinião e que deveria viver plenamente, descobrir a força de suas paixões. A sua mente se transformou em um campo de batalha onde duas forças se enfrentam e nenhuma vence porque ambas sentem medo! Se eu pudesse, mataria o fantasma que a atormenta e a impede de encarar a realidade. Infelizmente, sei que só o coração onde ele se esconde possui a força necessária para libertar-se e também para dar paz a esse espírito inquieto.

— Thomas não é um fantasma nem me atormenta!

— Mas continua possuindo seu coração e sua mente...

— Não!

— Então deixe-o ir, Katherine. Chore, se desesperar, culpe Deus, acuse o mundo...

— Eu já chorei muito e quase perdi a fé, mas agora refarei minha vida.

— Não conseguirá. Ainda não se libertou dele nem deixou-o ir para o lugar onde encontrará paz e serenidade.

— Thomas não me prende nem está preso por mim.

— Abra os olhos, Katherine. Corte os laços...

— O sonho de Thomas tem de continuar vivo... É essa minha missão.

— Fique à vontade! Enterre-se na mesma cova que seu santo marido. Como já lhe disse, a partir de amanhã você deixará de existir para mim. Pouco me importo se o seu maior desejo é manter um defunto em sua cama!

Descontrolado, Jed atirou o machado nas pedras que rodeavam a fogueira. Katherine compreendia essa reação primitiva, uma raiva que nascera da frustração e não queria separar-se dele como uma inimiga. Precisava trazer de volta o homem terno e carinhoso com quem convivera por algumas semanas.

— Não acredito no que está falando, Jed. — Katherine tentou segurar-lhe o braço, mas ele puxou-o com violência. — Você é um cristão, ama o seu próximo.

— Cale a boca! — explodiu ele, desviando o olhar. — Não me chame de *cristão* porque, vinda de seus lábios, essa palavra é uma ameaça à minha vida. Usa frases que a obrigaram a decorar, com o único objetivo de dominar-me. Quer me prender a você, numa união tão impossível quanto a sua ligação com um marido morto. Já me disse que não pode ser minha mulher e eu lhe digo que não serei o "seu próximo"!

Imóvel, Katherine presenciou a luta de Jed para recuperar o controle. Quando ele, finalmente mais calmo, conseguiu falar, sua voz exprimia uma intensa melancolia.

— Enquanto discutimos, continuando a sentir um desejo incontrolável, ambos teimosos, incapazes de ceder e sem condições de convencer um ao outro, o tempo parou, como você queria, Katherine. — Jed tocou os lábios dela, com suavidade. — Mas só até o sol raiar...

— Não posso pensar que, depois desta noite, eu não o verei mais, Jed.

— E eu não posso pensar em passar mais uma noite deitado no chão frio e tão perto do seu calor. — Ele segurou o rosto de Katherine entre as mãos. — Decidi dormir a seu lado uma última vez antes de nos separarmos para sempre. Não proteste, por favor. É apenas para nos mantermos quentes.

Katherine não teve coragem de recusar aquele pedido, certamente o último. Depois de entrarem, ajudou-o a colocar um cobertor junto ao seu e deitou-se ao

lado de Jed. A proximidade despertava os desejos que ela lutara para dominar e a tentação de reiniciar as conversas noturnas. Forçou-se a ficar imóvel, satisfeita apenas com a reconfortante sensação de segurança que a envolvia ao sentir a respiração dele em seus cabelos. Infelizmente, o sono não vinha.

Jed lembrou-se de todas as outras noites, na cabana isolada entre as montanhas. Como esquecer a textura da pele macia, o aroma doce dos cabelos sedosos que deslizavam entre seus dedos como fios de ouro? Mal controlava o impulso de tocá-la, nem que fosse por uma fração de segundo, no ombro apenas! Forçando-se a ficar imóvel, ouvia o vento unir seu uivo lamentoso ao dos coiotes. Infelizmente, o sono não vinha.

— Jed?

— Sim?

— Eu não consigo dormir.

— Nem eu. Está com frio?

— Um pouco.

— É porque não estamos perto o suficiente para unir o calor de nossos corpos.

Se ficarmos abraçados...

— Não! Sabe que tenho medo de...

— Nada irá acontecer, Katherine. Precisamos apenas nos aquecer, é uma questão de sobrevivência.

Cedendo aos seus próprios desejos, Katherine aninhou-se nos braços de Jed e esqueceu-se do frio. Ao encostar o rosto naquele peito acolhedor, sentiu a aspereza dos bordados da camisa dele.

— Eu... preciso lhe confessar que, embora fingisse não ter notado, adorei a sua camisa nova. É um bordado de sua esposa?

— Não, os desenhos dos Sioux são diferentes. Este tipo de bordado é mais apreciado pelos Cree. Foi feita por minha mãe.

Fascinada, Katherine deslizou os dedos sobre o bordado onde se entrelaçavam flores e vinhas sinuosas, em cores vibrantes. Acostumara-se a vê-lo com as roupas simples e rústicas de um montanhês e estranhara a escolha de uma camisa tão enfeitada. Para sua surpresa, o desenho delicado e feminino, que poucos homens teriam coragem de usar, acentuava a masculinidade de Jed. Involuntariamente, pensou em seu modo de vestir, de uma austeridade quase monástica, e na impressão que esse estilo pouco atraente causara nele.

— Eu sempre me vesti com muita simplicidade. — Ela falava, como se

precisasse pedir desculpas. — Nada que chamasse a atenção ou despertasse a vaidade. Nenhum enfeite. Embora estivesse cometendo um pecado ao duvidar da sabedoria dos mais velhos, não conseguia entender que mal haveria em simples fitas coloridas ou num pequeno babado de renda.

— E chegou a alguma conclusão?

— Talvez o risco de despertar os desejos de um homem fosse o mal que deveria ser evitado a qualquer custo.

— Você gostou desta camisa, mas já me viu com outras, velhas e desbotadas. Não olharia para mim se eu estivesse usando a de flanela xadrez, toda remendada? Por acaso o homem muda quando se enfeita?

— Não, é claro. Você é o mesmo com esta camisa ou com a de flanela.

— E eu não acho você menos atraente porque usa vestidos severos e de cores escuras.

— Mas disse que eu parecia um esqueleto!

— Quanto estava doente, Katherine. Um esqueleto teimoso que recusava-se a aceitar a derrota e lutava para sobreviver. Demonstrou uma vontade férrea e uma resistência surpreendentes para alguém tão frágil.

— Não pode estar falando de mim, Jed. Sempre fui fraca, incapaz de impor minhas opiniões e muito menos de lutar por elas.

— Então, precisa conhecer-se melhor. Você teria morrido se fosse essa mulher sem forças para lutar pela vida.

— A minha madrastra afirmou categoricamente que eu não sobreviveria ao primeiro mês da viagem. Thomas seria obrigado a desistir de sua missão e retornar a Hartford, porque cometera uma grave erro casando-se com uma mulher incapaz de suportar os rigores da vida dos pioneiros.

Katherine sentiu que os músculos de Jed ficaram tensos, ao mencionar Thomas, involuntariamente. Colocara entre os dois uma terceira presença, a do marido. Arrependida por ter ameaçado a intimidade da última noite que partilhariam, tentou desfazer o mal-estar, mudando de assunto.

— Jed... por que não conta o seu verdadeiro nome? Gostaria tanto de saber como sua mãe o chamava.

O prolongado silêncio na carroça refletia a relutância de Jed. Quando Katherine se resignou a ficar sem resposta, ouviu a voz dele, muito baixa.

— Girard.

— Eu sabia! Girard... é quase uma música, um som melodioso.

— Girard deixou de existir do mesmo modo que a criança desapareceu para dar lugar ao homem. Eu precisava de um outro nome e usei o de um caçador sem família que morreu no momento certo para mim. Sou Jed West.

— Por quê? Era tão importante mudar de nome?

— Esqueça esse assunto, Katherine. Perguntou como minha mãe me chamava, eu respondi. O homem que usava esse nome não existe mais, desapareceu no território dos Sioux. E peço-lhe, por favor, que não revele, a ninguém e não o repita.

— É claro que nunca trairia a sua confiança.

— Os Sioux acreditam que os espíritos ficam inquietos e perturbados quando seus nomes são falados em voz alta.

— Você não é um espírito. O Girard do passado continua vivendo no Jed West do presente. Sempre será parte do homem em que você se transformou.

"O *homem em que ele se transformara*." Desde que Katherine cruzara o seu caminho, provocando alterações inquietantes em sua rígida e bem planejada rotina, Jed começara a ver melhor esse homem desajustado. Um solitário, um órfão sem laços afetivos, sem pátria e sem nome. Simbolizava a mistura de sangues, costumes e culturas e perdera anos de sua vida tentando pertencer a algum desses mundos. Por ingenuidade ou idealismo, acreditava na existência de um lugar onde todas as raças teriam o mesmo valor e não precisaria renegar partes de si mesmo para ser aceito. Só assim se sentiria um homem completo. A procura inútil terminou no único refúgio possível: uma cabana rústica, perdida entre as montanhas, e algumas semanas com uma mulher que não mudaria o rumo de sua vida.

Entretanto, uma estranha magia os envolvera e ambos partilharam, por um breve momento, seus sentimentos mais íntimos. Não teriam nada além de uma doce lembrança, mas ambos teriam, ao menos, esse momento único para aliviar a solidão que os esperava.

— Talvez você tenha razão, Katherine. Os missionários protestantes, trazidos pelos ingleses, tentaram nos catequizar, assim como os padres católicos vindos com os franceses. Aprendemos algumas lições, mas, no fundo, continuamos sendo apenas *métis* com mães da tribo Cree ou Ojibway, e eram elas que nos alimentavam, vestiam e erguiam as tendas onde nos acalentavam à noite.

— E contavam histórias sobre o espírito das águas.

— Eu adorava as histórias, em especial a do bravo guerreiro que, na aurora do mundo, trouxe a terra do fundo das águas para criar as montanhas e as planícies.

— Quem era esse guerreiro?

— O único bravo que conseguiu mergulhar até o centro do mundo e vir à tona com um punhado de lama. Todos os outros falharam. "Ponte-Entre-a-Água-e-a-Terra" transformou-se em uma lenda e, em minha mente infantil, sonhava em ser como ele. Quando eu ouvia uma história, sentia a água ao meu redor e prendia a respiração. Tudo escurecia, mas eu sabia que tocaria o fundo e encheria a mão de areia, porque minha missão era trazê-la à superfície.

— Sua... missão? — Ela espantou-se ao ouvi-lo usar aquelas palavras. — E conseguiu cumpri-la?

— Ainda não. — Jed sorriu. — Acho que não me esforcei muito porque se conseguisse, meu sonho terminaria.

— É uma história maravilhosa Jed.

— O quê? Você acha bonita uma lenda pagã? Talvez a considere exótica e, na verdade, não passa de um história primitiva. A terra já foi criada, não há mais necessidade de atos de grandeza. O mundo se transformou em um lugar mesquinho, onde o homem tem apenas que encontrar seu verdadeiro lugar... e não é fácil!

— Nunca pensou em procurá-lo longe daqui, mais à Oeste?

— Está sugerindo que eu tente encontrá-lo na Missão Whitman, em Rye Grass?

— Existe uma missão gloriosa à nossa espera, Jed. Mencionou atos de grandeza, e um homem como você poderia ser o instrumento ideal.

— Já se esqueceu que não concordo em ser manipulado?

— Eu seria um instrumento imperfeito. Só falo inglês, não conheço a língua nem os costumes do povo que quero ajudar. Como saberei do que precisam? Mas você...

— Eles só precisam de liberdade para viver suas vidas em paz, Katherine. Esses peregrinos brancos, que atravessam o país para *transmitir* a palavra divina, só *transmitem* suas doenças e maus hábitos, além de trazer a fome. Eu sei, Katherine! Os Cree, ao longo do Red River, o povo que vive às margens do Missouri, os Arikara, os Mandan, os Sioux... o primeiro adoece, e com uma rapidez brutal centenas morrem diariamente! Vi com meus próprios olhos!

— A doença existe em toda parte, Jed. Atinge brancos e índios sem distinção de raça ou cor.

— São aldeias inteiras, Katherine. Você não pode saber. É impossível calcular a extensão da tragédia até encontrar centenas de mortos apodrecendo sem sepultura. É brutal...

— O meu marido também foi vítima de uma epidemia que vitimou muitos outros missionários. Eu sei, Jed.

Ele não se sentia com forças para discutir um assunto tão complexo. A morte do companheiro causa desespero e sofrimento, mas tem um significado diferente da revolta provocada pela visão de aldeias dizimadas pelas doenças dos brancos. Jed acariciou a testa de Katherine, esperando que seu toque suave afastasse os pensamentos melancólicos.

— Chega de fantasmas, lendas absurdas e problemas insolúveis, Katherine — murmurou ele, carinhosamente. — Agora durma, será a última noite que descansará em meus braços.

Katherine já passara por Fort Hall, mas como permanecera na carroça, cuidando de Nancy, imaginara um lugar muito diferente da desoladora realidade. Aquele ponto de parada, tão importante para os viajantes, tinha apenas três rústicas cabanas de madeira, um curral ainda mais primitivo e a muralha de grossas toras continuava por terminar. Cachorros, galinhas, porcos e cabras espalhavam-se pelo espaço aberto.

Conduzindo a carroça, Katherine dirigiu-se para a cabana maior. Por que ninguém viera recebê-la? Certamente tinham ouvido o trote das mulas, o latido dos cachorros e o barulho infernal feito pelos outros animais anunciando sua chegada.

— Alô! — gritou ela, parando a carroça. — Não há ninguém em casa?

Uma mulher, de rosto largo e olhos estranhamente vagos, abriu a janela.

— Com os diabos! Uma moça e sozinha! Não, é claro que não está sozinha!

Katherine repetiu a explicação que Jed a obrigara a decorar, antes de se separarem.

— A caravana com quem eu viajava deixou-me para trás. Um homem chamado Jed West acompanhou-me até aqui.

— Está planejando passar o inverno no forte?

— Se for possível. Espero que não exista nenhum obstáculo, pois não me resta outra opção. Eu irei embora com o primeiro grupo de viajantes que estiver se dirigindo para o Oeste. Devem chegar na primavera.

— Então desça logo da carroça, moça. — Saindo da cabana, a mulher aproximou-se. — Sou Louise Granger e meu marido é quem toma conta daqui. Ele está no armazém, bebendo com Jim Bridger. Disse que sua caravana a deixou para trás?

Os dois homens, à porta do armazém, examinaram Katherine, sorrindo

maliciosamente, enquanto ela atravessava o pátio. Pouco à vontade, apressou-se a explicar a Frank Granger que já passara pelo forte, mas ficara em sua carroça cuidando de uma criança doente.

— Você fazia parte daquele bando que estava com tifo? — Diante do aceno afirmativo de Katherine, Frank a olhou com desconfiança. — Tem certeza que não veio até aqui pra morrer nas mãos da gente, dona?

— Lógico que não vai morrer tão cedo, Frank — interrompeu Bridger, rindo. — É só olhar pra ela, forte como uma novilha.

— Tive sérios problemas... intestinais, mas o Sr. Jed West cuidou de mim e me recuperei rapidamente. Acredito que o conheçam.

— Só de nome, dona — resmungou Granger. — Ele tem um sócio índio que vem negociar comigo de vez em quando, mas o tal West nunca apareceu por estas bandas. É um sujeito muito misterioso.

— Eu conheço o Jed, dona Fairfield — disse Bridger. — E já faz muito tempo, sabe? Levei um tiro uma vez e foi ele quem cuidou de mim. Encontrou a senhora na trilha?

— Na verdade, um grupo de índios me encontrou e, percebendo a minha situação aflitiva, alertaram o Sr. West. Foi uma bênção divina...

Katherine parou de falar, espantada com suas próprias palavras. Pela primeira vez, admitia que os índios dos quais sentira tanto medo tinham sido a sua salvação.

— Teve sorte, dona. — Gargalhando, Granger deu uma cotovelada em Bridger. — Não é mesmo, Jim? Eles gostam de arrancar as cabeleiras das mulheres, ainda mais das loiras.

— Cale a boca, Granger. Não percebeu que está falando com uma dama?

— E vai para o Oeste — explicou Louise, satisfeita por saber mais do que os dois homens. — Para a Missão Whitman.

— Ah! É uma dessas missionárias!

— Sou, Sr. Granger. Os Whitman esperavam minha chegada no início do outono. Infelizmente, contratempos me impediram de prosseguir a viagem e terei que esperar até a primeira caravana da primavera. Posso pagar minha estadia aqui com trabalho, porque estou sem dinheiro.

— Trabalhar? Pelo seu jeito, não vai saber nem por onde começar. — Granger avaliou rapidamente as mulas e a carroça. — Troco o quarto por tudo isso aí e você viaja com uma família qualquer.

— As mulas e a carroça? — chocada, Katherine protestou. — Eu preferiria um

outro tipo de acordo, Sr. Granger. Seria muito desagradável depender da caridade alheia, impondo minha presença a uma família...

— O problema não é meu, dona. Arrumou uma encrenca e sua única saída é aceitar o que eu oferecer. Uma cama e três refeições por dia em troca do seu trabalho, das mulas e da carroça.

Sem dar tempo para que Katherine tentasse propor outra solução, Granger entrou em sua cabana. Jim Bridger, alto, magro e com a pele curtida de quem passou a vida nas montanhas, ajudou-a a retirar sua bagagem da carroça. Gentil, contou-lhe que estava construindo seu próprio armazém ao sul de Utah.

— Não consigo ficar muito tempo no mesmo lugar e vou cada vez para mais longe, dona. O Oeste está mudando depressa demais pra mim. Chegam multidões de pioneiros e eles querem pôr ordem em tudo. Logo tomarão conta das florestas pra plantar qualquer bobagem. Eu e Jed somos caçadores e só sobrarão as montanhas para homens como nós.

— Conhece Jed há muito tempo, não é?

— Bastante pra saber que tipo de homem ele é. Salvou a minha vida e, pelo jeito, a sua também.

— Então também sabe...

— Que ele é mestiço? Claro que sim, dona. Isso não espanta ninguém por aqui. Tive uma filha com uma índia e não vejo nada de errado. Mas os *métis*, lá do Red River, são diferentes dos outros. Continuam com seus costumes, como se o homem branco não existisse.

A conversa de Jim Bridger alegrou Katherine. Esquecendo-se dos problemas que iria enfrentar, sentiu Jed mais perto dela ao ouvir falar sobre os *métis*.

— É, eles são um povo muito diferente, mesmo! E por causa disso, vão criar problemas com os ingleses.

— Que tipo de problemas, Sr. Bridger?

— Bem... a *Hudson's Bay Company* é a dona de toda a região do Red River e quer que todos obedeçam suas regras. Usam os *métis* como intermediários entre a companhia e as outras tribos, mas não deixam esse povo, que vive da caça de peles, negociar com mais ninguém. Jed me contou que existe um Conselho, mas a sua gente não pode dar nenhuma opinião. Por isso estão ficando com raiva e logo vão criar problemas.

— É evidente que essa situação não afetará o Sr. West.

— Como não? — Bridger tocou a própria testa com a ponta dos dedos. — Vai

afetar a cabeça dele, dona. Eu nunca soube dos detalhes, mas o Jed arranhou uma encrenca com a companhia e por isso não voltou mais pra sua aldeia. Com tratado ou sem tratado, a *Hudson's Bay Company* continuará por aqui.

— Tratado? Não ouvi falar sobre nenhum tratado.

— Nem podia ouvir, dona. Eu soube há pouco tempo, mas os papéis já foram assinados antes do outono. Agora o Oregon é da América, ou melhor, todas as terras ao sul do paralelo quarenta e nove ficaram americanas. Sabe o que vai acontecer? Vão chegar os pioneiros, como uma praga de gafanhotos e logo exigirão que o governo transforme esta região em território. Então o Oeste selvagem morrerá.

— Isso quer dizer que a *Hudson's Bay Company* não será mais a lei nesta região, certo?

— Oficialmente, não tem direitos, mas já viu algum cachorro bravo largar o osso, dona?

Katherine ia insistir naquela assunto quanto Jim Bridger parou alguns metros antes de chegar à cabana e a olhou com uma expressão preocupada.

— Tome cuidado com o Granger, dona. Louise não tem a cabeça boa e é lerda demais, mas, mesmo assim, não acho certo o jeito que ele trata a esposa. Quando chegou aqui, disse que preferia morrer a arrumar uma mulher índia e pôs um anúncio nos jornais do Leste. Louise veio do Missouri.

— Tive a impressão que ela ficou contente ao me ver.

— Louise deve ter ficado. Mas você... — Ele abaixou a voz, tratando-a com a intimidade de um velho amigo. — ... fique atenta quando o Granger estiver por perto. Eu acho que vou viajar por aí e quem sabe encontre o velho Jed!

A partida de Jim Bridger significou um rompimento definitivo para Katherine. Agora sentia-se realmente abandonada, sem ninguém que a ajudasse a manter vivas as lembranças de Jed. O inverno seria ainda mais longo na companhia de um homem que só respondia suas perguntas com grunhidos incompreensíveis e uma mulher com a idade mental de uma criança. Estava sozinha, mas escolhera esse caminho!

As tarefas mais pesadas recaíam injustamente nas costas frágeis das duas mulheres. Carregavam água e madeira para abastecer a casa, alimentavam todos os animais, limpavam o celeiro, cozinhavam e tinham que manter o fogo aceso durante toda a noite. À cada manhã, o ciclo recomeçava. No fim da primeira semana, Katherine pensou que fosse morrer de cansaço. Ao terminar a segunda, menos esgotada pela rotina de trabalho incessante, recuperou o ânimo. Sua missão

começaria com os Granger!

Nenhum dos dois protestou quando ela sugeriu a leitura da Bíblia antes de se retirarem para dormir. A pobre Louise esforçava-se para prestar atenção, mas, em menos de cinco minutos, perdia a concentração e seus pensamentos se dispersavam. Esvaziando uma garrafa de uísque, Granger a ouvia, ou fingia muito bem! Katherine não erguia os olhos do livro sagrado para não encontrar o olhar que permanecia fixo nela durante todo o tempo.

Os olhos pequenos e brilhantes a fitavam com uma expressão vagamente ameaçadora e, embora não conseguisse identificar as intenções daquele homem, sentia repulsa e medo. Mas, apesar do ambiente constrangedor e hostil, Katherine hesitava em retirar-se para seu quartinho no sótão, cujas paredes finas não a impediam de ouvir as manifestações ruidosas do temperamento brutal de Granger. Vira, mais de uma vez, as manchas roxas no corpo de Louise, uma prova evidente da crueldade dele e que a esposa insistia em atribuir a batidas acidentais causadas por sua desatenção.

O cubículo no sótão, além de gelado, tinha sido o paraíso dos ratos. Apavorada, Katherine iniciou uma guerra contra esses animais e outros que foi aos poucos descobrindo. Se a limpeza escrupulosa e constante venceu a insistência desses indesejáveis visitantes noturnos, ela perdeu a batalha contra o frio. As prateleiras do armazém do forte estavam atulhadas de peles, mas Granger não lhe ofereceu nenhuma para usar como cobertor. Tinha apenas a pele de lobo que Jed lhe dera e dormia com o rosto encostado no pêlo macio. Aquele presente era uma parte dele que, embora não fosse suficiente para aquecê-la, transmitia-lhe segurança e paz.

Todas as noites, antes de adormecer, revivia o momento da despedida. Jed parará em uma colina pouco antes de chegarem ao forte, e em silêncio soltou seu cavalo da carroça. Os dois se fitaram, mas Katherine leu o desafio nos olhos negros. Bastaria uma demonstração de dúvida e ele a impediria de deixá-lo para passar o inverno entre desconhecidos.

No sótão frio, agarrada à pele macia, Katherine tocava os lábios que não ousara pousar nos de Jed. Agora descobrira o verdadeiro significado do arrependimento: não era apenas por uma palavra, era pelo beijo que não fora dado.

Então, culpava-se por sua fraqueza e falta de determinação. Não tinha direito aos beijos de Jed, não podia desejá-los porque essas carícias tentadoras a afastariam do caminho que escolhera. Além disso, se fosse envolvida por aqueles braços fortes, não se separariam mais. Ele lhe oferecera um presente de despedida: alguns

minutos de silêncio para dar-lhe a chance de mudar de idéia. Quando o momento passou, o cavalo afastou-se rapidamente, levando para longe o homem que a queria a seu lado.

Jed se transformara em uma sombra. As pessoas com quem Katherine convivia sabiam seu nome, conversavam e negociavam com seu sócio, mas nunca o haviam encontrado. Só ela o conhecia e, na escuridão da noite, revia os cabelos negros, no brilho das estrelas encontrava o cintilar dos olhos que refletiam paixão e o vento entrava em seu quarto relembrando aquela voz reconfortante e melodiosa.

E as recordações sempre traziam o sentimento de culpa. Com remorsos, tentava pensar apenas na promessa que fizera e no homem a quem dera a sua palavra. Então, seu desespero aumentava. Já não conseguia lembrar-se do rosto de Thomas! Era a imagem de Jed que embalava seu sono.

— Já falei pra não deixar essas malditas galinhas entrarem na cocheira! — berrou Granger, entrando na casa com o rosto distorcido pela raiva e brandindo uma vara de marmelo. — Não me ouviu, mulher? Adivinhe o que elas fizeram na minha sela.

Fechando a Bíblia, Katherine controlou a própria raiva e enfrentou-o com uma expressão desdenhosa.

— Existem duas mulheres nesta casa, Sr. Granger. E ambas...

— Só tem uma que não obedece o marido, dona. — Ele avançou na direção de Louise, que se encolhera de encontro à parede. — Não é isso que o seu precioso livro diz, missionária Fairfield? A mulher é obrigada a obedecer o marido? E eu não quero uma sela suja.

Granger moveu-se com mais rapidez do que as duas mulheres previam e o som da vara batendo nos ombros de Louise ecoou na cabana. Perdendo a cabeça, Katherine colocou-se entre ele e a esposa. Sentiu a primeira pancada na mão e a expressão de horror no rosto da mulher que tentava defender antecedeu, por uma fração de segundo, o outro golpe sobre o ombro.

— Acalme-se, vou ajudá-la. — Katherine não percebeu que gritava, nem se preocupou com a dor violenta. — Este homem é um animal! Não pode continuar surrando-a. — Voltando-se repentinamente, avançou na direção de Granger. — Pare já!

A surpresa imobilizou-o por um instante, mas logo tentou recuperar o controle da situação. Empurrou Katherine que, apesar de frágil, voltava a enfrentá-lo, procurando segurar o braço de Granger.

- Saia do meu caminho!
- Pare de bater nela. Não a toque!

A porta foi aberta. Um índio, imóvel e em silêncio, olhava para eles. Granger soltou Katherine que, quase sem fôlego, apoiou-se à parede. Só então o desconhecido moveu-se, abrindo a capa de pele e deixando à vista sua mão, onde faltavam dois dedos, pousada sobre o revólver.

— O que veio fazer aqui, Mão-Cortada? — Granger tentou disfarçar o embaraço. — Esteve no forte há menos de um mês!

- Vim buscar mais tabaco.
- Mais? Por acaso está comendo tabaco, homem?
- O que eu faço não é da sua conta.

O índio olhou de relance para Katherine e, aparentemente satisfeito com o que vira, retirou a mão do revólver, voltando a encarar Granger.

— Então? Você vende tabaco ou...

— Claro que sim — a frase incompleta refletia uma ameaça que Granger preferia evitar. — Imagino que você e seu sócio estejam revendendo o *meu* tabaco pelo dobro do preço, mas... a vida dos comerciantes é assim mesmo, certo? Como vai me pagar? Se for com peles, meu estoque já...

— Com o dinheiro da companhia.

A *Hudsons's Bay Company* cunhava suas próprias moedas e Granger não podia se recusar a recebê-las.

— Quantos gramas de tabaco você quer?

Granger concentrou-se na venda e as duas mulheres voltaram para suas ocupações. Ainda trêmula, Katherine esforçou-se para recuperar uma aparência de serenidade. Abriu outra vez a Bíblia, mas não via as letras, pensando no que teria acontecido se aquele índio, chamado Mão-Cortada, não chegasse no momento crucial. Ela ficara cega de ódio, perdera completamente a cabeça e, como nunca se sentira tão fora de si, ignorava qual seria sua próxima reação.

Mão-Cortada saiu do armazém logo depois de comprar o tabaco, deixando Katherine intrigada. O índio a fitara rapidamente antes de partir, mas ela era capaz de jurar que notara uma expressão preocupada naqueles olhos enigmáticos. Também se perturbara quando Granger mencionara um sócio e agora precisaria controlar-se ou recomeçaria a pensar em um período de sua vida que considerava encerrado.

Tinha que se esquecer de tudo para recomeçar a percorrer o caminho que Deus

escolhera para ela. Há quanto tempo não tentava pôr em prática os princípios cristãos, principalmente a humildade? Decidida a viver o que pregava, foi até a cocheira. Apesar do ódio que sentira de Granger, o perdoaria e para demonstrar sua capacidade de amar o próximo, limparia a sujeira deixada na sela dele.

Katherine não percebeu que Granger a seguira. Pendurando o lampião no batente da porta, pegou uma vassoura para espantar as galinhas. Uma sombra a sua frente assustou-a e, ao erguer a cabeça, viu que ele entrara na cocheira e estava encostado na porta fechada.

— Você não tem a cabeça defeituosa da minha mulher, dona Fairfield. E também é bonita demais pra apanhar de um homem.

— Concordei em ajudar nos trabalhos da casa, Sr. Granger. — À beira do pânico, Katherine agarrou a vassoura com mais força. — Não vejo necessidade alguma de bater em ninguém, porque basta dizer o que deve ser feito.

— É isso mesmo, dona Fairfield. — Ele coçou o rosto com a barba por fazer, enquanto a olhava da cabeça aos pés. — Eu vim até aqui justamente pra isso. Dizer o que *você* precisa fazer. Aprendi a lidar com as mulheres, nenhuma me engana.

Ela não recuou em tempo de impedir que Granger agarrasse a vassoura, jogando-a para longe, e a empurrasse com brutalidade de encontro à porta. Muito mais forte, imobilizou-a com uma das mãos e começou a tocá-la com a outra.

— Conheço bem o seu tipo, moça. Essa cara de puritana, com o nariz empinado como se fosse uma santa, é só fingimento. Tem um temperamento forte e precisa ser domada... é assim que a gente faz com as éguas teimosas, sabe? Depois que você for montada por um vaqueiro como eu, acostumado a acabar com a rebeldia de qualquer vaca brava, vai ficar mansinha, uma outra mulher. — Ele aproximou o rosto, agora distorcido pela luxúria, prestes a encostá-lo no de Katherine. — Quando chegar a primavera, não sobrá tempo pra ficar lendo a Bíblia e bancando a missionária. Acho até que perderá essa mania de falar demais, porque calará a boca e abaixará a cabeça pra satisfazer o seu macho!

Desesperada, Katherine se debatia, pensando em um meio de atingi-lo. No entanto, não tinha coragem de despertar a fúria daquele homem que seria capaz de surrá-la até a morte. Estava perdendo as esperanças de escapar de uma inevitável degradação, quando ouviu uma voz familiar.

— Tire as mãos dela.

Granger virou-se e ao deparar com um homem nitidamente perigoso, soltou Katherine.

— Tem algum direito de ser o único a pôr as mãos nesta mulher, rapaz?

Sem responder, Jed olhou para Katherine.

— Quer ficar aqui ou vir comigo?

— Eu... Oh, Jed. — Ela não chorara com a violência, mas a visão do rosto querido provocou-lhe lágrimas de alegria. — Vamos embora! Só que precisaremos levar Louise também. Ele surra a pobre mulher. É um animal e...

— Ela terá a mesma chance de decidir. — Segurando-a pelo braço, Jed empurrou-a para fora da cocheira. — Vá buscar as suas coisas.

Depois que ela se afastou correndo, Jed voltou a encarar Granger que tentava disfarçar o medo.

— Então você é o sócio de Mão-Cortada — a voz de Granger não escondia o choque que a presença daquele homem misterioso provocara. — O famoso Jed West, o solitário das montanhas.

— Você fica com a carroça e as mulas em troca de dois bons cavalos. Tem alguma objeção a minha oferta?

— Nenhuma. Só não concordo que roubem a minha mulher.

— Eu não vou *roubar* ninguém, mas se ela quiser abandonar o forte e ir embora conosco, você arrumara um terceiro cavalo e provisões. — Jed ergueu o rifle, mantendo o dedo no gatilho. — Vamos até sua casa ter uma conversinha com a sua mulher e saber qual será a decisão dela.

Quando os dois chegaram, Katherine já havia conversado com Louise. Mentalmente retardada, a pobre mulher conseguiu demonstrar uma firmeza além de suas possibilidades limitadas.

— Não posso largar o meu homem, Katherine. Ele é tudo que eu tenho no mundo.

— Mas bate em você e a trata...

— Só às vezes. Nunca me castiga na frente dos outros, nem quando presto atenção pra não fazer muitas coisas erradas. Não quero ir embora daqui, esta foi a única casa que eu tive. Vivi muito tempo nas ruas e agora sou a mulher do encarregado do forte. — Louise deu um sorriso de comovente humildade. — Ele é um homem importante e eu sou a mulher dele.

— Eu devia contar para o Jed! — exclamou Katherine, jogando sua mala de lona no chão. — Se ele soubesse como esse animal nos tratou, iria...

— Seria errado. — Louise tocou o braço de Katherine. — Não foi isso que você leu no seu livro.

— O *meu* livro chama-se Bíblia e também não pede para oferecer a outra face a animais!

— Vivo com ele há muito tempo e nunca fiquei muito machucada. Acho melhor continuar aqui e, se eu não esquecer, vou tirar as galinhas da cocheira todos os dias.

— Oh, Louise! Como pode se conformar?

— Não pense mais nisso, Katherine. Vá com o seu Jed West. Foi ele que cuidou de você quanto ficou doente e quase morreu, não foi? Deve ser um homem bom, muito melhor do que o meu, mas... — Louise abaixou a voz ao ouvir o som de passos se aproximando. — Mas o Frank é tudo o que eu tenho e nunca encontrarei outro. Eu sei disso.

Jed entrou na cabana logo atrás de Granger. Katherine sentiu seu coração disparar. Sabia que desta vez as batidas aceleradas não se deviam ao pavor e sim a uma alegria incontrolável, uma emoção intensa e pura. Ele viera buscá-la!

Então, sentiu a mão de Louise segurar seu braço e, ao virar-se, viu a expressão chocada e quase hostil daquela mulher incapaz de emoções intensas.

— Deus me ajude! Você perdeu o juízo, Katherine? É mesmo *esse* o homem com quem vai embora? Ele pode não ser, mas tem cara de índio!

CAPÍTULO VII

A primeira nevasca do inverno, cobrindo a pradaria com um manto branco, não embelezava a paisagem. A noite estava escura e sinistramente silenciosa. Até o rítmico galopar dos cavalos tinha um som estranho, amortecido pela camada de neve que se acumulava com rapidez sobre o solo.

Lutando contra o frio, a exaustão e o efeito retardado do choque, Katherine sentia-se flutuando em um mundo de trevas, e tinha a impressão que o silêncio absoluto permitia-lhe ouvir o som dos flocos de neve batendo de encontro ao chão. Cavalgava atrás de Jed há mais de uma hora e desistira de dirigir-se a ele. A recepção pouco amistosa a seus comentários demonstrava claramente que era melhor calar-se.

Katherine reconhecia que Jed tinha motivos de sobra para ficar com raiva. Por causa dela, fora obrigado a entrar em um dos postos da poderosa *Hudson's Bay Company*. Apesar de sentir-se como uma criança que fugira de casa e retornava ao lar, ao lado do pai, calado e esperando o momento de repreendê-la com severidade, o medo de perdê-lo novamente era maior.

Ela não imaginava quais poderiam ser as conseqüências daquela aventura, mas sabia que o risco fora grande demais. Jed salvara-lhe a vida, lutando sem esmorecer, e gostaria de retribuir esse presente inestimável, ajudando-o a vencer seus inimigos. Infelizmente, os homens que o perseguiram não passavam de sombras. Que armas usariam, que rostos teriam e como o reconheceriam? Existiria em cada forte um cartaz com um desenho do *métis* fugitivo que desafiara o poder da companhia?

— Louise achou que você era um índio. — Inquieta, Katherine não conseguia controlar a necessidade de comunicar-se com Jed.

— E isso aborreceu você?

— Não, é claro que não. Só mencionei o fato porque, se estiver com medo que Granger tenha desconfiado de sua identidade, não precisa mais preocupar-se com isso. Os dois pensam que Jed West é um índio, não um *métis*.

— Granger trabalha há muito tempo na *Hudson's Bay Company*. Ele reconhece imediatamente um *métis*.

— E teria condições de conseguir identificá-lo? — Depois de esperar inutilmente por uma resposta, ela insistiu, baixando a voz: — Procuram por você, Jed?

— Não sei.

— Há quanto tempo tudo aconteceu?

— Há sete anos.

Conformando-se a encerrar a conversa, Katherine tentou imaginar o que teria acontecido. Um importante funcionário da companhia, que odiava os *métis*, partira para uma viagem acompanhado por Jed, ainda um jovem sem controle de sua impetuosidade, e pelo irmão mais jovem, Jean-Paul.

"Sua própria arrogância o matou." Um homem morrera, mas nada a convenceria que Jed tivesse sido o assassino. Ele não tinha a crueldade necessária para tirar a vida de um outro ser humano. Então, por que fugia de um fato ocorrido há sete anos, por que continuava a se atormentar? Entretanto, o mistério gerava o medo e faltava coragem a Katherine para fazer perguntas que esclarecessem suas dúvidas.

A nevasca aumentava com o passar das horas e quando já não havia mais condições de prosseguir, os dois chegaram a uma tenda erguida no centro de um bosque de pinheiros. Não havia ninguém à vista e Katherine, ainda intimidada pela atitude hostil de Jed, não se arriscou a perguntar-lhe se os donos a tinham abandonado. Em silêncio, ajudou-o a descarregar os cavalos e ocupou-se guardando

os alimentos no centro do abrigo.

— Não mora ninguém nesta tenda? — ela finalmente não conteve mais a curiosidade. — Foi abandonada?

— Mão-Cortada deixou-a para nós e foi para o acampamento de seu povo.

— Ele é o seu sócio, não? Foi você que o enviou a Fort Hall?

As chamas, agora mais fortes, iluminavam a tenda e seus rostos, tensos e cansados.

— Realmente, ele é o meu sócio e disse que já não agüentava mais conviver com a minha desagradável companhia. Bridger tinha passado dois dias conosco e não parava de repetir que eu havia cometido uma loucura largando você a mercê de Granger. Então, Mão-Cortada decidiu ir até o forte verificar a situação e acabar com o meu insuportável mau humor, só que o efeito foi diferente do que esperava. Presenciei uma cena que o desagradou muito. — Jed colocou as mãos perto do fogo para esquentá-las. — E também me deixou enfurecido.

— Você chegou tão depressa. — Ela também aproximou-se, tirando os sapatos para esquentar os pés. — Não devia estar muito longe do forte quando soube do problema.

— Eu cavalgo bem mais depressa quando estou sozinho.

— Mas é perigoso galopar depois do anoitecer. Perturbada, Katherine tentava pensar em algo importante para dizer a Jed, em vez de falar apenas banalidades sem interesse. Mas, incapaz de raciocinar, deixou-se levar pela intuição.

— Eu fiquei tão feliz ao vê-lo chegar, Jed.

— A julgar pela cena que presenciei, você ficaria feliz se qualquer um chegasse!

— Não. Estou dizendo que *você* foi a causa da minha felicidade. — Com um sorriso tímido, Katherine o encarou. — Senti tanto a sua falta, Jed.

— Acho que tive uma crise de loucura. Eu devia ter proibido que você ficasse...

— Não, fui eu a culpada. Teimosa demais, não quis ouvir os seus conselhos.

Sentados frente a frente, Jed admirava a beleza delicada de Katherine, uma boneca de porcelana, frágil como as que vira nas lojas do Leste.

— Não ouviu porque tinha medo de ficar comigo durante todo o inverno.

— E depois fiquei com medo de nunca mais vê-lo, Jed. Tentei afastá-lo dos meus pensamentos, pensar em minha missão para ter forças de prosseguir e não sentir a sua falta. Mas... não consegui. Às vezes, durante a noite... eu sentia...

Jed esperou que Katherine erguesse a cabeça para ver a expressão daqueles olhos, azuis como o céu de verão.

— Sentia o quê, Katherine?

— Lembrava-me do som de sua voz, do brilho de seus cabelos e revia as mãos, fortes quando manejavam o machado com energia e tão suaves quando me tocavam. Outras vezes, acordava no meio da noite, ouvindo o som de sua respiração ao lado de minha cama, do modo que você... — Envergonhada, Katherine fechou os olhos. — Oh, Jed! Tive pensamentos que nem ousou repetir...

Tomando o rosto de Katherine entre as mãos, Jed forçou-a a fitá-lo novamente.

— Reviva esses pensamentos agora, Katherine. Deixe que eles tomem conta de sua mente. Não é preciso repeti-los, porque também não pensei em mais nada a não ser em você.

— Quero ir para casa, Jed.

— Que... casa? — Ele quase entrou em pânico. — No Leste?

— Para a cabana, o nosso lar nas montanhas.

Jed hesitou, pensando no que poderia oferecer a Katherine. Não possuía nada, nem mesmo uma vida normal, digna de uma mulher como ela.

— Um casebre rústico e sem qualquer conforto?

— Você vive lá, será a nossa casa.

— Eu não tenho um lar, Katherine. A cabana era um lugar para descansar antes de recomeçar minhas viagens sem rumo. Apenas mais um abrigo contra a chuva e o frio, um refúgio temporário que pertence a um outro homem.

— Então... vamos viver nesta tenda?

— Onde quer viver, Katherine?

— Com você.

— Porque descobriu que existem perigos maiores? Escolheu a minha companhia por ser a solução menos arriscada?

— Não, Jed. Quero ficar a seu lado, partilhar a vida que me oferecer, porque... preciso muito de você.

Tomando-a nos braços, Jed a beijou com uma infinita ternura, oferecendo em sua carícia o prazer sem limites, a única promessa que poderia cumprir. E Katherine entreabriu os lábios, sem timidez ou inibições, ansiando pela realização de um desejo longamente contido. Ele deitou-a sobre a pele macia que lhes serviria de leito nupcial, tocando o rosto, a boca, o queixo até sentir que uma profunda paz a invadia.

— Por que precisa de mim, Kate? — murmurou ele, com a voz rouca de paixão.

— Diga-me...

— Porque eu te amo, Jed.

Katherine entrelaçou os dedos nos cabelos negros de Jed, sentindo uma vertigem incontrolável, como se ao pronunciar aquelas palavras mágicas estivesse mergulhando num mundo desconhecido onde a esperavam o prazer e a paixão.

— Você já sabia, Jed. Percebeu bem antes de mim.

— Não... eu tinha medo de me iludir e fechei os olhos a todos os sinais que demonstrassem afeição.

— Não é verdade, querido. Disse-me que, quando eu descobrisse meus sentimentos, seria tarde demais. O destino nos ajudou... estamos juntos novamente.

— Eu só sabia que a queria a meu lado, e, se você voltasse, realizaríamos nosso desejo.

Com gestos lentos, Jed a despiu, contendo sua ânsia. A luz dourada do fogo coloria a tenda, transformando-a em um refúgio de sonho, onde a nudez de Katherine surgia diante de seus olhos com a perfeição de uma deusa. Suas mãos trêmulas e ainda hesitantes tocaram os seios distendidos de desejo, deslizando a ponta dos dedos com a leveza de plumas, que queimavam como chamas ardentes. Deliberadamente, levou-a até os limites máximos da excitação, preparando-a para uma entrega absoluta. Então, interrompeu a teia de magia e encanto, surpreendendo-a ao se afastar.

— Quero que conheça o meu corpo tão bem como eu conheço o seu, Kate. Quero que me toque e descubra que não há nada a temer.

— Eu... acho que não...

— Tente, amor.

Lutando contra a sensação de culpa, Katherine o despiu com gestos inexperientes mas ansiosos. A nudez absoluta era um pecado, devia constrangê-la e, no entanto, deliciava-se ao descobrir a pele dourada, suave ao toque de seus dedos. Diante de seus olhos estava a perfeição de um corpo masculino, uma revelação de inesperada beleza que prendia seu olhar, fascinada com o poder que emanava dele.

Com reverência e ternura, Jed tocou o corpo da mulher ainda inconsciente da força de sua sensualidade. Tomando nas mãos os seios redondos e rijos, circundou os mamilos com a ponta dos dedos, até ouvir o gemido rouco de paixão que escapava dos lábios trêmulos de Katherine.

— São as frutas mais belas que meus lábios já tocaram, Kate. A natureza não criou obras-primas tão perfeitas como seus mamilos, cerejas maduras que se

oferecem para serem saboreadas.

Katherine nascia naquele instante para o prazer.

O ardor de Jed conseguira derrubar as barreiras de um puritanismo inculcado em seu íntimo, que aprisionara suas emoções mais primitivas. Flutuando entre o sonho e a realidade, Katherine tinha consciência apenas das sensações inebriantes provocadas pelo homem que a acariciava, sempre com mais volúpia e mais intimidade, arrastando-a para um delírio irreal e jamais imaginado.

Subitamente, ela sentiu que a paixão superava a ternura e Jed já não continha a ânsia de possuí-la. Hesitante, murmurou o nome dele, temendo a consumação de um ato que ainda a assustava. Não percebeu que seu corpo também se movia com volúpia, pedindo mais e mais carícias.

Jed ouviu-a murmurar seu nome e o desejo de possuí-la o envolveu. Esperara muito tempo por aquele momento e a tenda isolada do mundo seria o lugar ideal para que seus corpos se unissem, transformando-os em um único ser vibrante de paixão.

— Não tenha medo, querida. Chegou o momento de revelar-lhe a doçura do prazer.

Reconfortada pela voz que nunca lhe mentira, Katherine entregou-se a ele de corpo e alma. Sedenta de amor, foi envolvida pela força máscula daquele homem que a conduzia vertiginosamente para o prazer. Perdendo a timidez, tocou o peito musculoso, sentindo a volúpia de aumentar-lhe o desejo.

Seus gemidos de paixão se mesclaram no instante em que Jed a penetrou. Era o momento certo para recebê-lo em seu corpo e todo o desejo que guardara em seu íntimo veio à tona, como uma onda gigantesca avolumando-se até a explosão grandiosa do êxtase.

Jed foi tomado por uma emoção única ao mergulhar no calor daquele corpo feminino que jamais vibrara de amor. Juntos, alcançaram o vôo fantástico até alcançarem um orgasmo arrebatador.

As chamas coloriam o interior da tenda, um refúgio dourado e cálido para os dois apaixonados. Segura e feliz nos braços de Jed, Katherine maravilhava-se com as descobertas daquela noite. Sabia que era indecoroso entregar-se tão completamente ao prazer, mas, depois de terem partilhado o delírio da paixão, não adiantaria rezar para não ceder àquelas sensações inebriantes. Sentira orgulho de seu corpo, sentira-se bonita e atraente, dois pecados dos quais não se arrependeria!

Jed, que continuara acariciando-a, imobilizou-se quando ia beijar-lhe a mão.

— O que significa essa mancha roxa? Machucou-se?

Ela nem notara a marca na mão e Jed a obrigava a recordar-se do terrível período que passara em Fort Hall.

— Foi Frank Granger que a machucou?

— Eu quis defender Louise. Granger ia bater nela e, não sei o que aconteceu comigo... perdi o controle de meus atos e decidi impedi-lo.

— O que mais aconteceu, Katherine?

— Nada! — ela respondeu com uma rapidez suspeita. — Nada sério, Jed. Tudo terminou, não há mais motivo...

Mas ele não era fácil de enganar. Logo descobriu a outra mancha no ombro de Katherine que, embora não compreendesse francês, percebeu a fúria contida em seu desabafo.

— Eu devia ter matado aquele miserável! Se tivesse chegado antes...

— Você não é um assassino, Jed. Só mataria um homem em legítima defesa. E chegou no momento exato, querido. Quando o vi, soube que nada de mal me aconteceria porque estava novamente protegida.

— Ninguém a magoará, Katherine, se ficar comigo. — Ele tocou-a intimamente. — Só tenho medo de ter sido... ansioso demais e machucado você. Mas agora não haverá mais dor, só prazer.

— E eu quero todo o prazer que puder me dar. — Ela hesitou antes de abrir seu coração. — Precisamos casar, Jed.

— Você já é minha esposa pelas leis do amor. Quer que eu repita os juramentos tradicionais? Farei as promessas que me pedir.

— Você realmente me ama, Jed?

— Deixei-a em Fort Hall porque respeitei a sua vontade, mas não consegui me afastar muito. Você roubou meu coração, Katherine.

— Então só quero que me prometa fidelidade.

— Enquanto estivermos juntos, não existirá nenhuma outra mulher para mim, querida. E você? Promete me amar exatamente como sou? E conseguirá jurar a mesma fidelidade? Eu não suportarei a presença de um outro homem em minha cama, mesmo sendo um fantasma. Nunca foi dele como me pertence agora, Katherine.

— Thomas sentia-se tão seguro sobre tudo! Dizia que havia um tempo certo para plantar e outro para colher. O nosso seria quando chegássemos ao Oregon. Não devíamos ter pressa em consumir a parte física de uma união que já existia em

todos os outros aspectos.

— Talvez ele não fosse tão seguro assim. — Jed colocou os dedos sobre os lábios de Katherine para impedi-la de protestar. — Seu marido era muito jovem, com uma esposa inocente que dependia dele para tudo, e a carga de responsabilidade pode ter sido pesada demais. Nenhum homem nasce experiente.

Jed sentiu que conseguira aceitar a existência de Thomas e, por amor a Katherine, demonstrar generosidade em seu julgamento.

— Terá condições de esquecê-lo e ser feliz, Katherine?

— Foi em você que eu pensei, não em Thomas, durante minha estadia em Fort Hall. Sabia que ele estava morto e meu coração e minha mente pertenciam a outro homem, um solitário isolado nas montanhas. Mesmo tentando me convencer que devia cumprir meu dever, sonhava com sua chegada. E agora... o que faremos, Jed?

— Não sei, querida. Amaremos um ao outro, como acabamos de prometer, mas além de amor, não tenho nada a lhe oferecer, Katherine. — Ele suspirou angustiado. — Somos diferentes demais, não existem pontos em comum nas nossas vidas, costumes, tradições ou crenças. Pertencemos a mundos separados por barreiras quase intransponíveis e talvez nossa união nos destrua.

— Mas temos que tentar vencer essas barreiras.

Agoniado, Jed lembrou-se do esforço sobre-humano que fizera para tentar esquecê-la. Fora vergonhosamente derrotado e tinha medo de ser vencido outra vez.

— Tem alguma objeção a passar o inverno com o povo de Mão-Cortada?

Olhando ao seu redor, Katherine admitiu que nunca pensara em refugiar-se numa tenda e tentava imaginar-se como parte de uma tribo pagã, rodeada de estranhos com pele acobreada, falando um dialeto incompreensível. Viera para o Oeste com o objetivo de ensiná-los, levar até eles a palavra de Deus e fazer o bem. Mas viver entre índios?

— Não podemos ficar aqui mesmo?

— Viajaremos para o norte, até encontrar a aldeia onde teremos muito mais segurança do que se ficarmos sozinhos.

Se Jed desejava segurança, por que não a procurava entre os missionários, num vilarejo bem organizado, com casas em vez de tendas e uma igreja onde encontrariam Deus?

— Já que planejou uma viagem... podíamos ir...

— Não vou para a Missão Whitman, Katherine. E, se quer mesmo ficar comigo,

também não irá. Eu nunca me adaptaria ao tipo de vida deles.

— Só pensei... que seria seguro, mais seguro...

— Você não correria nenhum perigo, mas eu estaria me arriscando demais. — Ele beijou o rosto meigo e sentiu uma profunda angústia. — Estamos voltando ao começo de tudo, Katherine. Disse que me aceitaria como sou e, apesar dos meus defeitos e qualidades, queria ficar comigo.

— É verdade. Eu o acompanharei para onde você for, até para essa aldeia distante. Certamente conseguirei revelar-lhes a verdade sobre Deus.

— Hum! Essa é sua voz de missionária — brincou ele, feliz por terem superado um obstáculo que o preocupava. — Tenho que controlar sua irracional tendência de reformar o mundo.

— Então devia ter escolhido uma mulher muda, Sr. West! Não precisaria preocupar-se com o tom de voz dela!

— E perder a satisfação de enfrentar um desafio tão excitante? Aliás, é bem fácil controlar seus impulsos moralistas com um beijo apaixonado.

— Não seria uma solução definitiva, concorda? Tem mais alguma objeção à minha pessoa, além do caráter missionário?

— Apesar desse detalhe... incômodo, não mudaria nada em você, amor. É uma lutadora, embora não seja capaz de agredir ninguém nem segurar corretamente uma arma. No entanto, conheço poucas mulheres que possuam a mesma força e, francamente, a maioria dos homens também sente medo e prefere fugir a enfrentar uma situação difícil. — Jed abraçou-a, possessivamente. — Só uma mulher muito corajosa amaria um homem como eu.

— E é preciso muita paciência para amar uma mulher como eu, Jed querido.

Seus olhares se encontraram, demonstrando que ambos estavam dispostos a encarar aquele desafio. Reconheciam que pertenciam a mundos diferentes, mas o amor seria a ponte sobre o abismo e teria força para uni-los. Aquela noite representava o primeiro laço que se formava entre eles, o início de uma vida nova.

A aldeia do povo de Mão-Cortada ficava bem ao norte de Fort Hall, uma viagem fácil na primavera e quase interminável durante o inverno. Apesar das inevitáveis dificuldades, as longas semanas do percurso iniciaram um aprendizado que Katherine precisaria para enfrentar sua nova vida.

Em uma carreta rudimentar, feita de couro trançado preso em traves de madeira e puxada pelos cavalos, eles levavam apenas o essencial para sobreviverem. A tenda desmontável que os abrigava da neve, os mantimentos, peles

para agasalhá-los e o mínimo possível de objetos pessoais. Viajavam muito tempo se a temperatura se mantivesse estável ou ficavam dias no mesmo lugar à espera do final de uma nevasca. Katherine não contava mais as horas da maneira tradicional, absolutamente sem sentido para os índios que se deslocavam de uma região à outra. A natureza governava o mundo e os seres humanos se adaptavam aos seus caprichos.

Além de tantas mudanças, ela já não contava com o conforto da carroça, que detestara no início de sua viagem para o Oeste. Agora, tinha que passar muito tempo montada num cavalo de passo duro e, quando não tolerava mais as dores musculares, ia a pé, puxando sua montaria.

Sua vontade férrea e a capacidade de suportar os rigores da viagem penosa sem uma única queixa eram dignas de admiração, e Jed demonstrava seu respeito pela coragem de Katherine evitando tratá-la como uma mulher frágil.

Depois de repousarem alguns dias em duas aldeias também dos Nez-Percé, finalmente chegaram à de Mão-Cortada. Embora ele fosse o único índio a falar inglês, Jed preferia dispensar qualquer ajuda, comunicando-se com os demais através de sinais, auxiliado pelas poucas palavras que conhecia do dialeto daquela tribo.

Nos primeiros dias, Katherine foi tratada como um ser estranho, pois a maioria dos habitantes daquela aldeia jamais vira antes uma mulher branca. Canto-da-Cotovia, a filha de Mão-Cortada, não se cansava de tocar seus cabelos dourados, enquanto a esposa, Ave-de-Plumas-Vermelhas, examinava a todo instante seus olhos azuis. Depois de satisfazerem a intensa curiosidade, aceitaram aquela criatura diferente, embora rissem de sua ignorância em relação às atividades mais elementares na vida dos Nez-Percé. Depois de uma reunião do Conselho Tribal, ela e Jed foram integrados a um grupo de oito casais mais jovens, e para demonstrar a necessária submissão da esposa ao marido, ajudou-o a erguer a tenda que seria seu lar.

Tão logo se acomodaram, Jed estabeleceu a rotina de seus dias que, na opinião de Katherine, não tinha nada a ver com o seu conceito sobre essa palavra. Ele e Mão-Cortada caçavam e colocavam armadilhas na floresta, mas só quando se sentiam dispostos a isso. Às vezes, os irmãos daquele índio enigmático os acompanhavam durante dias a fio e, de repente, perdiam o interesse e dedicavam-se a outra ocupação.

A vida de Katherine seguia padrões mais organizados. Passava os dias ao lado

de Ave-de-Plumas-Vermelhas, aprendendo a preparar a carne dos animais abatidos. Se conseguiu adquirir rapidamente essa perícia, não teve a mesma sorte na arte de retirar as peles preciosas sem estragá-las. Quando a faca escorregava de sua mão, furando o couro, a esposa de Mão-Cortada interrompia o que estivesse fazendo e terminava o trabalho antes de um desastre maior.

Katherine se ofendia com aquela atitude, sentindo-se uma intrusa que as mulheres índias consideravam incapaz de executar tarefas banais, precisando ser constantemente ajudada. Quando Ave-de-Plumas-Vermelhas retirava a pele de suas mãos, demonstrando uma eficiência insuperável, precisava controlar a irritação e isolava-se para ler a Bíblia. Que se rissem de sua inabilidade e criticassem seus defeitos, naquele dialeto incompreensível! Ela possuía uma habilidade muito mais preciosa: sabia ler!

Quando ela e Jed ficavam sozinhos, a felicidade voltava a reinar. Sentia-se segura e querida, conversando em inglês sobre o amor que os unia. O pôr-do-sol anunciava o início das horas de encantamento e muitas vezes se amavam até a noite ceder seu lugar à impaciente aurora.

Com a chegada do Natal, Katherine preparara um jantar especial e enfeitara a tenda com ramos de pinheiro. Jed elogiou seus esforços e os pratos mais elaborados, mas não demonstrou o festivo espírito natalino. Ela lutou contra uma crescente depressão, pedindo a Deus que, no próximo ano, pudessem celebrar a data máxima da cristandade em qualquer outro lugar, menos naquela aldeia. Talvez, se a sorte ajudasse, se conseguisse convencê-lo, se o amor fosse forte o suficiente, estariam na Missão Whitman. Teriam velas e cantariam as canções tradicionais em vez de passar as noites ouvindo histórias em uma língua que não compreendia.

— Por que nunca foi à tenda do Conselho, Katherine? — Jed custara a criar coragem para fazer aquela pergunta. — As mulheres também vão para ouvir as histórias e eu ficaria feliz se a visse entre elas.

— Eu não entendo uma só palavra do que falam e você sabe disso, Jed. Como não permitem que as mulheres fiquem junto com os homens, não tenho ninguém para explicar-me ao menos o tema da história. — Ela abaixou o rosto, corado de vergonha. — Detesto sentir-me idiota.

— Ninguém a considera idiota, querida. Sabem que você fala outro idioma.

— Exatamente!

Erguendo o queixo, Katherine tomou a sopa, usando a cuia como se fosse uma xícara. Jed pegava os pedaços de carne e os legumes com as mãos, mas ela

recusava-se a perder as boas maneiras.

— Seria ótimo se elas demonstrassem algum interesse em aprender a nossa língua, Jed.

— *A nossa língua, o inglês!*

— Lógico que sim. Tentei ensinar algumas palavras à Ave-de-Plumas-Vermelhas, pois assim poderíamos nos comunicar melhor, mas ela simplesmente virou o rosto. Não quis nem tentar.

— Ela *tentou* ensinar-lhe muitas coisas e você também a ignorou.

— Tentou, é? Quando eu cometo um erro, ela tira o trabalho das minhas mãos e o faz sozinha. — Irritada, Katherine empurrou para longe a cuia de madeira. — É igualzinha a Abigail! Trata-me como se eu fosse uma idiota, incapaz de executar as tarefas mais banais!

— Ela quer mostrar-lhe o modo correto de fazer uma determinada tarefa, Katherine. Espera que fique observando-a e quando tiver compreendido bem, recomeça o trabalho. Em vez disso, você se afasta e vai se isolar num canto para ler a Bíblia.

— Se ela me *dissesse* o que quer...

— Mesmo se vocês duas falassem a mesma língua, ela não lhe diria nada. Continuaría mostrando-lhe como fazer, explicando por gestos, não por palavras.

Quando terminou de tomar a sopa, Jed aproximou-se de Katherine, colocando o braço sobre os ombros frágeis. Ela viera para o Oeste a fim de conviver e comunicar-se com os índios. No entanto, desde que haviam se refugiado junto ao povo de Mão-Cortada, evitara as inúmeras tentativas de aproximação e se isolara de todos, a não ser dele.

— Se quer falar com as pessoas, precisa ouvi-las. Se quer ensinar, também terá de aprender.

— Mas essa conversa através de gestos é tão... tão primitiva! A excessiva agitação das mãos é pouco civilizada.

Ele deu uma gargalhada diante do desabafo incoerente de Katherine.

— Ainda menino me ensinaram que não se devia encarar as pessoas mais velhas enquanto elas estivessem falando com você. Então fui para a escola e aprendi que, se não as olhasse, levaria um puxão de orelha. Os costumes são diferentes em toda a parte, tente entender, Katherine.

— Eu sei, mas... acho tão difícil. — Ao vê-lo levantar-se, ela segurou-o pelo braço. — Por favor, Jed! Fique comigo, não vá hoje, só hoje.

Jed não teria hesitado em ficar. O inverno apenas começara e restavam inúmeras noites frias para sentar-se na tenda do Conselho e ouvir histórias. Entretanto, Katherine não podia persistir nessa atitude prejudicial. Se não tentasse se comunicar com as outras mulheres, entraria em depressão e ficaria desesperada para retornar ao mundo dos brancos. Então a perderia para sempre.

— Venha comigo, querida. Faça um esforço...

Katherine não conseguia conciliar as duas emoções contraditórias que estavam destruindo sua vida. Queria ir, sentir-se rodeada por outros seres humanos que, embora não soubessem a importância do Natal, estariam reunidos em um ambiente festivo. Ao mesmo tempo, reagia contra a proximidade daquelas pessoas que a consideravam uma intrusa e agiam como se ela não existisse. Para aquele povo, ela era invisível!

— Não, não hoje. Talvez...

— Se mudar de idéia, sabe onde me encontrar. De qualquer forma, nunca demoro muito para voltar, não é?

Sozinha, Katherine cobriu o rosto com as mãos, à beira de uma crise de angústia. Como gostaria de entender aquele povo! Jed se adaptara com uma facilidade espantosa, talvez porque fosse homem. Thomas também se relacionava com as pessoas que precisavam de seu auxílio, das mais ricas às mais humildes, sem a menor dificuldade. Um aprendera a arte de se comunicar através dos livros, o outro através da vida. E ela começava a desconfiar que nenhum dos dois métodos lhe daria essa preciosa sabedoria.

Já descobrira que ensinar não era tão fácil quanto imaginara. Ave-de-Plumas-Vermelhas não repetira as suas palavras com o entusiasmo da aluna que existira apenas na imaginação de uma criatura sem experiência de vida como ela. Também não demonstrara o menor interesse na Bíblia. Uma missionária devia dedicar-se a fazer o bem mas continuava muito distante de seu objetivo. Poderia limitar-se a ser a esposa de Jed, ou melhor, sua mulher, porque não tinham se casado. Se aprendesse a curtir peles, talvez se transformasse em uma ajudante eficiente. E o bem? De que modo contribuiria para melhorar os seres humanos?

Não havia lua e não se ouvia nenhum som na noite escura e silenciosa. Katherine saiu da tenda furtivamente, tentando mover-se sem ruído, como os índios, a fim de não alertar ninguém de sua aproximação.

Na "praça" da aldeia, a tenda do Conselho, grande e muito clara, representava união e calor humano. Ainda a distância, Katherine já podia ver as sombras reunidas

em torno da fogueira central. As mulheres ficavam à esquerda e, entre os homens, à direita, ela tentou, em vão, distinguir a figura de Jed. Ouvia o crepitar das chamas, as vozes e as risadas, mas ainda hesitava em dar os últimos passos. Olhando para o céu, Katherine contemplou as estrelas, agrupadas em cintilantes constelações ou solitárias, mas partilhando a imensidão do infinito. Gostaria de imitá-las, integrar-se ao mundo, pertencer àquela comunidade que por um tempo indeterminado seria seu lar. Entretanto, não via possibilidade de consegui-lo sem entender a língua que falavam nem seus costumes, incompreensíveis e livres demais para uma mulher branca e educada dentro de padrões rígidos. Até a aparência exterior contribuía para diferenciá-los e a inexistência de qualquer semelhança física aumentava o abismo entre eles. Realmente, só o seu dever de missionária a impedia de abandonar a luta.

A neve rangia sob seus pés, um som suave que era suplantado pelas risadas. Ao aproximar-se da tenda, reconheceu o riso claro de Jed, inconfundível entre tantos outros que ecoavam no silêncio da noite. Ele mal compreendia o dialeto dos Nez-Percé e, no entanto, partilhava de sua alegria. Precisava seguir aquele exemplo de receptividade e participação. Apesar da separação entre homens e mulheres, que os manteria afastados, sentiria a presença querida dar-lhe forças mesmo a distância.

Todos encararam Katherine quando ela entrou na tenda. Enquanto tirava a capa de couro de búfalo, viu que os rostos cor de cobre refletiam surpresa, não hostilidade ou indiferença. Os olhos de Jed brilhavam e, disfarçando um sorriso de alegria, indicou com um olhar, o local reservado às mulheres.

Jed realmente a julgava tola demais! Ela era muito observadora e sem dúvida o surpreenderia com seu desembaraço. Sabia que não podia passar perto da fogueira central, nem na frente dos homens e, escolhendo a passagem no fundo da tenda, aproximou-se das mulheres. Ave-de-Plumas-Vermelhas abriu um espaço para que Katherine se acomodasse a seu lado.

Agora, não podia contar com Jed para orientá-la, estava completamente sozinha. Espantou-se com a beleza da esposa de Mão-Cortada, como se estivesse vendo o brilho de suas tranças negras, o aveludado de sua pele acobreada e os traços bem-feitos pela primeira vez. Ave-de-Plumas-Vermelhas disse-lhe o nome do contador de histórias, um jovem forte parado no centro da tenda e sorriu, deliciada, quando Katherine o repetiu várias vezes. Canto-da-Cotovia ofereceu-lhe um pedaço de carne defumada e, quando ela agradeceu em inglês, ensinou as palavras certas no dialeto dos Nez-Percé.

No final da noite, Katherine percebeu que aprendera, em poucas horas, uma quantidade espantosa de palavras. Também notou que a maioria dos homens sabia um pouco de inglês, mas hesitavam, como ela, em usá-lo, mesmo quando não conseguiam se comunicar. Ao retornarem à sua tenda, perguntou a Jed quem os ensinara.

— Eles tiveram alguns contatos com Henry Spaulding, cuja missão se localiza a noroeste daqui, às margens do Lap-wai Creek. Muitos dos parentes de Mão-Cortada, que vivem nessa região, converteram-se ao cristianismo e abandonaram as migrações para dedicar-se à terra. Agora são pequenos agricultores.

— Que maravilha! — O rosto de Katherine revelava alegria e esperança. — Tenho certeza que, se nos esforçarmos mais, o povo desta aldeia também...

— A situação já não é a mesma, Katherine. Eles estão muito preocupados com as grandes quantidades de pioneiros que começaram a chegar. Sempre receberam bem os brancos, mas notaram algumas mudanças inquietantes. Esses novos desbravadores do Oeste não demonstram a boa vontade dos que vieram para fazer mapas desta região, dos caçadores e dos missionários como Whitman e Spaulding. Querem terras, enormes extensões de terra e não respeitam nada para consegui-las.

— Mas *eu* só quero ensiná-los a conhecer Deus.

— Eles já conhecem, Katherine. Acredite em mim. Talvez não o demonstrem com o mesmo ritual que você, mas o reverenciam a seu modo.

Jed parou de falar a fim de reativar o fogo e, quando as chamas se ergueram, aquecendo a tenda, ajudou Katherine a tirar a capa de couro.

— Enquanto os ensina, aprenderá muito com eles, Katherine. Senti orgulho de você, hoje.

— É verdade? Eu apenas...

— E não esqueci do Natal, como pensou.

— O dia já passou, estamos na...

— Na Epifania, eu sei. Tenho sangue francês nas veias, querida. E, como eles, também *sei* quando é hora *pour un cadeau...* para dar um presente. Esperei ansiosamente por este momento.

— Mas... eu não...

— Fique quieta, amor. Agora, deixe-me contar-lhe que esperei com a ansiedade de uma criança, esforçando-se para não revelar o segredo. Vire-se de costas e feche os olhos.

Ela sentiu que Jed colocava o presente sobre seus ombros. Era muito mais leve

do que a capa de couro de búfalo e algo macio e quente tocava seu corpo. Incapaz de resistir à curiosidade, abriu os olhos e não conteve uma exclamação de maravilhada surpresa. Tinha um novo agasalho, uma obra-prima feita de camurça branca e forrada com a preciosa pele do lobo cinzento de pêlos longos e quase prateados.

— Oh, Jed! Nunca vi nada tão lindo! — rodopiando, ela exibia o presente e a felicidade de recebê-lo. — Foi você quem fez esta capa magnífica?

— Sim, mas quem curtiu o couro dos veados brancos, que poucos conseguem preparar sem nenhum defeito, foi Ave-de-Plumas-Vermelhas. — Erguendo o capuz da capa, Jed colocou-o sobre a brilhante cabeleira de Katherine. — Ouro e prata... é a combinação perfeita.

— Eu preciso agradecê-la e... você...

— *Joyeux Noel, ma petite*. Feliz Natal.

— Por que não me disse nada, Jed? Eu não tenho um... não pensei que fosse lembrar...

— Se eu lhe contasse, deixaria de ser uma surpresa e não veria a sua expressão maravilhada, amor. Quanto ao meu presente... só desejo que o use.

— Ora, É evidente! Como eu resistiria?

— E então terei o prazer de tirá-lo...

— Lógico. Você sempre age como um cavalheiro.

— Mas quero encontrar apenas a sua pele sob a capa e deliciar-me com sua nudez.

— Jed! — Depois de fingir-se chocada com aquela sugestão ousada, Katherine o fitou maliciosamente. — Agora não terei o prazer de surpreendê-lo!

CAPÍTULO VIII

O inverno significava o repouso da Mãe-Terra, que dormia debaixo de cobertores brancos, e os seres humanos se empenhavam em não perturbar seu sono. Katherine encantou-se com aquela lenda dos Nez-Percé e dedicou-se, como eles, às atividades apropriadas para os longos meses quando a neve dificultava sua saída das tendas aquecidas. Trabalhos artesanais e longas conversas ocupavam os dias e, à noite, após a costumeira reunião para ouvir histórias, chegava o momento do amor.

Disposta a integrar-se, ela aperfeiçoou sua habilidade em curtir couro e em

preparar as peles preciosas que seriam vendidas aos brancos. Aprendeu a fazer adornos usando conchas e contas coloridas, muito apreciados pelos Nez-Percé que furavam a aba do nariz para enfeitá-lo com uma dessas jóias.

Logo ao chegar à aldeia, Katherine chocara-se com aquela deformação primitiva, mas, com a convivência diária, já não notava qualquer diferença entre os seus narizes e o dela. Sem saber exatamente quando, parou de comparar as tradições dos brancos com os costumes do povo que os acolhera, oferecendo-lhes refúgio durante o inverno. Foi a partir desse momento impreciso que desapareceram todas as dificuldades de comunicação entre eles.

Jed a ensinava a linguagem dos sinais. Quando percebeu que Katherine realmente estava interessada em aprender, começou a usá-los para se comunicarem. O método de imitação nem sempre funcionava, porque ela se esquecia de mover as mãos, fascinada ao vê-lo exprimir-se com gestos fluidos.

— Eu gosto tanto de olhá-lo — dizia ela quando Jed parava e segurava suas mãos para colocá-las na posição certa. — Você é muito mais hábil.

— Também gosto de ver seus gestos que, sem dúvida, são mais graciosos, querida. Agora... vamos recomeçar, sim?

E os dias passavam, num ritmo lento e prazeroso. No final do inverno, não se encontrava mais caça e a alimentação foi racionada mas, visto que ela e Jed tinham sido aceitos como membros da tribo, recebiam parcelas iguais de carne salgada e ninguém passava fome entre os Nez-Percé. Com a neve se acumulando em volta das tendas, diminuía as atividades comunitárias e os dois ficavam sozinhos, abraçados diante do fogo sempre aceso e se descobrindo mutuamente.

— Você nunca pensa em voltar para o Leste, Kate?

Jed fora o único a chamá-la carinhosamente de *Kate*, e ela regozijava-se com a força daquele amor. No entanto, mentiria se afirmasse que não sentia muita falta de seu mundo confortável e civilizado. Frequentemente, sonhava com sua família e às vezes surpreendia-se tendo saudades até da insuportável Abigail.

— Às vezes eu penso na minha família, mas sei que nunca voltarei a vê-la.

— Acha que seria feliz se voltasse?

— Com você a meu lado, Jed?

A resposta de Katherine, uma interrogação profundamente significativa, revelou a Jed o que ele não tivera coragem de perguntar.

— É lógico que sinto saudades, principalmente de meu pai. Gostaria de receber notícias dele e saber se está bem. E você, Jed? Não pensa em voltar a seu lugar de

origem, a seu lar?

— O meu povo é migrante, como os Nez-Percé, e muda de lugar conforme a estação do ano. Mas, ao contrário deles, não se dividem em aldeias separadas. Toda a tribo se desloca em conjunto e eu passei tantos anos vagando sozinho pelo mundo que já não sei se me adaptaria a essa vida comunitária.

Remexendo as brasas da fogueira, Jed deu um sorriso melancólico.

— No entanto, eu penso muito em voltar. Não passo um único dia sem imaginar como estará minha mãe, se minha avó ainda vive. Pergunto-me constantemente se ainda se lembram de mim, se mencionam o meu nome em suas conversas...

Jed a fitava como se esperasse que Katherine tivesse as respostas pelas quais ansiava. Percebendo a angústia refletida nos olhos negros, ela se recostou no peito amplo, impelida pelo desejo de reconfortá-lo.

— É evidente que sentem saudades de você, Jed. Como poderiam esquecê-lo?

— Ela hesitou antes de fazer uma pergunta difícil. — Acha realmente impossível voltar?

— Você iria comigo, Kate?

Erguendo o rosto, ela respondeu com um beijo. Não conseguia pensar no futuro sem sentir medo.

— Tenho ouvido comentários sobre a insatisfação dos *métis*, que começam a falar em tomar uma atitude a respeito da *Hudson's Bay Company*. Há anos meu povo se ressentia com as regras estabelecidas por eles e que limitam sua liberdade.

Alarmada, Katherine afastou-se de Jed a fim de ver sua expressão.

— Que tipo de atitude?

— A que for necessária para obrigá-los a ouvir as queixas dos *métis*. A companhia depende da nossa colaboração e, tanto eles como nós, sabemos disso. Ajudamos a encher seus cofres, mas não temos lugar em sua sociedade. — Ele começou a contar nos dedos as queixas de seu povo. — Não somos brancos e também não somos índios. Determinam que nossas aldeias devem ficar em determinados locais e proíbem o uso de outros. Querem que nos dediquemos a alguns tipos de trabalho apenas, exigem que não façamos negócios com ninguém mais, a não ser com seus representantes. Quando voltei pela primeira vez, encontrei um missionário... sempre há um "missionário" perto de mim, não é, Kate?

A recordação do passado provocou um sorriso amargo no rosto preocupado de Jed.

— Talvez porque Deus esteja lhe enviando uma mensagem, querido.

— Ouça a minha história e use seu conhecimento "missionário" para me explicar qual foi essa... mensagem divina. O padre me procurou para dizer que a Igreja estava interessada em uma maior participação dos "mestiços" em sua organização clerical. Não gostava do termo "nativos" porque o considerava ofensivo e nós deveríamos impedir que nos insultassem desse modo. Não havia mal algum na mistura de duas raças que, concretamente, nos dava certas vantagens. Poderíamos ser intérpretes valiosos e nos transformar no que ele chamava de "fermento" do cristianismo.

Concentrada no relato, Katherine não notou que a voz de Jed passara da amargura à raiva.

— Ele ficou muito bem impressionado com minha educação adquirida em uma ótima escola e achou que sua proposta iria me interessar. Perguntei-lhe se estava insinuando que eu poderia ser um padre. Evidentemente, a resposta foi negativa. Pretendia oferecer-me uma posição importante, mas jamais o sacerdócio. Sugeriu que eu me casasse com uma mulher branca, de origem européia, para diluir meu sangue indígena e produzir um filho de pele clara e com todas as condições de se transformar num líder.

— E eu pensei em ter uma filha de pele dourada quando nos casássemos. — Katherine tentou aliviar a tensão com uma brincadeira. — Ah! Uma que soubesse nadar.

— Foi essa a mensagem de Deus, Kate?

— Talvez fosse um aviso, prevenindo para fugir de "missionárias", um conselho que você ignorou, querido.

— Foi exatamente o que eu pensei.

— Mas Deus tinha que me proteger também.

Jed sentiu uma profunda angústia ao pensar que Katherine dependia dele para ser protegida. Não tinha nada a oferecer e um estranho pressentimento o avisava que a perderia. Lembrou-se das histórias do velho "Coioite", malicioso e criador de intrigas que levavam os homens a cometer desatinos.

"Dê ao homem uma mulher sensual e bonita, mas que seja branca e missionária. Deixe-o sentir o gosto da felicidade, apenas provar o sabor dessa emoção única, e depois o veja perseguir uma miragem inatingível, como fez durante toda a sua vida. Correndo atrás de ilusões!"

Sem dúvida, sua avó, uma velha que nascera sábia, tentaria convencê-lo a ser

prudente. Provar o gosto da felicidade só despertaria o desejo de saboreá-la para sempre, mas o prazer seria breve porque o tempo não se detinha por nada e por ninguém. Como se tivesse lido seus pensamentos, Katherine mencionou o assunto que o atormentava.

— Logo chegará a primavera.

Ela esforçou-se para disfarçar sua verdadeira intenção ao desviar o rumo da conversa através daquele comentário. Jed a entenderia. Logo a neve se derreteria e as passagens entre as montanhas se abririam para os viajantes que sonhavam em chegar ao tão sonhado Oeste.

— Mas, por muito tempo ainda o inverno continuará prendendo o mundo em seu abraço gélido, Kate.

A primavera finalmente chegou. A Mãe-Terra despertara de seu longo sono e era preciso celebrar o renascer da natureza. Completamente integrados na comunidade dos Nez-Percé, Jed e Katherine participavam de todos os trabalhos, ocupando os seus dias para não pensar nem fazer planos para o futuro.

A mulher e os filhos de Mão-Cortada o acompanhariam até Fort Boise, onde o índio iria negociar o estoque de peles acumulado durante o inverno. Apesar de pertencer à *Hudson's Bay Company*, aquele era o posto mais próximo e a viagem seria de curta duração. Não se mencionava o motivo da urgência demonstrada por Jed. Não se falava do que ele faria nem para onde iria quando deixasse a aldeia.

As costumeiras deliberações entre os dois sócios sobre as mercadorias que seriam necessárias também foram breves. A lista de Mão-Cortada não mudara, longa e destinada à sua defesa e à sobrevivência de sua família. Jed, porém, só queria munição e a moeda cunhada pela companhia, que poderia carregar sem problemas.

Jed sabia que, quando Mão-Cortada retornasse, não existiriam mais motivos para adiar a partida e precisaria discutir sua decisão com Katherine. Também não ignorava que ela sonhava em ir para o oeste, a fim de reunir-se aos Whitman e tentaria convencê-lo a aceitar a oportunidade de uma nova vida. Talvez até conseguisse se não tivesse outros planos a respeito do futuro, idéias que ocupavam sua mente, dia a dia mais definidas.

Decisões, planos, idéias definidas ou apenas a mesma ânsia irrealizável que o atormentava há anos? Jed conhecia bem a sensação de perda e o desejo ardente de recuperar as raízes e a sua identidade. Convivera com esse sentimento angustiante desde que o pai o colocara em um cavalo para levá-lo à escola do Sul. Tentara

ignorá-lo, bebera para esquecer e quando a solidão aumentava demais seu desespero, convencia-se que, se não pudesse voltar, talvez conseguisse aproximar-se um pouco mais do paraíso perdido. Quem sabe chegaria perto o bastante para sentir o cheiro do rio e ouvir o vento assobiando entre os pinheiros?

Jed sonhava com a volta ao lar, sonhava em levar Katherine para a sua família.

Ela percebeu apenas que Jed mudara. Deixava-a sozinha a maior parte do dia, isolando-se na floresta, e essa necessidade de solidão a perturbava. Estaria se sentindo preso ou com saudades de uma vida sem compromissos com ninguém? Quase nunca a convidava a acompanhá-lo e, em uma dessas raras ocasiões, almoçaram juntos à beira do lago. Certa de que o convite significaria uma explicação, Katherine ficou ainda mais frustrada e inquieta.

Evitando os olhares interrogativos de Katherine, Jed ajudou-a a preparar o almoço, mas antes que ela pudesse fazer-lhe uma única pergunta, atirou-se no lago e com braçadas vigorosas afastou-se muito da margem. Sem dúvida, não se sentia com a paciência de sempre e decidira evitar as monótonas tentativas de ensiná-la a nadar. Ou estaria mergulhando para agarrar um punhado de areia para trazê-lo à superfície?

Imediatamente, Katherine censurou-se por estar pensando em lendas pagas. Jed West não era nenhum espírito que liga as águas à terra, só um homem com qualidades e defeitos humanos a quem prometera amar. No entanto, os constantes mergulhos e o longo tempo que ele permanecia submerso a perturbavam e decidiu ocupar-se com uma atividade útil. A poucos metros dali havia uma quantidade enorme de framboesas silvestres e, se as colhesse, teriam uma sobremesa para o jantar.

Ao aproximar-se de uma pedra, ao lado das frutinhas, percebeu que algo se movia. Cautelosamente, chegou mais perto e, para sua surpresa, encontrou dois filhotinhos de urso, brincando como gatinhos inofensivos. Parando por um instante, pensou em um modo de chamar a atenção de Jed, sem assustá-los, para que ele também os visse.

Jed já saíra da água e terminava de vestir-se quando ouviu o barulho de galhos quebrados e uma mancha escura movendo-se entre os pinheiros. Ia abaixar-se para pegar o rifle e parou ao ver uma enorme ursa parda surgir a poucos passos dali e perigosamente próxima de Katherine, que brincava com os ursinhos. Em pânico, não pensou em mais nada e correu ao encontro dela sem levar a arma.

— Afaste-se desses animais, Kate! Depressa!

Assustada com o grito de Jed, ela virou-se para trás e ficou paralisada de pavor.

— Recue, Kate! Volte até o lago e pegue o meu rifle!

Com os olhos fixos na urso, Katherine começou a recuar.

Quando a aparição de Jed distraiu o animal, ela parou novamente. Em pé nas patas traseiras, a mãe erguera-se para defender os filhotes e aproximou-se com as garras à mostra.

— O rifle — murmurou Jed. — Vá buscar...

Com um urro, o animal baixou a pata dianteira. Instintivamente, Jed cobriu o rosto e as garras bateram na base de seu pescoço, abrindo sulcos profundos até a cintura. Ele cambaleou com a violência do golpe e caiu de joelhos. Um tiro ecoou a seu lado. Não descobriu qual dos dois fora atingido, só viu o animal afastar-se, seguido pelos filhotes.

Largando o rifle, Katherine correu gritando o nome de Jed e soluçando descontroladamente.

Jed lutou para não deitar-se, certo que morreria se perdesse a consciência. Tudo girava ao seu redor e ouvia, ao longe, os gritos de Katherine e o som de seus passos se aproximando. Não queria que ela o visse assim, já sentira o sangue ensopar suas roupas e sabia que as garras afiadas da urso haviam rasgado seu corpo.

— Oh, meu Deus!

Com a visão embaçada, Jed não distinguia as feições de Katherine, mas percebia nitidamente o pânico na voz dela.

— Faça ataduras... — O choque inicial passara e a dor brutal quase impedia Jed de orientar Katherine. — Depois de colocá-las sobre o ferimento, corra até a aldeia para pedir ajuda.

— Há tanto sangue... oh, Jed...

— De que tipo? Vermelho... — Ele já não conseguia coordenar os pensamentos. — ... ou branco?

Os dois estavam perto da aldeia, mas ninguém ouvira seus gritos. Katherine não queria deixá-lo sozinho e ao mesmo tempo sabia que precisava ir em busca de ajuda. Em segundos, as bandagens que colocara tinham ficado ensopadas de sangue. "De que tipo"? Só a dor justificava uma pergunta como essa!

— Chame Cavalo-Preto — murmurou ele. — Logo...

Katherine perdeu a noção da seqüência dos fatos. Começara a chover e ela chegou à aldeia ensopada. Não soube como conseguiu que Cavalo-Preto interrompesse seu almoço, nem se usou gestos ou palavras para se comunicar. Em

um espaço de tempo que poderia ter durado minutos ou horas, retornou ao lago acompanhada pelo índio e sua esposa, que puxava uma maça. Quando conseguiram colocar Jed na tenda, seu primeiro pedido foi que chamassem Águia-Solitária, o curandeiro.

Enquanto esperavam pela chegada dele, Katherine tirou as bandagens para limpar os ferimentos. Apesar de apavorada com a extensão e a profundidade dos cortes, não fez nenhum comentário. Jed sabia que estava em perigo de vida, a dor refletida em seu rosto demonstrava plena consciência da gravidade da situação.

— Pegue o uísque na minha mochila e uma de suas agulhas, Kate.

— Mas... Águia-Solitária virá e...

— Faça esse sacrifício por mim, Kate. Águia-Solitária vai trazer poções medicinais e os cortes precisam ser costurados. Você é muito hábil com agulhas, *ma petite*.

Embora em pânico, Katherine reconheceu que Jed tinha razão. Enchendo-se de coragem começou a agir com determinação. Acendeu o fogo, despejou o uísque sobre os ferimentos e preparava-se para dar o primeiro ponto quando Águia-Solitária chegou. De cócoras ao lado da entrada da tenda, iniciou os cantos rituais.

— Pelo amor de Deus, Jed! Não sei se conseguirei me concentrar com esse homem cantando...

— Você já rezou, Katherine?

— Não, eu... — surpresa com a pergunta, ela não compreendeu o que Jed esperava dela. — Não tive tempo.

— Então deixe Águia-Solitária rezar em seu lugar, enquanto você trabalha. Lembre-se de seus bordados e não ficará impressionada.

Sem dúvida, ele não imaginava a que tortura estava submetendo-a. Katherine quase desmaiou ao dar os primeiros pontos, sentindo uma incontrolável tontura ao enfiar a agulha na pele de Jed. Depois de alguns minutos, conseguiu dominar as náuseas e não pensar no que fazia, concentrando-se apenas no trabalho a ser terminado.

Katherine não percebeu quando a madeira que Jed mantinha entre os dentes para não gritar de dor caiu a seu lado. Jed perdeu os sentidos segundos antes que ela desse o último ponto. Águia-Solitária aproximou-se, colocando uma pasta malcheirosa sobre o ferimento e, calado como chegara, foi embora da tenda.

A tensão impedia Katherine de relaxar. Retirou as roupas ensopadas, lavou o sangue de seu corpo e de Jed e só então deitou-se ao lado dele. Queria envolvê-lo

com o seu calor e transmitir-lhe a força para lutar pela vida.

Durante aquela tarde e por toda a noite, Jed voltou a si e tornou a perder a consciência diversas vezes. Ocasionalmente, percebia que o forçavam a beber um líquido de gosto horrível mas, a maior parte do tempo, permanecia em um mundo sombrio, onde só existia dor.

De hora em hora, Katherine dava-lhe a poção preparada por Águia-Solitária, mas à medida que o tempo passava, começou a perder a confiança na habilidade daquele curandeiro. Jed estava com febre e, desesperada, examinou os pontos para verificar se havia alguma infecção. Para sua surpresa, a costura, milagrosamente bem-feita, não apresentava nenhum vazamento de pus.

Se alguém lhe dissesse, há um ano atrás, que iria costurar um ferimento profundo, ela teria gargalhado diante da brincadeira, embora a considerasse de mau gosto. Agora, porém, não tinha a menor vontade de rir e rezou fervorosamente antes de ser vencida pelo sono.

Gotas de chuva caindo sobre as brasas a despertaram pouco antes do amanhecer. O vento mudara de direção e teria que alterar a posição da tenda. Quando voltou, ensopada e tremendo de frio, encontrou Jed acordado e em meio a um acesso de tosse.

— Devo ir buscar Águia-Solitária Jed? — A tosse o impedia de responder e ela insistiu: — Diga-me o que fazer! Fale sobre os remédios de sua avó e talvez eu consiga...

— Saberia reconhecer folhas de beladona? — Ele falava com dificuldade entre um espasmo e outro. — Vi um arbusto perto do lago... da pedra...

— Eu sei onde encontrá-los.

— Então vá buscar e... traga as raízes.

O sol ainda não nascera e a claridade tênue demais impossibilitou Katherine de completar sua tarefa com rapidez. Voltou correndo para a tenda e, quando Jed controlava a tosse, dizia-lhe como devia preparar o remédio.

— Coloque dez gotas em uma caneca de água.

Ela ajoelhou-se ao lado de Jed para ajudá-lo a beber e chocou-se com a expressão alucinada em seus olhos. Fitava-a como se não a visse e matinha as mãos crispadas sobre as ataduras.

— Oh, Deus! Você está sangrando de novo, Jed. Os pontos devem ter... a tosse forçou-os demais.

— Dez gotas, Katherine. Dê-me logo o remédio.

— Sim, mas... — Ela encostou a caneca nos lábios de Jed. — Tenho que ajudá-lo e, se não tirar as mãos dos curativos...

— Não adianta. Você já não pode me ajudar, Kate. Só as bandagens impedem que meu corpo se abra em dois.

— Então eu...

— Deixe-me em paz! — Ele empurrou a mão de Katherine e, virando-se de costas, fechou os olhos. — Vá embora.

Uma voz grave e controlada ecoou à porta da tenda.

— Mão-Cortada! — Recuperando as esperanças, Katherine puxou-o para dentro da tenda e contou-lhe atropeladamente tudo o que acontecera. — E, para piorar a situação, pegou um resfriado.

O índio, calado e eficiente, recusou-se a ouvir os protestos de Jed e retirou as bandagens.

— Precisa ser costurado de novo, amigo.

— Eu sei! Eu disse a ele... — gritou Katherine desesperada. — Está sangrando e nem o remédio da avó ajudou...

— Deu-lhe um remédio Cree? — perguntou Mão-Cortada, surpreso. — Ótimo, são muito eficazes. Agora vamos tratar dos pontos, amigo.

Lívido e tossindo muito, Jed não olhava para Katherine. Ela sentia-se derrotada e à beira de um colapso, vendo-o esvair-se em sangue porque seus pontos não tinham sido tão firmes quanto pensara.

— Não sei se vou agüentar outra vez essa agulha — murmurou Jed, finalmente reagindo. — Tenho receio de me comportar como um fraco...

— Eu sei que tipo de homem você é, Jed. E Mão-Cortada também o conhece há anos, portanto, não precisa provar nada para nós.

A poção da avó de Jed começara a fazer efeito, deixando-o mais sonolento e quase sem tosse. Aproveitando o intervalo de quietude, Katherine refez toda a costura, enquanto Mão-Cortada o segurava firmemente para impedi-lo de fugir da dor causada pela agulha. Quando tudo terminou, lágrimas escorriam pelos três rostos angustiados.

Durante algumas horas, Jed dormiu um sono agitado, falando em francês e resmungando pragas incompreensíveis. Katherine e Mão-Cortada permaneciam ao lado dele, percebendo que a febre subia e um ronco ameaçador crescia, vindo de seus pulmões.

Quando o sol se foi, Mão-Cortada levantou-se.

— Não! Por favor, não vá embora. — Cambaleante, Katherine também ergueu-se e agarrou o braço de Mão-Cortada. — Precisamos fazer alguma coisa, ele está piorando, fica mais fraco a cada minuto.

— Tenho de ir. Vou preparar um banho de vapor.

— Mas ele está fraco demais. Se suar... se o tirarem daqui...

— Jed não resistirá ao frio desta noite se não suar. Temos que nos arriscar a removê-lo daqui.

A tenda onde se realizavam os banhos rituais ficava longe das outras, em um local isolado e rodeado por pedras que tinham um significado místico. Não era permitida a entrada de mulheres e, diante do desespero de Katherine ao perder Jed de vista, Mão-Cortada sugeriu-lhe que oferecesse um sacrifício aos deuses para salvar seu homem.

Cobrindo-se com a capa, Katherine encolheu-se de encontro ao tronco de uma bétula, não muito distante da tenda onde todos os homens da tribo haviam se reunido para transmitir sua energia para Jed.

"Um sacrifício para salvar seu homem". O que lhe restava para oferecer? Renunciara à família e a uma vida confortável por Thomas e ele morrerá. No entanto, jamais o amara como amava Jed. Talvez estivesse pagando pelo pecado de ter se esquecido da existência do marido e gostaria de pedir-lhe perdão. Entretanto, não adiantaria, porque o pecado já fora cometido. Partilhara sua infância com Thomas e sua plenitude com Jed. Seria errado?

Só pedia a Deus que não o tirasse dela!

Uma voz vinda de muito longe, entoando uma canção que seguia o ritmo das batidas de seu coração. Seus ancestrais cantavam e a melodia Cree aumentava sua angústia, não o acalmava como as canções francesas de seu avô. Lembrava-se de uma que o deixava sonolento, mas não era essa que queria ouvir. Precisava recordar as palavras de um canto de guerra que poderia revigorar a vida de um homem, dando-lhe forças para lutar.

Então ele falou ao seu ouvido.

"Cante, monfils. Solte a voz e espalhe seu canto de coragem pelo mundo. A melodia vibrante o levará além dos rios, por cima das montanhas, entre nevoeiros espessos e dias sem sol. Cante com a força do coração, porque ainda tem uma missão a cumprir."

— Que missão, *grand-père* — Jed não ouvia a própria voz respondendo ao avô.

— Ninguém consegue alcançar o fundo das águas. E eu tentei, tentei tantas vezes!

Meu peito quase estourava, o fôlego me faltava e só me restava voltar à tona... de mãos vazias. Nem um único grão de areia. Nada.

"Seu povo precisa de um lar. Mergulhe mais fundo. Traga um punhado de terra para nós, Girard."

— Não posso. Estou esgotado. Perdi muito sangue.

"Seu sangue correrá de novo nas veias em partes iguais. Você será o mesmo homem, um métis. Nada mudará."

— Com um novo nome, me transformarei em outro homem.

"Nomes são trocados muito facilmente porque não escondem a verdade."

— Esconderão se eu ficar longe do meu lar.

"Não suportará perder o lar, é a sua vida."

— Conseguirei se tiver uma esposa que me ame.

"Já teve duas, uma pele-vermelha e uma branca. E ainda não sabe quem você é realmente, Girard. E quem serão seus filhos?"

— Vão me matar se eu voltar.

"E como acha que está agora?"

— Já morri?

"Falta pouco."

— Mas tenho chances de viver?

"Se quiser muito, talvez consiga."

— Quero minha vida, minha mulher e uma chance de encontrar a paz.

"Seu povo precisa de um lar. Mergulhe mais fundo, tente com mais empenho. Venha à tona e volte a afundar. Traga um punhado de terra para nós, Girard. A terra que não temos."

Todos estavam juntos. Katherine entre as bétulas e Jed na tenda, envolvido pelo vapor. As preces dos homens, em tom solene, o canto do curandeiro, alto e aguerrido, se uniam para chamar o sopro vital dos espíritos.

Eles o levaram de volta à sua tenda no início da madrugada. Katherine já o esperava com a poção da avó Cree. Envolvendo-o em cobertores, ergueu-lhe a cabeça para que bebesse o remédio e viu o suor na testa de Jed. Com a mão trêmula, tocou-o de leve. A febre cederá!

Durante uma semana, Jed não teve forças para nada além de comer e dormir. Katherine cuidava de tudo, com uma energia inesgotável. Havia sempre chá quente, uma sopa nutritiva com cereais e legumes. Ela afastava-se da tenda apenas para colher alimentos que as mulheres da tribo usavam para restituir o vigor de seus

homens. E Mão-Cortada vinha diariamente com um bom pedaço de carne que devolveria as forças perdidas.

A recuperação foi lenta e, à medida que ele se restabelecia, também aumentava seu mau humor. Queixava-se que não podia mover-se com rapidez, que os pontos provocavam uma coceira insuportável e já não agüentava passar os dias deitado. Jed não suportava a inatividade nem o confinamento e continuava preso dentro da tenda, ainda sem condições de dar os primeiros passos.

Katherine demonstrava uma paciência infinita. Preparou uma loção de aveleira para aliviar a tensão dos músculos forçados a se manterem na mesma posição, descobriu a receita de uma pomada que diminuía a formigação provocada pelos pontos e tentava preparar pratos mais apetitosos para despertar-lhe o apetite.

Entretanto, Jed só começou a recuperar a costumeira alegria quando ela voltou a ocupar seu lugar nas peles que lhes serviam de cama. O corpo de Katherine, colado ao seu, era o tônico mais revigorante de todos.

Finalmente, ele acordou no meio da noite dominado pelo desejo de amá-la como em tantas outras noites. O ferimento em seu peito dificultaria a união completa de seus corpos, mas, incapaz de se conter, começou a acariciá-la. A paixão veio à tona com um vigor inesperado. Ambos sentiam-se ávidos por celebrar a vida e os dois se entregaram ao prazer, esquecendo os perigos e a presença muito próxima da morte. Podiam se amar, estavam vivos. Naquela noite, Jed percebeu que voltara a ser um homem saudável.

O sol nasceu e se pôs duas vezes e, na terceira manhã, Jed considerou-se apto para voltar às suas atividades normais. Sabia que os Nez-Percé esperavam apenas pelo seu restabelecimento para partir e, no dia seguinte, anunciaria a sua decisão de iniciar uma viagem. A pequena comunidade daquela aldeia percorria grandes distâncias para juntar-se aos demais grupos de sua tribo a fim de passarem o verão juntos em um outro local.

Finalmente tinha chegado a hora que Jed temia: não podia mais adiar uma conversa com Katherine. Precisaria informá-la sobre seus planos ainda naquela noite, avisando-a antes de todos, e aproveitou a concentração dela em tirar-lhe os pontos para comunicar sua decisão.

— Esse método é bem melhor do que a cauterização, e posso julgar por experiência própria.

— O ferimento está cicatrizando rapidamente.

— Ótimo, porque... — ele respirou fundo — teremos que partir amanhã. Já

atrasamos nossos amigos por causa do meu ferimento e todos estão ansiosos para reunir-se ao resto de sua tribo.

Surpresa, Katherine parou de tirar os pontos.

— Partir? E para onde iremos?

— Para a missão de Rye Grass. Não era para lá que você queria ir?

— Verdade? — Os olhos dela brilharam de alegria. — Vamos mesmo para a missão Whitman?

— Sim... a não ser que você tenha mudado de idéia e prefira voltar para o Leste. Se for este o caso, eu a levarei.

— Não mudei de idéia, Jed. Não pretendo recuar ou desistir de todos os meus planos depois de ter enfrentado uma viagem longa e difícil.

Endireitando os ombros, Katherine recordou os últimos meses, abismada com a quantidade de transformações radicais em sua vida num espaço de tempo tão reduzido. Agora estava diante de uma nova mudança.

— Às vezes, tenho a impressão que deixei o meu lar em Hartford há muitos anos e já nem me lembro bem da minha vida antes de ter iniciado a viagem para o Oeste. Lógico que não voltaria para lá, entretanto... a missão simboliza um sonho antigo. — O entusiasmo de Katherine aumentava visivelmente. — Se nós formos para Rye Grass, estarei cumprindo a promessa que fiz também a mim mesma, a dedicação de todas as minhas forças para espalhar a palavra divina entre os pagãos. Ganhei experiência e acredito que venha a ser uma boa professora porque aprendi a ensinar. E dizem que a terra naquela região é muito fértil, Jed. Talvez possamos viver em uma fazenda, cultivando os frutos da região...

— Já sonhei em tentar muitos tipos diferentes de vida, Kate. Posso lhe garantir que nunca me passou pela cabeça ser um agricultor.

— Então poderia dedicar-se ao ensino, como eu. Acho até que seria um professor bem melhor e mais apto...

Só o fato de Jed ter concordado em levá-la àquele lugar místico, a missão de Rye Grass enchia Katherine de esperanças.

— Você mesmo disse que esta região não é mais apropriada para a caça e o futuro do comércio de peles está ameaçado, portanto...

— Eu a levarei até Rye Grass, Katherine.

Jed a conduziria à missão porque não conseguira encontrar um lugar melhor para ela. Katherine não nascera para seguir um homem errante, cruzando o país sem destino certo e sofrendo privações e ameaças pelo resto da vida. Sabia que

cometeria uma tolice em insistir na pergunta, mas era necessário deixar a situação bem clara.

— É mesmo para lá que você quer ir, Katherine?

— Sim, Jed. Nunca perdi as esperanças de reunir-me aos Whitman e continuei acalentando o sonho de realizar a minha missão na terra.

Katherine não hesitou em demonstrar sua determinação. Ainda que relutante, Jed jamais a abandonaria. Ele cedera à sua insistência em passar o inverno em Fort Hall, mas continuara muito próximo. Desta vez, não iria embora, ficaria a seu lado para sempre!

CAPÍTULO IX

A árdua viagem para o Oeste recomeçava e, desta vez, como uma aventura excitante. A mulher para quem o final de cada jornada diária significava um dia a menos de sofrimentos e privações já não existia. Katherine lembrava-se bem de quanto se desesperara nos primeiros meses de viagem ao lado de Thomas. Sentada no banco duro da carroça que sacolejava nas trilhas esburacadas, sentia falta de poltronas confortáveis e uma boa cama. Recordava saudosamente as facilidades de preparar uma refeição em uma cozinha normal, sonhando com o cheiro de um saboroso assado espalhando-se pela casa e, principalmente, com o prazer insubstituível de banhar-se em uma ampla banheira, cheia de água limpa.

Agora esses detalhes haviam perdido o significado diante de um fato mais importante, a sobrevivência. Suportara as dificuldades de um inverno rigoroso e, como a natureza, ela renascia, descobrindo o prazer de estar viva. A aventura de uma viagem com Jed a excitava tanto quanto a realização do antigo sonho de ir para Rye Grass.

Realmente, a mulher que agora se preparava para viajar não tinha nenhuma semelhança com a missionária Fairfield. Katherine abandonara os trajes austeros e pesados em favor de roupas mais confortáveis. O vestido de algodão azul, cujo tecido Ave-de-Plumas-Vermelhas escolhera para ela em Fort Boise à pedido de Jed, era mais curto, colorido e seria usado sem espartilhos ou anáguas. Quando recebeu de Canto-da-Cotovia um par de macios mocassins de cano alto, já não controlava a vontade de partir e iniciar sua grande aventura.

Aliás, toda a tribo demonstrava o mesmo entusiasmo. O inverno terminara, tinha chegado a hora de partir em busca de novas terras, novas florestas e novos

lagos sob o céu azul da primavera. Como acontecia desde tempos imemoriais, a satisfação de chegar ao final da viagem igualava-se à alegria dos dias de liberdade que usufruíam até alcançarem o local onde ergueriam, outra vez, suas tendas. Katherine também descobriu, após o primeiro dia entre bosques muito verdes, cascatas cristalinas, vales floridos em contraste com picos ainda cobertos de neve, que o prazer de viajar pela natureza primitiva era tão intenso quanto a felicidade de estar à caminho da Missão Whitman.

Depois de viajarem juntos três dias, Jed e Katherine se despediram do grupo de Mão-Cortada. O pequeno grupo de Nez-Percé se dirigiria para Leste, em direção às montanhas Bitterroot, seguindo as manadas de búfalos. Os dois não esperavam receber presentes e ficaram comovidos com a generosidade daqueles índios que os haviam acolhido com carinho.

Jed ganhou um garanhão Appaloosa, uma raça que os Nez-Percé criavam há séculos e eram animais cobiçados, tanto por brancos como por índios, por sua bela aparência e velocidade insuperáveis. Embarçada, Katherine recebeu uma cesta para carregar o bebê nas costas, no estilo indígena, feito por Ave-de-Plumas-Vermelhas.

— Eu agradeço muito. — Sem jeito, Katherine tocava os bordados com miçangas coloridas. — Mas não estou... ainda não...

— Logo terá seu bebê — afirmou a esposa de Mão-Cortada com um sorriso confiante.

Procurando na bolsa, Katherine pegou um broche que pertencera à sua mãe. Era a única lembrança do passado que não se perdera no acidentado início de sua viagem e deu-o a Ave-de-Plumas-Vermelhas.

Quando as despedidas finalmente terminaram, os dois, agora sozinhos, cavalgaram em silêncio até encontrar o lugar ideal para dormirem naquela noite. Jed ergueu a tenda à beira de um riacho cristalino e sentando-se ao lado de Katherine, que enfiara os pés na água ainda muito fria, entregou-lhe um chapéu de couro macio, com abas largas.

— Agora você não é mais uma imigrante, Katherine. Pertence ao mundo primitivo do Oeste e deve abandonar essas toucas de missionária para usar um chapéu de verdade.

— Não gosta das minhas toucas, Jed?

— Você precisa de maior proteção contra o sol e essas toucas, embora bonitas, não impedirão que sua pele fique curtida como a das índias. — Mergulhando as

mãos na água fria, ele lavou o rosto e molhou a cabeça. — Estou pensando em cortar o cabelo. Gostaria que eu os usasse mais curtos?

— Gosto do seu cabelo exatamente como é, mas se acha que será mais prático ou menos trabalhoso...

— Ainda não sei se você estará mais segura a meu lado se eu disfarçar minhas características de índio ou se...

— Que absurdo! — interrompeu Katherine, sorrindo. — Eu me sinto mais segura a seu lado do que se estivesse escoltada por um batalhão de homens armados. Quem nos desejaria mal, Jed?

— Você é uma mulher branca viajando na companhia de um índio. Formamos um par bastante raro nesta região.

— Você é um *métis*, Jed. E nem isso eu perceberia se você não me contasse.

— Poucas pessoas sabem o que é um *métis*, mas todos reconhecem um mestiço, Kate. Podemos encontrar outros viajantes no caminho e talvez eles não nos dêem a oportunidade de explicar a diferença.

— Mas não há nada a explicar a ninguém!

— Não mesmo?

Desde que haviam ficado sozinhos, Jed tentara não pensar no significado do presente de Ave-de-Plumas-Vermelhas. Resistira à tentação de esclarecer a dúvida que o torturava, provocando-lhe uma sensação de angústia e ao mesmo tempo uma tênue esperança. Agora não conseguia mais se conter, não suportaria continuar a viagem sem saber a verdade.

— Está grávida, Kate?

Após um longo silêncio, ela o encarou, perturbada.

— Não.

— Tem certeza absoluta?

— Bem... não posso... — Embaraçada, Katherine desviou o olhar.

Os dois haviam partilhado tanto no pouco tempo que viveram juntos, que Katherine surpreendia-se por Jed não ter percebido sua evidente perturbação. No início, aquele problema não passara de uma ligeira ansiedade que, com o passar dos meses, fora crescendo até transformar-se em uma profunda angústia. Pensara em falar com ele, mas a timidez a impedia de abordar esse assunto com um homem. Sua única amiga, Ave-de-Plumas-Vermelhas, também não poderia ajudá-la porque as limitações de seus vocabulários as impediriam de esclarecer essas dúvidas.

— Desde que fiquei doente... não houve... — Katherine hesitou, envergonhada

e com uma expressão de desamparo. — Tive febres muito altas, emagreci demais e acho que meu corpo... parou de funcionar normalmente. Pensei que você soubesse. Passei todos esses meses sem... nenhum sinal e...

Realmente, ele devia ter suspeitado que havia algo errado com o organismo de Katherine, mas nunca prestara atenção nessa função do corpo feminino.

— Então não tem certeza se está ou não grávida?

— Não tenho certeza se algum dia terei um filho, Jed. Se eu estivesse grávida, saberia através de algumas manifestações físicas... sentiria náuseas.

— Nem todas as mulheres ficam enjoadas, querida. — Ele abraçou-a sentindo a desorientação de Katherine, que ignorava tudo a respeito dos sintomas de uma gravidez. — Mas o corpo feminino começa a se transformar bem antes da barriga crescer, as mudanças são muito nítidas. Sente os seios doloridos?

— Não, apenas mais sensíveis ao seu toque...

— Se sentir que estão doloridos, avise-me e eu preparei um dos remédios de minha avó. Ela sempre tinha uma receita especial para cada caso.

— Até para mulheres que... não podem ter filhos?

— Se eu soubesse, não lhe diria, Kate. — Fechando os olhos, Jed tentou resistir à tentação. — Você seria muito tola se usasse esse remédio justamente agora.

— Jed! — Ela empurrou-o, ofendida. — Por que não?

— Minha esposa morreu de parto, Kate. Tenho medo...

— É o risco que todas as mulheres enfrentam, Jed.

— Eu entreguei a você meu coração e meu corpo, Kate. Não conheço outro tipo de amor e a minha paixão é tudo que posso lhe oferecer. Thomas era capaz de sentimento, nobres, mas eu não tenho essa espiritualidade, sou egoísta. — Com um olhar sonhador, ele tocou o rosto de Katherine. — Quando a vi com o cesto de bebê nas mãos, senti uma emoção inesperada. Imaginei seu ventre arredondado e um filho, o fruto de nossa união. Seria tão fácil, tão tentador... engravidá-la...

— E por que isso não aconteceu, Jed?

— Sendo egoísta, eu esperava que tivesse acontecido. Entretanto, pensei em sua fragilidade e pedi a Deus que não fertilizasse minha semente em seu ventre. Por sua segurança, rezei como os missionários me ensinaram. Achei que Ele me ouviria... por você.

— Mas sou sua mulher. Não foi isso o que me jurou?

— Você é meu único amor, Kate. Nunca duvide disso.

Controlando a angústia, Jed tocou o rosto delicado que refletia mágoa e

rejeição.

— Lembro-me de todas as minhas promessas, querida. Entretanto, *sei* que este não é o momento ideal, apesar de meu egoísmo e o desejo de ser pai. Não duvido que você possa ter filhos e será uma mãe maravilhosa quando esse dia chegar. Existe a hora certa.

A hora certa sem dúvida chegaria para a felicidade de um outro, porque Jed sabia que não era o homem ideal para Katherine. Infelizmente, nunca seria.

— Acha que a... interrupção das funções normais do meu corpo foi o modo que Deus encontrou para me dizer isso?

— Talvez. O seu tempo chegará e o seu Deus cuidará de você.

Algum dia, a doce Kate realizaria o sonho de acalantar um filho nos braços. O dia de Kate, não o de Jed!

— Você acertou ao mencionar o motivo dos problemas refletidos por seu corpo, querida. Esteve muito doente, quase morreu e agora precisa de tempo para se refazer.

— Espero que seja esse o motivo. — Vendo-o levantar-se, ela o seguiu. — Oh, Jed! Eu nunca desejei que você fosse diferente. Amo-o assim como é!

— Mas não queria se apaixonar por mim.

— Realmente, lutei muito contra esse amor, mas só no início.

— Pois eu também fiz o possível. — Ele sorriu, desanimado. — Esforcei-me ao máximo para esquecê-la, para fugir desse amor proibido e fui vergonhosamente derrotado.

— Nós dois fomos, querido. E sinto-me muito feliz por não termos vencido a paixão.

— Não sei o que o seu Deus deve pensar de nós, Kate. Sem dúvida, nos considera um casal muito estranho.

— Ele é bem mais sábio do que você pensa, Jed. Talvez logo demonstre que abençoa nossa união, dando-nos um filho.

As montanhas azuis finalmente foram alcançadas, uma muralha de aparência assustadora e, apesar da beleza, davam a impressão de serem intransponíveis. Katherine não se esquecera do relato de Narcissa Whitman sobre sua trágica experiência e sentiu-se feliz por estarem a cavalo.

O casal de dedicados missionários não previra os terríveis obstáculos que precisariam transpor. Narcissa Whitman foi obrigada a se desfazer, aos poucos, de tudo que trouxera do Leste para iniciar uma nova vida em regiões primitivas e sem

recursos. As subidas íngremes exigiam que se aliviasse o peso da carroça e seu último sacrifício foi jogar fora a mala de roupas onde guardara, com tanto carinho, o seu vestido de noiva.

O marido, Marcus, estava decidido a transpor as altas montanhas, usando o tradicional meio de transporte dos pioneiros. Queria provar que essa passagem, embora difícil, não era impossível. Antes de iniciar a subida, abandonou o pesado carroção e improvisou uma carreta com apenas duas rodas. Logo desistiu também desse veículo que, embora mais estreito, exigia a derrubada de árvores para passar nos trechos cobertos por florestas. Terminaram a travessia a cavalo, sentindo-se derrotados pela natureza agreste daquela região.

Katherine não teria esses problemas. No início de sua viagem perdera tudo. Ficara sem seus vestidos, roupas de cama e mesa, alguns móveis e o bem mais precioso, caixotes cheios de livros. Apesar de saber que não devia chorar por danos materiais, sentira-se privada dos elos com a vida no Leste e julgando impossível viver sem certos confortos civilizados, não conseguira controlar o desespero.

Agora Katherine percebera que aquele desastre não tinha grande importância. A maior parte dos objetos perdidos não lhe faria a menor falta e aprendera a sobreviver tirando seu sustento da terra. Descobrira um novo mundo e agradecia mentalmente ao homem a quem devia essas lições inestimáveis. Jed a ensinara a montar um abrigo para passarem a noite com mais conforto, a encontrar comida nas florestas, pescando e caçando, a atirar com boa pontaria e preparar o animal que lhes serviria de alimento. Depois de duas semanas de viagem, ele considerou-a tão apta à vida errante quanto qualquer dos companheiros com quem já viajara.

Infelizmente, as noites não traziam o encantamento de outrora. Quando o sol se punha e os dois terminavam de comer, Jed afastava-se da fogueira e isolava-se, com uma garrafa de uísque nas mãos. Só deitava-se ao lado de Katherine depois que ela estivesse profundamente adormecida.

Katherine não ignorava que o consumo excessivo de uísque significava um problema grave. Evitava tocar no assunto e também tentava disfarçar a sensação de abandono que a envolvia quando o via afastar-se, deixando-a sozinha. Tinha decidido não mudar seu comportamento amável nem perguntar-lhe o que estava acontecendo.

Jed poderia revelar-lhe que nunca desejara ir para Wailaptu, a missão em Rye Grass, por isso pretendia interromper a viagem para o Oeste, e ela não queria enfrentar uma discussão a esse respeito. Se conseguisse levá-lo até lá, metade da

batalha estaria vencida. Depois que chegassem, o convenceria a ficar.

No entanto, o fato de evitar o assunto não a impedia de pedir que ele lhe fizesse companhia. Noite após noite, chamava-o antes que desaparecesse entre as árvores.

— Jed? Não quer ficar comigo? — Diante do silêncio dele, Katherine insistia: — Não vem deitar-se?

— Não estou com sono.

— Posso esperar por você?

— O problema é seu. Faça como quiser.

Não era fácil tratar Katherine com frieza e Jed começava a achar que as garrafas de uísque guardadas em sua mochila não seriam suficientes para mantê-lo anestesiado até o fim daquela maldita viagem.

— Está bravo comigo, Jed?

— Não. — Ele tomou mais um gole.

— Então enjoou de mim? Não me quer mais?

— Como eu gostaria que fosse assim! — explodiu ele, olhando com um desejo incontido para o rosto meigo que refletia paixão e ternura. — Se eu não a quisesse mais, não precisaria me embriagar toda noite para aplacar os meus desejos.

— Mas... por quê? Não existe nenhum motivo para nos privarmos de amor.

— Existe sim, Katherine. — Ela ia protestar, mas Jed colocou os dedos sobre seus lábios para impedi-la de falar. — Um motivo muito importante. Dentro de alguns dias, chegaremos à sua missão e... eu não posso ficar lá com você. Já lhe disse isso antes, mas não me ouviu.

— Por favor, tente por algumas semanas, Jed. Se não der certo...

— Não vai dar certo, Kate! Sou um mestiço, um fugitivo da Lei e a missão fica perto demais de Fort Walla Walla, que pertence à *Hudson's Bay Company*. Será que entendeu agora?

Impulsivamente, Katherine pousou a mão sobre o braço de Jed, impedindo-o de tomar outro gole.

— Conte-me o que realmente aconteceu, Jed. Por que continua fugindo deles?

— Para que Jean-Paul não precise ser um fugitivo.

— Foi seu irmão quem matou aquele homem?

— Simpson se matou.

— Então por que...

— Sabe o nome do administrador geral da *Hudson's Bay Company*, Katherine?

— Ela negou com um gesto de cabeça e Jed aproveitou o intervalo para beber vários goles em seguida. — Esse homem, a maior autoridade inglesa na colônia, chama-se George Simpson e adorava o sobrinho, Thomas Simpson, um miserável sem caráter nem escrúpulos. Esse maldito queria a fama e a conseguiu "descobrimdo" novas áreas para explorar, dando mais poder à companhia, mas só se arriscava a mover-se acompanhado pelos *métis*, que conheciam a região e os dialetos das outras tribos. Ele nos odiava, por nos julgar uma raça inferior e por saber que dependia de nós. E eu era um rapaz impulsivo, com um grave defeito... ser tão inteligente quanto ele.

— Sem dúvida você era mais inteligente que Simpson.

— Meu grande erro consistia em saber ler e escrever. Quando resignei-me a trabalhar para a companhia, disseram-me que, com a minha capacidade, logo me dariam um cargo administrativo, mas enquanto esperava por esse dia, serviria de intérprete em algumas viagens de reconhecimento. Então colocaram-me à disposição de Thomas Simpson, o garoto prodígio do administrador geral.

Jed levantou-se, inquieto demais para continuar sentado em frente à fogueira. O passado ainda o magoava.

— Depois de alguns meses ao lado daquele miserável, eu estava a ponto de torcer-lhe o pescoço. Só que tinha algo mais importante para ocupar minha atenção... manter o ódio de Jean-Paul sob controle. Mas eu jurava que, se Simpson fizesse mais um comentário ofensivo sobre minha mãe... só me contentaria quando quebrasse os ossos daquela carinha bonita!

— E foi isso que aconteceu, Jed?

— Não exatamente. Ele provocou uma briga com Jean-Paul. Eu consegui separá-los e então Simpson ofendeu minha mãe com um comentário tão obsceno que o meu soco atingiu-o antes do de meu irmão. Aquele homem estranho tinha períodos em que ficava bem-humorado, com atitudes normais, até agradáveis e, de repente, se transformava numa criatura agressiva e cruel. Nesse dia, estava em uma de suas fases negras e quando levantou-se do chão, tirou seu revólver, apontando-o para mim, para meu irmão e, com um sorriso alucinado e um brilho de loucura nos olhos, encostou o cano em sua própria cabeça e apertou o gatilho.

O suspiro aliviado de Katherine trouxe Jed de volta ao presente, lembrando-o de que estava apenas contando um fato ocorrido há sete anos. Perturbado com a sensação nítida de ter voltado para o passado, ele terminou seu relato rapidamente.

— Não havia nenhuma testemunha. O resto do grupo estava ocupado preparando o almoço, e quando comunicamos o acidente, ninguém acreditou em

nossa história. O administrador geral queria vingança, os funcionários da companhia também. Fomos presos mas interrogados separadamente e, por algum motivo que jamais saberei, consideraram-me culpado. Eu fugi. Sabia que o julgamento seria uma farsa e não pretendia ser condenado e morto por um crime inexistente. — Jed encarou Katherine com um sorriso amargo. — A fuga comprova minha culpa.

— E poupa Jean-Paul.

— Ele é meu irmão, Kate.

Encostado ao tronco de uma árvore, Jed olhou para o céu. Na escuridão cintilavam algumas estrelas, pontos luminosos simbolizando a esperança entre as trevas. E o silêncio de Katherine significava confiança e apoio.

— O que faremos, Jed? — disse ela, finalmente recuperando a ânsia de lutar por sua felicidade. — Como escapar dessa sombra maligna?

— Você tem uma vida nova à sua espera, Kate. Não importa se o sonho era de Thomas ou seu, mas lutou muito para mantê-lo vivo.

— No entanto, a minha vida passou por inúmeras mudanças desde que você me encontrou e vivemos juntos.

— A sua vida mudou, a minha continua igual, Kate. Mais uma vez, estou viajando sem rumo e, se não tinha nada a oferecer à mulher que salvei, continuo sem um futuro à sua altura.

— Ofereça-me apenas o que puder me dar, Jed — a voz dela era um convite, não um apelo. — Eu prometi que aceitaria seu modo de ser...

— Não dificulte a situação, Kate. Passei estes últimos dias esforçando-me ao máximo para ser como seu santo Thomas, um homem bom, que pensava apenas no bem da esposa. O uísque ajudou-me a afogar o desejo e manter-me afastado da sua cama. Agora está me convidando para partilhá-la e precisarei de muita bebida se quiser agir com dignidade e não liberar os meus desejos.

— Por favor, Jed! Deve existir algum lugar para nós nesse mundo. Tem de haver uma solução.

Com um gesto firme, Katherine segurou a garrafa de uísque, mantendo-a firmemente presa entre suas mãos, até sentir que Jed a soltava. Então, aproximou-se dele e tocou com carinho o rosto transfigurado pela amargura.

— Por favor, Kate. Não continue...

— Por que não? Você não me deseja mais? Ou são seus ferimentos que o impedem de me amar? Não foram motivos para afastar-se de mim antes de iniciarmos esta viagem.

— Não se trata disso, *ma petite*. Eu quero sentir que, pelo menos uma vez na vida, agi com dignidade. Preciso saber que sou capaz de um gesto nobre e altruísta.

— Você é o homem mais altruísta que conheci e sempre teve gestos nobres e dignos, amor. Deixe-me, *pelo menos uma vez na vida*, sentir o prazer de seduzir o meu homem.

— Se eu tomar mais alguns goles de uísque, eu a pouparei de uma sedução... desnecessária.

— É necessária para mim, Jed. — Katherine colocou seu corpo ao dele. — Quero ser amada, querido.

A voz de Katherine, um murmúrio sensual, apagou os últimos vestígios da força de vontade de Jed. Levando-a para a pele macia da qual fugira por tantas noites, despiu a mulher que ainda lhe pertencia.

Katherine abriu os braços para ele, oferecendo-se ao amor como uma flor, longamente privada de luz e calor, abre suas pétalas à carícia do sol. Jed colheu o primeiro botão que desabrochava, após um longo inverno, e procurou o paraíso que o destino lhe roubaria.

A entrega sem reservas de Katherine aprisionou seu coração, deixando-o certo que jamais esqueceria o amor infinito pela mulher de cabelos dourados e olhos azuis. O sonho fora lindo mas, depois daquela noite, viria a solidão. Quando o sol raiasse novamente, a sua primavera teria terminado.

Wailaptu, a missão de Rye Grass... o paraíso encravado nas montanhas, não ficava numa pitoresca encosta sombreada por pinheirais majestosos, como o refúgio de beleza e paz criado pela imaginação de Katherine. O lugar que significava a realização de um sonho acalentado por tanto tempo não passava de uma extensa planície, coberta de relva rasteira e moitas esparsas de arbustos ressequidos. O agrupamento de construções rústicas e pouco atraentes também não tinha a menor semelhança com sua idéia de um lugar civilizado.

A casa maior, de tijolos de barro vermelho, destacava-se das outras construções, todas de madeira e bem menores. Uma cerca rudimentar delimitava o curral ladeado por um moinho e pelo pomar. Um pouco mais distante, entre as árvores de um bosque, avistava-se um grupo de tendas e mais ao longe um riacho, afluente do rio Walla Walla.

— Não era o que você esperava, Kate?

— Bem... eu tive tempo de sobra para imaginar a missão dos mais diversos modos.

— E a realidade a decepcionou?

— Oh, não! — Apressando-se em negar aquela possibilidade, ela mudou de assunto. — Eles devem ter recebido notícias de que eu morri. Não acha que ficarão surpresos quando me virem viva e saudável?

Embora fosse cedo demais para a chegada das primeiras caravanas de pioneiros, Marcus Whitman nunca se surpreendia com a aproximação de visitantes. Sua missão se transformara em um ponto de parada obrigatório para quem percorria a trilha do Oregon. Os trajes formais, pretos e austeros, refletiam a dignidade de sua posição, mas o sorriso revelava simpatia e receptividade. Enquanto Jed e Katherine se aproximavam, ele saiu da casa, seguido por uma mulher.

— Ah! Eu conheço você — exclamou Marcus, jovialmente. — É Jed West e fomos apresentados numa reunião no Green River, anos atrás. Lembra-se dessa ocasião?

Descendo do cavalo, Jed cumprimentou Marcus Whitman.

— Perfeitamente bem, Marcus. E, a julgar pelas aparências, o trabalho aqui está sendo duro. Naquela época não tinha nenhum fio de cabelo branco e agora suas famosas costeletas ficaram quase totalmente grisalhas.

— É a passagem do tempo, amigo. O trabalho não envelhece ninguém, só remoça. — Ele voltou-se para a esposa, pequenina e loira, a seu lado. — Este é Jed West, mãe. Ele e Jim Bridger são muito amigos.

— Vim trazer-lhes uma ovelha desgarrada que devia ter chegado com a última caravana antes do começo do inverno. — Jed planejava cuidadosamente o que iria falar, com o intuito de proteger a reputação de Katherine. — Esta é a Sra. Fairfield.

— Sou a Sra. Thomas...

Narcissa interrompeu Katherine com uma exclamação de surpresa e incredulidade.

— Mas... fomos informados que os Fairfield tinham morrido... os dois!

— O meu marido...

— Realmente os dois ficaram doentes — interferiu Jed. — A carroça deles foi deixada para trás e um grupo de índios Shoshone foi me contar o que haviam visto. O ministro morreu, mas a Sra. Fairfield conseguiu recuperar-se. Como não seria possível iniciar a viagem até aqui no final do outono, passamos o inverno com um grupo de Nez-Percé.

— Nez-Percé? Índios? — Narcissa segurou as mãos de Katherine num gesto de compaixão. — Oh, pobre criança!

— Eles me trataram com uma gentileza comovente. Deus abençoou-me repetidamente. Se Jed não tivesse me encontrado, eu não escaparia da morte.

Extremamente sensível, Katherine teve a impressão de que o olhar de Marcus refletia censura e o de Narcissa revelara choque diante de suas palavras. Tentou reparar seu erro não intencional, demonstrando uma atitude digna da esposa de um missionário.

— Mas Thomas morreu, uma perda irreparável...

— Eles não nos disseram que tinham abandonado um casal doente — disse Marcus, perturbado com aquela chocante falta de caridade cristã. — Mencionaram a morte dos dois e apressaram-se em afirmar que você e seu marido haviam colocado a saúde dos companheiros de viagem acima de suas próprias vidas até serem vitimados pela febre.

— Não é fácil admitir o abandono de pessoas doentes — Katherine tentou controlar a amargura que não superara. — Mas eles não tinham muitas opções. Colocaram nossa carroça no último lugar da caravana e, mesmo assim, continuávamos atrasando sua marcha.

Ela e Nancy tinham ficado para trás, não Thomas. Não abandonara o marido, mas desonrara sua memória e precisava penitenciar-se pelo pecado cometido. Estava mentindo ao omitir a verdade, sendo tão falsa quanto os que haviam levado aos Whitman a notícia de sua morte. Entretanto, persistiria em seu erro e, escondendo a verdade, criaria um mártir.

— Thomas não teria agido como eles. Ficaria para trás, nunca abandonaria um companheiro doente.

Jed fitou-a surpreso e para disfarçar a reação inesperada, virou o rosto.

— Eu sei que poucos têm essa força. As adversidades que nos esperam nessa viagem são infinitas e, quando a febre surge como uma das pragas do Egito, a fé das pessoas é severamente testada. — Marcus hesitou, sem saber se deveria contar a Katherine sobre seus companheiros de caravana. — Eles perderam várias crianças, que morreram afogadas ao cruzarem as corredeiras do rio Columbia.

— Sinto pena de seu sofrimento.

— E nós só podemos sentir-nos felizes com a chegada de vocês dois. — Marcus colocou a mão no ombro de Jed.

— Katherine está viva e não é uma ovelha desgarrada, mas uma pastora que cuida dos rebanhos divinos. Trouxe-nos um homem que nasceu para servir nossa causa, a do cristianismo... se conseguirmos convencê-lo a ficar ao nosso lado. Se a

minha memória ainda não foi afetada pela idade, lembro-me de sua fama como intérprete, Jed. Perdi a conta dos elogios que ouvi a seu respeito, sempre relacionados à sua fluência em vários idiomas, dialetos indígenas e um profundo conhecimento da linguagem de sinais. A sua ajuda seria inestimável e, se...

— Eu sou da tribo Cree e os índios desta área são Cayuse — interrompendo Marcus, Jed retirou das mãos de Katherine as rédeas do cavalo que ela ainda segurava. — A Sra. Fairfield aprendeu a se comunicar bastante bem através de sinais durante o... difícil inverno passado entre índios Nez-Percé. E a missionária é ela, não eu.

Voltando a montar, Jed forçou o cavalo, que pastava tranqüilamente, a erguer a cabeça e preparar-se para ir até o curral.

— Tinha uma obrigação a cumprir e consegui desempenhar bem o que foi pedido, Marcus. A Sra. Fairfield contratou-me para acompanhá-la, cuidando de sua proteção, até encontrar a de vocês. Ei-la aqui, sã e salva. — Ele virou-se para Katherine. — Poderemos acertar as contas dentro de cinco minutos, o tempo suficiente para descarregar suas malas e cuidar dos cavalos.

— Não pode partir imediatamente — exclamou Marcus. — Tem que descansar, fique alguns dias conosco.

— É desnecessário. Não quero perder muito tempo.

Descontrolada com a inesperada decisão de Jed, Katherine não conseguia raciocinar. Precisava encontrar um argumento que o impedisse de partir e só lhe ocorriam objeções banais.

— Seja sensato, Jed. Foi uma viagem muito longa.

— E tenho outra ainda mais longa à minha espera.

— Mas não partirá da minha casa sem ao menos partilhar a nossa mesa. — Com as mãos na cintura, a pequena e frágil Narcissa demonstrava uma autoridade serena que não admitia ser desafiada.

— Eu lhe agradeço a gentileza, senhora. Vou tratar dos cavalos e depois virei encontrá-los. Será um prazer saborear uma refeição caseira. — Então dirigiu-se à Katherine. — Cuidarei também da sua montaria, Sra. Fairfield. Acompanhe a Sra. Whitman e sente-se em uma cadeira de verdade, esse conforto que lhe fez tanta falta durante os últimos meses. Separarei a minha bagagem da sua e, depois de comer, acertaremos as contas.

Katherine não dissera uma só palavra sobre cadeiras, confortáveis ou não, e Jed não mencionara um pagamento por seus serviços. Não lhe restava muito dinheiro,

mas não lhe faria a menor diferença entregá-lo todo a ele, que certamente merecia uma recompensa por sua boa vontade. Seguindo Narcissa para dentro de casa, mal ouvia suas palavras, cansada demais e ao mesmo tempo inquieta com a hora de "acertar as contas".

Após o almoço, Jed pediu que Katherine o acompanhasse até o curral. Antes de saírem, pegou o chapéu que lhe dera e que estava pendurado em um cabide junto à porta e o entregou a ela.

— Tome cuidado com esse sol forte. Pode ter uma insolação.

— Sei tomar conta de mim! — O tom irritado cedeu rapidamente a um apelo afetuoso. — Por favor, Jed! Não precisa partir agora.

— Vou levar apenas o meu Appaloosa. Sua égua está prenha e logo terá um potrinho igual ao meu cavalo.

Quando chegaram ao curral, Katherine observou-o descarregando os cavalos e sentiu que seu coração se partia. O homem que salvara sua vida, cuidara dela com ternura, o homem que a ensinara a sobreviver, a rir e amar... esse homem ia deixá-la e, em poucos minutos, não o veria mais!

— Não tenho muito dinheiro, Jed. Mas você mereceu...

— Não quero pagamento algum. Na verdade... — Ele abriu a mochila e entregou-lhe um pequeno saco de camurça. — Está cheia de moedas cunhadas pela companhia e é o dinheiro mais bem aceito nos postos de troca.

— Não! Você não me deve nada. Sou eu...

— Isto não tem nada a ver com quem deve ou não. Queria dar-lhe algo e pensei nos problemas que poderão surgir no futuro. A quantia que reuni servirá para ajudá-la a facilitar sua situação aqui. — Segurando-lhe as mãos, ele sorriu. — Não achou que eu partiria deixando-a desamparada, não é?

— Não entendo por que tem que partir, Jed!

— Porque este é o seu porto de chegada, o objetivo pelo qual lutou e nunca desistiu de alcançar. É o lugar onde você sempre quis viver. Aqui, estará segura e será feliz. Você pertence a este mundo... — Ela o fitava com tanta angústia, que Jed reagiu agressivamente para não ceder à tentação. — Droga! Essa é a sua abençoada missão, mulher!

— Mas você poderia ficar, Jed. Apenas alguns dias e depois de conhecer tudo, se conseguisse...

— Alguns dias não mudarão nada, Kate. Eu não pertencço ao seu mundo. Na verdade, mesmo se a situação fosse diferente, não seria possível me adaptar.

— Jed... — Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Não quero que você vá embora.

— E eu não posso ficar. Também não posso levá-la comigo porque não tenho nenhum lugar que seja realmente o meu lar. Mesmo que você quisesse ir...

— Eu...

— Não fique perturbada. — Jed estava prestes a perder o controle. — Não estou lhe pedindo nada. Não quero que vá para lugar algum comigo!

O esforço de Katherine para não chorar enteneceu Jed. Acariciou-lhe suavemente os braços, tentando transmitir-lhe o quanto desejava que tudo fosse diferente para eles.

— Fique na missão e realize seu sonho de ser professora, mas não se esqueça de tudo que aprendeu no inverno, Kate. Irá lidar com pessoas, com seres humanos. Não os trate como selvagens, criaturas inferiores, almas perdidas ou qualquer das tolices que os missionários usam para se referir aos índios — a voz de Jed, muito baixa e suave revelava o respeito que sentia pelo povo nativo de seu país. — São filhos de Deus, do seu ou do meu, não importa.

— Fique apenas esta noite, Jed.

— Uma noite a mais? — Ele deu um sorriso triste. — Não restam mais noites para nós, Kate. Os Whitman acreditaram que eu também encontrei Thomas, não sabem a data exata da morte dele. Também ignoram que vivemos juntos, como marido e mulher.

Nos olhos de Katherine, Jed leu a mesma amargura que o angustiava.

— Bridger vem a Rye Grass algumas vezes por ano. Deixou a filha para que Narcissa a criasse e ele me dará notícias suas.

— Para onde pretende ir, Jed?

— Ainda não pensei nisso. — Ele realmente não tinha a menor idéia de qual seria o seu destino, mas precisava dar um pretexto que acalmasse Katherine. — a *American Fur Company* está abrindo novos postos de troca de mercadorias e são concorrentes da *Hudson's Bay Company*. Dizem que fazem ofertas irrecusáveis aos *métis*, porque querem roubá-los de sua rival na compra de peles.

— Então conseguirá um emprego com eles e não correrá perigo. Eu estava com medo que ficasse viajando por aí, sem destino. Se tiver sucesso, nós poderemos...

Não, os dois nunca poderiam ter uma vida em comum. Se algum dia ele se livrasse da culpa que pesava sobre sua cabeça, se conseguisse progredir e talvez até enriquecer, seria tarde demais. Quando isso acontecesse, Katherine já teria se

casado de novo com um delicado missionário e estaria rodeada de filhos, crianças loiras e de olhos azuis.

Aquela visão, muito nítida, transtornou Jed a tal ponto que não pôde mais suportar a proximidade tentadora de Katherine.

— Se tiver algum problema, eu ficarei sabendo, Kate. Virei imediatamente ajudá-la. Adeus.

— Não! — gritou ela, desesperada. — Como saberá? Quem poderá avisá-lo? Você está partindo sem rumo, irá perder-se entre as montanhas, isolar-se do mundo, só Deus sabe para onde irá!

— Exatamente, querida. — Ele beijou-a na testa. — Ele saberá e, de algum modo, receberei a mensagem divina.

— Oh, Jed! Você é uma pessoa incompreensível! Um...

Ele calou-a com um beijo e, do encontro de seus lábios, ficou apenas a doce lembrança do passado e o gosto amargo da separação final.

CAPÍTULO X

Os sintomas, nítidos como Jed previra, precisariam ser disfarçados a qualquer custo. Katherine lutava para disfarçar e controlar as náuseas, consciente da necessidade de manter-se ocupada, trabalhando de manhã à noite para não entrar em depressão. Se Narcissa desconfiasse de seu estado, iria obrigá-la a repousar e a inatividade provocaria justamente o efeito que se esforçava para evitar.

Narcissa adorava crianças. Sua única filha morrera afogada anos atrás e desde então começara a tomar sob sua proteção os órfãos dos pioneiros que haviam falecido durante a árdua viagem para o Oeste. Aos poucos, foi acrescentando ao seu pequeno grupo bebês mestiços abandonados pelos pais ou entregues a ela, como as filhas de Jim Bridger e Joe Meck, para receberem uma boa educação.

Logo seria impossível ocultar a gravidez, mas Katherine só contaria a verdade a Narcissa quando já não houvesse condições de disfarçar. Até esse dia, continuaria cuidando da horta, ordenhando as vacas e ajudando a fazer sabão. Cansara-se de ouvir o casal Whitman aconselhá-la a não se sobrecarregar com tantas atividades exaustivas e também de repetir-lhes que seu objetivo ao vir para a missão fora justamente servir ao Senhor através do trabalho.

Também não conseguira convencê-los que desejava assumir responsabilidades mais sérias. Não desistira da idéia de ser professora, mas Marcus e Narcissa

relutavam em aceitar essa idéia. Adiam o momento de dar-lhe a permissão necessária com pretextos banais, dizendo que, depois da colheita, a sua colaboração seria recebida com mais simpatia. Enquanto esperava, Katherine ficara amiga de Esther, a velha índia encarregada da limpeza da casa, e de Leah, que vivia no acampamento próximo à missão, junto com os poucos índios menos hostis à presença de brancos e seu modo de vida.

Os Cayuse caçavam e pescavam numa região onde as grandes áreas cobertas por florestas e recortadas por riachos lhes forneciam uma alimentação rica e farta. As tentativas de Marcus em convertê-los ao cristianismo e transformá-los em seus agricultores foram recebidas, evidentemente, com profundo desinteresse. Além disso, os missionários teimavam em ensinar os índios a falar inglês sem qualquer esforço para aprender a linguagem nativa.

Diante da resistência dos Cayuse, os Whitman se limitaram a manter uma convivência pacífica com os índios, que já haviam sido catequizados. A missão perdera suas verdadeiras características, transformando-se em uma hospedaria para os viajantes cansados que paravam em Rye Grass por alguns dias antes de alcançarem seu destino final, o Willamette Valley. Sendo médico, Marcus atendia todos os doentes que o procurassem e fornecia-lhes remédios, mas sua dedicação se deslocara para os pioneiros.

Katherine não aceitava essa situação. Continuava decidida a seguir o caminho que Deus lhe indicara, levando a mensagem do Evangelho ao acampamento indígena próximo à missão. As histórias da Bíblia, que lhes contava mesclando a linguagem de sinais e algumas palavras de inglês, despertaram interesse e entusiasmo nos índios. Animada, pediu a seus novos amigos que a ajudassem, ensinando-lhe palavras do dialeto Cayuse. Sua euforia se desfez quando Marcus recusou-se a permitir-lhe que ampliasse seu trabalho de missionária indo até as outras aldeias.

— Estes índios que vieram ao nosso encontro são os bem-intencionados — dissera ele. — Eu sei que há esperança de convertê-los quando não se recusam a usar um arado.

— Pensei que nossa missão, ao vir para o Oeste, fosse trazer a palavra divina e difundi-la entre os pagãos.

— Nós trouxemos a civilização, Katherine. — Com um gesto amplo, ele mostrou o moinho e o pomar. — Casas permanentes, campos cultivados e colheitas fartas. Os Cayuse são teimosos demais! Pescam um ou dois peixes e depois passam o resto

do dia sem se ocupar, sentados à sombra de uma árvore, fumando seus cachimbos. Entretanto, o que construímos desperta, aos poucos, o interesse deles. Vêm buscar comida ou remédios, e sempre acaba ficando algum por aqui.

Caminhando com os braços cruzados atrás das costas, Marcus discursava com entusiasmo. Seu tom solene e ligeiramente pomposo soou, aos ouvidos de Katherine, como um eco longínquo da voz de Thomas.

— Não somos "pescadores de homens", Katherine? Colocamos as redes e, muito em breve, as recolheremos, transbordantes de almas dispostas a abandonar suas fantasias pagãs.

— Acha impossível que os Cayuse possam manter seu estilo de vida e, mesmo assim, aprender a reverenciar Deus? Pensei apenas em ensinar-lhes a palavra divina...

— Ensine-os a trabalhar, Katherine. Aprenderão através do seu exemplo, o de uma mulher branca que não poupa suas forças, de sol a sol. Logo as selvagens a imitarão.

Ela não conseguiu disfarçar o embaraço diante do uso daquela palavra. Agora entendia porque Jed se revoltava quando chamavam os índios de "selvagens!"

— Nós é que devíamos seguir o exemplo deles. Já estão falando inglês, enquanto continuamos ignorando sua linguagem e sem demonstrar nenhum esforço em aprendê-la.

— Eu sei... prometemos a nós mesmos que aprenderíamos seus dialetos e nunca sobra tempo para isso. Talvez seja o caminho certo, Katherine. Eles precisam saber inglês porque o número de brancos dobra a cada ano que passa. Logo nós seremos a maioria.

Quando os dois passaram diante do enorme galpão que o médico missionário construía para alojar as famílias dos pioneiros, ele sorriu com orgulho. Como previra anos atrás, quando o caminho para o Oeste fosse aberto, Rye Grass seria o ponto obrigatório de parada para todas as caravanas que se dirigissem ao Oregon.

— Você vai ver que maravilha será o mês de setembro, Katherine. Agora estamos realmente sob a jurisdição dos Estados Unidos e as caravanas virão, uma após a outra... numa procissão infindável de pioneiros!

No final do verão, como Marcus antecipara, a privacidade se transformara em um luxo inatingível. A quantidade de visitantes que chegava à missão aumentava dia-a-dia e Katherine sempre tinha duas ou três crianças em seu quarto. Havia momentos em que desejava ardentemente alguns minutos de total solidão, ao

menos para trocar de roupa sem ser observada por olhinhos curiosos. Queria manter seu segredo apenas por mais algumas semanas, adiar um pouco mais a inevitável revelação.

Em agosto, no galpão destinado a hospedar os pioneiros e bem maior do que a casa principal, também já não sobrava um só lugar desocupado. Lavar a roupa de tantas pessoas e preparar comida suficiente para alimentá-los era uma tarefa exaustiva e interminável. Frustrada, Katherine começou a passar mais tempo no acampamento dos Cayuse, onde sentia que estava realizando o verdadeiro trabalho de uma missionária. Embora ninguém mais admitisse a realidade além dela, a Missão Whitman afastara-se do caminho indicado por Deus, transformando os pioneiros em seu objetivo principal.

Leah foi a primeira pessoa a mencionar a gravidez de Katherine. Em suas visitas, agora diárias, ao acampamento, ela insistia em participar junto com os índios das tarefas comunitárias. Naquela tarde, como só as duas estavam colhendo o milho que seria exposto ao sol para secar, a índia aproveitou para tocar no assunto.

— Já está tão evidente assim, Leah? — perguntou Katherine, tocando o ventre que, embora pequeno, julgara ter disfarçado bem.

— É esse seu gesto. — Sem interromper o trabalho, Leah sorriu. — As mulheres grávidas sempre tocam a barriga para sentir o pequenino crescer.

— Bem... eu queria contar meu segredo a alguém, mas achei que ainda era cedo demais. — Seguindo o exemplo de Leah, ela recomeçou a trabalhar. — Será que Narcissa já percebeu?

— Narcissa está ocupada aqui e ali... corre de um lado para o outro e não vê um palmo diante do nariz.

— Já lhe contei que... meu marido morreu durante a viagem, Leah?

— Eu me lembro. — Ela encarou Katherine com uma expressão maliciosa. — E vejo que você olha para os homens das caravanas como se procurasse alguém. A escolha vai ser difícil, porque chegam muitos homens sem esposa. Não se apresse ou pode errar e estragar sua vida. Alguns desses brancos são esquisitos, têm alguma coisa errada na cabeça deles. Nunca aceite um marido esquisito!

O comentário de Leah provocou gargalhadas e, quando Katherine parou de rir, olhou ao seu redor. Não havia ninguém por perto e antes que pudesse se controlar, revelou seu segredo.

— Esta criança não é do meu marido, Leah. — Ela viu o olhar preocupado da amiga, mas prosseguiu: — Thomas morreu no verão do ano passado. O pai é o

homem que me trouxe até aqui.

— O mestiço?

— Chama-se Jed West — replicou ela, ofendida.

— O nome não importa. Eu estava na casa grande ajudando Esther com a limpeza e o vi. — Leah balançou a cabeça, num gesto de reprovação. — Esses mestiços não são de confiança. Ele a forçou, Katherine?

— Oh, não! Jed salvou-me da morte, ensinou-me muito e nunca conseguirei retribuir tudo o que recebi. Só me trouxe para a missão porque eu insisti em vir. Estava certa que ficaria comigo. — Suspirando, Katherine terminou de encher sua cesta com as espigas de milho. — Então ele disse que não pertencia a este lugar, não se adaptaria aqui...

— Os mestiços não têm família, não pertencem a lugar nenhum.

— Jed *tem* o seu povo. Bem ao Norte e mais para Leste, onde vivem os Cree e os Sioux. Ele é um *métis*, Leah.

— Sei desse povo que vive junto com os caçadores de peles. Ora estão num lugar, ora noutro, mas de onde realmente são? E esse homem lhe dá um filho mestiço e a abandona. — A índia não escondeu sua reprovação. — Não é bom pra você, menina!

— Jed não sabe que vou ter um bebê. — Vendo a expressão de surpresa no rosto de Leah, ela explicou: — *Eu* também não sabia, despedi-me sem imaginar que já estava grávida. Depois de minha doença, não tive mais regras e pensei que nunca seria abençoada com a felicidade de um filho. Agora, ignoro o mês que esta criança nascerá e o lugar onde estará o pai dela!

Em silêncio, Leah franziu a testa, repensando o assunto.

— Um homem precisa saber do filho, Katherine. Até um... *mestiço* que não merece muita confiança!

Naquela noite, Katherine procurou Narcissa para contar-lhe que estava grávida. Nenhuma das duas mencionou o nome de Jed ou de Thomas, mas, como acontecera com Leah, o assunto desviou-se para os viúvos que continuariam passando pela missão até o inverno interromper a passagem das caravanas. A indignidade de escolher um marido para dar um pai a seu filho sem sequer conhecê-lo e muito menos amá-lo a repugnava. Além disso, ela só pensava em Jed e as lembranças ficavam mais intensas com a presença da criança em seu ventre. Nenhum pioneiro frustrado pela morte da esposa ou ansioso por encontrar uma nova mulher ocuparia o lugar do homem que amava!

Nas últimas semanas de setembro, a necessidade de cuidar da multidão de pioneiros alojados em Rye Grass transformou-se em uma carga pesada demais e, no entanto, os Whitman não recusavam abrigo a ninguém. Diariamente chegavam famílias inteiras, que se dirigiam para os vales férteis entre as "Cascades". Vinham exaustos, magros, famintos, muitas vezes doentes, e os missionários lhes davam comida, remédios e a chance de repousar antes de iniciarem a etapa final de sua viagem, transpondo a última muralha de montanhas escarpadas.

Um dia, Katherine encontrou entre os recém-chegados o rosto familiar de Jim Bridger, que viera visitar a filha, Mary Ann. Ela esperou até o movimento diminuir e, quando ficaram a sós, perguntou-lhe sobre Jed.

— Ouvi dizer que tinha ido para a Califórnia — respondeu Jim. — Mas não vai ficar muito tempo. Todo mundo está viajando pra lá e ele não aguenta multidões, dona. Acho que acabará voltando pra casa.

Casa? Um lar? O que significaria essa palavra para Jed? E também para ela?

A família Delancey, que veio no início de outubro, chegou com três crianças doentes. A mãe atribuíra sua palidez e o mal-estar às dificuldades da travessia das montanhas. Logo a erupção de pele demonstrou tratar-se de sarampo. Essa moléstia contagiosa alastrou-se rapidamente e os missionários enfrentaram sérios problemas em encontrar tempo para cuidar de todas as crianças da missão.

Katherine lembrava-se da época em que tivera sarampo e não se preocupou, como Marcus, com a propagação daquela doença infantil sem gravidade. Julgava muito mais sério o problema de falta de espaço. A casa grande, o galpão para os pioneiros e o celeiro já não tinham espaço para acomodar ninguém e os pioneiros continuavam chegando.

Após uma semana tratando de crianças doentes, Katherine sentiu uma necessidade incontrolável de afastar-se da missão. Marcus tentou dissuadi-la de visitar o acampamento, mas só ao chegar lá, entendeu porque ele se esforçara tanto para evitar sua ida. O sarampo também atingira os Cayuse e, para os índios, aquela doença significava a morte.

Desesperada, Katherine preparou as receitas Cree que aprendera com Jed e ficava o dia todo no acampamento tratando dos doentes. A epidemia já não se limitava à missão e seus arredores, atingindo as outras aldeias Cayuse daquela área. Marcus pediu a Katherine que assumisse a responsabilidade de cuidar do acampamento enquanto ele viajava por toda a região levando remédios e orientação sobre o tratamento.

Nem todos os adultos contraíam a doença, mas nenhuma criança escapava. No acampamento, ela conseguiu salvar algumas vidas, separando os doentes dos outros membros da família a fim de impedir o contágio. Mesmo assim, as mortes se sucediam com uma freqüência assustadora e, em uma única tarde, morreram três bebês, entre eles o filho mais novo de Leah. A velha Esther, que cuidava da limpeza na missão, também não resistiu, mas o remédio Cree ajudou alguns a superarem o estágio crucial do sarampo. Thomas, de oito anos, também filho de Leah, foi um dos felizardos que se recuperava sob a cuidadosa vigilância de Katherine.

— Eu não consigo entender! — lamentou-se Katherine uma noite em que se sentou para tomar chá com Narcissa logo após voltar do acampamento. — As crianças brancas saram em dois ou três dias no máximo quando têm sarampo. Por que os Cayuse morrem ao contrair essa doença banal?

— Não tenho idéia, Katherine. Há cerca de dez anos, as tribos Mandan, Hidatsa e Arikara foram dizimadas pela varíola.

— A varíola continua sendo uma doença grave também para os brancos. Mas, sarampo! É tão freqüente e inofensivo para as crianças quanto joelhos esfolados!

— Acho que eles precisam de Deus. Quando aceitarem que o Senhor é o nosso Pai...

— Leah é cristã, Narcissa. Perdeu o filho menor e Thomas ainda não escapou do perigo. Não posso acreditar que Deus faça esse tipo de discriminação!

— O caminho da salvação é através do sofrimento.

— Nós somos os culpados, provocamos esse sofrimento atroz, Narcissa. Esta missão transformou-se em uma hospedaria para pioneiros e foram eles que trouxeram a doença!

Katherine sentiu-se prestes a perder o controle diante das justificativas de Narcissa. Já ouvira aquelas explicações antes e até chegara a repeti-las a outras pessoas, uma ou duas vezes, mas agora não passavam de palavras vazias e sem o menor sentido. Dezenas de seres humanos estavam morrendo diariamente!

— Começo a pensar que os índios estariam vivendo bem melhor se não tivéssemos invadido o seu mundo, deixando-os em paz com suas crenças e costumes.

— Oh, não! Como pode dizer isso, Katherine? Deus irá transformar a vida deles para melhor. Talvez não aconteça nesta geração, mas certamente ocorrerá na outra!

— Se sobrar algum índio vivo para formar uma outra geração. — Pensando no bem que imaginara espalhar com seu fervor, Katherine sentiu-se ainda mais

desanimada. — O trabalho aqui não corresponde à idéia que eu tinha sobre o dever de um missionário. Não tem nada a ver com o que Thomas disse...

Narcissa endireitou as costas, numa atitude defensiva.

— Nós temos consciência do que consiste o nosso trabalho nesta missão, Katherine. O sonho de Marcus sempre foi difundir a palavra de Deus entre os pagãos, mas não conseguimos o sucesso que imaginávamos. Continuaremos tentando, é claro. Entretanto, é igualmente digno servir aos pobres e exaustos pioneiros, o povo que irá transformar os vales férteis desta região em fazendas produtivas, construir casas, igrejas e escolas!

Percebendo que se exaltara, Narcissa calou-se e tomou alguns goles de chá, com a cabeça abaixada e tentando nitidamente recuperar o controle. Quando voltou a falar, sua voz recuperara a serenidade habitual.

— Oferecemos aos índios o que está ao nosso alcance, Katherine. Como pode ver, alguns aprendem a nos amar, vêm viver perto daqui e tentam seguir nossos ensinamentos. E nós os amamos também. Marcus retorna após três ou quatro dias de viagem pelas aldeias e quase chora ao contar-me o número de mortes. Entretanto, sua fé é inabalável.

Katherine reconhecia o valor de Marcus, que trabalhava sozinho, cuidando de uma região extensa demais para apenas um único médico. Sua expressão suavizou-se e Narcissa aproveitou para mudar o rumo da conversa.

— O seu filho terá o nome do pai, Katherine? — perguntou Narcissa com naturalidade. — Seu marido era um homem de muita fé e coragem, como Marcus.

— Thomas sempre foi bom, desde menino. — Katherine pressentira algo de estranho no olhar de Narcissa. — Ele teria sido um ministro dedicado e infatigável.

— Mas... não é o pai de seu filho, Katherine.

— Não.

— Então a criança será mestiça.

— Exatamente.

Katherine preferia não ser obrigada a dar maiores explicações sobre aquele assunto, mas Narcissa também não pretendia desistir.

— Deixe-me ficar com seu filho, Katherine. A minha Alice morreu há oito anos e depois desse trágico dia, não tivemos mais nenhum bebê nesta casa. Eu poderia dar-lhe...

— Não, Narcissa. — Katherine ergueu o queixo, desafiante. — Amo esta criança como amo o pai dela!

— Eu percebi que você o amava quando ele veio trazê-la. Infelizmente, também constatei que a abandonou.

— Jed não foi informado que eu estava grávida. — Inexplicavelmente, ela sentiu um frio intenso invadir a cozinha, como sempre aquecida demais. — E nem poderia, porque *eu* também não sabia.

— Você irá enfrentar uma situação bastante difícil se a criança herdar o... o tom de pele do pai. Logicamente o sangue indígena será diluído ao misturar-se com o seu, mas... se o bebê for escuro...

— Pare, por favor! Jed é um *métis*, um homem digno e orgulhoso de sua herança. Se não fosse pela...

Assustada, Katherine calou-se. Estaria perdendo o juízo? Quantos segredos mais iria revelar se deixasse a raiva dominá-la? Levantando-se da mesa, foi até a porta da cozinha, sentindo uma necessidade incontrolável de afastar-se de Narcissa.

— Não pretendo procurar um marido entre os pioneiros, Narcissa. Se julga inaceitável que eu continue a ensinar aqui na missão, irei com meu filho para outro lugar.

— Sempre será bem recebida entre nós, Katherine. Não estou censurando-a, nem julgando suas atitudes. O bom Deus sabe de todo o seu sofrimento, querida. Talvez o Sr. West volte para você.

— Eu acredito realmente que ele voltará. — Katherine encarou Narcissa com um olhar firme. — Minha fé também é inabalável!

Outubro chegou, trazendo chuvas constantes, dias sombrios e muita neblina; um mês sinistro que intensificava a angústia diante de tantas mortes.

Katherine continuava a trabalhar demais, cuidando dos doentes do acampamento, mas afastava o desespero pensando na nova vida em seu ventre. Conseguira um quartinho, ao lado da cozinha, que não precisava partilhar com ninguém e, à noite, sentindo os primeiros movimentos do filho, não continha a felicidade.

Lembrava-se da surpresa que tivera ao conversar sobre o bebê com Leah e com Narcissa. Previra reações de censura e condenação ao confessar que o pai de seu filho era Jed e não Thomas. Entenderia as críticas mais severas porque não se realizara uma cerimônia de casamento nem se oficializara essa união ilegal. No entanto, fora outro problema que surgira. Ela já não pensava no fato de Jed ser um mestiço mas se perturbara quando esse termo foi usado em relação ao seu filho. Jed era um *métis*, orgulhoso de suas tradições e costumes. Como poderia ensinar à

criança ainda por nascer o significado de sua herança se nunca chegasse a conhecer o pai?

Uma fé inabalável... ao pronunciar essas palavras, uma estranha sensação de poder crescera no íntimo de Katherine, uma emoção desconhecida e inesperada. Percebera que não sentia uma fé semelhante à de Thomas, ou à de Marcus e nem mesmo à de Jed. Descobriu, subitamente, que criara sua própria forma de acreditar em Deus. Apesar de todas as tragédias e sofrimentos, Ele significava bondade, e ela ainda tinha uma missão importante a realizar em Seu nome, não por obrigação ou amor a outros, mas por confiar em si mesma.

E Jed voltaria. Viria buscar a mulher e o filho.

Na terceira semana de novembro, metade dos Cayuse que vivia naquela região tinha morrido, 175 vítimas do sarampo trazidos pelos pioneiros. O filho mais velho de Leah sobrevivera e enquanto Katherine agradecia a Deus por ter poupado esse Thomas, a mãe a considerava responsável pelo milagre.

Marcus também elogiava o trabalho de Katherine, porém ela já não se iludia. Preferia não pensar que só em casos muito raros algum índio contagiado pela doença dos brancos conseguia sobreviver. Por que Deus não fazia mais milagres? Ela e o médico missionário só podiam evitar que a febre subisse demais e tentar manter os pacientes com roupas secas e quentes. Os nevoeiros de novembro dificultavam ainda mais essa tarefa, a única ao alcance deles e que não salvaria ninguém!

À medida que o mês chegava ao fim, Marcus perdeu a noção do tempo. Chegava das aldeias tarde da noite e ainda tinha que cuidar das crianças da missão. Era tarde demais para dormir e muito cedo para acordar Narcissa. Rondando pela casa, ele acabava indo para a cozinha, sem lembrar-se quando fora sua última refeição.

No quarto ao lado, Katherine ouvia os passos de Marcus e o barulho das panelas. Embora sempre se chocasse com as notícias que ele trazia das aldeias, levantava-se, na esperança de uma inesperada melhora na situação. Esperanças continuamente frustradas.

— Você não dormiu, Marcus?

Pálido e com olheiras profundas, ele retratava exaustão, desesperança e angústia.

— Acho que não fecho os olhos... Que dia é hoje? Segunda-feira? Então, estou sem dormir desde sábado. Felizmente, a falta de sono não me impede de trabalhar.

— Jogando um pedaço de carne na frigideira, ele virou-se para Katherine. — Não

quer "jantar" comigo?

— É um pouco cedo demais para mim, Marcus.

— Mas talvez seja a hora certa para o bebê.

Sorrindo, Katherine preparou o chá enquanto Marcus colocava na frigideira um pedaço de carne para ela também.

— A situação não melhorou, não é?

— Nem um pouco, Katherine. Os Cayuse estão dizendo que os meus remédios são ruins porque curam só as crianças brancas, enquanto a dos índios morrem. Ontem, fui avisar o pai de uma menina que a filha tinha morrido e ele cuspiu na minha cara. Sinto uma premonição funesta de que me culpam pela própria doença e... já não tenho mais certeza de nada.

— É a dor, Marcus. Algumas famílias perderam todos os filhos e também as pessoas idosas. Sobraram poucos jovens e poucos velhos e, aos que sobreviveram, só resta chorar.

— Fiz tudo que podia ser feito. — Ele colocou a carne nos pratos e ambos fitaram a comida sem o menor apetite. — Agora estou com falta de remédios, de idéias, de paciência e até de tempo para rezar.

— Por acaso... são tambores, Marcus? — Um som ritmado e distante chegava até eles. — Os Cayuse estão rezando.

— Voltando para seus costumes pagãos...

— Não, Marcus. Eles rezam e Deus os ouve. Eu sei porque vi...

De que adiantaria falar? Katherine calou-se, sabendo que Marcus jamais aceitaria o valor de sua experiência, mas insistiu na força das preces.

— Não se trata de um povo sem religião alguma, Marcus. Eles têm suas crenças, muito antigas.

— Alguns já estavam abandonando esses deuses primitivos, antes da epidemia começar. — Ele sorriu gentilmente para Katherine. — Fique em casa hoje. Choveu demais durante a noite e não quero que enfrente um mar de lama para chegar ao acampamento. Coma e vá dormir.

— Por sorte, ainda tenho uma cama! — brincou ela. — Hoje eu contei setenta e quatro pessoas só nesta casa, sem falar nas do galpão e do celeiro.

— Não podemos mandá-los embora sem aliviar seus sofrimentos, Katherine. Talvez seja melhor construir um outro galpão na próxima primavera mas, enquanto isso, teremos que acomodá-los de algum modo. Como sempre, damos preferência às mulheres e crianças. Você pertence às duas categorias e tem seu quarto. Agora,

aproveite esse privilégio!

Katherine cedeu à insistência de Marcus e só percebeu o estado de exaustão a que chegara quando acordou na manhã seguinte. Narcissa estava na cozinha preparando o almoço e ela, ainda tonta de sono, foi lavar o rosto para depois preparar o chá medicinal das crianças. Já as obrigara a tomar o líquido pouco agradável e descia as escadas quando ouviu vozes masculinas.

Marcus colocava o sobretudo nos ombros e a Bíblia debaixo do braço para acompanhar um índio alto que o esperava do lado de fora da casa. Ela o viu partir e, ao entrar na cozinha, Narcissa contou-lhe o que acontecera.

— O cacique Tiloukaikt perdeu seu terceiro filho hoje, Katherine. Esse índio veio buscar Marcus e disse que, além do menino, morreram mais duas meninas esta noite. — Ela suspirou angustiada. — Meu pobre Marcus! Está simplesmente exausto.

Uma batida à porta interrompeu o desabafo de Narcissa. Ao abri-la, Katherine encontrou Leah com um cobertor na cabeça para proteger-se da garoa.

— Venha comigo, Katherine.

— Eu ia ajudar Narcissa a...

— Agora!

— É Thomas? — perguntou ela com meiguice. — Seu Thomas piorou, Leah? Vou pegar minha capa e os remédios.

Bem agasalhada pela capa que ganhara de Jed, Katherine não sentia frio, mas seus pés afundavam na lama. Leah apressava-a e finalmente agarrou-a pelo braço para cruzarem o nevoeiro espesso. Em silêncio, a índia forçou-a a correr até sua tenda.

Surpresa, Katherine verificou que não havia nenhuma emergência no acampamento. Ela e Leah cuidaram dos pacientes em recuperação e já estava preparando-se para voltar à missão, quando a índia a impediu de sair.

— O filho de Tiloukaikt morreu hoje cedo.

— Eu já soube. Pobre homem! Deve estar desesperado. — Katherine deu mais um passo em direção à saída e, novamente Leah colocou-se à sua frente. — Há algo errado?

Leah não respondeu, tensa e olhando através da abertura da tenda à espera de algo. Katherine também ficou em silêncio e então um som dissonante ecoou a distância seguido por ruídos secos como se fossem tiros.

As duas mulheres se entreolharam. Uma sabia, a outra não conseguia

acreditar. Os ruídos secos se repetiram, agora inconfundíveis. Leah olhou para a menina que dormia inocentemente no chão da tenda.

— O que está acontecendo? — sussurrou Katherine. — São tiros? E quem...

Impulsivamente, Katherine correu para a saída e Leah agarrou-a com uma força inesperada.

— Não saia. Aqui estará segura, Katherine.

— Por quê? É um ataque? E na missão?

O som dos tiros chegou com toda a nitidez à tenda.

— Oh, meu Deus! As crianças! Leah, por favor, deixe-me ir! A casa está cheia de crianças doentes, preciso ajudá-las...

— As crianças não sofrerão. Eles dizem que o remédio dos Whitman não é bom. Envenena nosso povo.

— Não é verdade, Leah. O sarampo foi muito forte e temos de impedi-los! Precisamos explicar!

— Não podemos fazer nada, Katherine.

Leah apertou os braços da amiga, tentando transmitir-lhe a importância de ficar no acampamento e não pensar no que estava acontecendo.

— O fim não vai demorar, Katherine.

— O fim? — conseguindo soltar-se, Katherine cambaleou até a saída, incapaz de absorver o significado daquela palavra. — O fim?

A neblina ficara mais densa. A luminosidade cinzenta de um entardecer chuvoso não clareava o nevoeiro que provocava uma sensação de irreabilidade sinistra. As construções da missão não passavam de formas indistintas. Katherine tentou correr, mas o peso da barriga a impedia de alcançar a velocidade que desejava. Ao longe, ecoavam tiros, gritos infantis e ela não conseguia ver nada, sentindo-se dentro de um pesadelo.

Finalmente, avistou o pátio em frente da casa principal. Narcissa estava sendo carregada para fora de seu lar, sentada em um de seus sofás, com o peito coberto de sangue. Novos tiros soaram e um dos homens que a carregava jogou o corpo na lama.

As pernas de Katherine fraquejaram e ela caiu de joelhos ao lado da cerca do curral. Via o corpo de Narcissa, agora imóvel, e lembrava-se de suas palavras. "Eles nos amam e nós também os amamos." Encostando o rosto nos joelhos, rezava e chorava em silêncio.

Repentinamente, foi erguida no ar e viu-se diante de um guerreiro Cayuse de

expressão aterrorizante. Katherine nunca o vira antes e só controlou o pânico porque ele a empurrara para perto de um grupo de crianças soluçando de pavor. A primeira que agarrou-se à sua mão foi Mary Ann, a filha de Jim Bridger.

— Eles mataram o pai — chorava a criança.

Katherine a tomou nos braços, tentando acalmar a menina, embora soubesse que não conseguiria reconfortá-la. A pobre Mary Ann devia ter presenciado a morte de Marcus, o homem a quem chamava de pai.

Quatro homens conduziam o grupo de mulheres e crianças para o acampamento. Ainda soavam alguns tiros, mas ninguém ousava olhar para trás ou tentar fugir. Paralisadas pelo terror, moviam-se ao ouvir ordens em Cayuse, que não entendiam. Logo o pátio central entre as tendas ficou cheio de criaturas em estado de choque, que se mantinham juntas, como se o contato de seus corpos lhes desse segurança.

Leah apareceu, olhando para as prisioneiras com um olhar ansioso. Quando avistou Katherine, sua expressão demonstrou um intenso alívio e, depois de falar com o guerreiro que liderava os demais, voltou à sua tenda. Logo retornou, com a capa de camurça branca.

— Tomahas é meu irmão — disse ela ao aproximar-se de Katherine para colocar-lhe a capa nos ombros. — Sei que foi ele quem a encontrou e deve ter se assustado ao vê-lo, querida. Mas não se preocupe mais. O irmão de uma mulher índia é responsável pelos sobrinhos e sabe que seu remédio salvou o meu Thomas.

Incrédula, Katherine encarou Leah, como se não a reconhecesse. Afastara-se da amiga há menos de vinte minutos e nesse curto espaço de tempo presenciara uma tragédia que jamais se apagaria de sua mente. O choque a transformara em uma mulher apavorada, covarde e sem iniciativa.

Leah porém continuava a mesma. Era a amiga que a impedira de sair da tenda, também com medo, mas lutara contra o pânico para defender Katherine.

— O que pretendem fazer conosco, Leah?

— Você não tem o que temer. — Ela olhou para o ventre distendido de Katherine. — Ajudou a salvar a vida do meu filho, eu protegerei o seu.

CAPÍTULO XI

San Francisco ainda não se transformara na cidade alucinante que atraía multidões de aventureiros em busca de ouro. Continuaria, por mais um ano, a ser

um porto modesto, pacato, que pertencera ao México e passara, recentemente, à jurisdição dos Estados Unidos. Havia uma espantosa quantidade de *métis* que mal falavam inglês e mantinham seus costumes latinos.

Jed tentou explicar suas origens a uma prostituta de olhos negros e pele morena, que deu uma gargalhada sarcástica e deixou bem clara sua opinião sobre esse assunto. Mestiços eram uma mistura de duas raças, não importavam quais fossem, e nenhum nome enfeitado como *métis* mudaria essa realidade. Ele irritou-se com a mulher, que procurara a fim de satisfazer seus desejos e não para discutir. A partir desse dia, encontrou no uísque uma companhia mais agradável e, sobretudo, muda!

Na verdade, sua constante companheira passou a ser a ressaca. Nem toda a bebida, porém, o impedia de ouvir as vozes que ecoavam em sua mente, entorpecida ou semilúcida. Após algumas semanas de mal-estar físico e o tormento constante de lutar contra os ecos do passado, Jed decidiu que não podia mais beber ou acabaria louco. Detestava ouvir o avô pedir-lhe que "mergulhasse mais fundo e trouxesse um punhado de terra". E, embora Katherine não lhe pedisse nada, também fazia-lhe perguntas num tom melodioso e suave.

No momento em que tomou a decisão de afastar-se do uísque, Jed partiu de San Francisco a caminho do Oregon. Pretendia ir ao encontro de Mão-Cortada e recomeçar a única vida que conhecia. Continuariam caçando nas montanhas, que sempre permaneceriam um reduto de liberdade e solidão. Pioneiro algum conseguiria cultivar aqueles picos escarpados!

Ao redor da terceira semana de novembro, ele admitiu que, mesmo sem uísque, estava perdendo o juízo. Katherine não o deixava em paz! Via seu rosto meigo e delicado a todo momento e por toda parte. Ela surgia, com um olhar triste, em sua xícara de chá, quando lustrava sua carabina, nas chamas da fogueira e entre as estrelas nas noites muito escuras das montanhas.

— Ei! Está me ouvindo, Jed West?

Já com a carabina engatilhada, Jed esperou antes de atirar. Conhecia aquela voz.

— É você, Jim Bridger?

— Eu mesmo! — A cabeça de Jim apareceu atrás de uma rocha. — Venho seguindo seu rastro há dois dias, Jed. Está preparando cauda de castor pro jantar?

— Exatamente! E há o bastante para dois, portanto, saia do seu esconderijo e venha comer.

— Então pare de apontar essa carabina pra mim! — brincou Jim, descendo dos rochedos para a margem do rio. — Nunca pensei que você fosse tão arisco! Afinal, tem sangue de índio...

— E é justamente por isso que preciso ficar sempre alerta. E você? O que está fazendo por estas bandas, Jim?

— Não disse que procurava por você? Pensei em nos juntarmos.

— Eu já tenho um sócio, Jim.

A expressão de Bridger revelava sua perplexidade diante da resposta de Jed.

— Mas não está viajando pra Missão Whitman?

— E por que motivo eu iria até lá?

— Ora! Você tem uma mulher na missão, é esse o motivo. Eu a vi quando fui até lá visitar minha filha, cerca de dois meses atrás. É a mesma que levou ao Fort Hall e depois para junto dos Whitman. — Jim balançou a cabeça, num gesto de contrariedade. — Essas mulheres são mesmo um inferno na vida dos homens! Basta a gente encontrar uma que goste e a danada fica de barriga grande! Então começa aquela trabalhadeira de achar um lugar seguro pra ela se abrigar enquanto continuamos ganhando a vida...

— Que baboseira é essa, Jim? Eu levei Katherine para a Missão Whitman porque ela é uma missionária e queria ir para lá.

— Com mil diabos, Jed! Então não é seu?

— O que não é *meu*!

— Ah, não! Só pode ser! Ela sempre foi uma dama e, se eu conheço bem as mulheres, é do tipo que tem só um homem.

Embaraçado, Jim ficou de pé, achando que o único modo correto de dar aquela notícia a um homem seria cara a cara.

— Não ficou sabendo, Jed? Sua mulher vai dar cria!

— Você a viu? — Descontrolado, ele agarrou Jim pelas lapelas do casaco de lã. — Tem certeza? Ela está...

— Eu já disse que vi e ela está com a barriga do tamanho da lua! — Quando Jed o soltou, ele ajeitou o casaco repuxado. — Fique mais calmo, homem! Achei que você sabia e ia buscar a sua mulher.

Jed virou o rosto para esconder suas emoções. Katherine devia estar no oitavo mês e imaginou as feições serenas e a postura altiva da mulher que continuava viva em seu coração e uma presença constante em seus sonhos. Ela iria ter um filho! O seu filho!

— Como você disse, o importante é que ela esteja em um lugar seguro, Jim. E certamente sou a última pessoa no mundo que deseja ver agora!

— *Lugar seguro!* — Jim forçou o amigo a virar-se e encará-lo. — Se ela estiver viva, Jed! Se não morreu, vai ficar é bem feliz de ver sua cara feia! Com os diabos, homem! Também não soube do problema?

— Que problema?

— Os Cayuse atacaram a missão para matar o casal Whitman. Falam sobre quinze pessoas mortas e perto de cinquenta prisioneiros. Isso já aconteceu semanas atrás e, até agora, ninguém conseguiu aproximar-se para salvar os que escaparam do massacre.

Morta. A palavra ecoava na mente de Jed, sinistramente ameaçadora.

— Ninguém sabe...

— Parece que os Cayuse pouparam as mulheres e as crianças, mas eu estou rezando pra minha Mary Ann ser uma delas e a sua mulher também, Jed. É só o que a gente pode fazer, não é?

— É... só rezar — Jed voltou a raciocinar com mais lucidez — e se apressar, amigo. Acha que o seu cavalo velho consegue acompanhar o meu?

— Pode apostar nisso, Jed! O *seu* Appaloosa vai ter que se esforçar muito.

— Então vamos partir imediatamente. — Ele olhou para Jim, angustiado. — Acha que os Cayuse fariam mal a uma mulher, ainda mais grávida?

— Não é possível saber, Jed. Fique de cabeça fria ou acabaremos os dois loucos!

Eles chegaram ao Fort Walla Walla seis dias depois. Jed seguiu Jim Bridger até a casa do administrador do posto, John McLoughlin. Na sala mal ventilada, a fumaça da lareira dificultava a visão dos quatro homens que ali estavam.

Conhecido por todos, Jim não perdeu tempo para entrar no assunto. McLoughlin, um velho experiente que vivia há décadas no Oeste, ouvia o relato e, ao mesmo tempo, tentava lembrar-se onde encontrara antes o amigo de Bridger. Jed e o quarto homem reconheceram imediatamente suas origens comuns. Pierre Sayer também era um *métis* e duvidava que seu irmão de sangue estivesse usando o verdadeiro nome.

Jim continuava falando, sem perceber as tensões ao seu redor. Insistia em saber que providências a *Hudson's Bay Company* iria tomar a respeito dos prisioneiros.

— Eles são americanos, Bridger — disse McLoughlin, fumando calmamente seu

cachimbo. — Por que imaginou que a companhia pudesse ajudar?

— Porque vocês sempre tiveram muito contato com os Cayuse.

— Os Whitman também.

— Aqueles missionários nunca fizeram mal nenhum prós índios, John. E você sabe disso tão bem quanto eu.

— Esqueceu-se de um detalhe, Bridger. Os Whitman hospedavam pioneiros. Nos últimos sete anos, o número de caravanas aumentou assustadoramente e fazendeiros acabam com o comércio de peles, o ganha-pão da companhia.

— É verdade, mas isso não impediu que você também os ajudasse muitas vezes. Estou mentindo, John?

— Não. Eu fui severamente criticado por Simpson em 1843 por esse motivo. No entanto, os coitados chegavam aqui semimortos de exaustão e fome, já não tinham mantimentos e as crianças não agüentariam mais um dia sem comer. — McLoughlin ergueu as sobrancelhas espessas num movimento que dava maior dramaticidade às suas palavras. — O que eu poderia ter feito?

— As pessoas fazem o que é preciso — sugeriu Jed, mansamente. — Os Cayuse continuam mantendo vivos os prisioneiros, portanto querem algo em troca. Tem alguma idéia do que poderiam pedir?

— A metade da população Cayuse desta área teve sarampo e morreu. Provavelmente querem comida, cobertores...

— Preferivelmente limpos e não usados por pioneiros — interferiu Sayer. — Foram eles que trouxeram a doença.

— E os índios culpam os Whitman? — perguntou Jed.

— Disseram que o remédio de Whitman os estava envenenando — explicou Sayer. — Então acharam que não havia outro modo de escapar da morte.

À esta altura, Jed já percebera que o homem mais bem informado era Sayer e não McLoughlin.

— Por acaso sabe se há uma mulher grávida entre os prisioneiros?

— A maioria é formada por mulheres e crianças. — Com um rápido olhar, Sayer examinou Jed da cabeça aos pés.

— Trata-se da sua mulher?

— Sim, eu a levei para a missão há alguns meses.

— Os Whitman morreram — continuou Sayer sem demonstrar qualquer emoção. — Sei que também mataram a maioria dos homens que não aceitavam... os missionários como o professor, o ferreiro, enfim, os representantes da religião

dos brancos.

Embora sua expressão não revelasse nenhuma emoção, Jed sentiu o estômago se contrair de medo.

— Ela... fazia parte desse grupo.

— Poderemos avisar os Cayuse que ofereceremos um bom resgate pelos prisioneiros — sugeriu McLoughlin. — Não caçaram muito no último outono e devem estar quase sem suprimentos.

— Quando terá condições de entrar em contato com eles, Sayer? — Jed mal controlava a impaciência. — Ainda hoje?

— Não, só amanhã cedo. — Sayer dirigiu-se para a porta e, passando ao lado de Jed, parou. — Quer que eu pergunte por sua mulher?

— Prefiro que não. Iria chamar a atenção dos índios sobre ela e talvez o efeito fosse desastroso.

— Os Cayuse estão exaustos e famintos — disse Sayer, já na porta. — Se tivesse visto a quantidade de corpos em suas aldeias...

— Eu sei, já vi essa tragédia em outras tribos. Diga-lhes que levaremos comida para suas crianças.

Sayer sorriu para Jed, percebendo que apenas eles compreendiam os dois lados do problema, e saiu. McLoughlin nem esperou a porta fechar-se para abordar o assunto que o intrigava.

— Conhece o Distrito Brandon, no Red River, West? Foi nesse lugar que o encontrei antes? — Os olhos de McLoughlin fitavam Jed com frieza. — O que me diz de... Pembina?

— Não vamos perder tempo à toa, McLoughlin. Se tem contas a acertar comigo, espere até salvarmos os prisioneiros. — Jed aproximou-se, com uma expressão dura. — Já não importa saber do lado de quem eles estão e sim ajudá-los antes que seja tarde demais.

— Tem razão! — McLoughlin deu uma gargalhada. — Já não importa mesmo porque... George Simpson perdeu o jogo! Ele dedicou a vida à luta entre os interesses comerciais britânicos e o sonho americano. A batalha foi vencida por um bando de agricultores que, na surdina, nos superaram numericamente.

Jed não estava interessado na sobrevivência da companhia, nem como os ingleses iriam resolver esse assunto.

— Jim e eu dirigiremos as carroças que levarão os suprimentos.

— Ótimo. O próximo problema será encontrar voluntários para ir até a toca das

feras!

— Mais nenhum problema? — Jed o desafiou. — É esse o único que o preocupa?

— George Simpson e eu nunca nos entendemos bem e, se não me falha a memória, o seu problema é com ele. Estou certo, Sr... West?

Diante do silêncio e da expressão distante de Jed, McLoughlin sorriu maliciosamente.

— Eu estava em Pembina, por mero acaso, em 1843, quando Thomas morreu. O jovem era julgado um gênio, sobretudo pelo tio, que o considerava a pessoa mais importante na face da terra. — Teatral, McLoughlin ergueu as sobrancelhas. — Infelizmente, também era louco e ninguém ignorava essa fato, exceto George Simpson que, caso soubesse, jamais aceitaria a verdade. Portanto, caiu numa armadilha, West. Não tenho idéia do que fizeram nem como conseguiram incriminá-lo, mas não me resta dúvida alguma. Tudo não passou de uma farsa para se livrarem de você.

McLoughlin parou de falar e, no silêncio da sala, ouvia-se apenas o estalar das achas na lareira. O rosto de Jed continuava a mesma máscara fria, desprovida de emoções e sua voz, baixa e firme, também não demonstrava se aquelas palavras o teriam perturbado.

— Nós ganharíamos tempo se enchêssemos as carroças. Afinal, não é difícil prever o que os Cayuse irão nos pedir.

Três carroças partiram de Fort Walla Walla, duas levando a carga de cobertores e mantimentos. Conforme McLoughlin previra, foi difícil encontrar voluntários para enfrentar os Cayuse e Pierre Sayer pediu que a esposa e o filho participassem do salvamento. Clarise dirigia a terceira delas, onde seriam acomodados os prisioneiros para sua viagem de volta. Richard ajudava o pai a levar os cavalos que faziam parte do resgate exigido.

O pedido do cacique Tiloukaikt surpreendeu a todos. Os Cayuse nunca tinham sido uma tribo que media sua riqueza pelo número de cavalos. A quantidade de montarias exigidas demonstrava claramente que previam a necessidade de fugir tão logo libertassem os prisioneiros.

No início da tarde, as carroças se aproximaram de Rye Grass. Do pinheiral cortado pelo riacho que nascia no rio Walla Walla, surgiu um índio alto e solitário. Jed e Jim, liderando os demais, ergueram os braços, para demonstrar que não estavam armados. Só então o guerreiro fez um sinal, indicando que o seguissem

pelo meio de um bosque. Deliberadamente o caminho indicado pelo guia não passava muito perto das construções da missão, testemunhas mudas da tragédia e apenas entrevistas através das árvores.

Jed lembrava-se nitidamente do dia em que chegara à missão. Um lugar movimentado em que trabalhar significava servir a Deus. Ele tinha a angustiante sensação de estar ouvindo o martelo do ferreiro, a melodia da água que movia o moinho e a gritaria alegre das crianças, correndo pelo pátio em frente à casa principal.

Onde estaria Katherine? Esperando por ele entre os prisioneiros, também ansiosa pelo momento de ser libertada? Ou a teriam sepultado, em cova rasa, na colina em que haviam se despedido? Se não a encontrasse entre os cativos, não existiria nenhuma força maior que seu desespero. E procuraria o corpo da mulher amada em cada palmo daquele solo banhado de sangue!

Os galhos nus, despidos pelo frio do outono, projetavam sombras de um vermelho sinistro no rosto dos prisioneiros que se mantinham muito próximos e imóveis sob as árvores. Era um grupo derrotado, sem forças ou esperanças, aguardando uma decisão sobre seu destino.

No limiar do bosque, o guerreiro Cayuse que lhes indicara o caminho fez um sinal. Quatro outros índios surgiram entre as árvores, bloqueando a passagem. Sem palavras, demonstraram que só lhes dariam acesso à clareira onde estavam os prisioneiros quando eles terminassem de examinar o conteúdo das carroças. Dois cuidaram dessa tarefa enquanto o único a cavalo levou a manada rio acima. No bosque, ecoou o choro lamentoso de uma criança e, impulsivamente, Jed deu um passo na direção do som, mas o líder impediu-o de prosseguir.

— Vamos devolver todos a seu povo, não lhes fizemos nenhum mal. Levem essa gente embora daqui e nunca mais deixem eles voltarem!

Angustiado, Jed cruzou as árvores e entrou na clareira. Mal conseguia respirar enquanto seu olhar tentava distinguir, entre a multidão, o vulto da mulher amada. Então, viu a capa branca sobre os ombros de uma criatura frágil, sentada sobre um tronco com uma criança nos braços. Ao lado dela, estava uma índia, em pé e com uma postura de defesa.

Subitamente, a clareira ficou deserta e Jed via apenas a figura miúda com uma capa branca. Não se conscientizou que estava correndo e gritando o nome dela. Sua mente já o enganara tantas vezes através de miragens fugidias que não ousava desviar os olhos, piscar ou chorar de alegria. A experiência o ensinara que bastaria

sentir-se seguro por um só instante e a visão se desfaria no ar. A mulher ergueu a cabeça, quase totalmente encoberta pelo capuz, e a luz do crepúsculo refletiu-se em seu rosto. Estava viva! Era Katherine que o fitava com um olhar vago.

Ajoelhando-se ao lado dela, Jed afastou o capuz e segurou entre as mãos o rosto pálido e tão querido.

— Você está bem, amor?

— Não me maltrataram.

Alguém retirou a criança dos braços dela. O gesto inesperado assustou Jed, que virou-se rapidamente e encontrou Jim Bridger, também chorando de alegria e beijando o rosto da filha.

— Mary Ann! Querida... eu quase morri de medo por você! — Apavorado, ele virou-se para Katherine. — Ela está doente, dona Fairfield?

— Não, está apenas cansada e com medo, como todos nós.

Katherine sorriu para Jed, tentando esconder dele o estado a que fora reduzida. Queria apenas demonstrar que se sentia abençoada por estar novamente diante do rosto amado e poder tocá-lo sem medo de acordar e não encontrá-lo a seu lado.

— Oh, Jed! Eu sabia que viria...

— Eu disse que voltaria se algum dia precisasse de mim.

— E eu preciso muito!

Ele deslizou a mão pela abertura da capa e tocou o ventre distendido de Katherine, o ninho que abrigava seu filho.

— Então... é verdade.

— Eu não sabia que estava grávida quando você partiu. — Ela agora entregava-se à alegria do reencontro, certa de que não sonhava. — Só mais tarde...

— Quando, Kate? Você está enorme...

— Tem que deixá-la comigo, moço.

Ao ouvir a voz autoritária, Jed ergueu a cabeça e sua primeira impressão de Leah foi inquietante. Ela o fitava com um olhar penetrante e, a julgar por sua expressão, não hesitaria em agredi-lo para impedir que sua presença perturbasse Katherine.

— Por favor, Leah! — implorou Katherine. — Você tem de sair bem rápido daqui! É perigoso demais, porque logo virão os que desejam vingança. — Então ela olhou para Jed. — Mas eu não posso ir para lugar nenhum... agora.

— A-agora? — Vendo o rosto dela empalidecer, Jed começou a entrar em

pânico. — Vai ser... agora mesmo?

— Tiloukaikt disse que ela precisa partir junto com os outros — interferiu Leah.

— Mas não é possível, porque chegou a hora.

— As dores estão muito fortes, querida?

— No início achei que era apenas dor nas costas, mas...

Jim interrompeu a conversa.

— Depressa, Jed! Precisamos acomodar toda essa gente na carroça e, mesmo se formos rápidos, ainda seremos obrigados a viajar de noite. Só chegaremos ao forte no meio da madrugada. Achei que seria melhor dar-lhes comida depois de começarmos a viagem, assim... — Percebendo que havia algo errado, Jim ajoelhou-se ao lado de Jed. — Por Deus, dona! Não resolveu ter o bebê justamente agora, não é?

— Só partiremos quando você puder nos acompanhar, querida.

— Não, Jed. Essa pobre gente já sofreu demais, esperou por muito tempo. Um parto pode levar horas.

— Tiloukaikt disse para saírem daqui agora mesmo! — A autoridade na voz de Leah dera lugar ao pânico. — Tomahas e os outros já...

Antes de Leah poder avisá-los, o cheiro de madeira queimada revelou como os guerreiros Cayuse pretendiam encerrar aquele episódio. Diante de centenas de olhares horrorizados, as chamas envolveram a casa principal da missão, o lar dos Whitman.

— Acho melhor você levar essa gente embora daqui o mais depressa possível, Jim — admitiu Jed. — Deixe-me seu cavalo, prometo que o devolverei.

Inesperadamente, o cacique dos Cayuse, Tiloukaikt, surgiu ao lado deles e Leah traduziu suas ordens ríspidas.

— Ele não quer mais nem um branco por aqui. Tem que ir embora imediatamente.

— Explique-lhe que Katherine não está em condições de partir e, como sou o marido e o pai do bebê, preciso ficar a seu lado. — Abaixando a voz, Jed dirigiu-se à índia. — Ela tem razão sobre a vingança, Leah. Não sei quando será, mas chegarão mais depressa do que imaginamos. Você corre perigo, tem que ir embora...

— Esta hora é das mulheres. Quando tudo terminar, irei ao encontro do meu povo.

— Seja sensata, Leah — implorou Katherine. — Tem que pensar em seu pequeno Thomas e na...

— As duas crianças irão com a minha cunhada e sei que logo alcançarei o meu povo. Quando o *seu povo* chegar com as armas e o ódio, eu estarei bem longe daqui.

— Com os olhos brilhantes e desafiadores, Leah sentou-se no tronco, ao lado de Katherine. — A minha amiga vai ter seu primeiro bebê e prometi que o protegeria. Ela salvou o *meu* filho.

O nervosismo reinava ao redor dos três. Os prisioneiros corriam para a carroça e, quase sem forças para subir, ajudavam-se mutuamente. Os índios afastavam-se com as outras carroças carregadas de comida e cobertores, desaparecendo entre as árvores. A casa principal começava a ruir e o teto desabara quando também atearam o fogo ao galpão que abrigara os pioneiros. Jed chamou Sayer para explicar seu problema e Clarise, que percebera a situação, juntou-se a eles.

— Nossa cabana fica a menos de quinze quilômetros daqui. Pierre me levará até lá e eu voltarei com uma carroça para carregar Katherine.

— Eu não vou... — embora o trabalho de parto apenas se iniciasse, a dor foi mais violenta do que Katherine imaginara — ... a lugar nenhum.

Agora donos de velozes cavalos, os bravos da tribo Cayuse galopavam entre as construções da missão e o som do galope e de seus gritos de guerra ecoavam a distância. Em instantes, atearam fogo em tudo e, iluminada pelas chamas, a carroça dos prisioneiros afastava-se rapidamente, sem que ninguém olhasse para trás.

Nenhuma das mulheres se ofereceu para permanecer ao lado de Katherine a fim de ajudá-la. Ela já fora abandonada uma vez e não se surpreendeu. Na verdade, índias e brancas tinham seus filhos no lugar onde estivessem quando chegava a hora. Alguns partos demoravam, outros eram rápidos, mas nunca se interrompia a viagem, nem se esperava por elas.

A mulher que pertencia a Jed West não seria tratada como as outras. No centro de uma tormenta causada pelo choque de duas culturas irreconciliáveis, Katherine lhe daria o presente mais precioso: um filho! E ele conseguiria protegê-la da escuridão, do frio e dos ruídos assustadores, porque o parto a impedia de ir embora dali.

Com a costumeira rapidez e eficiência, construiu um telhado e três paredes de galhos entrelaçados. No centro do abrigo, fez uma cama com folhas secas envoltas por uma lona e diante da única face aberta, a porta improvisada, acendeu uma fogueira. Estava terminando o ninho de Katherine quando viu Tiloukaikt aproximar-se.

Leah foi ao encontro dele, que aparentemente censurava-a por sua falta de

juízo. Depois de discutirem por alguns minutos, deixou-lhe um cavalo e demonstrou, como em qualquer parte no mundo, a frustração masculina diante da teimosia e insensatez das mulheres, com uma exclamação de derrota.

Agora que reunira o equipamento deixado por Jim e podia sentar-se ao lado de Katherine, sentiu-se mais aliviado. Já tivera uma experiência trágica e precisava afastar a lembrança do parto de Lua-da-Planície ou entraria em pânico e não conseguiria ajudá-la. A cada gemido, queria fugir e esconder-se na floresta, mas Leah requisitava sua colaboração.

Infelizmente, logo já não havia nada a ser feito, apenas esperar. Os intervalos mais curtos entre os gemidos que rompiam o silêncio da clareira o atingiam com o impacto de uma agressão física. Quando Katherine queixou-se de dor nas costas, sentiu-se pelo menos útil, massageando-a até a contração passar. Entretanto, sabia que ela ainda iria percorrer um longo caminho de sofrimento e dor.

— Quanto tempo ainda? — murmurou ele a Leah.

— Impossível dizer — Leah também falava baixo para que Katherine não ouvisse. — As dores ainda não estão muito fortes.

— Não? — Katherine os ouvira e sua palidez se acentuou. — Como poderiam ficar mais fortes? Converse comigo, Jed! Fale para me distrair da dor...

Jed virou o rosto, com medo de demonstrar através de sua expressão angustiada que as dores apenas começavam a se intensificar. Também não queria falar e revelar o pânico que o parto causava nele. Katherine porém sentia uma necessidade incontrolável de conversar sobre o que nunca haviam partilhado antes.

— Se for um menino... como disseram ao ver a forma da minha barriga... — uma contração mais violenta a forçou a calar-se, mas logo recomeçou — ...um menino... achei que o nome de seu avô... seria bom, mas você nunca me disse...

— Meu avô chamava-se Claude.

— E o sobrenome, Jed? Não me esconda a sua vida. Fale!

— É Azure.

— Então você é Girard Azure... Que nome lindo...

Ainda massageando as costas de Katherine, Jed sentiu seu corpo enrijecer-se com uma nova contração. Mas ela era corajosa e, mal passava a dor, voltava a fazer perguntas.

— E a sua mãe? Fale-me sobre ela.

— Annette... uma mulher bonita e...

— Por Deus! — Katherine agarrou o braço de Jed. — Está piorando muito. Não

vou agüentar!

— Logo tudo terminará, amor. Eu prometo — Desesperado, Jed lembrou-se de cantar. — *Bientôt, ma petite fleur. Cest ma promesse. Que je t'aime, ma femme.*

— Vai cantar assim para o nosso filho? — murmurou ela quando a contração passou. — O que significa "*Que je t'aime*"?

— "Como eu te amo." — Ele beijou-lhe a testa molhada de suor. — Se pudesse, sentiria por você essas dores terríveis.

— Ah, você não poderia... É uma punição. Estou sendo...

— Punida? — Jed se descontrolou. — Que absurdo é esse?

— Desde que a primeira mulher... seduziu o primeiro homem e... ah, como dói! Quando ela o levou a pecar e...

— É realmente um absurdo, Kate querida. As mulheres têm filhos porque Deus sabe que elas são mais fortes e resistem a qualquer sofrimento. — Percebendo que Katherine já não o ouvia, tomada por contrações seguidas, Jed apavorou-se. — Leah! Faça alguma coisa!

— Ela precisa andar. Enquanto não romper a bolsa de água, o bebê não vai nascer.

— Não é possível. A dor de Katherine...

— Eu conheço muito bem essa dor e *sei* que pode andar.

Jed levantou Katherine da cama de folhas e praticamente a carregou. Leah porém não desistia!

— *Ela* é que precisa andar! A sua piedade acabará matando Katherine. Obrigue-a a andar.

Naquele momento, Jed compreendeu porque as mulheres afastavam os homens na hora do parto. O sofrimento da mulher amada provocava o sentimento de culpa. O seu desejo a colocara naquela situação desesperadora e, num impulso, jurou que nunca mais a obrigaria a suportar esse sacrifício.

Entre as contrações, Leah dava a Katherine um favo de mel, guardado especialmente para essa ocasião. Concentrados na freqüência e na intensidade das dores, nenhum dos dois prestou atenção no ruído de uma carroça se aproximando, nem na chegada de Clarise.

— O primeiro parto é sempre mais demorado. Trouxe chá de boldo para depois e...

Subitamente, Jed percebeu que esquecera dos remédios de sua avó. Estava procurando ervas em sua mochila quando ouviu as duas mulheres exclamarem,

aliviadas, que a bolsa de água se rompera. Ele então alheou-se de tudo naquele abrigo rústico onde uma índia e uma mestiça traziam seu filho ao mundo. Mantinha apenas as mãos de Katherine entre as suas, enquanto lágrimas escorriam em seu rosto diante do sofrimento atroz do final do parto.

Então, com uma rapidez estonteante, Clarise entregou-lhe o bebê, um menino. Ela e Leah ainda cuidavam de Katherine, enquanto a nova vida em seu braços demonstrava a força dos pequeninos mas potentes pulmões.

Só mais tarde, quando tinham terminado todas as etapas posteriores do parto, Jed sentou-se ao lado de Katherine, que segurava o bebê nos braços. Não existia no mundo uma visão tão comovente nem tão bela quanto uma mãe carregando o filho recém-nascido.

— Ele é lindo! — murmurou Katherine, enquanto Leah a orientava como devia amamentá-lo. — E tem cabelos negros, iguais aos seus, Jed!

— Eu nunca fui tão pequeno assim! — O rosto de Jed irradiava felicidade. — Nem tão dorminhoco!

— Nascer não é fácil. O pobrezinho está exausto.

Como se os tivesse ouvido, Leah entrou no abrigo com o berço de palha que Katherine ganhara de Ave-de-Plumas-Vermelhas.

— Só é preciso limpá-lo um pouco. Estava em minha tenda.

Jed sentiu-se grato a Leah por não mencionar quem lhe entregara o berço nem onde fora achado. Algum dia, Katherine lhe contaria tudo sobre a tragédia que presenciara, mas não era a hora certa. A morte não tinha lugar naquela noite que Deus — o seu e o dela — havia realizado um milagre, protegendo-os enquanto lhes presenteava com uma nova vida.

Depois que o bebê adormeceu, Katherine continuou desperta, eufórica demais para dormir. Queria saber tudo o que acontecera com Jed enquanto estiveram separados e conversar sobre sua felicidade, o pequeno Claude.

— Eu descobri que você é minha vida, Kate. Meu único amor e agora... a mãe de meu filho!

— Claude...

— Precisa aprender a falar o nome de seu filho como uma francesa e não com esse sotaque inglês, querida. — Depois que ela repetiu a pronúncia certa várias vezes, Jed sorriu satisfeito. — Agradeço a sua lembrança, Kate. Meu avô era um homem especial e você se encantaria com a sua capacidade de usufruir a vida e de amar sua família.

— Nunca mais me abandone, Jed. — Subitamente, ela ficou angustiada. — Prometa! Eu tinha medo que você nunca voltasse para mim. Sou uma carga e...

— Nunca foi uma carga, amor. Só queria vê-la em um lugar seguro e agora, com Claude, é ainda mais importante.

— Nada é mais importante do que ficar a seu lado, Jed.

— Eu não consegui poupar minha primeira esposa. Quando Jim falou-me do massacre na missão, sem saber se você estava viva ou morta, senti que, mais uma vez, tinha sido incapaz de proteger a mulher amada. Então, presenciei o seu parto e... entrei em desespero. Não posso salvar ninguém, sou apenas um homem que não tem forças nem para salvar a si mesmo! Ouvia seus pedidos de ajuda, seus gritos de dor e queria correr para bem longe!

— Eu compreendo, Jed. — Ela sorriu entre lágrimas. — Também desejei correr para longe daquele sofrimento.

— Fugi depois que a deixei na missão, Kate.

— Mas voltou, querido.

— É difícil de entender, querida. Estou fugindo há tantos anos que não sei se conseguirei parar. Quero que você e meu filho tenham segurança e paz. Não podem passar a vida acompanhando um homem errante, sem destino.

— Então terá que se resignar a ser perseguido por uma mulher com o filho no colo! — Ela abraçou-o, encostando a cabeça no peito amplo de Jed. — Toda a jornada começa com o primeiro passo, que é sempre o mais difícil, querido. Espere minhas forças voltarem e seguiremos o nosso caminho. Juntos!

Antes do anoitecer, Rye Grass se transformara em um lugar deserto. Cumprida a promessa que fizera a si mesma, Leah foi a primeira a partir, no início da tarde. Não levaria muitas horas para desaparecer nas florestas e breve encontraria o esconderijo entre as montanhas em que seu povo se refugiara.

Clarise encarregou-se de cuidar de Katherine e do bebê, acomodando-os sobre os colchões que colocara no fundo da carroça antes de retornar a Rye Grass para ajudá-los. Ficou ao lado da mãe e do filho enquanto Jed dirigia pela trilha estreita que levava à cabana dos Sayer nas colinas. As duas famílias passariam o inverno juntas e embora Pierre já tivesse um bom estoque de peles, oferecera sociedade ao amigo.

Os dois tinham ouvido rumores sobre a implacável "caçada" de Cayuses feita pelos pioneiros. Comentava-se também que os agricultores brancos haviam formado uma milícia particular para defendê-los e sobre suas exigências incessantes

para o Oregon receber a categoria de Território dos Estados Unidos. Logo a *Hudson's Bay Company* não sobreviveria à competição naquela região, que seria invadida por concorrentes americanos.

Pierre conhecia bem a situação daquela área e afirmou categoricamente que McLoughlin pouco se importava com a verdadeira identidade de Jed e, em hipótese alguma, faria algo para ajudar Simpson. Os dois se odiavam e após uma luta pelo controle da companhia, George Simpson saíra vencedor. Até na Inglaterra já admitiam que só se poderia ter lucros na região localizada acima do paralelo quarenta e nove.

Como sempre fora seu costume, Jed era o sócio misterioso, que passava dias nas florestas, e deixava a Pierre o encargo de ir vender as peles nos postos de troca. Mas, pela primeira vez, ele voltava para casa onde o esperava uma mulher apaixonada. Richard Sayer cedera seu pequeno quarto no sótão para o casal e, durante o dia não havia qualquer privacidade na cabana, cheia demais, à noite os dois se refugiavam em seu ninho de amor.

Logo Claude já não precisava ser alimentado de duas em duas horas e Jed aproveitava cada minuto das silenciosas e longas noites de inverno para amar Katherine. Ela não escondia a felicidade de ser mãe e também aprendia a compreender a atitude dos *métis* em relação às crianças. Dividir o prazer de mimar um bebê significava multiplicar a alegria de tê-lo!

Mais cedo do que se esperava, surgiram os primeiros sinais da primavera. Vendo os brotinhos verdes cobrindo as árvores, os dois homens rememoravam juntos a exuberância daquela estação ao longo de Red River. Falavam na relva, macia como veludo e salpicada pelo colorido das flores silvestres, do céu muito azul e do vento que carregava o aroma agreste do rio de Jed ou do lago de Pierre.

Algumas vezes, comparavam as diferenças e os contrastes de suas regiões, pois o povo de Pierre vivia a noroeste da aldeia de Jed. Outras vezes, permaneciam em silêncio, com o olhar perdido no sol erguendo-se atrás dos altos picos das montanhas. Mesmo calados, sabiam que seus pensamentos se voltavam para o mesmo dilema: na primavera, o sangue *métis* os impeliria à caça!

As mulheres percebiam a ânsia incontida nos olhos de seus homens. Clarise, mais experiente, esperava que o marido lhe revelasse seus planos, mas Katherine ainda não aperfeiçoara o dom da paciência.

— Como costumava chamar sua avó, Jed? — Ela fora ao encontro dele, bem cedo, no local onde secavam as peles. — Todas as crianças usam um apelido

carinhoso ou apenas dizem vovô. E você?

— *Grand-maman*. — Ele não deu muita atenção à pergunta, encantado com o filho que tomara nos braços.

— Pois Claude precisa conhecer sua *grand-maman* e talvez também a bisavó.

— Talvez nenhuma das duas esteja viva.

— Mas você precisa saber, querido.

Jed finalmente a fitou e seu olhar refletia uma profunda gratidão pela sensibilidade de Katherine.

— E, se estiverem vivas, tem que levar Claude para conhecê-las.

— Eu quero que elas conheçam você, querida.

— Lógico que sim! Iremos os três.

— No entanto, não quero enfrentar um tribunal para defender-me de um crime que não cometi. Eu dificilmente escaparia de uma condenação e não sou um homem capaz de sobreviver numa prisão. Nunca fui, mas agora, tendo você e Claude...

— Você não pode continuar assim, Jed. Não é um criminoso, portanto não será condenado! — Ela o tocou suavemente no ombro. — Passou-se muito tempo, talvez tudo tenha sido esquecido.

— Não é possível saber sem ir até lá e não tenho o direito de pedir-lhe nada. Como esperar que me siga até o lugar onde talvez irá sofrer a humilhação de ver seu marido, o pai de seu filho, preso por assassinato?

— Eu ainda não desisti de ser professora, Jed — Ela deu um sorriso embaraçado. — Tenho muito a aprender, mas consegui transmitir algo a outras pessoas enquanto estivemos com os Nez-Percé e também não me saí muito mal na missão. Sem dúvida existem crianças no seu vale ao longo do Red River, não?

— É evidente que sim, mas...

— E todas sabem ler e escrever?

— Quase nenhuma. Os professores são poucos.

— Está vendo? Acho que finalmente descobri qual é a minha missão, o caminho indicado por Deus! Esqueceu-se que Ele disse: "O seu povo será o meu povo?"

— E o meu Deus, Katherine? Como irá conciliar duas forças irreconciliáveis?

— Já não sou a jovem inexperiente que confundia idealismo com fanatismo, amor. Deus é um só. Nem os seus rituais místicos nem as minhas cerimônias religiosas têm o poder de mudar esse fato, a única verdade.

Colocando o braço no ombro da esposa, Jed uniu mãe e filho em um abraço que transmitia sua felicidade sem limites.

— Uma única verdade... e nós, os *métis*, fomos abençoados porque temos dois modos de demonstrar nosso amor a Deus.

CAPÍTULO XII

A árdua passagem entre as belas mas ameaçadoras montanhas que haviam sido transpostas para alcançar o tão sonhado Oeste agora estava sendo refeita, retornando até o Leste, na direção das pradarias. Uma simples inversão de rota não poderia ser responsável pela diferença entre as duas travessias.

Um ambiente de alegria e serenidade reinava entre o grupo que viajava sem pressa ou urgência em chegar, a cavalo e com o mínimo possível de bagagens. Paravam para negociar com índios amistosos e afastavam-se dezenas de quilômetros da rota ideal para evitar as áreas de caça de tribos mais hostis. O maior desvio foi feito para não cruzar os campos dos Pés Pretos, que não costumavam receber com simpatia quem invadissem sua região.

Jed já percorrera todas as trilhas das Montanhas Rochosas e Pierre, apesar de ter caçado nas florestas próximas, reconhecia a liderança do amigo sem ressentimento.

Nas primeiras semanas de viagem, Katherine teve a impressão que o grupo estava caminhando a esmo, sem seguir uma rota ou manter um rumo certo. Queria mapas, planos prévios do percurso a ser percorrido na etapa seguinte e uma estimativa de quantos quilômetros tinham avançado até aquele ponto. Mas seguiam como se vagueassem. Ficavam acampados à beira de um lago que os atraía por sua beleza, pescando e contando histórias sob o sol cáldo da primavera durante dias! Se chovesse, também paravam. Procuravam uma gruta para esperar que o mau tempo passasse e, se não a encontravam, construía abrigos improvisados. Afinal, por que enfrentar a lama que lhes dificultaria a caminhada?

Era um dos períodos chuvosos, Katherine perguntou a Jed se chegariam ao Red River antes do inverno. Ele riu, despreocupado com o passar do tempo. Estava abrigado, com suprimentos fartos, a mulher que amava e o filho querido. O que mais precisava um homem para ser feliz?

— Não falta muito, Katherine. Há oito anos não piso esta terra, não respiro este ar nem recebo notícias da minha família. Agora sei para onde estou indo e que

chegarei a meu destino. — Ele recostou-se na rocha e puxou-a para seus braços. — Na hora certa, nem antes nem depois do previsto, querida.

Katherine compreendia o desejo de aproveitar os dias agradáveis de primavera, mas passara toda uma vida sabendo que os deveres precisam ser cumpridos e não se pode desperdiçar o tempo.

— Só acho que, quando se tem um objetivo, ele precisa ser atingido com rapidez e seguindo planos previamente estabelecidos.

— Então saiba que as caravanas são muito mais lentas. Andamos mais depressa do que os pioneiros em suas desconfortáveis carroças! E sem sacrifícios!

— Eu entendo, mas...

— Preferia estar com os pés enfiados na lama, ajudando a empurrar uma carroça atolada? Os homens não têm o poder de mudar o clima para facilitar sua vida e não adianta lutar contra os elementos da natureza, sabendo antecipadamente que será uma batalha perdida. Portanto, o melhor é esperar.

— E quando sairemos da região desses perigosos Pés Pretos?

— Chegaremos a Fort Union antes do verão terminar. No entanto, toda a região que percorremos até agora e continuaremos a cruzar é território indígena, Kate. Pés Pretos, Crow, Cheyenne, Sioux... tribos que certamente encontraremos em nosso caminho.

— Mas você desviou para evitar os Pés Pretos!

— Eles são pouco amigáveis, não perigosos.

Jed queria poupá-la, evitando que as lembranças da tragédia em Rye Grass retornassem. Entretanto, se Katherine fosse viver com ele, estaria sempre rodeada por índios e teria que superar esse temor.

— Não se preocupe, *ma petite*. Eu a protegerei.

— Eu, às vezes, sonho com Narcissa, Jed — a voz dela refletia angústia e medo.

— Vi quando a mataram e essa cena terrível volta sempre em forma de pesadelos.

— Fale sobre o assunto, querida. É o melhor meio de livrar-se de lembranças amargas.

— Garoava bastante, como hoje, mas fazia mais frio. O dia estava muito cinzento. — Segura nos braços de Jed, ela permitiu que sua mente voltasse àquele dia trágico. — Eu tinha ido à tenda de Leah e ainda não saíra de lá quando percebi que havia surgido algum problema na missão. Ouvi gritos e tiros. Achei que eram as crianças, havia tantas e todas com sarampo...

Katherine calou-se para recuperar o controle e dominar as lágrimas que

embargavam sua voz.

— Leah tentou impedir, mas fugi de sua tenda. Nunca me esquecerei... eles a carregaram para fora da casa sentada num sofá. Narcissa já estava coberta de sangue, por isso achei que pretendiam ajudá-la, levando-a para um lugar seguro. Então começaram a dar tiros e seu corpo era jogado para trás com o impacto das balas. E eles atiravam, atiravam, até que um homem a jogou na lama e... oh, Deus! Bateu no rosto dela com um chicote.

— *Mon Dieu* — murmurou Jed, horrorizado.

— Eu queria ajudar mas não conseguia dar um passo. Não pude nem pedir ajuda a Deus, minha voz não saía! Fiquei muda, sem emoções, paralisada. Nem sequer tive condições de murmurar o nome Dele.

— Eu devo dar graças a Deus por ter impedido você de agir. Entretanto, não posso agradecer a Ele por permitir que visse essa tragédia.

— Por permitir que *acontecesse*, Jed! — Katherine ergueu-se, afastando-se dele. — Por que abandonou os Whitman, não os protegeu?

— Por que os Cayuses morriam, Kate? Você os viu agonizando.

— É verdade. Não pude ajudá-los muito, só oferecer-lhes chá de ervas e minha companhia enquanto as crianças morriam.

— Foram mortes menos violentas mas o efeito é o mesmo.

— Ninguém teve intenção...

— Se Claude fosse uma dessas crianças — ela tentou tapar os ouvidos, mas Jed segurou-lhe os braços —, se um deles fosse o *seu* filho, faria alguma diferença se existe ou não a intenção de disseminar a doença?

Reagindo contra a angústia, Katherine o enfrentou, com um olhar desafiante.

— E se fosse eu, uma das mulheres mortas a tiros ou pancadas? Faria alguma diferença saber se meu assassino tinha perdido um filho por causa do sarampo? — Ela notou a expressão de horror no rosto de Jed e continuou, impiedosamente: — Narcissa não provocou a doença e Marcus... o pobre homem estava à beira de um colapso, viajando entre as aldeias e tentando ajudá-los. Fez tudo o que podia e esmagaram seu crânio com um *tomahawk*. Mary Ann, a filha de Bridger, estava ao lado dele, viu tudo!

— Se a tivessem matado... — Jed empalideceu, incapaz de imaginar a vida sem Katherine. — Eu não sei como reagiria, amor. A guerra entre índios e brancos sempre foi inevitável e apenas começou. Tenho os dois sangues em minhas veias, essa batalha já existe há muito tempo dentro de mim. É por isso que sinto medo.

Qual será o seu futuro, o de Claude? Não posso oferecer-lhes nada!

— Só a vida a seu lado, Jed. Não basta?

Angustiada, Katherine percebeu que Jed afastava-se dela. Sentiu que ele estava se distanciando e, irracionalmente, agarrou-o pela camisa.

— É só o que queremos, Jed! Uma vida com você e sei que Claude também lhe dirá isso quando souber falar.

— Prometi que não deixaria ninguém magoá-la enquanto eu vivesse, Katherine.

— Tomando a mão dela, colocou-a sobre seu coração. — No entanto, não poderei impedir que índios e brancos se enfrentem como inimigos. Já existe o conflito e irá piorar muito. Então estaremos entre os dois campos, atacados pelos dois povos. Bem no meio da tormenta, querida.

— Você sempre viveu entre dois mundos, Jed. Por que desesperar-se agora?

— Não foi assim quando eu me isolei nas montanhas, Kate. Poderíamos voltar para lá. Não pensamos que a cor de nossas peles é diferente quando nos olhamos, não é? Mas, se entrarmos juntos em um forte, em um vilarejo ou em uma igreja, eu serei sempre um pele-vermelha ousando acompanhar uma mulher branca.

Soltando a mão de Katherine, Jed afastou-se para encostar-se novamente na rocha da gruta que os abrigava.

— Só que você não seria feliz vivendo solitária e isolada do mundo no alto de uma montanha, querida. É uma mulher comunicativa, uma dama bem-educada, que sentirá falta de amigas, de armazéns sortidos onde comprar peças para mobiliar a casa e, sobretudo, precisa de uma igreja.

— Preciso apenas do homem que eu amo. Esquece-se que pedi para voltarmos à cabana quando você sugeriu passarmos o inverno na aldeia de Mão-Cortada? — A lembrança de seu comportamento pouco louvável impeliu-a a desfazer aquela má impressão. — Admito que, no início, senti-me deslocada e incapaz de enfrentar aquele mundo estranho. Era tudo tão diferente do que estava habituada e também não entendia o dialeto dos Nez-Percé, portanto, não podia falar nem entender suas conversas. Confesso que nem tentei, nas primeiras semanas. Achei que seria difícil demais. Quando parei de reagir contra o modo de vida deles, aprendi muito. Na verdade, fui uma aluna bem aplicada.

— Eu sei. Percebi o seu progresso.

— Pois fique sabendo que posso aprender muito mais. Já consigo pronunciar corretamente seu nome... Girard Azure. Como uma francesa, certo?

A voz melodiosa sussurrando seu nome provocava uma intensa felicidade em

Jed. Katherine estava muito perto dele, envolvendo-o com sua ternura. Como resistir ao encanto daquela mulher sensual e tão meiga?

— *Je t'aime*, Katherine.

— E eu também te amo. Serei feliz em qualquer lugar se estiver a seu lado. Mas vejo a ansiedade em seu olhar, a inquietação e a necessidade de enfrentar o antigo problema com Simpson. Está indo para ficar, não é?

— Admito que é um risco muito grande. Para Jean-Paul e para mim, mas preciso rever meu povo, Kate. Quero encontrar minha família nem que seja por um único dia. Saber que ainda pertenço a algum lugar, que tenho raízes, um mundo meu.

Eles ouviram os tiros vindos de Fort Union, que indicavam a chegada de visitantes, muito antes de avistarem a enorme muralha de madeira. Pierre permitiu que Richard disparasse a carabina, respondendo com o sinal convencional.

Com o coração batendo forte, Katherine olhou para Jed, que cavalgava a seu lado, e sorriu com a alegria de uma criança. Passara a maior parte de sua vida em uma cidade com hospedarias, teatros, carruagens passando pelas ruas movimentadas e a chegada ao forte representava uma visita ao mundo civilizado. Olhou para Clarise, que demonstrava o mesmo entusiasmo em seus olhos brilhantes de expectativa.

O forte fora construído em um planalto acima das colinas que desciam suavemente até a beira do rio. O mastro, tão alto quanto o de um navio, ostentava a bandeira americana. Embora imponente e imenso, não era ocupado por militares nem pela *Hudson's Bay Company*. A construção majestosa pertencera à *American Fur Company*, criada por John Jacob Astor que, depois de transformá-la em um empreendimento florescente e ter enriquecido além de suas previsões mais otimistas, vendeu-o para dedicar-se a outro tipo de comércio. A localização daquele posto de trocas, na confluência dos rios Yellowstone e Missouri, era de fácil acesso e extremamente conveniente a todos que viviam do comércio de peles.

Ao redor das muralhas, avistavam-se vários grupos isolados de tendas. Jed sabia que encontraria índios Crow, Chippewa, Assiniboine e talvez até seus primos, os Cree das pradarias. Ele e Pierre se dirigiram para dentro do forte, dourado sob o sol forte de agosto, levando um valioso estoque de aproximadamente duzentas peles: castores, ursos, visons, martas, raposas e lontras acondicionadas em pacotes de cinquenta quilos. Os dois homens ficaram atônitos diante da quantidade de couros de búfalo empilhados no pátio, em torno do interior da muralha, enfim,

ocupando todos os espaços livres.

Foram recebidos por Norman Kittson, o administrador do forte que recentemente declarara sua intenção de acabar com o monopólio da *Hudson's Bay Company* sobre o comércio daquela região. Ao verificar a qualidade das peles e a perícia com que haviam sido acondicionadas, não perdeu tempo com rodeios. Seu objetivo era atrair os *métis* e as tribos da fronteira para a sua área. Disposto a conquistar aqueles dois caçadores, nitidamente de nível superior aos demais, convidou-os com suas famílias para jantarem com ele.

Vários funcionários da administração faziam as refeições e dormiam na casa de Kittson, que pediu a dois deles para cederem seus aposentos aos recém-chegados. Katherine sentiu alívio por passar uma noite confortável em uma cama macia, mas Jed notou os olhares impertinentes dos homens reunidos no salão. Reagindo à provocação, fitou-os com insolência. Sim, aquela beldade loira era *sua* mulher e o bebê era *seu* filho! Diante de sua atitude belicosa, ninguém ousou desafiá-lo.

— Espero que achem confortáveis os seus aposentos — dizia Kittson às mulheres, indicando que chegara a hora de se retirarem e deixarem os homens sozinhos.

Indiferente à sugestão velada de Kittson, Jed entregou o bebê a Richard, que deixou o salão acompanhado por Clarise. Ele não pretendia afastar-se de Katherine nem um minuto enquanto aqueles homens que a fitavam como lobos famintos estivessem por perto.

— Eu geralmente não peço a meus funcionários que cedam seus aposentos a visitantes, mas... vocês são diferentes dos costumeiros caçadores, bastante especiais!

— Qual é a diferença? — perguntou Jed, desafiante.

— Em primeiro lugar, trouxeram peles de qualidade excepcional. Vieram acondicionadas com a perfeição que só caçadores de muita experiência conseguem atingir.

— Tivemos que carregá-las por centenas de quilômetros e as perderíamos se não estivessem bem embaladas.

— É curioso que as tenha trazido de tão longe. Espero que o motivo seja seu desprazer em continuar negociando com a *Hudson's Bay Company*. Ou talvez já saibam que pago as peles em dólares americanos e ofereço um preço justo, até um pouco acima do normal. Gostaria de fazer-lhes uma proposta, amanhã. Creio que terão uma surpresa bastante agradável.

— Nós é que decidimos com quem negociamos. — Pierre sorriu, maliciosamente. — A *Hudson's Bay Company* não tem direito algum sobre nossas peles.

— São *métis*, acertei? — Ele olhou para Pierre e depois para Jed. — Seria capaz de jurar que já o vi antes, mas seu nome não me é familiar, Sr. West.

— Tenho certeza absoluta que nunca nos encontramos, Sr. Kittson.

— Pode ser, mas acertei quanto às suas origens, não? É um *métis*, Sr. West. Por acaso não seria dos arredores de Pembina?

— Iniciei minha vida de caçador de peles nessa área, mas, depois que parti, nunca mais tive a oportunidade de regressar. Há dois anos dedico-me à caça ao longo do rio Snake.

Jed decidiu não mencionar o período que vivera entre os Sioux. Não forneceria nenhuma informação que ajudasse Kittson a formular alguma idéia mais definida a seu respeito.

— Ah! Então não podíamos mesmo nos conhecer, porque passei por essa região mais recentemente. Entretanto, seu rosto é familiar e talvez eu o esteja confundindo com algum de seus parentes. Tenho muitos amigos entre os *métis* em Pembina.

Como se tivesse perdido qualquer interesse no assunto, Kittson dirigiu-se a Katherine com o intuito de aliviar o constrangimento provocado por uma presença feminina em uma reunião exclusivamente masculina. Era, acima de tudo, um bom comerciante e adaptava-se às excentricidades de qualquer homem a fim de conseguir o melhor negócio. E, no caso de West, o melhor caminho talvez fosse através daquela mulher.

— A senhora adaptou-se surpreendentemente bem à vida nesta região, Sra. West. Missionários e pioneiros, sejam homens ou mulheres, têm muita fibra e coragem.

— Jed ensinou-me tudo o que sei. Ele é um excelente professor!

— E a senhora é jovem. A facilidade de adaptação da juventude sempre me surpreende. — Ele hesitou antes de criar coragem para usar de franqueza. — Entretanto, creio que algumas pessoas levarão mais tempo para aceitar uma ligação pouco habitual como a sua.

Jed cortou-lhe a palavra.

— Meu pai era inglês, Sr. Kittson. E eu fui educado em uma das melhores escolas de St. Louis. Esses fatos acalmam suas... hesitações puritanas?

— Por favor, não se ofenda, West. Tem uma esposa linda que chamaria a atenção até nas ruas de Nova York. Aqui, neste Oeste primitivo e totalmente desprovido de mulheres sedutoras, ela poderia atrair verdadeiras multidões de admiradores. — Kittson deu um sorriso conciliador. — Felizmente, a *sua* aparência revela que é capaz de resolver a situação mais difícil com um mero olhar!

Kittson era esperto demais para não perceber que errara totalmente de tática e, desistindo de chegar a West através da esposa, decidiu entrar no assunto que os interessavam, sem mais rodeios.

— Quero que vocês dois me permitam fornecer-lhes o necessário para mantê-los durante a próxima temporada de caça. Pagarei preços bons por suas peles, em mercadorias ou dinheiro, como lhes for mais conveniente. Também comprarei *pemmican*, peles de búfalo, enfim, tudo que tiverem para me oferecer. Sei que ambos conhecem o modo de pensar dos índios e também que são *métis*. Se conseguirem atrair mais caçadores de seu povo e de outras tribos, garanto-lhes que não se arrependerão. — Kittson dirigiu-se a Pierre, que não disfarçava suas emoções tão bem quanto Jed. — Está interessado, Sr. Sayer?

— Sem dúvida. Sempre preferi tratar de negócios com as pessoas que mais me agradam. — Pierre sorriu maliciosamente para Jed. — Fui enviado para os confins do Oregon por causa de minha teimosia em defender o comércio livre. Meu povo vive na região dos lagos, tenho parentes demais e amigos demais... para um homem que poderia provocar problemas sérios e influenciar muita gente. Por isso acharam melhor me mandar para longe.

— Talvez esses problemas precisassem ser provocados e apoiados por um número maior de pessoas — disse Kittson. — É um absurdo impedir que um homem faça negócios com quem lhe ofereça as melhores condições. Por que proibir o livre comércio?

— Eles dizem que a *Hudson's Bay Company* recebeu do Império Britânico a concessão para exercerem o monopólio comercial da região. E eu afirmo que já não vivemos como no passado, portanto, esse tipo de domínio absoluto precisa acabar, e com ele a manutenção de métodos arcaicos. Ou serão mudados à força.

Kittson sorriu para Sayer, certo que conseguira conquistar a colaboração dele.

— E você, West? Tem qualidades excepcionais, estou certo que o seu futuro nesta companhia seria uma série de sucessos promissores.

— Já ouvi esse tipo de promessas antes, Kittson. Geralmente, não passavam de um engodo.

— Eu represento a *American Fur Company*, não a sua velha conhecida *Hudson's Bay Company*.

— Não esquecerei deste detalhe, Kittson. Só lhe direi que vou pensar sobre sua oferta. Estive ausente por oito anos e preciso de tempo para me readaptar e decidir o que farei de minha vida.

— Mas é claro! Pense o tempo que desejar, West. Conheço poucos caçadores com a sua capacidade e sempre haverá um lugar para você em minha companhia. Não está ligado à *Hudson's Bay*, não é?

— Não. Trabalho por minha conta há muito tempo.

— E eu estou com a *Hudson's Bay* há tempo demais — afirmou Pierre. — Eles decidem onde devemos morar, quantos animais podemos caçar, o que comer e o que vestir! Tudo o que precisamos é comprado no armazém *deles*. Nós pagamos o seu preço, *eles* não pagam o nosso.

— Então ficará satisfeito em trabalhar para nós. Quando não se chega a um acordo, o caçador pode procurar quem lhe ofereça condições melhores. Ao contrário da sua companhia, nós reconhecemos que existe a possibilidade de escolha e pretendemos competir com eles através da liberdade de opção!

— Ótimo! — exclamou Pierre. — Depois de concluirmos nossos negócios amanhã cedo, pensarei sobre o que me disse. Agora, minha *opção* é dormir!

Sayer parou junto à porta, à espera dos amigos, mas Jed continuava parado, falando com Katherine.

— Ainda tenho um outro assunto para discutir, querida. Não se importa de ir com Pierre? Sei que está exausta e precisa cuidar de Claude. Logo terminarei, prometo.

Kittson mal disfarçava a curiosidade, mas Jed permaneceu calado até que Katherine e Pierre saíssem da sala.

— É um assunto delicado e gostaria que evitasse comentá-lo com outras pessoas, Kittson. Há algum Túnica Preta no forte? Ou qualquer outro tipo de ministro ou pregador?

— O padre LaPointe está no acampamento dos índios, fora do forte.

— Queria pedir-lhe que nos fizesse um favor, com a maior discrição possível.

Kittson não se surpreendeu com aquele pedido e Jed sabia o motivo dessa fácil aceitação. Os padres católicos, apelidados de Túnicas Pretas, não perdiam uma única chance de difundir sua religião, esforçando-se ao máximo para realizar casamentos e batismos entre os pioneiros e índios. Estavam por toda parte ao

mesmo tempo, nas reuniões de agricultores, nos acampamentos indígenas, armazéns e fortes. Ele saía da escola em St. Louis jurando nunca mais participar de um ritual em que não acreditava. E agora teria que voltar atrás.

— A bênção de um padre significaria muito para minha esposa e, até agora, não houve nenhuma oportunidade de encontrar quem realizasse o casamento com o cerimonial que ela tanto preza.

— Resolveu a situação por conta própria, não é?

O sorriso libertino de Kittson quase provocou o descontrole de Jed, que se conteve com muito esforço para não agredi-lo por sua insinuação ofensiva.

— Ela é minha esposa, Kittson. Não cometa o grande erro de duvidar do que digo!

— Mas eu jamais duvidei! — A malícia deu lugar a uma repentina simpatia. — É evidente que vocês são um casal feliz e o padre LaPointe apenas legalizará sua união e poderá batizar o menino. Ele está aqui justamente para espalhar a palavra divina. É um missionário.

— Katherine também veio para o Oeste com esse objetivo. — Jed suspirou, lembrando o passado. — Uma missionária dedicada, com a única intenção de trabalhar a serviço do Senhor.

— Os nossos objetivos podem mudar de rumo. A Providência Divina alterou as intenções dela a seu favor, West. — Kittson retirou uma garrafa do armário. — Portanto, vamos comemorar! Proponho um brinde para um homem com muita sorte na vida... Jed West!

Na manhã seguinte, Kittson demonstrou que não mentira oferecendo um preço excelente por todas as peles. Jed sabia que aquele homem estava tentando conquistá-lo com sua generosidade, mas Pierre ficou fascinado. Continuou ouvindo-o falar sobre as vantagens do comércio livre sem notar que o amigo já não prestava a menor atenção.

Jed conhecia bem demais aqueles argumentos, mas estava desatento porque pensava em assuntos muito mais importantes para ele. Pretendia legalizar seu casamento, e para isso teria de convencer Katherine. Como enfrentar uma protestante convicta, consciente da importância de sua religião a aceitar um padre católico? Sem dúvida, a proposta provocaria um desastre conjugal!

Cansara-se de ver ministros protestantes e padres católicos lutando pela conversão das "almas imortais" dos Cree. Sabia que a competição comercial entre a *American Fur Company* e a *Hudson's Bay Company* era uma brincadeira de criança

comparada à rivalidade religiosa na disputa para converter os "pagãos"!

Consciente de sua inabilidade diplomática, Jed decidiu ir direto ao assunto.

— Falei com um padre, Katherine.

Ela estava amamentando Claude e demonstrou seu espanto através do olhar.

— Abençoará nosso casamento e, se desejarmos, também batizará Claude. É o padre LaPointe.

— Um... padre? — ela interrompeu-o, incrédula. — Um padre *católico*?

— Sei que preferiria um representante de sua religião, Kate. Infelizmente, não há outra opção porque ele é o único Túnica Preta num raio de milhares de quilômetros.

— Túnica Preta? Mas...

— Ministro, padre, pastor, Túnica Preta... o nome não faz a menor diferença. O importante é legalizar nossa união, quero um casamento de verdade, amor.

— Você disse que nosso casamento era válido, ao menos para nós.

— Eu sei, mas agora quero um documento oficial. Se alguém duvidar, teremos...

Fascinado com a visão de Katherine amamentando o filho, Jed mal conseguia explicar a decisão que tomara. Queria a "concessão dos direitos", queria o "monopólio" daquela mulher fascinante!

— Noto os olhares dos outros homens e sei o que estão pensando. Acham que você merece algo melhor.

— E eu pouco me importo com o que qualquer pessoa deste mundo possa pensar sobre nós, Jed. Eu pertenço a você e não existe ninguém melhor para mim.

— Dirá isso ao padre quando ele lhe perguntar se me aceita como seu legítimo esposo?

— Já o aceitei, querido. Mas jurar diante de um *padre*!

Através da janela, ela via um retângulo azul e sem nuvens. Como o céu de verão, límpido e claro, Jed era seu legítimo esposo. Katherine queria uma cerimônia de casamento e alegrava-se ao saber que ele também sentia essa necessidade.

— Estará jurando diante de Deus, Kate. O padre será apenas o intermediário que legalizará nosso compromisso. Ninguém mais duvidará que tenho direito de ser casado com uma branca. Preciso, ao menos nessa situação, estar com a Lei do meu lado.

Um imenso portão de madeira, raramente fechado, separava o interior do forte das tendas que se erguiam diante das muralhas feitas com grossas toras de madeira.

Parando sob o portal, uma imprecisa linha divisória entre dois mundos, Jed também preparava-se para transpor o marco que separaria seu passado do futuro à sua espera.

Em um dos quartos do forte, sua mulher preocupava-se com o vestido que usaria para a cerimônia do casamento enquanto acalentava o filho. E ele recebera uma proposta bastante satisfatória de um homem que talvez fosse realmente confiável. Só chegaria a uma conclusão definitiva quando analisasse mais a fundo o significado e as conseqüências das enormes pilhas de couro de búfalo amontoadas por toda parte. Mas, pelo menos Kittson não pertencia à odiada *Hudson's Bay* e não exigira exclusividade na compra das peles. Havia caça abundante naquela região, espaço de sobra e lugares bonitos, com água e madeira à vontade, onde construiria uma cabana para Katherine e Claude passarem o inverno. Quando chegasse a primavera...

Na primavera, levaria a esposa e o filho para apresentar a seu povo. Sentia-se tão perto deles que ouvia suas vozes, trazidas pelo vento da pradaria, e o murmurejar suave do rio, cristalino e com um perfume doce, ecoando como uma canção no silêncio da noite. O Fort Union ficava em frente ao rio Missouri, mas Jed tinha a impressão que as águas ao alcance de suas mãos eram as do Red River, o rio Winnipeg dos Cree.

Seu devaneio foi interrompido pela aproximação de um homem que se afastara de uma das inúmeras fogueiras entre as tendas e vinha em sua direção. Apesar do escuro, o modo de caminhar da figura alta e esguia despertava nele a estranha sensação de uma volta ao passado. Ao parar diante de Jed, o rosto do desconhecido continuava imerso na sombra.

— Você é o homem que chamam de Jed West?

A mesma sensação inquietante voltou a perturbar Jed. Estaria tendo alucinações? Seus ouvidos o enganavam? Ou seria o vento da pradaria que ecoava como vozes humanas e, muitas vezes, provocava momentos de loucura?

— Estou procurando esse homem — o tom de voz do desconhecido indicava que sua busca fora longa e desanimadora. — Pensei que talvez o conhecesse.

Descontrolado, Jed não conseguiu dizer uma só palavra.

— Esse homem é meu irmão. Desapareceu há muito tempo...

— Há tempo demais — recuperando a voz, Jed teve que controlar as lágrimas.

— Chegue mais perto, Jean-Paul. Eu lhe falarei sobre seu irmão.

— G-Girard?

— Jed... Jed West, há oito anos esse é meu nome.

— Sou... Jean-Paul...

Jed puxou o irmão pelo braço e à sombra do portão abraçou-o emocionado.

— *Monfrère!* Você se transformou em um homem feito durante minha ausência! Eu teria passado a seu lado sem reconhecê-lo. *Pour Dieu!* Onde foi parar o garoto?

Entre abraços e risos de felicidade, Jed percebeu que recomeçara a se comunicar através do *michif*, a mistura do dialeto Cree e do francês, a linguagem de sua infância.

— O garoto desapareceu, Girard. Afinal, passaram-se quase nove anos e sem notícias suas. *Maman* sempre...

— Como está ela? — Jed apertou com mais força os ombros do irmão.

— Envelheceu muito e está morrendo de saudades suas. Tenho a impressão que passou toda vida lamentando sua ausência.

A alegria de reencontrar o irmão e receber notícias de sua família impediu Jed de notar o tom de ressentimento na voz de Jean-Paul.

— Preciso vê-la! Sei que só lhe causei tristezas mas... e *grand-maman*?

— Dificilmente sobreviverá a este inverno. Ninguém entende como continua viva, porque já não reconhece nem *maman*. Mas é bem possível que reconheça você.

— Aposto que sim! — Jed não controlava mais o entusiasmo. — Ela *vai* me reconhecer. Não poderemos ficar muito tempo na aldeia porque não quero criar problemas. Irei apenas para vê-las e... céus, Jean-Paul! Ainda não consegui ver o seu rosto!

Ao se afastarem do portão, o luar iluminou afinal a fisionomia de um homem, mas Jed ainda enxergava alguns traços do menino magrelo e tímido.

— Ah, Jean-Paul! Nem imagina como tive vontade de enviar-lhe notícias através de viajantes que se dirigiam para o norte! Mas eu sabia que minha carta precisaria mudar de mensageiro duas ou três vezes antes de chegar até suas mãos e não podia confiar em ninguém. Não causaram mais problemas para você depois que eu fugi, não é?

— Me procuraram para fazer perguntas a seu respeito.

— Sem dúvida para descobrir se sabia onde eu estava — deduziu Jed e, sem esperar pela resposta do irmão, prosseguiu: — Aposto que nunca mais o submeteram àqueles interrogatórios exaustivos a respeito da morte de Simpson.

Eles devem ter dito que fugi porque era culpado, mas não havia outra opção possível, Jean-Paul.

— Foi exatamente o que disseram.

— Pretendia levar você comigo, mas eles o soltaram antes disso. Então fiquei tranqüilo. Achei que tinham admitido sua inocência em vista da minha culpa.

— Colocaram cartazes com o desenho de seu rosto, prometendo uma recompensa a quem entregasse você a eles.

— Eu vi um e confesso que estava igualzinho a mim. Kittson achou que meu rosto era familiar...

— Kittson não o entregará — interrompeu Jean-Paul. — Ele não mexerá um dedo para ajudar a *Hudson's Bay* e ninguém lamentou a morte de Simpson. Pelo menos entre o nosso povo.

— Foram dias difíceis para nós, *monfrère*. Poderíamos falar até perder a voz e nunca acreditaríamos que aquele louco se suicidou.

— Jamais aceitaríamos a verdade, Girard.

— Conte tudo a minha mulher. Não admitia ser preso por um crime que não cometi. No entanto, não se tratava apenas de passar a vida atrás das grades. Já haviam decidido me enforcar antes do júri se reunir.

— E mesmo assim vai voltar?

— Preciso ver *maman* e *grand-maman*. Quero que conheçam minha esposa, Katherine e... agora tenho um filho, Jean-Paul! Você será o primeiro a ser apresentado aos dois, mas apague o nome Girard de sua mente. Agora sou Jed West.

— Espere! — Jean-Paul empurrou o braço do irmão que o puxava para dentro do forte. — Tenho algo a dizer e depois de me ouvir, talvez não queira me apresentar à sua esposa e ao seu filho.

— Que tolice! Você é meu irmão.

— Um péssimo irmão mas, à esta altura, você já deve saber disso. Eu fiquei apavorado, Girard! Lembra-se como eu me vangloriava de ser corajoso, de gostar de brigas? Estava sempre pronto para provar que era duro e valente, até mencionarem a força. Convenceram-me que a corda estava à minha espera, mas continuavam repetindo sempre a mesma pergunta.

— Depois que fomos presos?

— Sim, e de repente descobri que tinha perdido toda a valentia. Eles insistiam em dizer que *maman* e *grand-maman* ficariam desamparadas se nós dois fôssemos

para a prisão. Também afirmavam que você só criava problemas porque tinha ido estudar e não era mais um verdadeiro *métis*, como nós.

— E você acreditou?

— Não! Jurei que você não tinha assassinado Simpson. Repeti tantas vezes a verdade...

Momentos atrás, Jed sentira o mundo se transformar em um lugar de felicidade e amor. Agora retornava à realidade, ao lado de uma cocheira sombria e mal-cheirosa. Tinha a sensação de estar preso em uma armadilha, impossibilitado de fugir a fim de não ouvir algo que certamente o magoaria.

— Nós dois fomos acusados pela morte de Simpson.

— Só... só no início — murmurou Jean-Paul, angustiado.

— Como assim? Que início?

— No início dos interrogatórios quiseram saber se eu tinha brigado alguma vez com Simpson. Quando lhes respondi que sim, não fizeram mais perguntas sobre esse assunto e começaram a me questionar sobre você. "Seu irmão sempre discutia com ele?" "Chegaram a se agredir mutuamente?" "Acontecia sempre, não é?" "Seu irmão é muito forte, concorda?" "Bateu em Simpson no dia em que ele foi assassinado?"

— Assassinato! — Jed se revoltou. — Aquele louco se suicidou!

— Eles disseram que não... Simpson nunca...

Exasperado, Jed agarrou o irmão pelos ombros.

— Você viu, Jean-Paul! Viu quando aquele louco encostou a própria pistola na cabeça e disparou!

— É lógico! Eu estava lá, seria impossível não ver! — A voz de Jean-Paul revelava seu esforço para controlar as lágrimas. — Sei muito bem como tudo aconteceu e não se passa uma noite sem que aquela cena volte à minha mente... o revólver encostado na cabeça de Simpson, o disparo, você a meu lado... e eu, com uma arma apontada para o meu irmão!

"Caiu numa armadilha, West. Conseguiram incriminá-lo... uma farsa para se livrarem de você!" Mas não fora Jean-Paul que o envolvera em uma trama diabólica, e sofria ao pensar na angústia do irmão ao confessar-lhe a verdade depois de tantos anos de agonia.

— Você não é culpado de nada. Foram eles...

— Sou! Eu assinei um papel, assinei meu nome, como você me ensinou.

— E o que estava escrito no papel?

— Não sei! — Um soluço escapou do controle de Jean-Paul. — Não sobrava tempo para aprender a ler, lembra-se? E eles me prometeram que não enforcariam ninguém se eu assinasse.

— Calma, meu irmão. Você só tinha dezessete anos! Era uma criança!

— Agora estou com vinte e seis. A vergonha apenas cresceu com o passar dos anos, Girard. Não só traí meu irmão, como continuo chorando pela infâmia que cometi. Perguntava a todos os viajantes que encontrava se o haviam visto, ouvido alguma notícia a seu respeito. Logicamente, não sabia que você tinha mudado o nome para se proteger. — Enxugando o rosto molhado pelas lágrimas, Jean-Paul murmurou, desesperado: — Sinto muito por ter sacrificado a sua vida com a minha covardia.

— Eles usaram você.

— Também sei disso. No entanto, permiti que me manipulassem e salvei minha vida!

— O administrador queria uma vítima e só se acalmaria quando lhe entregassem um culpado para que pudesse vingar a morte do sobrinho. Se não tinham um homem, precisavam ao menos de um nome. Conseguiram, mas eu previa essa situação e fugi antes que me enforcassem sem razão.

— Ah, *mon Dieu*! Senti tanto medo que você tivesse morrido.

— Agora está vendo que sobrevivi, Jean-Paul. Tive...

A voz de Katherine, vinda da janela no segundo andar, interrompeu a conversa dos dois.

— Jed? Ainda está no pátio?

— Sim, Kate. — Ele virou-se para Jean-Paul e sussurrou: — Disse-lhe que ficasse no quarto até eu voltar, mas ela não aprende a ser submissa como as mulheres Cree. Aliás, acho que nunca mudará, veio do Leste e tem um temperamento... um tanto forte!

Jean-Paul recuou, procurando as sombras que o ocultariam.

— Dê-me apenas alguns minutos para que eu possa me recompor, Girard.

Depois de afagar a cabeça do irmão, Jed dirigiu-se para a porta mas, antes de entrar, Katherine surgiu à sua frente.

— Não devia ter descido sozinha, Kate. Eu a avisei que não era seguro.

— Mas você estava aqui e eu tinha que lhe falar sobre um assunto importante.

— Que assunto?

Jed tentou demonstrar interesse no que Katherine tinha a lhe dizer, mas só

pensava em seu irmão. O pobre Jean-Paul estava prestes a ser apresentado à sua cunhada, com o rosto marcado por lágrimas. Ele se sentiria humilhado demais e precisava dar-lhe mais tempo.

— Eu... não tenho nada contra o padre.

— Nem ele tem nada contra você, querida. — Jed deu uma gargalhada. — Nem a conhece!

— Eu quis dizer que não me importo com o fato de não ser um...

— Um dos missionários enviados pela organização central? — Jed tentava ganhar tempo, mas já começava a recuperar o entusiasmo. Tinha uma surpresa maravilhosa para Katherine!

— Exatamente. Não é importante quem irá nos casar porque basta sermos felizes, não é? — ela falava como se precisasse convencer a si mesma. — Também demonstrei que sou capaz de ceder e me adaptar a qualquer situação desde que...

Katherine calou-se, assustada ao ouvir um barulho atrás deles.

— Achei mesmo que você estava falando com alguém. Ouvi vozes no quarto.

— Acertou, Katherine. Eu realmente estava conversando com uma pessoa.

— Então tinha companhia? — Ela tentou enxergar quem estaria às costas de Jed.

Abismada com a descoberta do ciúme, Katherine custou a perceber a alegria no sorriso de Jed.

— Eu também fiquei surpreso com a minha companhia! Não esperava uma diferença tão surpreendente.

Katherine estava prestes a tomar uma atitude irracional e ir atrás da mulher que pretendia roubar seu marido, quando Jed não conseguiu mais conter a alegria.

— Jean-Paul? Venha conhecer Katherine.

— Oh, meu Deus! É verdade, Jed? Encontrou mesmo o seu irmão?

Um homem, mais esguio e mais baixo do que Jed, saiu das sombras e o luar iluminou seu rosto, tão semelhante ao do irmão.

— Jean-Paul, esta é minha esposa, Katherine.

CAPÍTULO XIII

Não teriam alianças de ouro, o noivo nunca possuía um terno e a noiva usaria o único vestido que ainda não se rasgara com o uso. Nem convidados nem presentes. Mas talvez possuíssem as dádivas mais preciosas: os amigos e o amor

que superava todas as barreiras.

Jed esculpiu uma aliança de madeira polida. Katherine passou parte da noite reformando o vestido de algodão azul que intensificava o tom vivo de seus olhos. Clarise desfez toda a bagagem até encontrar uma fita de cetim para enfeitar os cabelos da amiga. E Richard, acordou de madrugada a fim de colher flores para o buquê da noiva.

Quase dois anos depois de estarem partilhando suas vidas, Jed e Katherine se uniram em uma cerimônia tradicional, recebendo as bênçãos de um intermediário entre eles e Deus.

Katherine admirou, como se o visse pela primeira vez, o homem que a despertara para o amor. Atraente e forte, fonte de segurança e ternura, seu porto de chegada e seu lar. Erguendo a cabeça, encontrou os olhos negros que brilhavam de paixão e refletiam a felicidade de recebê-la como esposa.

Jed sentiu-se mergulhando nas águas profundas de um lago, envolvido pelo azul intenso dos olhos que o fitavam, agora livres de qualquer temor e capazes de retribuir sua paixão e o desejo de tê-lo como marido.

Os dois repetiram promessas que adquiriam um novo significado.

Seu casamento não seria uma simples união de vidas. Através deles, dois mundos se fundiam e cada um cederia parte de si mesmo para criarem o seu próprio universo. O mundo de Katherine exigia uma cerimônia, o de Jed pedia a aceitação de seu povo. O padre dele, o ritual dela. O nome dele, a lei dela.

Nada importava. Katherine Azure amava e era amada por Girard Azure.

O pequeno grupo tinha um longo percurso em direção ao Leste até mudar de rumo, seguindo para o Norte e para o vale do Red River. Jean-Paul juntou-se aos dois casais para a viagem de volta ao único local que Jed considerava seu lar.

À medida que se afastavam de Fort Union, as colinas foram ficando mais suaves até darem lugar às pradarias, um mar de relva verde estendendo-se até onde a vista não alcançava. Salgueiros, freixos e carvalhos frondosos erguiam-se à beira dos riachos, oferecendo sua sombra refrescante a manadas de búfalos, veados e, principalmente, a viajantes cansados.

Com a abundância da caça, sobrava muito tempo para os homens sentarem-se em torno da fogueira e conversar. O assunto raramente variava: a quantidade assustadora de couros de búfalos que haviam visto em Fort Union e a crescente demanda de carne e *pemmican* tanto pela *American Fur Company* quanto pela *Hudson's Bay Company*. As opiniões porém eram discordantes.

Pierre aprovava sem restrições a possibilidade de maiores lucros com a expansão do comércio de peles. Jean-Paul já não tinha tanta certeza. Sabia que os *métis* estavam vendendo carne e *pemmican* para a crescente população de pioneiros que se estabelecera em Minnesota, a leste do Red River. Com isso, as manadas de búfalos começavam a rarear naquela área e os caçadores de seu povo precisavam procurá-los mais ao sul, na região dos Sioux. A caça se transformara em uma ocupação lucrativa mas perigosa.

Jed vivera no vale do Red River e depois entre os Sioux. Também conhecia bem a situação de outras tribos que dependiam da carne e do couro do búfalo para sobreviverem. Lembrava-se de uma época em que as manadas cobriam as pradarias, deslocando-se livremente em busca de novos pastos e custava a acreditar na desapareição desses rebanhos na região Norte. Por experiência própria, sabia que os animais com peles preciosas estavam ficando difíceis de encontrar. Caçadores existiam desde que o mundo fora criado, mas agora o modo de caçar se modificara, transformando-se em uma atividade exterminadora. Por que matar mais do que era necessário? Quem poderia usar tantas peles?

A *Hudson's Bay Company* protegera seus domínios no Norte, determinando o número de animais que poderiam ser abatidos. Entretanto, na região do rio Snake, onde os americanos lutavam para derrotar os seus rivais britânicos, a *American Fur Company* incentivava a caça sem qualquer controle. Enormes áreas já haviam sido devastadas e os caçadores de peles começavam a procurar suas presas nas montanhas. E na costa oeste, os pioneiros, que cobiçavam a terra para suas fazendas, também expulsavam caçadores e índios. Sem dúvida, nada permanece imutável, mas essas mudanças radicais estavam destruindo o equilíbrio daquele mundo primitivo. Logo as tribos das pradarias pereceriam por falta de alimento!

A discussão repetia-se todas as noites, durante toda a viagem. Os três homens só concordavam em um ponto: sempre existiriam caçadores e as estrelas sempre brilhariam no céu, ajudando-os a encontrar o caminho de volta ao lar.

Quando finalmente alcançaram o Red River, Claude já começava a dar seus primeiros passos. Soltando-se das mãos da mãe, caminhava até o refúgio seguro dos braços do pai. Enquanto Jed demonstrava sua alegria diante da façanha do filho, Katherine, influenciada pelas conversas dos homens, pensava no futuro de um menino *métis* num mundo em plena transformação.

Antes desse dia, ainda distante, ela teria algumas situações difíceis a enfrentar. Iria conhecer a mãe de Jed! Annette Azure, a mulher que o trouxera ao mundo, o

amara e seria sempre a presença sólida e segura que o acalmaria com a sabedoria materna. Aprovava a escolha do filho? Reagiria contra uma nora branca ou a suportaria com indiferença?

O nervosismo de Katherine aumentou quando Jed parou no alto de uma suave colina para ter sua primeira visão da comunidade *métis*, onde sua mãe e sua avó viviam. Aquele costume se iniciara desde sua primeira viagem ao lado do avô, que também se detinha naquele mesmo ponto a fim de apreciar a beleza do vale onde encontrara sua esposa e criara sua família e só deixaria ao morrer.

Jed avistou as cabanas de toras grossas, rústicas mas acolhedoras durante o inverno, dispersas ao longo do rio. Havia poucas construções novas entre inúmeras mais antigas e essa visão provocou-lhe a estranha sensação de que nada mudara. No entanto, os anos tinham passado, uma geração envelhecera, outra amadurecera e uma nova começava a viver e daria os primeiros passos junto com Claude. Ansiava por reencontrar o mesmo mundo que abandonara, mas pressentia as consequências de sua longa ausência. Ainda o reconheceriam? Não seria mais um verdadeiro *métis*, como Jean-Paul afirmara?

Aproximando-se do irmão, Jean-Paul apontou duas tendas, isoladas à sombra de um pequeno bosque. No verão, os *métis* deixavam as cabanas, preferindo a facilidade de mover as leves tendas para onde lhes aprouvesse. Jed entreviu o rio atrás das árvores e a leve brisa de verão chegou até ele com o perfume da água que fora uma parte tão importante em sua vida como em seus sonhos. Sem um olhar ou uma só palavra, galopou pela encosta em direção à aldeia.

Sua mãe estava pendurando a roupa lavada nos galhos de uma árvore. Menor do que a imagem gravada em sua mente, mais curvada e com as tranças quase totalmente brancas. Ela virou-se ao ouvir o galope de um cavalo se aproximando. Deixando cair no chão tudo o que carregava, cobriu a boca com as mãos para abafar o grito de emoção. O filho voltara e a abraçava com o desespero de quem sonhou durante uma eternidade com aquele momento.

— Ah, *mon fils, mon fils...* não acredito...

— Estou aqui, *maman*. É verdade, eu voltei.

— Então existe mesmo a felicidade, Girard. — Ela ergueu o rosto envelhecido, mas ainda belo, para admirar o filho. — Não é um sonho... eu tinha perdido as esperanças, faz tanto tempo! Você está bem?

— Muito bem, *maman*. E lhe trouxe um presente! — Puxando-a pela mão, mostrou o grupo que se aproximava. Katherine, com Claude no berço de palha,

cavalgava ao lado de Jean-Paul. — Uma filha e um neto!

— Uma mulher branca?

— Chama-se Katherine, *maman*. É americana, mas não nasceu nesta região. Veio do Leste, não da Inglaterra.

— Ah! — a voz dela demonstrava alívio. — Ainda estão longe mas já posso ver que é linda!

— Katherine fala inglês mas está ansiosa por aprender o *michif*. Sabe o quanto eu desejo que ela fale a minha língua e como anseio por encontrar para Claude um lugar junto aos *métis*. — Jed tocou o ombro da mãe como quem pede desculpas. — É terrível viver sem rumo, preciso de você, de *grand-maman*, do meu povo.

— Não existiria felicidade maior do que a sua presença ao nosso lado para sempre, *mon fils*. Mas, será seguro? Não tentarão recomeçar tudo e enforcá-lo?

— Eu não permitirei, *maman*. Não cometi crime nenhum, portanto, não existem motivos para que me condenem.

O grupo chegou ao bosque liderado por Jean-Paul, mas Annette não via ninguém a não ser o neto.

— Por favor, deixe-me carregá-lo.

Ainda montada, Katherine entregou o filho a Jed, mas Claude, embora agarrasse a trança da avó, não queria sair do colo do pai. Paciente, Annette não apressou a criança e, mais calma, foi ao encontro da nora para recepcioná-la em seu novo lar.

— Deu um lindo filho a Girard. Agradeço-lhe o neto.

— Sim... obrigada... eu... — A timidez e a apreensão de Katherine desapareceram subitamente, diante do sorriso afetuoso da sogra. — É tão parecido com Jed...

— Jed? — confusa, Annette olhou para o filho mais velho.

— É seu novo nome, *maman* — explicou Jean-Paul. — Agora todos o chamam de Jed West. É mais seguro.

— Ah! A sua *grand-maman* jamais aceitará esse nome. Por favor, nem o mencione, filho. Irá apenas perturbá-la.

— Onde está ela, *maman*?

Annette apontou para uma tenda entre as árvores. Jed entregou Claude novamente para Katherine e fez um sinal para que ambos o seguissem.

— *Grand-maman* quase não fala inglês, mas sempre foi tão teimosa que é capaz de ensinar-lhe *michif* em dois dias!

— Vá sozinho, Jed — pediu Katherine, aflita.

— Sou um ótimo intérprete. — Ele segurou-lhe a mão. — E quero vocês dois junto comigo.

À entrada da tenda, Jed pediu permissão para visitá-la. A resposta foi um murmúrio quase inaudível e ele não esperou por um convite mais claro. Em sua ânsia de revê-la, esqueceu-se das advertências de Jean-Paul e chocou-se ao encontrar uma velha de olhar vago. Emocionado, apertou a mão de Katherine, que avançou um passo para ficar ao lado dele.

— *Cest moi, grand-maman.* Girard...

— Girard?

Jed ajoelhou-se ao lado do colchão em que ela repousava e seus olhos se encheram de lágrimas ao vê-la tão frágil.

— Eu fiquei longe daqui por muito tempo. Talvez não se lembre mais de mim.

— Girard? — Ela não conseguia enxergar, mas tateou à procura da mão do neto. — Claro que me lembro de você! Roubou os caroços de ameixa que eu estava guardando para fazer um remédio especial.

— *Pour Dieu!* — Jed deu uma gargalhada. — Eu precisava deles. Tinham me encarregado de afastar os corvos da carne que fora posta para secar ao sol.

— Pedras, Girard! — Apesar de frágil, a voz continuava autoritária. — *Eu* lhe disse para usar pedras.

— Mas as sementes estavam na cesta, era mais fácil!

— Você sempre foi malandro como seu avô. — O riso foi seguido por uma crise de tosse e ela custou a recuperar a voz. — Por que ficou longe de nós tanto tempo, Girard?

— Eu... eu queria conhecer o mundo, *grand-maman*.

— É verdade? Conseguiu ver a "grande água"?

— Vi apenas um dos oceanos e não foi o que *grand-papa* cruzou para chegar até nós.

— Ah! Eu gostaria de ver essa água tão profunda! Que tarefa difícil trazer um punhado de areia do fundo da grande água! Lembra-se como ficava horas pensando naquela história, Girard? Vivia no rio tentando prender o fôlego por mais tempo do que os outros meninos. E sempre ganhava deles.

— É que me esforcei mais.

Jed olhou para Katherine e seu sorriso refletia a felicidade inigualável de ter retornado ao lar, ao convívio com a família perdida por oito longos anos.

— Ela não esqueceu de nada, Kate! É incrível!

— Prendeu o fôlego enquanto conhecia o mundo, Girard?

— Às vezes. — A cegueira da avó angustiara Jed, mas agora percebia que ela enxergava, em sua mente, todas as cenas do passado. — Quando eu achava que a morte estava próxima, guardava o ar em meus pulmões, pois assim não me afogaria.

— Você nunca se afogaria! Aquele que mergulha para trazer a terra do fundo das águas não se afoga!

— É só uma história, *grand-maman*. Mas eu tenho uma surpresa de verdade para você. A minha esposa Katherine veio viver com nosso povo.

Ajoelhando-se ao lado de Jed, Katherine permaneceu imóvel enquanto as mãos enrugadas tocavam seu rosto e murmuravam palavras em *michif*.

— Ela não enxerga nada, mas acha que você tem cabelos loiros. Diga *oui*, Katherine.

— *Oui, grand-maman*.

Então, as mãos encontraram Claude, que recuou, sem no entanto protestar, como sempre fazia quando desconhecidos o tocavam.

— Ela perguntou sobre o menino, Kate. Diga...

— *C'est Claude*. — Katherine não esperou pela orientação de Jed. — *Le fils de Girard*.

— Claude? — ela repetiu o nome com um tom de voz apaixonado. — Como seu *grand-papa*, Girard?

— Sim, eu queria homenageá-lo do modo...

— Do modo dos franceses. Eu fico feliz e sei que o meu Claude se sentiria muito orgulhoso. Mas onde foi que encontrou essa mulher com cabelos loiros, Girard?

— Nas montanhas.

— É verdade? — Ela continuava a demonstrar uma estranha desconfiança. — Por acaso... não escolheu justamente uma dessas inglesas descoradas, não é?

— Ela é americana e estava muito doente quando a encontrei. Usei seus remédios e consegui salvá-la.

— Você não se esqueceu de minhas lições e ela viveu? Então dois se transformam em apenas um, mesmo se dividido em dois mundos, o do ar e o da terra. — Ela cabeceou, fechando os olhos. — Um grande feito, digno de um bravo guerreiro.

— Está cansada, *grand-maman*! É melhor irmos...

— Ele é um bom garoto, Claude — a voz ficara distante e quase infantil. —

Presta atenção nos conselhos e tenta, tenta sempre! Nunca desiste...

Acomodando melhor a avó, Jed sorriu para Katherine, que demonstrava sua preocupação.

— Ela está bem, Kate. É apenas cansaço. Teve uma vida longa...

— Mas não se esqueceu de você.

— É verdade. — Os olhos de Jed voltaram a encher-se de lágrimas. — *Grand-maman* não se esqueceu de mim.

Ele voltara com a certeza de que partiria muito em breve. Bastariam algumas horas, bem poucas, para entrar no território pertencente aos Estados Unidos e evitar qualquer problema com a *Hudson's Bay Company*. Seria tão fácil se o lar de Jed significasse uma casa, um lugar ou uma região específica e não um *povo*. Estava cansado de viver fugindo e a lembrança dos dias de solidão o angustiava. Não cometera nenhum crime, o incidente pertencia ao passado, já fora esquecido por todos e, além disso, usava um novo nome.

Embora se chamasse Jed West, tinha família, amigos e a *Hudson's Bay* precisava, mais do que nunca, da boa vontade e cooperação dos *métis*. Também existiam leis para impedir que um homem fosse condenado sem um julgamento legal. Um dia seguia-se ao outro, uma semana à outra e a indefinição continuava, mas Jed sentia que Katherine começava a criar raízes entre seu povo. Evitando pensar no significado de sua resolução, decidiu que a esposa precisava de sua própria cabana. Embora sua mãe a tratasse como uma verdadeira filha, toda mulher sente necessidade de ter uma casa onde ela reina, soberana.

Jed não colocou em palavras sua decisão de ficar. Simplesmente não pensou mais em sua intenção de partir.

Quando qualquer família *métis* precisava de uma cabana de inverno, como era o caso de Jed e Katherine, toda a comunidade se unia para erguê-la. Inicialmente, montavam-se as paredes de toras, reuniam-se as pedras para a lareira e a chaminé e cortava-se o sapé que seria espalhado sobre o teto de tábuas. Então, mãos habilidosas, trabalhando em conjunto com rapidez e eficiência, terminavam, em um único dia, a construção de um novo lar. Quando finalmente se colocava o telhado, ainda não anoitecera.

À luz dourada do crepúsculo, começavam a soar os rústicos violinos e do trabalho comunitário nascia a festa que celebrava um novo lar para um novo casal *métis*.

Katherine descobriu uma inesperada faceta da personalidade do marido. Pela

primeira vez estavam juntos em uma festa e Jed revelou seu lado alegre que gostava de divertir-se, cantando e participando das danças típicas onde se mesclavam tradições de várias raças. No início, ele hesitou, afirmando que já não se lembrava dos passos mas, logo depois, puxou a esposa pelo braço.

— Vamos, querida! Quero que seja meu par.

— Não sei dançar, Jed. — Ela resistia, recusando levantar-se. — Eu jamais conseguiria acertar um só passo.

— Que tolice! Não pode ser mais desajeitada do que eu.

— Ah! Posso sim, meu caro! Nunca aprendi a dançar porque em minha casa não se permitia.

A noite caíra e uma fogueira iluminava a clareira. Homens, mulheres e crianças de todas as idades dançavam em pares ou sozinhos. Seus pés se moviam com harmonia seguindo o ritmo saltitante das músicas que os violinistas não paravam de tocar. Todos se divertiam tanto que Katherine sentiu inveja daquele povo que extravasava sua alegria sem inibições.

Desistindo de convencer a esposa através de palavras, Jed retirou Claude do colo de Katherine e entregou o menino a Annette.

— Por favor, Jed. Eu realmente sinto inveja desses alegres dançarinos, mas... nunca dancei em toda a minha vida. Esse... passatempo era proibido em minha casa por ser um incentivo ao pecado.

— Pois aqui é um passatempo obrigatório, querida...

— Não posso, não sei como imitá-los...

— Não sabe *ainda*! — Jed arrastou-a para o centro da clareira.

Nos braços do marido, Katherine aprendeu a festejar com os *métis*. E ela não voltou a sentar-se até muito tarde, quando só restavam brasas na fogueira e os últimos casais afastavam-se de braços dados, levando os filhos que haviam adormecido horas atrás.

A generosidade daquele povo cativou Katherine. Esforçavam-se por ensinar-lhe o *michif* ajudá-la a entender seus costumes. Quando a cabana ficou pronta, ela recebeu uma comovente demonstração de afeto através de presentes, singelos mas destinados a transformar a nova casa em um verdadeiro lar. Cobertores feitos em teares rústicos, peles para servir de tapete ou de agasalho, toalhas e lençóis, chaleiras e panelas.

Mesmo assim, ainda seria preciso comprar algumas peças para a casa e só as encontrariam no posto de trocas, o armazém da *Hudson's Bay*. Jean-Paul ofereceu-

se para ir no lugar do irmão, mas Jed decidira assumir as conseqüências de sua resolução. Escolheu viver entre seu povo e, mais cedo ou mais tarde, começariam as perguntas. Ele as responderia, se fosse necessário, porque não pretendia continuar fugindo pelo resto da vida.

Novembro chegara com céus sombrios anunciando as primeiras nevascas do inverno. Claude foi deixado com a avó e só Katherine acompanhou Jed ao posto de trocas. Não era longe. Ela estava tão entusiasmada com a possibilidade de fazer compras para sua própria casa que apressou-se a entrar no armazém.

Três homens não desviaram os olhos dela enquanto tirava a capa de camurça branca. Katherine sentiu-se intimidada e receosa, lembrando-se de Frank Granger. Felizmente, Jed estava ao seu lado desta vez.

— Bonita capa, madame — disse o homem que tomava conta do armazém. — Eu pagaria muito...

— Não está a venda — Katherine interrompeu-o, olhando de relance para Jed. — Meu marido a fez especialmente para mim.

— Então é um grande artesanato.

— Eu agradeço o elogio. — Jed estendeu a mão ao comerciante. — Meu nome é Jed West.

— E eu sou Edward Williamson.

— Esta é minha esposa, Katherine. — Ele ignorou os olhares dos outros homens, que nitidamente não aceitavam aquele tipo de ligação. — Estamos montando nossa casa e precisamos comprar o que falta.

— E quer pagar com peles, West?

— Não, pagarei com dinheiro.

— Com as moedas da companhia?

— Aceita dólares americanos?

— Sempre que possível! — exclamou Williamson. — Você trabalha para a companhia?

— Não.

— É nativo desta região?

Enfurecida com o tom ofensivo de Williamson e preocupada com as perguntas sucessivas, Katherine decidiu interferir, desviando a curiosidade dos homens sobre a identidade de Jed.

— Eu sou de Connecticut e encontrei meu marido no Oregon. Agora gostaria de ver as mercadorias que tem a oferecer, Sr. Williamson.

— Mercadorias?

— Nesta sala só expõe peles. Onde estão os outros artigos que vende?

— A senhora diz o que precisa e eu faço uma lista. Não permitimos a entrada de índios no outro cômodo para escolher o que querem. Tudo é da melhor qualidade, dentro dos padrões da companhia. Só preciso saber as cores, as quantidades e...

A porta foi aberta e, no salão aquecido, entrou uma lufada de vento frio e mais dois homens, armados como os que já estavam ali. Um deles, com aparência autoritária, olhou ao seu redor, examinando o casal com um olhar duro.

— Como vai, major Caldwell? — cumprimentou Williamson, solícito.

— Eu tenho um assunto a tratar com seus fregueses, Ed. — Ele endireitou os ombros e aproximou-se de Jed. — Sou o major Caldwell do regimento de Chelsea. Você é o homem que chamam de Jed West?

— Sim.

O momento tinha chegado antes do que Jed previra. O regimento de Chelsea era a guarnição militar encarregada da ordem e da lei na *Hudson's Bay Company*.

— O administrador da companhia tem algumas perguntas a lhe fazer, West. — Ele virou-se para Katherine com uma expressão de dúvida. — A senhora está com este homem?

— Este homem é meu marido, senhor!

— Então, se quiser vir também, talvez possamos...

— Eu irei acompanhá-lo, senhor.

Um homem, que Katherine não notara ao entrar no armazém, saiu do canto mais escuro do salão e, aproximando-se de Jed, estendeu-lhe a mão.

— Sou James Sinclair, Sr. West. Possuo uma certa experiência em assuntos jurídicos e creio que já sei qual será o problema. Ao voltar para cá, provocou sérios dilemas sobre que atitude tomar a seu respeito. — O homem esguio e de olhos penetrantes fitou o major Caldwell e, através da força de sua personalidade, assumiu o controle da situação. — É o caso Simpson e creio que poderemos esclarecer definitivamente essa história inacabada.

James Sinclair não era advogado, mas se transformara no porta-voz dos *métis*, demonstrando uma inesperada ousadia. No ano que findara, tinha ido até Londres a fim de apresentar ao governo britânico um protesto contra a manutenção do monopólio da companhia sobre o comércio de peles. Como ele mesmo previra, o ato fora apenas simbólico. Não se tomou nenhuma atitude para aliviar a tensão

crescente entre *métis* e ingleses.

O caso Azure representava para Sinclair mais uma atitude arbitrária dos ingleses e, embora pertencesse ao passado, constituía uma ameaça ao prestígio da companhia. Girard Azure fora identificado em Fort Union, mas os militares do regimento de Chelsea não pretendiam arriscar suas vidas indo buscá-lo na aldeia. Ficaram de sobreaviso, à espera do momento ideal que surgira quando o homem chamado Jed West entrara no armazém, acompanhado apenas por uma mulher.

Sinclair também decidira aguardar o inevitável confronto. Não tomara nenhuma providência para apressar a solução desse problema, porque queria evitar que um caso antigo provocasse o reinício dos protestos contra o monopólio da companhia, um assunto bem mais perigoso e explosivo.

Após acompanhar Jed ao escritório do administrador, Sinclair levou Katherine até a casa dele para deixá-la com Marie, sua esposa *métis*.

— Já mandei um mensageiro chamar Jean-Paul — disse ele a Katherine. — O único crime de seu marido foi fugir da prisão e existiam motivos de sobra para não enfrentar um tribunal. O julgamento não passaria de uma farsa infame. Felizmente, a situação mudou, não o bastante mas já é possível tentar uma oposição à arbitrariedade da companhia. E, desta vez, ele terá um aliado. Eu o defenderei, Sra. West. E sei o que estou fazendo! Prometo-lhe que voltarão para casa juntos... hoje à noite!

A espera foi torturante. Marie Sinclair falava pouco, mas não parava de oferecer e de tomar incontáveis xícaras de chá nem de olhar ansiosamente para a porta. Katherine sentiu a angústia aumentar, lembrando-se de Leah, cujos olhos refletiam medo e a certeza de que algo terrível estava para acontecer. A índia também não controlava a ansiedade nem deixara de fitar a entrada da tenda.

— Como está a situação por aqui, Marie? Surgiram problemas sérios ultimamente?

— James insiste em dizer que tudo pode ser resolvido através da lei, mas a revolta entre os *métis* continua crescendo. Seu marido se transformou em um herói por ter assassinado Simpson.

— Ele não matou esse homem, Marie.

— Não importa. Correram as histórias mais contraditórias. Uns diziam que ele se protegeu quando Simpson apontou-lhe a pistola a fim de matá-lo. Outros afirmam que Jean-Paul era o culpado e o irmão calou-se para poupá-lo. — Agitada, Marie postou-se diante da janela e entreabriu as cortinas. — Um ambiente tenso

provoca o clima propício para que rumores se transformem em lendas e a tomada de uma posição definida cria heróis e vilões. Quem escolhe um lado para defender, pode ser morto pelas costas como pagamento por seus esforços!

— Está se referindo ao meu marido ou ao seu, Marie?

— Meu marido tomou uma posição. Conquistou amigos indefesos e sem forças para lutar e inimigos muito poderosos.

— Como pode falar assim? Acha seu próprio povo indefeso e sem forças para lutar?

— James acredita na justiça dos tribunais e dos julgamentos. Ele afirma que somos cidadãos britânicos e as leis estão do nosso lado, portanto, seremos defendidos. — Marie foi até o fogão pegar mais um bule de chá. — Mas, quando os homens querem brigar, sempre encontram um pretexto.

— O seu marido deseja resolver os problemas sem mortes e através da lei. O meu quer apenas que o deixem viver em paz.

— Ele apóia o livre comércio?

— Sem dúvida. Passou os últimos oito anos em território americano, onde não existe a concessão de um monopólio como o da *Hudson's Bay Company*.

— Mais cedo ou mais tarde, haverá uma revolta sangrenta. Todos estão ansiosos por uma briga, como se fossem um grupo de moleques arruaceiros. Um dia alguém passa dos limites e a luta começa. — Marie suspirou, agoniada. — Só espero que a morte de um dos nossos maridos não seja o estopim da rebelião!

O final da tarde, que para as duas mulheres demorara horas para terminar, finalmente deu lugar à noite. A lentidão dos minutos aumentava com o passar do tempo e Katherine admitiu, angustiada, que Jed não voltaria *naquela* noite. Marie atingira um estado de nervosismo tal, que ficou ainda menos falante e só o crepitar das chamas na lareira rompia o silêncio da sala. Até na rua não se ouviam mais ruídos. Era tarde, já não havia ninguém fora de casa.

Entregue a seus próprios pensamentos, Katherine tentou analisar a situação em que Jed se encontrava sem envolver-se emocionalmente. Girard Azure só seguira os passos do avô, dedicando-se à caça de peles preciosas porque não lhe fora permitido acesso à profissão do pai por ser um *métis*. A herança cultural o privara de uma carreira de prestígio, mas também lhe concedera o dom de aprender com uma rapidez única os mais diversos idiomas e o conhecimento de uma medicina natural, com remédios preparados apenas com frutos da natureza e, embora considerada primitiva pelos brancos, era muito mais eficiente do que poderiam

imaginar. Ele reunia em seu sangue, em seu íntimo e à sua volta dois mundos em conflito.

Uma vítima a ser sacrificada para aplacar a cólera dos deuses? Quem melhor do que um homem pertencente a duas raças e rejeitado por ambas?

A tentativa de manter a frieza foi um fracasso. Katherine não suportaria a injustiça de serem destinados ao sacrifício. Ambos já haviam sofrido demais e Deus cruzara suas vidas por algum motivo importante. Eles descobririam que tarefa Ele lhes destinara e a realizariam. Recuperando as esperanças, jurou que começariam a procurar esse caminho e cumpririam os desejos divinos, tão logo Jed se livrasse das acusações antigas e sem fundamento.

Apesar de mais confiante, Katherine continuou andando de uma ponta a outra da sala, parando apenas para aceitar o chá que Marie lhe oferecia. Já perdera a conta das xícaras que bebera e, incapaz de tomar mais um gole, sentou-se, fechando os olhos para fingir que dormia. A exaustão e o desgaste nervoso tinham minado suas forças e ela adormeceu sem perceber.

Foi Jed quem a acordou.

— Tudo terminou, Kate.

— Terminou? — Ainda sonolenta, ela duvidava do que ouvira. — Tem certeza?

— Absoluta. Podemos voltar para casa.

A claridade se infiltrando através das cortinas indicava que o interrogatório se prolongara por toda a noite. Uma voz às suas costas lembrou-a que existiam outras pessoas no mundo além de Jed, que devia muito a Sinclair pela sua ajuda. Num nítido contraste com a exaustão e a palidez dos outros três, James irradiava energia e caminhava pela sala relatando os detalhes do caso com exuberância e entusiasmo.

— As testemunhas, os irmãos Azure, afirmaram, mais uma vez, que Thomas Simpson suicidou-se e não existem evidências contrárias. O papel assinado por Jean-Paul foi sumariamente eliminado do processo. Os *métis* começam a exigir seus direitos e representam uma força que não pode mais ser ignorada. Se a companhia tentasse agir como no passado e colocar Jed diante de um tribunal, veriam um exército de revoltosos avançar em sua direção! — Ele bateu com o punho cerrado na palma da mão. — As leis estão do nosso lado e se nos guiarmos por elas, conseguiremos tudo o que é justo e merecido! Preste atenção em minhas palavras, amigo!

Jed não prestava atenção em nada a não ser nos olhos da esposa, brilhando de felicidade.

— Nunca mais viveremos fugindo, amor. Podemos ficar aqui ou escolher qualquer outro lugar, mas será para sempre.

— Graças a Deus, Jed. — As lágrimas escorriam pelo rosto de Katherine. — Estava apavorada! Tinha medo que o prendessem e...

Segura nos braços de Jed, ela ouviu Sinclair lhe oferecer um quarto. Estava realmente exausta, mas seu incansável marido decidiu fazer todas as compras e dormir na casa de seu novo amigo só quando estivesse com a carroça carregada e pronta para retornar à aldeia.

No final daquela tarde, Jed e Katherine partilharam sua refeição com o casal Sinclair e, antes do anoitecer, estavam ambos profundamente adormecidos. Só na manhã seguinte os dois reviveram os acontecimentos do dia anterior, que lhes permitia planejar um futuro de paz.

— Você pensou, algum dia, em ter outro filho, Kate?

Sonolenta, ela procurou o calor do corpo de Jed e permaneceu entre seus braços com um sorriso de felicidade nos lábios.

— Por que fez essa pergunta, querido?

— Quando Claude nasceu, eu jurei que nunca mais a submeteria às torturas de um parto. — Ele beijou o ombro de Katherine. — A lembrança se desfaz com o tempo, mas o meu desejo por você só cresce. Gostaria de ter mais filhos? Quantos?

— Ora, Jed! Como vou saber? Não estou mais amamentando Claude, portanto poderia engravidar, mas...

— Quantos, Kate? — insistiu ele.

— Também não posso saber! — Katherine sorriu, maliciosa. — Quantos é possível gerar de cada vez?

— Bem, podemos tentar gêmeos ou trigêmeos. É preciso apenas mais concentração e estou me sentindo extremamente bem-disposto...

Na verdade, Jed queria sentir Katherine em seus braços, mas antes do amor, precisava abrir seu coração.

— Sinclair é um gênio, Kate! Sabia o que dizer, quando falar e que palavras devia usar. Eu só precisei repetir os fatos e Jean-Paul... — a voz de Jed refletia a compaixão que sentia diante do sofrimento do irmão — admitiu ter assinado o papel diante do juramento solene de que não me enforcariam se ele concordasse. Então, foi obrigado a confessar sua ignorância sobre o significado do documento, porque ninguém o havia lido para ele e sua teimosia o impedia de revelar publicamente que não sabia ler. Só aprendera a escrever seu nome e, muito

orgulhoso de seu feito, vivia procurando pretextos para demonstrar essa habilidade, rara entre seus amigos *métis*.

— Você não ficou magoado com ele, não é?

— Lógico que não. Tinha só dezessete anos, um garoto apavorado e sem a malícia necessária para suportar a pressão exercida por homens muito hábeis. Seu único erro foi não confessar que não sabia ler. Seria possível ensinarmos Jean-Paul?

— Uma idéia maravilhosa!

— Verdade? Não acha que ele passou da idade?

— Sempre é tempo, Jed. Basta ter vontade.

— Se ele não se esforçar, eu o obrigarei! Afinal, ele me deve algo! Tudo está mudando, Kate. Meu avô vivia muito bem caçando, descendo os rios com sua canoa sem afastar-se muito da aldeia. *Grand-maman* foi jovem e bonita, mas está muito perto da morte. Quando ela se for, o passado também desaparecerá.

— Sua avó teve uma vida longa, querido. Todos...

— Não é esse o problema, Kate. O nosso mundo vai se transformar muito rapidamente. Sayer apóia o livre comércio sem pensar que com a falta de controle do extermínio, a vida animal será destruída. E os búfalos? *Mon Dieu!* Em Fort Union havia peles suficientes para todas as tendas de um acampamento de verão. Se tivesse visto algum, concluiria que logo também desaparecerão.

— Ora, Jed! Estes campos estão cheios de manadas.

— Não por muito tempo. Se não determinarem um limite para o número de animais que podem ser abatidos, em dois ou três anos não sobrá um só búfalo no Oeste. De onde virá a carne que sustenta os *métis*, os Sioux e tantas outras tribos? Dependemos desse alimento.

— Sempre resta a opção de cultivar a terra, Jed.

— A terra pertence à *Hudson's Bay Company*... ou pelo menos é isso que eles afirmam. Tem a tal concessão, um conselho para votar suas leis e onde não podemos opinar. Sinclair está certo e, de certo modo, Sayer também. Precisamos exigir nossos direitos.

— Não!... Não pode estar pensando em uma revolta, Jed!

— Como vou saber de que modo conseguiremos? Pierre fala em lutar, mas eu prefiro a idéia de Sinclair. Podemos usar as leis deles a nosso favor.

— Sinclair é realmente um homem prudente.

— Sabe que ele foi até a Inglaterra, Kate? — Jed ficou pensativo por alguns instantes. — Acho que seria muito bom se um número maior de *métis* aprendesse a

ler.

— A julgar pela rapidez com que ergueram nossa cabana... uma escola não apresentaria nenhum problema para ser construída — a voz dela revelava um entusiasmo contido com muito esforço. — Só precisaríamos de livros...

— Seria fácil conseguir livros, mas os *métis* migram durante o verão. É nosso estilo de vida, não mudará.

Katherine só ouviu que "seria fácil conseguir livros".

— Você está disposto a colaborar comigo, Jed? Vamos mesmo construir uma escola e dar aulas?

— Apoio plenamente a sua idéia, querida. Duvido que eu tenha vocação para ser professor.

— Oh, não! Você seria um professor excelente! Eu sou uma testemunha importante nesse caso, Girard Azure! Conheço muito bem a sua habilidade para ensinar. Afinal, sou sua aluna há dois anos e ainda continuo aprendendo. Agora preciso de lições intensivas do dialeto *michif*, porque tenho que me comunicar com todos ou não poderei dar aulas!

— Você sempre terá prioridade em meu horário de professor, Sra. Azure. Se depender de mim, aprenderá francês, *michif* e mais alguns dialetos indígenas.

A claridade da manhã banhava o quarto e Jed viu a felicidade estampada no rosto de Katherine. A sua esposa "missionária" descobrira um modo de ajudar os seres humanos a terem uma vida melhor, e seu sonho ao vir para o Oeste se realizaria através de uma escola.

Katherine também olhava para o marido. Sereno e livre dos fantasmas do passado, iria ajudá-la e, sem que o soubesse, estaria iniciando uma nova vida ao dedicar-se a seus alunos.

— *L'École de Katherine...* — repita, querida.

— Não! Prefiro repetir... *que je t'aime*.

Jed a tomou nos braços e beijou os lábios doces como mel. A ternura de Katherine igualava-se à sua paixão.

— Diga... *c'est bon*, querida.

— "*C'est bon*". Mas não acha que poderia ser melhor, *mon marp*.

— Sem dúvida...

Os raios de sol infiltrando-se através das cortinas banhavam os dois corpos entrelaçados e entregues ao prazer. Uma união de corações, de mentes e de mundos opostos que transformava em harmonia o contraste de suas peles. Ouro e

prata fundiam-se para criar algo ainda mais precioso, a paz entre duas raças.

CAPÍTULO XIV

A Mãe-Terra não repousou muito serenamente sob seus alvos cobertores naquele inverno. Foi uma estação de transformações em que se abriram novos caminhos e outros chegaram ao fim.

Pela primeira vez em muitos anos, Jed não participou da temporada de caça. Pierre e Jean-Paul passaram todo o inverno à procura das peles mais preciosas, enquanto ele permanecia na aldeia, ajudando Katherine. Ainda não fora possível construir uma escola, mas os dois utilizaram sua própria cabana para dar aulas às crianças.

O início não foi fácil. Era preciso convencer pais e filhos da importância que aquelas aulas teriam para o futuro dos *métis*. Formaram um grupo de aproximadamente doze crianças e descobriram que sentiam-se realizados trabalhando juntos. Jed e Katherine se completavam tão bem no desempenho daquela tarefa que logo o interesse pela escola improvisada cresceu, atraindo novos alunos. O entusiasmo dos jovens contagiou suas famílias e o casal Azure começou a receber demonstrações de apreço, através de singelos presentes. Lenha, comida, cestas bordadas com miçangas e enfeites de contas coloridas refletiam a gratidão dos *métis* pelos dedicados professores.

Em raras ocasiões, Katherine tinha que encarregar-se sozinha da escola, a cada dia mais procurada. Jed caçava pouco, mas partiu várias vezes para servir de intérprete junto a outras tribos. Essas viagens sempre renovavam suas preocupações diante da certeza de que o comércio de peles estava seriamente ameaçado e, sem controle, deixaria de existir muito em breve devido ao extermínio da vida animal na região.

A chegada de janeiro retratou com maior nitidez essa estação de começos e finais. Uma nova realidade se delineava e antigos hábitos terminavam, vidas completavam seu ciclo na terra e outras estavam por vir. Nas primeiras semanas do mês, *grand-maman* morreu serenamente durante o sono. Toda a aldeia lamentou a perda da curandeira que tantas vezes lhe salvara a vida com suas poções de ervas. Jed ainda chorava pela morte da avó quando Katherine revelou-lhe que iriam ter um segundo filho. Ele e seu povo previram que a criança seria uma menina e escolhida pelos deuses para receber o mesmo dom da bisavó.

Naquele ano, Katherine aprendeu a reconhecer os primeiros sinais que anunciavam a primavera. No teto de sapé, ressequido e queimado pelo frio do inverno, surgiram brotinhos verdes e simultaneamente o único assunto entre os *métis* passou a ser o búfalo. Marcavam datas para o início das caçadas, calculando a quantidade de carne, couro e *pemmican* necessária para prover a aldeia. Falavam em duplicar ou triplicar o número de animais a abater a fim de vendê-los em postos de troca que não pertencessem a *Hudson's Bay Company*.

Jed tentava esclarecer o problema que estavam criando para si mesmo e para todas as outras tribos. A cada ano que passava, os rebanhos do Norte ficavam mais escassos. A cada ano que passava, eles iam mais para o Sul, invadindo maiores áreas do território dos Sioux. Entretanto, ele e Katherine seguiriam seu povo e os *métis* seguiriam seus costumes milenares.

Se não fosse pela escola, talvez Jed tivesse se desesperado com a inconsciência de seu povo frente a uma realidade inevitável. Felizmente, ele conseguira encomendar todos os livros necessários, através da igreja, e sentia a esperança renascer no contato com as crianças. Quando desaparecessem as manadas de búfalos, as martas, os visons e os castores, ainda existiriam *métis* e eles precisariam descobrir um modo de sobreviver. Se soubessem ler e escrever, poderiam encontrar respostas, soluções e novos caminhos.

Em maio, o precário equilíbrio entre os *métis* e a companhia desabou. Todos os rancores e ressentimentos vieram à tona e uma onda de emoções destrutivas varreu a aldeia.

Katherine tinha ido até o rio para buscar água quando sentiu a terra tremer sob seus pés e ouviu um rumor surdo que se avolumava rapidamente. Poderia ser o estouro de uma manada de búfalos? Apavorada com a segurança de todos na aldeia, ela subiu o barranco da margem e ficou paralisada.

Centenas de homens a cavalo galopavam, dando rédea livre aos animais! Entre as nuvens de poeira que se erguiam até cobrir o teto das cabanas, ouviam-se gritos de guerra e tiros. Katherine sentiu-se de volta a Rye Grass e, sem controlar o pânico e as náuseas, correu para casa.

Jed estava na frente da cabana, com Claude no colo e rodeado pelas crianças; apavoradas e tentando agarrar-se nele. Quando sentiu-se segura ao lado do marido, Katherine criou coragem para olhar o verdadeiro exército que avançava desordenadamente. Reconheceu Jean-Louis Riel, a quem chamavam de Irlandês, galopando em círculos enquanto chamava às armas todos os homens da aldeia.

— O que aconteceu? — ela precisou gritar para que Jed a ouvisse. — Por que nossos homens têm de usar armas?

— Prenderam Pierre Sayer.

— Meu Deus! Por quê?

— É difícil escutar alguma coisa com esse barulho infernal! — Jed entregou Claude à esposa. — Pelo que pude compreender, ele foi acusado de comércio ilegal.

— Jean-Paul estava com Pierre, Jed! Será que os dois...

Ele já não a ouvia, correndo para dentro de casa a fim de pegar seu rifle.

— Jed! Por favor, não...

— Eu tenho de ir, Katherine! Preciso ajudá-los. — De volta, ele beijou a esposa rapidamente. — Diga a *maman* que não se preocupe. Tomarei conta de Jean-Paul e não deixarei ninguém ameaçá-lo. E você fique longe desses animais. Estão alucinados!

"Animais alucinados?" Katherine via apenas seres humanos descontrolados pela fúria. Então lembrou-se das palavras de Marie Sinclair. "Quando os homens querem lutar, encontram sempre um pretexto". Pois Pierre lhes fornecera o pretexto!

Katherine ficou parada à porta da cabana até Jed desaparecer numa nuvem de poeira. Não chegou a entrar porque, mal perdeu o marido de vista, Clarise desceu do cavalo, correndo em sua direção.

— O Irlandês disse que Pierre será julgado por um tribunal! Isso significa que irão enforcá-lo?

— Não entendo esse problema de comércio ilegal, Clarise. — Katherine não conseguiu mais conter as crianças que corriam, gritando como os homens. — Mas certamente não podem enforcar um homem por não ter vendido suas peles para a companhia!

— Preciso ir até o lugar onde o prenderam, Katherine! Tenho que vê-lo, saber se ainda está...

— Jed foi ao encontro deles. Vai ajudá-los, Clarise.

— Mas preciso vê-lo! Acha que me deixarão falar com ele? — Completamente descontrolada, Clarise agarrou o braço da amiga. — Pelo amor de Deus, Katherine! Venha comigo e fale com aqueles homens por mim. Você é branca!

Armas em riste, cavalos em disparada, homens que davam gritos de guerra. Apesar do sol forte e resplandecente de maio, Katherine estava novamente envolvida pelo nevoeiro espesso de um novembro trágico. Através da neblina, ouvia

tiros, brados de ódio e o choro desesperado das crianças. Via Narcissa coberta de sangue e Marcus com o crânio partido por um *tomahawk*.

Sem perceber que rezava em voz alta, Katherine pedia a Deus para evitar mortes desnecessárias. Enquanto levava Claude para ficar com a avó, implorava por coragem e inspiração divina para ajudar a amiga.

Katherine já estivera antes no escritório do administrador e sabia que os prisioneiros ficavam em um lugar especial. Ignorando a localização dessa cadeia improvisada, foi diretamente à casa dos Sinclair. Com a mesma expressão de angústia, Marie informou-a que o marido fora convocado pelos dirigentes da companhia e devia estar tratando do problema.

Esforçando-se para controlar o pânico, Katherine agarrou o braço da amiga a fim de enfrentarem as multidões de homens armados que corriam pelas ruas. Quando conseguiu finalmente chegar ao escritório, James Sinclair estava diante de uma escrivaninha, reunindo papéis que colocava em sua pasta.

— Céus, Katherine! O que veio fazer aqui?

— Viu Jed?

— Ele está no meio dessa multidão alucinada? — James a fitou com um olhar de reprovação. — Por Deus! Pensei que Jed tivesse um pouco mais de juízo. Vai correr sangue, Katherine! E, infelizmente, um desastre desse tipo só irá prejudicar a nossa causa. Sabe o que conseguiremos através da força? Navios ingleses carregados de tropas, em número suficiente para exterminar *todas* as tribos de índios, não apenas os *métis*.

— Não poderíamos ver Pierre? — ela segurou a mão de Clarise, que se descontrolava a olhos vistos. — Esta é a esposa dele, James. Por favor?

— Eu lhe imploro, senhor — soluçou Clarise. — *Preciso* ver meu marido...

— Está bem. Não custa tentar. Verei o que posso fazer.

Sinclair se encaminhava para a porta quando o major Caldwell, com o rosto rubro de raiva, entrou intempestivamente no escritório.

— Malditos! Riel está lá fora, lendo um manifesto na escadaria da igreja! Ele incita os revoltosos, dizendo que a concessão da *Hudson's Bay Company* deixou de ser válida. É ultrajante!

— Tão ultrajante quanto sua atitude ao prender aquele homem, Caldwell. O regimento de Chelsea é pequeno demais e você não terá condições de impedir aquela multidão de entrar aqui, para roubar o prisioneiro bem debaixo do seu nariz! Esta mulher é a esposa de Pierre Sayer. Deixe-a ver o marido. — O major abriu a

boca para protestar, mas Sinclair foi mais rápido. — Se fosse esperto, daria permissão para que eles se encontrassem e assim conquistaria um pouco da boa vontade desse povo. Seria um gesto simpático e... vantajoso.

Os dois homens se encaravam, ambos determinados a não ceder. Caldwell foi o primeiro a desviar os olhos, reconhecendo a derrota e, em silêncio, conduziu Clarise a uma outra porta, escondida no fundo do escritório.

— Tente encontrar seu marido, Katherine — disse Sinclair tão logo ficaram sozinhos. — Preciso do auxílio de Jed para resolver esta situação crítica.

— Mas ele veio ajudar Pierre! — Katherine já não compreendia mais nada, além do fato de que sua família estava envolvida e corria perigo. — E Jean-Paul? Onde está...

Sinclair agarrou-lhe o braço, fitando-a com um olhar duro.

— Há uma multidão enfurecida lá fora, Katherine! Eu não posso saber onde estão as pessoas, só sei que Pierre Guillaume Sayer recebeu ordens de se apresentar diante de um tribunal. Se o tirarem da cadeia, a situação vai se agravar tragicamente!

Ao perceber que estava sacudindo Katherine, Sinclair soltou-a e, respirando fundo, tentou recuperar o controle.

— Jed aprendeu, por experiência própria, os sofrimentos de quem foge da lei. Sei que Pierre é amigo dele, mas será preciso recuar para obter um resultado positivo e não atacar como selvagens primitivos! Tenho certeza absoluta que conseguiremos triunfar. Com a força das leis convenceremos o júri a absolver o prisioneiro!

Também convicta de que o caminho certo não seria através da violência, Katherine saiu do escritório, determinada a encontrar o marido. Havia realmente uma multidão espalhada por toda parte e, enquanto tentava chegar até a igreja onde se concentravam os líderes da agitação, perguntava por Jed. Só via rostos desfigurados pela raiva, homens tomados pela fúria. Para ela, a política nunca fora uma realidade concreta mas o ódio representava uma força brutal e incontrolável. Mesmo se fosse provocada por uma causa justa, essa emoção destrutiva era aterrorizante e sempre levava a trágicas conseqüências.

— Katherine! Que diabo está fazendo aqui?

Ela virou-se ao ouvir a voz do marido, aliviada por tê-lo encontrado antes de entrar em pânico.

— Vim acompanhar Clarise. Jed.... precisa impedir estes homens de cometerem

uma loucura!

— Prenderam Pierre. Se o condenarem, o próximo será Jean-Paul e, depois, a metade de meu povo...

— James Sinclair está com ele agora. Vai defender Pierre e tem certeza que conseguirá absolvê-lo!

— Então Sinclair enlouqueceu! Pierre é culpado, não tem defesa. Trabalha para a companhia e vendeu suas peles para Kittson.

— Você sabe o que acontecerá com Pierre se o tirarem ilegalmente da prisão, Jed. — Ele desviou o olhar, mas Katherine insistiu. — Fale! Qual será o futuro da família Sayer?

Desorientado, Jed não abriu a boca. Ele realmente sabia tudo sobre a amarga vida de um fora-da-lei, vivera as angústias de um fugitivo por oito longos anos.

— Mas o que Sinclair poderia conseguir, Katherine?

— Não tenho a menor idéia. Ele só afirmou que, se houver uma revolta aqui, a Inglaterra enviará navios com tropas suficientes para exterminar todos os índios, além dos *métis*. — Havia a força do aço nos braços de Jed, porém, as mãos delicadas que os seguravam eram ainda mais poderosas. — Tente, por favor! Tente, em primeiro lugar, o método de Sinclair, pois não poderá agravar esta situação já tão perigosa. Fale com os homens e procure convencê-los. Por enquanto, vocês são numericamente superiores aos ingleses e precisam aproveitar essa vantagem que talvez dure pouco tempo!

Jed fitou a esposa, uma mulher branca que aceitara sua herança mestiça por amor. Os olhos azuis e a pele alva não eram diferentes dos olhos negros e da pele acobreada de suas ancestrais porque exprimiam o mesmo apelo, a mesma força. Elas usariam todas as armas, lutariam até a morte para defender suas famílias.

"Então dois se transformarão em apenas um, mesmo se dividido em dois mundos."

Impelido pelo olhar da esposa e pela voz da avó, Jed abriu caminho entre a multidão. Não via nada a seu redor, avistava apenas a igreja e a escadaria à sua espera. A cada degrau que subia, uma estranha força crescia em seu íntimo, uma inexplicável sensação de poder. Intuitivamente, pressentia que estava prestes a realizar sua missão e, sem perceber o ato inconsciente, prendera a respiração.

"Só o bravo guerreiro que é a ponte entre a terra e a água conseguiria realizar esse feito heróico."

Riel falava sobre os direitos que lhes pertenciam e deviam ser concedidos ou

seriam tomados à força e a multidão delirava, aplaudindo e gritando.

— Um dos nossos foi preso e não cometeu nenhum crime a não ser o de exercer a sua liberdade! Os *métis* já suportaram demais, chegou a hora de pôr um fim nos abusos!

Quando Riel começou a incitar a multidão para unir as forças a fim de arrancar Pierre das garras de seus algozes, Jed postou-se ao lado dele, indicando que pretendia falar.

"Mergulhe mais fundo. Tente com mais empenho. Traga algo para nós."

— Alguns de vocês me conhecem. Agora me chamam de Jed West, mas meu verdadeiro nome é Girard Azure.

A multidão o aplaudiu com entusiasmo. Ele fora considerado um herói por ter desafiado a autoridade da companhia e, aceitando-o como um aliado, Riel cedeu-lhe o lugar de orador.

— Sou amigo de Pierre Sayer e não quero vê-lo apodrecer numa prisão por um ato ilegal que não pode ser considerado crime. Entretanto, também não gostaria que ele, e nenhum de vocês, sofresse as amarguras da vida de um exilado. E garanto-lhes que senti na carne a tortura de vagar pelo mundo à procura de paz porque passei oito anos sem raízes. Este é o meu lar, o lar de Pierre e de todos nós! Pertencemos à tribo dos *métis*! Este é o nosso lugar!

— Eles não nos expulsarão! — gritou uma voz na multidão.

— Talvez não hoje ou amanhã. Mas quanto tempo nos restará antes que o exército britânico chegue, com ordens de exterminar os revoltosos *métis*? — Sabendo que Riel não encontraria uma resposta para essa pergunta, Jed apressou-se em lhes dar a sua. — Sinclair quer participar desta batalha e defender Pierre frente ao tribunal. Temos que tentar!

— Perdeu o juízo, Azure? — berrou Riel descontrolado. — Vão crucificar Pierre, estão ávidos por uma vítima.

— E nós estamos *ávidos* para impedi-los! — interrompeu-o Jed. — Sinclair me defendeu e hoje sou um homem livre que não padece no exílio e pode viver em seu verdadeiro lar. Eu lutarei por meu amigo, se esse momento chegar. Antes, porém, quero uma prova de que as leis deles também funcionam para os *métis*, como sempre nos afirmaram. Se não for verdade, então exigiremos o direito de liberdade... pela força!

Enquanto a multidão discutia, agitada e tensa, Sinclair surgiu entre eles, para reunir-se a Jed e Riel no alto da escadaria. A sua eloquência foi o fator decisivo.

— Eu lhes prometo que sairei do tribunal com Pierre! E, ao meu lado, vocês verão um homem livre! Permaneçam tranquilos, e a sua presença simbolizará uma vigília pela liberdade. Ficarão aqui fora enquanto seus corações e almas estarão unidos aos nossos durante todo o julgamento!

Havia mais de quatrocentos *métis* reunidos diante da igreja. A multidão se dispersou lentamente, à procura de lugares mais confortáveis para suportar as longas horas de espera. Espalharam-se ao redor da construção que abrigava o tribunal, contendo sua ânsia de lutar pela liberdade até descobrirem como Pierre seria tratado por um tribunal da companhia. Nenhum deles acreditava na justiça dos ingleses.

O julgamento surpreendeu a todos pela inesperada rapidez. Sem dúvida, a presença de uma multidão de *métis*, ansiosos pelo início de uma demonstração de força, foi o melhor incentivo para que não se perdesse um só minuto com os habituais rodeios dos advogados. Pierre Guillaume Sayer não se declarou inocente. Admitiu ter negociado com a *American Fur Company* e assumiu sua culpa.

Então, pela primeira vez na história dos *métis*, um indivíduo considerado culpado pela companhia foi dispensado de qualquer punição. Quando Pierre Sayer saiu, acompanhado por James Sinclair, ergueu os braços abertos para mostrar que não estavam mais presos por grilhões. A multidão liberou suas forças reprimidas em gritos de vitória.

"*Vive la liberté!*"

"*Le commerce est libre!*"

Tiros foram disparados para o alto, dando início à comemoração de um triunfo sem precedentes. A concessão da *Hudson's Bay Company* não fora invalidada, mas os *métis* tinham garantido seu direito de escolher com quem desejavam negociar.

"Viva a liberdade", repetiam eles, "o comércio é livre".

— *Grand-maman* teria as palavras certas para descrever o que aconteceu hoje. "Algo mudou, mas não se iniciou nada que já não se tenha iniciado outrora e nada terminou porque tudo sempre recomeça."

Katherine fitou o marido, vendo o orgulho e a melancolia refletidos em seu olhar. Ele conseguira atingir o fundo e voltar à superfície, mas a guerra em seu íntimo teria apenas um período de trégua, não a paz definitiva.

— Realmente o problema não terminou, não é?

— Não, Kate. O ciclo recomeçará, mais cedo ou mais tarde. As pessoas precisam ter o suficiente para sustentar suas famílias e, quando lhes faltar o

essencial, a luta se reiniciará.

— E de que lado você ficará, Jed?

— Com os *métis*, sempre com eles. E o meu povo está no meio do campo de batalha, entre brancos e índios, sem pertencer a nenhum desses dois mundos, eternamente separados. — Jed colocou o braço sobre os ombros de Katherine. — E minha esposa? De que lado ficará?

— Ao lado do marido. Hoje, você realizou um verdadeiro milagre, querido. Evitou um conflito sangrento.

— Talvez...

— Muitos morreriam, Jed.

— As mortes nunca solucionam problemas, mas não será possível evitá-las para sempre. Esse dia chegará e não podemos fugir ao nosso destino. Só que eu prefiro não pensar nisso e sofrer antes da hora. Temos uma vitória para celebrar hoje... Pequena mas valiosa. E, amanhã — ele tocou os lábios de Katherine para despertar o sorriso sempre doce —, amanhã, começaremos a ensinar o meu teimoso irmão a ler!

— E agora, vamos para casa. Temos um lar a nossa espera.

— Um lar à beira do rio, o mesmo que meu avô percorria com sua canoa e, onde um dia, Claude aprenderá a nadar. Um lar à sombra das árvores onde minha avó plantava suas ervas medicinais e, um dia, a menina que vai nascer talvez também se dedique às suas plantinhas. O lar dos meus ancestrais, mas que só continuará existindo porque você me presenteou com o futuro, minha querida missionária.

NOTA DA AUTORA

Muitos americanos "nativos" são na verdade mestiços, embora tenham sido registrados sob essa denominação de acordo com diferentes leis tribais e federais.

Tanto no Canadá como nos Estados Unidos, o povo nativo desse continente teve contato com imigrantes da Europa durante quatro séculos. As duas raças foram se interligando ao longo de períodos de paz ou de guerra, de negociações inúteis em forma de tratados, leis e novas orientações governamentais, sempre sem efeitos positivos. Hoje, quatrocentos anos se passaram e há quem considere os mestiços como um exemplo vivo da "ponte sobre o abismo", a ligação entre duas culturas.

Essa posição intermediária, um núcleo cercado por dois mundos é,

freqüentemente, desagradável e penosa. Quem herdou o sangue e a cultura de raças diferentes está sujeito à rejeição de ambas. Uns o repelem por não ser branco, outros por não *ser* índio.

Os *métis*, do vale do Red River na Dakota do Norte e de Manitoba, são um exemplo dessa situação pouco invejável. Desde o século XVII, os europeus que se estabeleceram nessa região como caçadores de peles e comerciantes, eram franceses ou escoceses e casaram-se com mulheres Cree ou Ojibway. Seus descendentes imediatos refletiam a mais harmoniosa e pacífica mistura de duas raças. Mesclaram suas tradições e idiomas; do francês incorporado ao Cree, criou-se o dialeto *michif*.

Os *métis* eram comerciantes, intérpretes, caçadores de búfalos e, sobretudo, nômades. Mas, no século XIX, sentiram a necessidade de encontrar seu espaço, um lar permanente e sua verdadeira identidade como povo: nem brancos, nem Crees, e sim *métis*. Seu tumultuado relacionamento com a *Hudson's Bay Company* não os ajudou a se firmar em uma região. Quando a companhia precisava assegurar seu domínio naquela área, concedeu-lhes terras e direitos de colonizadores, mas, tão logo o comércio de peles entrou em declínio, foram abandonados à própria sorte, sem qualquer concessão.

Em 1869-70, os Territórios do Noroeste perderam sua soberania, passando à jurisdição do Canadá, portanto sujeitos às suas leis. Os *métis* se revoltaram, liderados por Louis Riel. Exigiam ser tratados como um povo com direitos próprios e, por um breve período, o Conselho Nacional, criado por eles, governou o vale do Red River, com a autonomia de um Estado livre.

Quando a rebelião de Red River acabou sendo reprimida pelas forças canadenses e inglesas em conjunto, Riel fugiu para Montana. Ele retornou ao Canadá para liderar uma segunda revolta em 1885 mas, desta vez, foi capturado e executado.

Embora muitos mestiços tenham conseguido se incorporar a tribos indígenas reconhecidas pelo governo ou se integrar em grupos sociais com outras origens étnicas, os *métis* continuam a ser, em sua maioria, um povo deslocado e sem lugar em seu próprio país. No Canadá, alguns receberam os direitos concedidos aos índios pelo Tratado 9, assinado em 1905. A maior parte deles, porém, foi excluída e permanece sem a proteção das leis dos brancos ou dos índios.

Nos Estados Unidos, as relações com o governo e suas tentativas para estabelecer a legalidade de sua situação como mestiços de origem indígena sempre

provocaram apenas frustrações. Um grupo de *métis* refugiou-se em Montana após as insurreições, alguns foram colocados na reserva Rocky Boy, outros permanecem sem terra.

Os índios Turtle Mountain da Dakota do Norte, são, na maioria, descendentes dos Chippewa de Pembina e dos *métis* do vale do Red River.

FONTES HISTÓRICAS

A trama desta obra de ficção foi elaborada em torno de três fatos reais, cuja documentação confiável comprova sua fidelidade histórica.

1 - Em 1839, um explorador da *Hudson's Bay Company*, Thomas Simpson, morreu misteriosamente durante uma viagem através do território dos Sioux, acompanhado como sempre por um grupo de *métis* cuja função era servir de intérprete entre os ingleses e as demais tribos indígenas.

Sobrinho de George Simpson, administrador geral da *Hudson's Bay Company*, Thomas sempre demonstrara abertamente seu profundo desprezo pelos *métis*, que foram as únicas testemunhas de sua morte. Segundo eles, o jovem explorador, que sofria de severas crises de depressão, cometera suicídio.

Inevitavelmente, os ingleses que controlavam a poderosa companhia suspeitaram de um assassinato. Apesar de todos os seus esforços para provar que Thomas não se matara, nunca conseguiram evidências para invalidar o testemunho dos *métis*.

2 - Até 1870, a *Hudson's Bay Company* manteve o monopólio sobre o comércio de peles nos Territórios do Noroeste, com direitos exclusivos obtidos através de uma concessão do império britânico.

A partir de 1840, Norman Kittson, da *American Fur Company* começou a infiltrar-se na região, atraindo os caçadores *métis* a fim de que negociassem com ele. Ao privar a *Hudson's Bay Company* de seus melhores fornecedores de peles, ameaçava seriamente o predomínio da companhia inglesa.

Os *métis* já haviam protestado contra o monopólio da *Hudson's Bay Company* através de um manifesto, enviado ao governo britânico em 1847. Não se obteve nenhum resultado.

Em 1849, Pierre Guillaume Sayer foi preso sob a acusação de exercer comércio ilegal. Apoiado por quatrocentos *métis* armados, Jean-Louis Riel — pai do rebelde Louis Riel — declarou que deixava de ser válida a concessão da *Hudson's Bay*

Company e, com o final desse monopólio, eles passariam a ter liberdade de comércio.

Sayer foi julgado, condenado pelo tribunal da companhia e, no entanto, libertado sem qualquer tipo de punição por seu crime. Os *métis* comemoraram esse fato inédito como uma vitória, pressupondo que haviam garantido seu direito de comerciar livremente a partir dessa data.

3 - Em 1842, o casal Whitman terminou de construir sua missão, no canto sudoeste do Estado de Washington, segundo a divisão geográfica atual. No dia 29 de novembro de 1847, o Dr. Marcus Whitman, sua esposa Narcissa e mais doze pessoas foram assassinados pelos índios Cayuse.

Os assassinatos ocorreram após a morte de mais da metade da população das tribos Cayuse daquela área, vitimadas pelo sarampo. A doença fora trazida por pioneiros que, no outono, haviam se hospedado na missão antes de seguir para o Oregon. Os índios acreditaram que o culpado fosse o Dr. Whitman, cujo remédio estaria envenenando-os porque só os brancos sobreviviam à epidemia. Pouparam quarenta e sete pessoas que permaneceram presas até dezembro, quando o entreposto da *Hudson's Bay Company* da região os resgatou.

Nos anos seguintes ao massacre, os Cayuse, que haviam se refugiado nas montanhas, foram perseguidos por uma milícia formada pelos pioneiros. O cacique Tiloukaikt, Tomahas e três outros líderes finalmente se renderam e, após o julgamento, foram condenados à morte.

Antes de o enforcarem, perguntaram a Tiloukaikt por que ele se entregara. Sua resposta foi uma lição de religiosidade autêntica.

"Os seus missionários não nos ensinaram que Cristo morreu para salvar Seu povo? Então morreremos para salvar o nosso."